

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Área: Geografia Humana

**Título: Geopolítica da Economia *Mafiocontemporânea***

Aluno: Moacir Nunes e Silva  
Orientador: André Roberto Martin  
Nível: Doutorado

São Paulo, Setembro de 2009.

## ÍNDICE

Síntese.....	3
Subject.....	4
Palavras-chave.....	5
Introdução .....	6
1 - O Sentido Polissêmico Multidisciplinar de <i>Máfia</i> .....	16
2 - Redes Mafiosas .....	36
2.1 - Abordagens sobre a Territorialidade Mafiosa em Rede .....	48
2.2 - Redes Terroristas .....	51
2.3 - Serviços Secretos e a Articulação de Redes Mafiosas .....	55
2.4 - A Articulação Histórica de Redes Mafiosas .....	60
2.5 - As Redes Financeiras .....	64
2.6 - O Brasil como Pivô .....	69
2.7 - Redes Mafiosas no Esporte .....	70
2.8 – Redes Cibernéticas Mafiosas .....	81
3 - Dimensões Socioespaciais Mafiosas .....	84
4 - Máfias na Lógica Econômica do Mundo Contemporâneo .....	146
5 – Endemismo, Conectividade e Estrutura das Máfias .....	177
6 - Da Geopolítica Clássica Brasileira à Geopolítica Mafiosa no Brasil .....	221
(convergências mafiosas mundiais)	
Conclusão .....	268
Bibliografia .....	282
Anexos.....	292

## Síntese

### A Geopolítica da Economia Mafiocontemporânea.

Máfia será uma expressão abordada neste trabalho como uma concepção verbo-substantivo, tendo em vista o funcionamento do sistema capitalista, na lógica de possibilidades de investimento, envolvendo personagens mafiosos e práticas mafiosas, por isso a intenção de selar o verbo ao substantivo, visando estabelecer a imanência entre os indivíduos e suas ações, a fim de evitar análises baseadas em estereotípias de certos grupos, enquanto outros permanecem incólumes diante aos olhos da sociedade e inatingíveis diante da justiça, em razão da posição que ocupam.

Assim, a dimensão será a de considerar a pessoa que *mafia* como *mafioso*, independentemente de seu *status* social, envolto no poder de influência, dimensão esta capaz de distingui-lo do mafioso clássico (o bandido oficial). Contudo, essa alteridade não o diferencia, apesar de não dominar os códigos, de não participar dos rituais e nem compactuar do estilo de vida produzido pelos criminosos *latu sensu*. As práticas esboçadas pelos arautos da economia e da política formal serão decodificadas como mafiosas ao longo dos seis capítulos que compõem esta tese.

Geograficamente, a intenção desta pesquisa visa examinar a territorialidade dos lugares mafiosos do mundo contemporâneo, suas redes, seu entrelaçamento e suas implicações na economia dita formal, trabalho realizado a partir da aplicação clássica de conceitos já construídos sobre o tema e ensaiando a elaboração de outros. Pela raiz do trabalho se fará necessário um diálogo com outros campos do conhecimento, a fim de melhor visualizar a leitura geopolítica do mundo mafio-contemporâneo em sua complexa socioespacialidade.

## SUBJECT

The term Balkanization as proposed by Norberto Bobbio. Corresponds to the idea to characterize a division of continental, subcontinental or regional units politically separated or hostile towards one another. Such concept is associated to the balkanic region during the Balkan Wars, between 1912 and 1913 which fragmented nations into distinct political units and the prevailing process of relationship among new State-institutions.

Nevertheless, the title of this research as the result of the project, grants to the concept double connotation. Hence, Balkanization in itself means the fragmentation within nations per se. However, it prioritizes former segregating process, chiefly those occurred post- Balkan Wars, identifying characters and movements of extensive dismantling power, and tries to disprove some truths long regarded as absolute ones, such as the one concerning the Muslim Turkish people seen as *blood-thirsty* and the Roman Catholic Church as *libertarian*.

The second term “Balcanization” intends to focus on the world wide understanding of the Balkans, a spectacular image, revealing the generally accepted analysis of the region. The work by Maria Todorova – *Imagining the Balkans* – was an essential reference towards the demystification of the expression, whose connotation has always carried a great deal of prejudice and derogatory perspective, particularly as long as the territory once named Yugoslavia, which is the object of this research, is concerned.

By limiting the studied perspective above to the Yugoslavia case and covering such fields as the local, the regional and global spheres, the title of this research intends to enlighten and define both senses, the object and its image, apprehending as accurately as possible its diversity of meanings, thus: From *Balkanization* to “*Balkanization*”.

## **PALAVRAS-CHAVE**

MÁFIA – POLISSEMIA – LUGAR MAFIOSO – CONTEMPORÂNEO  
- *LOBBY*

## INTRODUÇÃO

Máfia será uma expressão abordada neste trabalho como uma concepção verbo-substantivo, tendo em vista o funcionamento do sistema capitalista na lógica de possibilidades de investimento, envolvendo personagens mafiosos e práticas mafiosas, por isso a intenção de selar o verbo ao substantivo, visando estabelecer a imanência entre os indivíduos e suas ações, a fim de evitar análises baseadas em estereótipos de certos grupos, enquanto outros permanecem incólumes e inatingíveis diante da justiça em razão da posição que ocupam.

Assim, a dimensão será a de considerar a pessoa que *mafia* como *mafioso*, independentemente de seu *status* social e de seu poder de influência, dimensões estas capazes de distingui-la do mafioso clássico. Contudo, essa alteridade não o diferencia, apesar de não dominar os códigos, de não participar dos rituais e nem compactuar do estilo de vida produzido pelos criminosos *latu sensu*. As práticas esboçadas pelos arautos da economia e da política formal serão decodificadas como mafiosas ao longo dos seis capítulos que compõem esta tese.<sup>1</sup>

Além da utilização do conceito de consciência de *status*, o de dominação será aplicado à compreensão da complexa dinâmica mafiosa. Para Max Weber a dominação corresponde a um estado de coisas, através do qual a vontade do dominador recai sobre os atos do dominado, levando o segundo a introspecção da obediência. Segundo esse pensador, existem três princípios de autoridade na dominação, a saber, os racionais, os tradicionais e os afetivos; aqui será possível dialogar com tais princípios weberianos em razão dos interesses envolvidos racionalmente na obediência em nível de hierarquia estabelecida em diversas casas mafiosas, a exemplo da tradição capaz de arraigar costumes passados e laços afetivos em torno de um líder carismático, assegurando-lhe fidelidade no cumprimento de capciosas atividades.

---

<sup>1</sup> *História das Máfias* de Salvatore Lupo desenvolve a semântica da palavra máfia, correlacionada aos negócios com terra no sul da Itália.

Geograficamente, a intenção desta pesquisa será examinar a territorialidade dos lugares mafiosos do mundo contemporâneo, suas redes, seu entrelaçamento e suas implicações na economia dita formal, trabalho realizado a partir da aplicação clássica de conceitos já construídos sobre o tema e ensaiando a elaboração de outros.<sup>2</sup> Foucault afirma em *Microfísica do Poder* que a Geografia é um bom exemplo de disciplina capaz de utilizar sistematicamente inquérito, medição e exame, denotando o caráter estratégico do geógrafo na coleta de informações, outrora a serviço do poder. Historicamente, a geografia possuía esse fim, uma ferramenta dos Estados na construção dos campos de ação. Aqui, subverteremos a dimensão da concepção de poder, aproximando-se tangencialmente de Foucault, a fim de vislumbrar a esfera subterrânea de sustentação do modo de produção contemporâneo.<sup>3</sup>

Aos olhos da justiça, uma organização pode ser classificada como mafiosa mediante o preenchimento de alguns quesitos; segundo a *Interpol*, o grupo pode ser classificado enquanto tal quando formado por mais de três pessoas atuantes a pelo menos seis meses e envolvendo ações caracterizadas como delitos graves, objetivando a obtenção de benefícios, de poder e de influência. A organização deve ser estabelecida hierarquicamente, com controle interno definido e uma divisão de tarefas entre seus membros, possuindo atuação mundial, vale-se da violência, da intimidação e utiliza estruturas industriais e comerciais para lavagem de dinheiro.<sup>4</sup> Esse caráter taxonômico encerra um enorme paradoxo ao deixar de visualizar o funcionamento da estrutura capitalista planetária, envolvendo os mais importantes centros financeiros globais em fluxos etéreos, onde o dinheiro apátrida é bem vindo na forma de investimento, independentemente de sua origem, desde que tenha fluidez.<sup>5</sup>

O Espaço Vital nesta pesquisa possui uma denotação condizente à polissemia envolvida no termo máfia, cunhado por F. Ratzel no contexto histórico de unificação dos reinos alemães, o princípio de Espaço Vital foi a

---

<sup>2</sup> Pela raiz do trabalho se fará necessário um diálogo com outros campos do conhecimento, a fim de melhor visualizar a leitura geopolítica do mundo mafio-contemporâneo e potenciais intrincamentos com o Estado. Há um trabalho interessante tangencial a esta pesquisa - *Sociologie de L'État* de Bertrand Badie.

<sup>3</sup> O trabalho de Tom Cancy é outra referência - *O Equilíbrio de Poder*.

<sup>4</sup> Ver *Máfia Business: The Mafia Ethic and Spirit of Capitalism* de Pino Arlacch.

<sup>5</sup> Em *Máfia, Política e Affari* de Nicola Tranfaglia.

inspiração para o desenrolamento de outro conceito, o da Geopolítica, definido pelo sueco Rudolf Kjellèn. A análise das relações entre o Estado e o Espaço foi um dos pontos privilegiados da Antropogeografia ratzeliana, a Geografia proposta por Ratzel privilegiava o ser humano, abrindo várias frentes de estudo, valorizando questões referentes à História e ao espaço geográfico, como a formação dos territórios, a dispersão dos homens no globo, as distribuições dos povos e seus isolamentos, além de estudos referentes às áreas habitadas.

Neste trabalho interessa a dimensão concernente ao conceito de Espaço Vital como necessidade de aumentar as dimensões territoriais, enquanto consequências do progresso, teorização a partir da qual Ratzel vai justificar o uso dessa expressão. Em relação à administração, os autores posteriores a Ratzel desenvolveram teorias e técnicas legitimadoras do imperialismo, referentes às formas de conquista e de manutenção de territórios. Entre esses autores, estavam Mackinder e Haushofen. O conceito de área-pivô, desenvolvido por Mackinder será emprestado à esta pesquisa, dentro de certos parâmetros, por exemplo, na constituição de *bunkers*.<sup>6</sup>

Discutir máfia implica numa análise das territorialidades envolvidas na difusão espacial dos inúmeros negócios e das diferentes abordagens correlatas ao tema, tendo como centro fundamental as múltiplas organizações do território para o exercício do poder, por isso Território é parte intrínseca de análise neste trabalho, envolvendo desdobramentos, ora próximos, ora distantes das ideias desenvolvidas pelos pensadores clássicos da disciplina no processo de compreensão do crime organizado. A origem da máfia é calcada historicamente, contudo seus metamorfoseamentos estruturais e espaciais implicam em desdobramentos de análise a fim de apreender a complexidade do fenômeno na contemporaneidade.<sup>7</sup>

Para Ratzel, o território seria uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano, traduzindo a ideia de espaço possuído por alguém, atribuindo-lhe certa identidade; enquanto o Espaço Vital implicaria na necessidade territorial de uma sociedade, tendo em vista o equipamento tecnológico, o efetivo demográfico e os recursos naturais disponíveis, tratando-se, assim, de uma relação de equilíbrio entre a população

---

<sup>6</sup> Ver *Dictionare de Géopolitique* de Yves Lacoste.

<sup>7</sup> Ver *Mafia & Mafiosi: Origin, Power and Myth* de Henner Hess.



e seus recursos, portanto uma porção do planeta necessária à reprodução de uma dada comunidade. Nesta pesquisa, a leitura organicista e determinista é um ponto de afastamento, enquanto a pluralidade de simbioses socioespaciais é um ponto de convergência com a teoria ratzeliana na construção de um trabalho de intenção geopolítica, que busca a construção territorial das *mafiosidades* contemporâneas.

A geopolítica encerra a perspectiva econômica, a política e a militar na produção espacial norteadas pelo poder difuso e envolvendo sinistros personagens, comumente consubstanciados heroicamente no mundo contemporâneo, em muitos casos considerados verdadeiros ícones. Identificar o crime oficial e decodificar seu *modus operandi* permitiria uma convergência com a organização formal do mundo, na qual as sanções legais e as espontâneas estão qualitativamente selecionadas na organização do território para o exercício do poder, encerrando um profundo anacronismo no combate às organizações mafiosas, pois os processos que as engendram são estruturais do sistema vigente.

Certamente, o significado da expressão *Máfia*, utilizada intrinsecamente entre diversos profissionais, não designam os lacaios agrupados em famílias, tão pouco extorsão e/ou assassinatos, mas meramente a rede de relações dentro de uma categoria, logo um conceito aplicado no âmbito do senso comum, envolvendo contatos estabelecidos entre os trabalhadores dentro de uma empresa, difundindo-se na forma de um leque de circunferência cada vez maior. Essa perspectiva é bem diferente de rede mafiosa mundial, não deixando de ser uma rede à qual cabe até o conceito de máfia.<sup>8</sup>

A perspectiva foucautiana pode ser plausível de aplicação a este trabalho, tendo em vista a compreensão do sentido de máfia aqui esboçado, a saber, a disseminação de micro-poderes, envolvendo uma rede de instrumentos dispersos, sem aparelho único, sem foco, sem centro, porém com coordenação transversal de instituições e de tecnologias.<sup>9</sup> Menos conhecido que Foucault, Deleuze<sup>10</sup> versa sobre sociedades de controle sob concepções

---

<sup>8</sup> O capítulo 2, dedicado as redes mafiosas, está subdividido por força do encadeamento dos assuntos, visando a melhor compreensão do objeto em discussão.

<sup>9</sup> Literal da obra *Microfísica do Poder*, o pensador analisa bem o caráter prático das organizações mafiosas no mundo contemporâneo pesquisado neste trabalho.

<sup>10</sup> Em *Conversações* de Gilles Deleuze.

de espaços menos rígidos, por ele definidos como líquidos, trata-se de uma semiosfera<sup>11</sup>, conceito emprestado de Lotman.

Certos períodos históricos trazem maior potência de transformação que outros, as máfias são detentoras de uma profunda inércia, apoiando-se nas imprevisibilidades de cada época, transformando, sem dificuldade, certos ambientes em lugares mafiosos, resignificando personagens revolucionários conforme a lógica econômica, um exemplo emblemático são os bolcheviques, outrora calcados na importantíssima trajetória de transformação da Rússia e nos anos 90 do século XX interpretados como “homens de influência”, cuja conotação indica conduta mafiosa nos quadros da falida URSS. A Rússia é um fenômeno de máxima importância à luz da intenção desta pesquisa, pois sintetiza a historicidade, conectividade e pluralidade na construção de um lugar mafioso em sua mais profunda polissemia, por isso o país será tratado em espiral ao longo do texto, aparecendo em mais de um capítulo.<sup>12</sup>

Considerando toda a problemática da organização espacial mafiosa, metodologicamente podemos ler as paisagens de uma maneira diferenciada, pois na medida em que novos componentes são reunidos para formar unidades funcionais maiores, novas propriedades emergem; propriedades estas inexistentes quando os componentes existiam isoladamente, possibilitando, assim, a releitura dos lugares. A máfia contemporânea traz consigo essa capacidade, onde a evolução histórica de cada organização permite carregar de outros sentidos as regiões por ela utilizadas.<sup>13</sup>, subsumindo a racionalidade funcional, assim, máfia ganha o sentido de advérbio, além de verbo e substantivo, porque pode qualificar os lugares, revestindo-os de ambiguidades.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Fronteiras invisíveis.

<sup>12</sup> Ver *La Nomenklatura. Los privilegiados en la URSS* de Michael Voslensky. Em diferentes momentos, esta pesquisa buscará contextos capazes de revelar uma estrutura conceitual dominante e as potenciais insurgências em relação a ela, ora implícitas, ora explícitas. Esse processo será analisado nos capítulos 3, 4 e 5.

<sup>13</sup> Baseado nesse raciocínio houve a articulação dos capítulos, cujos conteúdos buscaram captar a polissemia do signo máfia, as redes engendradas no contexto das complexidades socioespaciais com nível de inserção simbiótica na economia contemporânea, qualificando lugares como exponencialmente mafiosos. O capítulo seis será dedicado ao Brasil, objetivando apreender nosso país numa teia global de relações enquanto um nó de intersecção de práticas mafiosas.

<sup>14</sup> Na engenharia da evasão fiscal, o paraíso fiscal Jersey merece destaque, com um PIB de 500 bilhões de libras em 2006. 25% da PEA do país atuam no setor bancário, trabalhadores estes submetidos à super-exploração do trabalho. *Le Monde Diplomatique*, dezembro de 2008.

A máfia produz suas representações, agindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido, dimensão concebida nas irmandades, como a pesquisa pretende demonstrar. A organização mafiosa do mundo está repleta de representações, os lugares mafiosos trazem incrustados em sua percepção paisagística os reflexos de coisas não percebidas, por isso cabe um desvendamento desse processo, a fim de melhor captar a cognição na produção das paisagens mafiosas, seus elos mundiais e os pontos de metamorfoseamento. O caso russo é emblemático em razão da internalização de novos valores emersos ou produzidos pela sociedade no contexto da dinâmica capitalista, delegando outros sentidos à história a ponto de transsubstanciar importantes tradições, reinventando-as nos espólios da URSS.<sup>15</sup>

A subjetividade e a objetividade na construção de uma rede interagem idiossincrática e circunstancialmente, portanto inexistente um manual para determinar o sucesso de uma estrutura mafiosa. A utilização do termo máfia em nosso cotidiano implica níveis de aproximação e outros de distanciamento com o significado que tal expressão ganhou em diversas ciências, portanto expandida em nível de complexidade e de conotações, sem perder a raiz histórica, a econômica, a sociológica e a psicológica, porém engendrando algo novo num complexo espaço geográfico mediado por relações denominadas de mafiosas.<sup>16</sup>

A gestação, o desenvolvimento e a projeção mundial das organizações mafiosas serão analisados regionalmente, tendo, em inúmeros momentos, pontos de convergência, escolhidos em razão de problemáticas circunstanciais de amplo espectro.<sup>17</sup> O Brasil tem tido papel de destaque como lugar mafioso, em virtude dos sucessivos elos de ligação com a estrutura criminosa planetária; o relatório sobre Transparência internacional incita a compreensão de tal *status*,

---

<sup>15</sup> O capítulo 3 visa desvendar esse processo trabalhando com a concepção de rede articulado ao capítulo 2.

<sup>16</sup> Robert Rockaway em *But He Was Good To His Mother*, especialista em máfias judias dos EUA, oferece alguns dados a respeito de como a ilegalidade circunstancial de certas atividades é um fator de favorecimento de atividades mafiosas, no caso os 200 mil pontos de venda e produção de bebida alcoólica estadunidenses em 1920, período da Lei Seca. Segundo o autor 6 judeus dominaram a Costa Leste dos EUA durante a Lei Seca, foram eles: Charley Solomon, Longy Zwillman, Meyer Lansky, Duych Schultz, Bugsy Siegel e Lepke Buchalter, grupo denominado “Os Seis Grandes”, firmando uma territorialidade às margens do Pacífico. Ver também *Loyalty and Betrayal: The Story of the American Mob*.

<sup>17</sup> De fragilidades territoriais de cunho desregulamentador, atravessando administrações acintosamente corruptas, até conflitos armados.

porque a posição brasileira é péssima em nível de controle da corrupção e distribuição de renda, mediante aos países de diferentes matizes em análise no estudo organizado por Wilhelm.<sup>18</sup> Nosso país é uma matriz incorporadora e, concomitantemente, geradora de organizações criminosas ilícitas e “lícitas”, por isso a proposta de análise em dois caminhos distintos, a saber, o mundo dos grupos mafiosos conectados em rede e a incidência regional do crime organizado, buscando os instrumentos imagéticos mais adequados para representá-los minimamente, (in)felizmente utilizando o Brasil como excelente fonte de material.

Não há dúvida quanto à eficiência dos grupos criminosos organizados, inclusive com projeção espetacular difundida mundialmente, dentre os vários estão a Camorra, a Ndranguetta, a Cosa Nostra, os cartéis de Cali e de Medellín, a Yakuza, as Tríades Chinesas, as novas máfias russas e as nigerianas. Tendo ciência da existência de tais grupos, inclusive da forma de atuação geográfica, os poderes policiais locais travam um combate nos respectivos países de atuação de cada um deles, porém ao invés de diminuir sua força, observam-se o crescimento significativo do poderio global de tais agremiações, várias sedimentadas como instituições profundamente intrincadas no sistema global. A estrutura de funcionamento de tais organizações está alicerçada na própria lógica do sistema capitalista global, assegurando-lhe a reprodução, mas impondo-lhe desvios continuamente. Sendo assim, haveria pontos de mutação capazes de desviar o sistema ao nível de implodi-lo, ao ponto de inviabilizar seu funcionamento?<sup>19</sup>

As estratégias para superação das crises históricas do capitalismo são múltiplas e cruéis, com resultados de difícil previsão. Contudo, o legado e suas respectivas sequelas podem esboçar pistas a fim de encaminhar uma discussão no sentido das plausíveis hipóteses para a reestruturação do espaço geográfico mundial a partir dos problemas colocados no passado, denotando as táticas aplicadas e a superação dialética das contradições, implicando em realidades adversas e projetando novos personagens, cuja potência se revelaria no movimento dos acontecimentos. Portanto, no nível da pesquisa

---

<sup>18</sup> *Caminhos da Transparência* de Bruno Wilhelm Spaeck.

<sup>19</sup> Esse é contexto de análise do capítulo 5.

quais seriam as hipóteses mais contundentes para a reorganização do espaço mundial e suas consequências sociais, políticas e econômicas para as sociedades locais estruturadas mafiosamente na perspectiva do movimento do sistema? Segundo Santos <sup>20</sup>, o comportamento do novo sistema está condicionado pelo anterior, e o espaço é o resultado da geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, esse será o caminho para a construção teórica dos lugares mafiosos.

Hoje podemos identificar redes vinculando os grupos criminosos tradicionais citados anteriormente com novas organizações (turcas, jamaicanas, paquistanesas, balcânicas, coreanas, dentre outras), cuja volatilidade de articulação é o mais puro exemplo da idiossincrática organização do capital financeiro global, presente/ausente em quase todo lugar, tornando a territorialização local uma abstração, traduzida em casos múltiplos de lavagem de dinheiro, capazes de fomentar crescimento econômico e geração de emprego nos níveis formais. Nesse sentido, algumas questões se colocam: Quando tais organizações deixaram de ser criminosas ou vice-versa? Como um sistema global beneficiado pelos recursos auferidos por máfias logra combatê-las? Os personagens envolvidos na reprodução do sistema possuiriam em si um caráter suicida? Que argumentos seriam necessários para convencê-los do oposto? Exportar lixo seria um crime? E formar cartéis? Lavar dinheiro? Produzir drogas por força do mercado?<sup>21</sup>

Não há respostas simples, porque envolvem inúmeros e complexos fatores, por exemplo, mandar lixo americano para a China em 1996 poderia não ser crime, em razão da legislação ambiental dos dois países ou de acordos internacionais específicos. Empresas são proibidas de formarem cartéis nos EUA sob a pena da lei, mas são estimuladas a formarem cartéis no mercado internacional. O crescimento econômico de países como Suíça e Luxemburgo justificaria a lavagem do dinheiro advindo das mais obscuras atividades mundiais. O álcool, a maconha, o tabaco e a cocaína são drogas lícitas ou ilícitas, dependendo do momento histórico e da cultura de cada povo; as drogas produzem guerras e riquezas e também geram emprego. O mal para a

---

<sup>20</sup> Milton Santos em *Espaço e Método*.

<sup>21</sup> O capítulo 4 abordará esses problemas.

saúde é um forte argumento contra quaisquer substâncias que alterem a consciência e as máfias dos esportes “saudáveis” não são uma contrapartida.<sup>22</sup>

As redes mafiosas são bem articuladas, obscurecendo as publicações a respeito das próprias máfias, extraindo delas a análise polissêmica, determinando os criminosos e os heróis dos fenômenos; a chefia da editoração coíbe o que não detiver o tom devidamente sensacionalista ou o que afetar os personagens-patrocinadores dos títulos lançados.<sup>23</sup>

Nesse contexto, desenvolver uma proposta de estudo geográfico dos lugares mafiosos foi um desafio e o caminho escolhido pela pesquisa pretende desmontar a rede-totalizante, segmentando a discussão a partir da identificação-análise-interpretação dos personagens por setores da economia no limite do tempo imposto ao trabalho e das condições presentes no Brasil, procurando se aproximar ao máximo das atividades mediadas pelas formas de poder que nos circunda, para depois recompor uma possível síntese a fim de constatar a existência *fraciototalizada* no mundo contemporâneo. Os cortes se justificam em si pela extensão do problema colocado, mas decididamente não encerram a discussão e convidam à busca de opções num planeta mediado pelas redes do crime organizado, por vezes consideradas como economia oficial e absolutamente normal.

Inúmeros casos poderiam ser citados como ilustração dessa análise, porém um pode ser mais emblemático pela magnitude e pouca difusão, a saber, a relação entre Nixon e máfia, assim descrita por Rockaway: “.....Liderada por Carlos Marcelo, cuja família sediada no Brooklin foi considerada a mais poderosa do país, expandiu-se pela Lousiana, pelo Texas, pela Califórnia, por N. Orleans e pelo Caribe. Suas organizações controlavam juízes, xerifes, legisladores estaduais e pelo menos um membro do Congresso Americano, o poder econômico era enorme, envolvendo cassinos, motéis, prostituição, drogas, empresas de ônibus, restaurantes, bancos, postos de combustíveis, numa rede intrincada de dinheiro sujo e *limpo*, controlaram por

---

<sup>22</sup> O livro *Esporte Mata* de Jose Ruiz e *Como o Futebol Explica o Mundo* de Franklin Fouer são polêmicas referências diante de leituras midiáticas maniqueístas – Ver capítulo 2.

<sup>23</sup> Por isso a proposta de trabalhar com fontes alternativas e sérias que serão facilmente observadas ao longo de todo o trabalho e em sua maioria como notas de rodapé.

70 anos o crime organizado. Segundo o FBI, Marcelo foi o principal envolvido no assassinato do presidente Kennedy.”<sup>24</sup>

Polissemia é o termo para designar *mafiazização* do mundo, tendo como quesito essencial a preparação do olhar a fim de olhar e enxergar os elos ocultos no processo de construção da economia contemporânea. No desengessamento do conceito histórico de máfia, porém mantendo seu conteúdo primordial, deparamos-nos com um mundo no qual poucas atividades não são mafiosas, encerrando forças centrífugas prestes a escapar dos pólos centrípetos que as engendraram.

---

<sup>24</sup> Em *But He was Good to his Mother* de Robert Rockaway.

# CAPÍTULO 1

## O SENTIDO POLISSÊMICO MULTIDISCIPLINAR DE *MÁFIA*

Polissemia é definida como a propriedade de uma palavra possuir diferentes sentidos sem que os mesmos sejam opostos ou excludentes, assim, os sentidos polissêmicos mantêm-se dentro de um mesmo significado geral. O termo abrange os casos de alternâncias de sentido etimológico e semântico, caso esses sentidos estejam historicamente relacionados ou sejam um acaso da combinação ortográfica e fonológica é irrelevante para os propósitos de construção do léxico e para um estudo sincrônico do significado, essa construção sobre a dimensão polissêmica é condizente à expressão *Máfia* neste trabalho, que encerra uma complexidade de significados, reservando, por vezes, alguma relação intuitiva entre os sentidos e até mesmo entre as ambiguidades.<sup>25</sup>

Sendo a paisagem o que se vê, supõe-se necessariamente a dimensão real do concreto, o demonstrado, e a representação do sujeito, o codificador da observação. A paisagem enquanto resultado da observação é fruto de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social e pleno de valores simbólicos. A paisagem apresenta-se assim de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação, nela se apresentam simultaneamente as diversas dimensões que cada matriz epistemológica privilegia, envolvendo as dimensões morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica; essa questão teórica é compatível com a polissemia envolvida no termo *máfia* na compreensão dos lugares por ela engendrados.<sup>26</sup>

Como *máfia*, o conceito de paisagem, enquanto especialização concreta e mítica do lugar é profundamente polissêmico, portanto traçar a geografia dos lugares mafiosos pressupõe uma complexa pluralidade de fatores. A paisagem se refere a porções do espaço relativamente amplas, que se destacam

---

<sup>25</sup> Ver *En el Imperio de la Imagen* de Ignacio Ramonet.

<sup>26</sup> *Carl Sauer em Morfologia da Paisagem*. As proposições de Sauer para o estudo da paisagem estavam contextualizadas num debate para equacionar problemas da geografia de sua época, no caso, dualidades fundamentais, como geografia física e Humana, Geral e Regional. No contexto deste trabalho, as abordagens teóricas desse autor permitem uma aproximação com a produção do conceito de lugar mafioso, que exige um esclarecimento sobre a dimensão *Paisagem* enquanto especialização do lugar.



visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade. O complexo dinamismo do espaço geográfico mafioso não é captado pelo simples inventariamento das formas assumidas pela organização dita criminosa do mundo, porque a legalidade encontra seu limite quando aproximamos uma leitura mais ampla à geopolítica formal, permitindo o desvendamento do agir mafioso.

O entendimento da paisagem geográfica conheceu dois momentos significativos, a saber, com a escola regionalista francesa, concebida como sendo capaz de fornecer boa carga de informação sobre a organização social nela compreendida e o outro desenvolvido no contexto do desenvolvimento dos transportes, dos meios de comunicação, da circulação de mercadorias e da volatilidade dos capitais, levando à perda de vários fundamentos locais. Nessa linha de raciocínio a ideia é refletir as relações em rede ampliando a aceção, portanto discutir o lugar mafioso apreendendo as dinâmicas globais e plurais na definição das paisagens mafiosas locais.

A territorialidade engendrada pelas máfias deve ser compreendida à luz das discussões atuais sobre essa categoria geopolítica, cruzando autores como Pierre Bourdieu<sup>27</sup> e o conceito de violência simbólica, expressa no “estilo de Vida” no bojo de uma sociedade classista, prática capaz de legitimar diversas formas de dominação. O pensador correlaciona *Campo*, *Habitus* e *Capital* em sua análise, dialogando com a concepção de esferas de Max Weber e de classe social de Karl Marx.<sup>28</sup>

Um breve levantamento geográfico dos principais grupos denominados terroristas nos remete à dimensão do grau de instabilidade no mundo contemporâneo, pensando na pluralidade de opções de alianças desses com as máfias já consolidadas, com os cartéis do narcotráfico, e com Estados norteados pelo agir mafioso, conexões estabelecidas a partir do engendramento produzido em cada situação de conflito. Muitas dessas organizações possuem ideais libertários, contando com milhares de adeptos

---

<sup>27</sup> Em *Economia das Trocas Simbólicas*.

<sup>28</sup> Concepção útil a este trabalho baseada na intencionalidade de construção da territorialidade mafiocontemporânea.

especialmente difundidos ou centrados num sítio de ação imediata, denotando a produção de inúmeros lugares mafiosos. As propostas de tais organizações sofrem alterações históricas, porém mantendo uma essência, comumente relacionada ao momento de gestação delas.

René Thom explica que catástrofe guarda uma relação essencial com a mudança abrupta de regime, tanto no mundo estruturado materialmente, como no campo das ideias, produzindo uma importante relação matemática com a nossa percepção visual dos objetos, a saber, apreendidos pela nossa visão através de seus contornos e arestas, definidas por ele como linhas de catástrofe, no caso, de mudança abrupta de um plano para outro. Em nível de paisagens, na forma de lugares mafiosos, a catástrofe é mais complexa de ser compreendida, trazendo subsumidas múltiplas dinâmicas.

Segundo Thom, os conceitos também são formas, possuem bordas consideradas como definição deles e separando-os dos demais seres do universo cognitivo. Perceber os lugares como mafiosos na polissêmica compreensão de paisagem pode ser um ponto acintoso de mutação de compreensão da geografia, uma *catástrofe tomiana*, permitindo uma superação da dicotomia forma-conteúdo, como propusera o autor. Considerando as colocações de Thom<sup>29</sup> para apreender o mundo sob a égide mafiosa, o conceito de *máfia* ganha uma potência polissêmica extraordinária, abrindo um vasto campo de pesquisa.

As ambiguidades produzidas-potenciadas pelas máfias penetram fundo na organização planetária, pois o imaginário por elas articulado encontrou um terreno fértil de difusão no mundo contemporâneo enquanto pretensa solução para as tensões entre individualidade e coletividade, atribuindo novos sentidos à existência; o ingresso numa organização pode assegurar o ganho de uma identidade, diante de uma rígida racionalidade atribuída a padrões comportamentais. Calcadas nessa lógica, as máfias oferecem a suposta liberdade de ação, incorrendo numa transfiguração mútua em nível de espaço imaginário, porque os egressos resignificam as organizações e estas o fazem com os novos adeptos, fetichizando-se relações, e proporcionando condições de ingresso num mundo espetacularizado.

---

<sup>29</sup> O sentido de uma palavra nada mais é do que o uso dessa palavra.

Debord<sup>30</sup> aborda uma questão crucial à compreensão da estrutura das máfias, a saber, a generalização do segredo, pois as verdadeiras decisões não são capazes de emergir, os donos do mundo são os criadores da representação do mundo, constituindo um presente perpétuo e anulando a consciência histórica, configurando, assim, uma conduta mafiosa em diversas práticas. Sob o beneplácito da mídia de massa impera uma manipulação em praticamente todas as esferas da vida, alimentando o espetáculo, fomentado por necessidades artificiais, traduzindo-se como elo mediador com o mundo. Nessa leitura, *máfias* também são corporações do espetáculo, impermeabilizadoras dos segredos e de seus arautos na instância da política e da economia, o poder midiático global em nível de manipulação da vida está nas mãos de seis conglomerados, afunilando ainda mais as possibilidades de um pensamento plural ao expandir visões unilaterais para todas as esferas da existência.<sup>31</sup>

Numa sociedade encantada pela inversão de significados e pelo ilusionismo da liberdade de escolha, a construção da notícia, a censura da opinião alheia e a intimidação sistemática podem aparecer aos olhos dos telespectadores como afirmação do direito de opinar, de informar e de defender a comunicação. Na sociedade estadunidense está ocorrendo um fenômeno interessante na lógica do segredo espetacular, um *Daily Show*, do canal *Comedy Central*, produzido segundo os padrões de um telejornal cujo âncora só conta mentiras absurdas com profunda seriedade, traduzindo uma crítica explícita aos políticos e aos meios de comunicação. Tal programa de grande audiência traz consigo uma mensagem da sociedade americana, a necessidade de um noticiário hilariamente falso para obter informações mais confiáveis.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Em *A Sociedade do Espetáculo*.

<sup>31</sup> São eles: *News Corp*, *General Electric*, *Disney*, *Time Warner*, *Viacom* e *CBS*. O processo de radical concentração teve início nos anos 90, durante o governo Clinton. A *News Corp* pretende comprar o *Dow Jones*, empresa de comunicações que publica o *Wall Street Journal*. Tal realidade não é uma particularidade americana, existe um movimento de concentração de poder de imprensa no Brasil e em outras partes do mundo. Há uma análise atual sobre tal processo na edição da revista *Carta Capital* de 06-05-2007.

<sup>32</sup> O mundo contemporâneo ensaia a gestação e novos tipos de analfabeto, incapacitados de decodificarem os sutis signos da “informação”. “...os analfabetos estão prontos para aceitar um golpe militar ou uma revolução, porque não sabem ler as propostas dos políticos”, esse pequeno trecho continua atual no contexto *High Tech*, apesar de ter sido escrito em 1865 por Machado de Assis. A ação mafiosa dos meios oficiais necessita da expansão desse tipo de analfabeto para perpetuar o seu poder.

Jürgen Habermas analisa a crise da imprensa no mundo, como resultado do encolhimento do pluralismo em favor da formação de algumas sociedades anônimas transnacionais, responsáveis pela distribuição das notícias e das opiniões, subordinando a qualidade e a objetividade à lógica do lucro dos conglomerados e seus parceiros. Muitas publicações prestigiosas, insatisfeitas com a lucratividade, vendem suas empresas a investidores ou a conglomerados da mídia, passando a imperar a ideologia dos anunciantes, espalhados por todos os setores da economia e da “arte”. A condução da opinião universalizando alguns valores profundamente distorcidos caracteriza o agir mafioso dessas empresas cujo suprapoder implica em generalizada *omertá*<sup>33</sup> a respeito de qualquer atitude ilícita, comumente adotada por tais grupos e seus arautos da rede.

Habermas critica a hegemonia disfarçada do sistema em escolha do consumidor, pois essa mercadoria atende e transforma concomitantemente as preferências de seus telespectadores, ele defende a intervenção e/ou participação do Estado na mídia, como já acontece em alguns países europeus. A visão do filósofo consiste em tirar do mercado a hegemonia sobre o quarto poder, preservando a imprensa tradicional, visando atingir meios para dar voz àqueles sem representatividade econômica.

As ações do presidente venezuelano, Hugo Chávez, talvez sejam uma referência em relação às possibilidades de combate ao estilo mafioso dos meios de comunicação, o governo daquele país não renovou a concessão da *RCTV, Radio Caracas Televisión*, órgão diretamente comprometido com o golpe militar de 2002 que o derrubara. A mídia venezuelana, até então hegemônica e unidirecional, levantou a bandeira da democracia e da liberdade de imprensa, uma questão contundente se não fosse difundida por personagens afeitos ao desrespeito dos mesmos princípios, caracterizando, assim, uma inversão espetacular.<sup>34</sup>

A configuração do caráter polissêmico de *Máfia* exige um resgate histórico de grupos emblemáticos<sup>35</sup> e um diálogo com outras ciências, visando

---

<sup>33</sup> Código do silêncio muito comum às máfias.

<sup>34</sup> Não há dúvidas quanto à crucial importância da mídia de massa como elo difuso da polissêmica ação mafiosa global.

<sup>35</sup> *Máfia* está repleta de casos clássicos, em si, bastante plurais numa escala regional e em estrutura de operação cuja complexidade atingiu a exponencialidade na dimensão contemporânea.

compreender melhor o significado que diferentes profissionais atribuem ao conceito, engendrando, paralelamente, um espaço geográfico mediado pela força da ação multifacetada de construção de lugares mafiosos cujo processo é uma síntese em constante resignificação. O estudo sobre *máfias* exige uma perspectiva multidisciplinar, o que facilita a inserção geográfica pelo próprio caráter dessa disciplina.

Parte da grande mídia apresenta um agir mafioso, envolvendo uma complexa rede cuja articulação pode incorporar até algumas ONGs; o lado altruísta de muitos cidadãos é instrumentalizado por grupos de “caridade”, obscurecendo o objetivo fundamental, a aquisição de lucro; o mercado oferece inúmeras possibilidades de reprodução do capital. No Brasil foram constatados recursos na ordem de 100 milhões de reais/ano arrecadados em fundos para beneficiarem crianças carentes, esse dinheiro gera muitos empregos na lógica da burocracia, mas paradoxalmente a população assistida conta com uma parcela ínfima desse montante. A reprodução do capital seduz mais que o sujeito da motivação de algumas campanhas.

Emir Sader<sup>36</sup> citou um caso emblemático de fundações filantrópicas, aqui interpretadas como típica ação mafiosa na lógica capitalista; trata-se da organização Gates, que doou US\$218 milhões para uma campanha planetária de vacinação contra poliomielite e rubéola para regiões como o Delta do Níger, mesmo local onde a empresa de Bill Gates investiu US\$ 423 milhões na *ENI*, na *Royal Dutch Shell*, na *Exxon*, na *Mobil* e na *Total*, indústrias responsáveis por níveis alarmantes de poluição atmosférica, produzindo inúmeras doenças. A fundação Gates doa 5% dos seus lucros, beneficiando-se, assim, das isenções fiscais; o setor da empresa responsável pela “caridade” é desvinculado do setor financeiro, no geral todas as ações estão orbitando em torno da reprodução do capital, cultivar uma boa imagem faz parte da estratégia de *marketing*, com o atrativo de recolher menos tributos, caracterizando um grande negócio.<sup>37</sup>

O sentido polissêmico das máfias envolve complexos setores econômicos, como bolsas de valores e sua artificialidade no preço das ações,

---

<sup>36</sup> Revista *Caros Amigos*, ed. 120.

<sup>37</sup> *A Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord ganha novos contornos continuamente no processo de ampliação da polissemia mafiosa. A difusão de fatos de tom notoriamente mafioso, noticiados como espetáculo, traduz a efemeridade etérea de uma sociedade sem memória e norteadas pela mentira.

como fizeram empresas como a *Enron*, a *Xerox*, a *Wordcom*, dentre outras. Até 2002 foram 158 grandes corporações que maquiaram o balanço, transformando prejuízos em lucros a fim de atrair investidores, o estouro da fraude levou à demissão de milhares de funcionários de tais corporações.<sup>38</sup> Na sociedade estadunidense 85% da classe média possuem o hábito de complementarem o orçamento mensal com o lucro auferido nos investimentos em ações, por isso ela amargou sérios prejuízos com a atitude obscura dessas empresas, contudo isso não foi o suficiente para aproximar essas “estratégias” de mercado da nomenclatura mafiosa, remontando à seletividade no trato do termo, como fora discutido na Introdução deste trabalho.

A lógica capitalista pressupõe a vitória do mais forte, do mais esperto, do mais traiçoeiro e do mais mentiroso. O próprio presidente dos EUA manipulou o preço das ações da empresa de energia *Harken*, comprando-as por 180 mil dólares e revendendo-as no contexto da crise, ainda camuflada, por US\$ 848 mil. Tal procedimento foi acompanhado por um discurso assustadoramente eloquente: “Não existe capitalismo sem consciência e não existe riqueza sem a base do caráter”, isso lembra o auto de defesa de mafiosos de alto calibre dos EUA, com suas condutas libertárias e idealizadores da família como alicerce para a construção da cidadania.<sup>39</sup>

Considerando a existência de alguma conspiração internacional, envolvendo o crime organizado, sem dúvida essa seria direcionada contra a existência humana, engendrando Estados neoliberais, corruptos e narcocráticos, e grandes corporações com enorme poder, portanto uma estrutura mafiosa muito além dos traficantes de armas ou de drogas, pois estes constituem apenas elos de uma rede exponencialmente complexa.<sup>40</sup> Máfia no mundo contemporâneo é um termo plausível de ser aplicado a poderosos governos, quando boicotam e sabotam pesquisas sérias sobre temas importantes como o aquecimento global, em benefício de grandes oligopólios, em essência trata-se de uma postura compatível com a supraestrutura

---

<sup>38</sup> Sobre o tema Leo Gilson Ribeiro traz uma importante análise produzida pela revista alemã *Der Spiegel* de julho de 2002 – *Caros Amigos* de Agosto de 2003.

<sup>39</sup> “O espetáculo não esconde que alguns perigos cercam a ordem maravilhosa por ele estabelecida.....Também se pode mudar o nome quando a coisa vai ser continuada em segredo” Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo*. As novas tecnologias, corporificadas em instrumentos como a Internet, cumprem os mesmos desígnios manipuladores dos arautos dos velhos instrumentos.

<sup>40</sup> Sobre tal complexidade em território americano ver David Schelm - *The Mafia Killed President Kennedy*.

individualista e consumista do capitalismo, reproduzindo uma irracionalidade em espiral.

A ação mafiosa parece não possuir limites no mundo contemporâneo, grandes laboratórios químico-farmacêuticos integram tal *modus operandi* quando sabotam e omitem pesquisas científicas sobre os alimentos transgênicos, encomendando paralelamente estudos a certos pesquisadores que vendem seus nomes por elevadas somas; o eixo desses procedimentos é o Estado, na condição de embaixador de poderosas corporações, dilapidando assuntos sérios de saúde pública, obscurecendo ou desacreditando os trabalhos de renomados cientistas, valendo-se de sofisticados mecanismos de *marketing*.<sup>41</sup>

Empresas como a Monsanto denominam de ação estratégica a distribuição de material didático em escolas rurais ou o envio de revistas às bibliotecas de vários estados brasileiros (RS, MT, BA, GO)<sup>42</sup> versando sobre os inúmeros benefícios dos OGMs para a agricultura, capazes de “corrigirem os defeitos da natureza”. Esse material “didático” possuía um Guia de Atividades que orientava os professores a usarem todos os textos em sala, objetivando lançar ideias e propostas de trabalho por meio de planos de aula, apoiados nas ideologias nele embutidas. Essa prática pode excluir a crítica mais ampla sobre os transgênicos, prevalecendo o pensamento único, valendo-se de um dispositivo mafioso de propaganda, induzindo a formação de opinião de muitos jovens, excluindo-lhes a visão plural sobre o assunto.<sup>43</sup>

As atividades esportivas estão conectadas às atividades mafiosas em diferentes aspectos, envolvendo desde a lavagem de dinheiro até à correlação entre torcidas indisciplinadas com potência para cometerem atos de extrema violência, isso no contexto de guerras ou disputas maquiadas como étnicas, merecendo destaque o futebol. Dirigentes de clubes se reúnem com chefes de gangues a fim de planejar a ação, considerando-se no primeiro aspecto diálogos em nível de investimentos, consonantes à dinâmica globalizante da

---

<sup>41</sup> Sobre esse polêmico assunto há a obra do Grupo de Ciência Independente, assinado por 24 cientistas de várias partes do mundo – *Em defesa de um Mundo Sustentável sem Transgênicos* da ed. Expressão Popular, publicado em 2004.

<sup>42</sup> Trata-se da revista *Horizonte Geográfico* do projeto financiado pela corporação americana *Janela Sudeste*, reportagem publicada pelo jornal *Brasil de Fato* de 15-06-2005.

<sup>43</sup> A atuação da Monsanto pode ser melhor compreendida em *Le Monde selon Monsanto* de Marie-Monique Robin

economia, alguns casos são intrigantes e genuinamente mafiosos, como os capitais russos num time de futebol brasileiro e o emblemático exemplo do *Estrela Vermelha* de Belgrado.<sup>44</sup>

Uma cara campanha política financiada por ocultos personagens compromete a priori a administração, as propostas perdem seu conteúdo, tornando os Estados instrumentos privados de certos grupos; alguns ideais clássicos<sup>45</sup> estão absolutamente ausentes no mundo governado pelas redes mafiosas. Cabe lembrar que a corrupção é um fenômeno muito antigo, registrada em diversos momentos históricos e de formas bastante curiosas<sup>46</sup>, conforme nos aproximando da contemporaneidade os registros sobre desvios de conduta administrativa vão se ampliando em inúmeras regiões. Corrupção é um dado histórico cujos procedimentos estiveram calcados cada qual em seu tempo, no nosso a *mafocracia* merece notoriedade, usufruindo da tecnologia mais avançada de todas as eras, capaz de recriar práticas criminosas milenares, exponenciar outras e gerar novas.<sup>47</sup>

O *Lobby* constitui a dimensão mafiosa da economia oficial, compreendido como parte intrínseca da política, envolve regiões ricas e áreas pobres do mundo. Na União Européia em torno de 15 mil pessoas trabalham para os *lobbies*, atuando diretamente em Bruxelas sobre os 785 deputados do parlamento da organização, 70% deles representam interesses industriais, 20% cidades e 10% sindicatos e associações de cidadãos; o Conselho Europeu da Indústria Química dispõe de cerca de 150 lobistas, número bem superior ao de todas as organizações de defesa do meio ambiente. A identidade dos

---

<sup>44</sup> No capítulo 3 esse assunto será aprofundado.

<sup>45</sup> Em *As Leis*, Platão escreve: “Os funcionários da nação devem prestar seus serviços, sem aceitarem presentes de qualquer tipo ou qualquer espécie de contrapartida”.

<sup>46</sup> Como o desvio de material na construção da Muralha da China (no monte Jiufeng, ela apresenta 70cm de espessura, diferente do restante, com 2m). O filósofo indiano Kautilya no século IV a.c. escreveu ser impossível um servidor do governo não comer pelo menos uma parte da renda do rei. No século XIV, Ibn Khaldun mencionou a raiz da corrupção como uma imanência da paixão pela vida luxuosa dentro do grupo governante. A polissemia mafiosa atravessa vastas fronteiras do tempo. *Caros Amigos*, ed. de Janeiro de 2003. O papa Alexandre VI (1492-1503) se tornou notório em nível de análise histórica da corrupção, por transferir grandes fortunas da Santa Sé para sua família, no caso a Bórgia, também foi o inaugurador da prática denominada nepotismo, expressão derivada da palavra italiana *nipote* cuja tradução é sobrinho, o papa não pode ter filhos, por isso nomeou seus sobrinhos para altos cargos.

<sup>47</sup> Na obra *A Corrupção no Brasil*, Pedro Cavalcanti faz um levantamento dessas práticas no Brasil desde a época da Colônia. Essa questão será tratada no capítulo 6.



colaboradores na composição orçamentária pode ser preservada, colocando em xeque a transparência desse importante bloco.<sup>48</sup>

Uma organização criminosa apresenta uma estrutura Hierárquico-piramidal, envolvendo divisão de tarefas e compartimentação de informações entre membros restritos, as ações visam a obtenção de dinheiro e de poder intrincando-se no Estado através de funcionários públicos. Não existe organização criminosa capaz de sobreviver sem a participação efetiva do Estado no âmbito de um dos três poderes, Legislativo, Executivo e/ou Judiciário, caracterizando uma dimensão pivô da polissemia mafiosa ou *mafioscracia*. O poder de tais organizações é global, o narcotráfico movimenta valores maiores que o PIB do Canadá, caso tais recursos fossem injetados em algumas bolsas de valores, a devassa seria enorme, provocando seriíssimas crises econômicas. A organização do território mundial para o exercício do poder mafioso foge à esfera local de combate.<sup>49</sup>

Após provocar o incêndio, através do financiamento do terrorismo, a arte da guerra anti-terrorista de Estados como o estadunidense mantém o dinamismo do capitalismo, cobrando mais impostos dos pobres, a fim de financiar a indústria bélica e assegurar o abastecimento de petróleo, impulsionando, desta forma, a atividade industrial.<sup>50</sup> Tendo a guerra como álibi, as classes dominantes do país puderam cortar benefícios sociais e manterem baixos os salários. Desde 2001, os EUA gastaram mais de US\$ 400 bilhões/ano no setor armamentista, intervindo em mais de 80 países ao longo do século XX e início do século XXI, somente na América Latina 400 mil pessoas foram mortas em escusas incursões do império.<sup>51</sup>, ação classificada de “pacifista”, poderia ser melhor compreendida como explicitamente mafiosa.

Durante a Guerra fria, a Operação Condor, tendo Washington à frente, derrubou e assassinou governos avessos ao imperialismo estadunidense, acusando-os de comunistas (os “terroristas” de outrora), militares macarthistas estavam conectados em rede planejando ações e aprimorando técnicas de

---

<sup>48</sup> *Le Monde Diplomatique* de Setembro de 2008.

<sup>49</sup> Segundo o Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (GAECO), existe certa incompatibilidade entre as leis produzidas e o ambiente gestado pelo crime organizado no qual as primeiras deveriam funcionar. Para o órgão, quem produz as leis não conhece os procedimentos consuetudinários globais das máfias - artigo publicado pela *Caros Amigos* em Janeiro de 2003.

<sup>50</sup> Segundo Chossudovsky: “Na globalização, o terrorismo de Estado é um fator essencial para a implantação da agenda neoliberal” em *Guerra e Globalização*.

<sup>51</sup> *Guerra e Globalização* de Chossudovsky.

torturas, caso típico de terrorismo de Estado de perfil mafioso.<sup>52</sup> Desde 1999, as chacinas produzidas pelos americanos na Iugoslávia, no Afeganistão e no Iraque ultrapassam 350 mil mortos, carnificina que contou com o uso de armas químicas e de artefatos confeccionados com Urânio empobrecido, ignorando tratados consolidados como o de Haia. No Iraque, os americanos foram os responsáveis pela explosão de ambulâncias, assassinato de médicos, de idosos, de crianças e da prática de torturas, inclusive de cães por mera diversão, possibilitando a abertura de um debate a respeito do conceito de crime em seu estágio enviesado, concebido aqui como *Máfia*.<sup>53</sup> A mafiosidade é construída na perspectiva do jogo histórico de cada região em complexas disputas pelo poder.

A Yakuza é a maior e a mais organizada máfia de venda de proteção do mundo. O grande impulso dado a essa casa remonta ao término da Segunda Guerra Mundial, quando o Japão foi acometido pela “febre” imobiliária com extraordinária expansão da construção civil, período conhecido como *Baburu* (Bolha). Nesse contexto, Nagóia foi emblemática, conhecida como a mais desordenada dentre as mais desordenadas ocupações do período, em muitas cidades houve o engendrando de um ambiente favorável à difusão de redes especulativas de *modus operandi* genuinamente mafioso, tendo à frente a Yakuza e a Yamagushi-Gumi, ambas envolvidas em extorsão, terrorismo psicológico e perseguição sobre moradores resistentes às propostas de aquisição imobiliária dos mafiosos. Os elos com os bancos e com a polícia perpetrou a evolução da proto-cooperação a uma estrutura simbiótica de interesses, resultando numa megaespeculação imobiliária, que multiplicou por dois o preço dos terrenos nas grandes cidades, o banco Sumitomo foi o mais operacional nessa rede até o estouro da bolha em 1992, ano de proibição de explícita ação da Yakuza.<sup>54</sup>

A Yakuza diz ter uma herança samurai do shogunato Tokugawa, contudo sua origem é menos glamourosa e mais desordenada, inspirando-se

---

<sup>52</sup> Ver o trabalho de Johathan Marshall - *Cocaine, Politics, Drugs, Armies and the CIA in Central America*.

<sup>53</sup> Rompendo a blindagem da mídia de massa, a revista *Caros Amigos*, ed. 20 de julho de 2004, trouxe uma entrevista esclarecedora e revoltante com o médico iraquiano Salam al Obaide a respeito dos massacres americanos na cidade de Falluja, p. 10 e 11.

<sup>54</sup> “A única mudança desde a aprovação da lei contra o crime organizado, em 1992, foi que a Yakuza não pode mais exibir placas com seu nome e símbolos do lado externo dos prédios” *MacMáfia* de Misha Glenny.

em tradições de mercadores itinerantes e jogadores. O recrutamento mantém uma força acentuada dentre os grupos marginalizados em razão da origem, como os coreanos e os *Burakumin*, termo para designar certos indivíduos desprestigiados por lidar com atividades consideradas ultrajantes, como as relacionadas à carne e fezes. A ostentação da Yakuza deriva da sensação de marginalização de seus membros no conjunto da sociedade japonesa, uma questão melhor compreendida sob uma ótica foucautiana.<sup>55</sup> A máfia japonesa teve sua origem dentre marginalizados do proletariado, mas apoiavam ideologias direitistas, traduzindo o mais profundo germe do opressor em si; como na Itália, os grupos mafiosos foram tolerados pelos EUA desde que se encaixassem nos preceitos da Guerra Fria.

As alianças entre o Partido Liberal Japonês, a Yakuza e as estruturas *Zaibatsus* atravessaram décadas. Uma lei aprovada em 1949 desestimulava processos litigiosos, considerados desagregadores do espírito do *wa* (harmonia), a legislação determinava até o número de advogados a serem formados por ano (500) no Instituto de Treinamento e Pesquisa Legal de Tóquio, resultando num percentual per capita baixíssimo em relação a outros países de mesmo patamar de desenvolvimento que o Japão.<sup>56</sup> A população percebeu que poderia utilizar a Yakuza para resolver com agilidade várias questões, por exemplo, recebimento de dívidas. A organização expandiu seu raio de ação de força policial anticomunista para executores judiciais sem os iminentes transtornos burocráticos, uma especificidade dos quadros políticos japoneses.<sup>57</sup>

Quando a Guerra Fria definiu, a Yakuza se tornou o bode expiatório do governo japonês no contexto da explosão da bolha imobiliária, momento de aprovação da Lei de Prevenção de Atos Ilícitos (1991), afastado o PLD e as empresas da corresponsabilidade com o processo. Desde então, muitas organizações Yakuza foram eliminadas, enquanto outras se agregaram às três mais poderosas agremiações, a saber, Yamaguchi-gumi, Sumiyoshi-kai e Inagawa-kai, as três desenvolveram uma volátil mobilidade espacial e setorial pelo território japonês, merecendo destaque os investimentos num jogo

---

<sup>55</sup> A opressão introjetada pelo oprimido.

<sup>56</sup> Segundo dados de 1990, na Alemanha há um advogado para cada 724 habitantes, na Inglaterra um para 656, nos EUA um para 285, enquanto no Japão há um para 5965.

<sup>57</sup> *MacMáfia*.

parecido com o fliperama, o *Pachinco*, responsável por uma receita de US\$ 300 bilhões por ano.

O *Pachinco* é um negócio com potência para atrair gangues coreanas e chinesas para o ramo, ensaiando um novo palco de conflitos, e mais uma vez com denotação étnica. A mão-de-obra chinesa, muito barata, proporciona à Yakuza a sub-contratação para casos que requeiram a aplicação de punições violentas, porque um chinês mata 3 pelo preço de um na tabela da máfia japonesa. O Japão é também o maior traficante mundial de mulheres colombianas para prostituição, os japoneses apreciam mulheres caucasianas, abrindo um elo consistente com a Rússia, estatisticamente em 10 anos foram expedidos 70% de vistos para mulheres russas.<sup>58</sup>

O criminoso na lógica mafiosa contemporânea vai muito além do estereotipado assaltante de rua, porque conecta uma estrutura sofisticada de lavagem internacional de dinheiro, utilizando-se com primazia do avançado aparato tecnológico disponível no mundo globalizado, contudo banqueiro milionário também não é considerado bandido, mas investidor, independente da origem do dinheiro aplicado nas dezenas de paraísos fiscais, dinheiro comumente vindo do tráfico, da extorsão ou da corrupção. A prevalência é a lógica reprodutiva do capital, essencial ao sistema, configurando, assim, uma enorme distorção de valores na identificação do crime e do não-crime, reproduzindo a perspectiva míope de controle geopolítico sobre lugares mafiosos.

Em 1994, o cientista político e consultor da ONU para assuntos referentes à marginalidade, Barry Weisberg, detectou a dimensão do poder dos grupos mafiosos numa escala planetária, a saber, as dez maiores organizações criminosas do mundo apresentavam uma força econômica, política e geopolítica superior à da ONU e à do FMI, retrato muito agravado quando analisado o nível de inserção nos quadros formais de funcionamento de diversas sociedades planeta afora. Muito dinheiro vindo na forma de investimentos passa por ablução em paraísos fiscais, a pujança de ilhas como Aruba é sustentada pela corrupção em países latinoamericanos; em 1993, US\$

---

<sup>58</sup> *MacMáfia*.

100 milhões passaram por lá, grande parte composta por narcodólares, tais recursos ficam prontos para serem aplicados na economia formal.<sup>59</sup>

As empresas *offshore* constituem a espinha dorsal da economia mafio-contemporânea, trata-se de uma pessoa jurídica como outra qualquer, mas não tem patrimônio, nem funcionários, existe apenas no papel, logo são fachadas. Nos paraísos fiscais existem as incubadoras, a saber, firmas possuidoras de várias *offshores*, prontas para uso imediato, elas possibilitam ao cliente a compra de uma delas ou ainda a abertura de outra como razão social qualquer, o endereço delas consiste em uma caixa postal, Cayman chama a atenção pelo número de empresas desse *nipe* (380 mil), evidenciando a forte demanda do mercado de lavagem, uma dessas empresas obscuras pode ser usada por pessoas distintas. Essa difusão etérea de dinheiro obtido ilicitamente implica em fator estimulador para novas redes de crime, ampliando a polissemia mafiosa, paraísos fiscais podem ser considerados os principais lugares mafiosos da contemporaneidade.<sup>60</sup>

Paraísos fiscais e modalidades *offshore* constituem enclaves profundamente dinâmicos na lógica do paralelismo da economia contemporânea, porque novas modalidades são constantemente criadas a fim de atraírem o capital suspeito e/ou sujeito ao fisco. Jersey criou em 2008 as *shell company*, empresas que possibilitam a especulação no mercado de risco para interessados dispostos a investirem no mínimo um milhão de dólares, tratam-se de atividades sem qualquer controle, com isso um novo mecanismo fora gestado para captar *hedge funds*<sup>61</sup>, entre fevereiro e outubro de 2008 foram criadas 24 dessas companhias.

Os *trusts* constituem uma verdadeira indústria em paraísos fiscais, correspondem a um mecanismo articulado para facilitar a subtração da fortuna pessoal de um milionário, de seu cônjuge e de seus herdeiros, registrando-a sob um nome fictício. O metamorfoseamento atravessa a própria designação “paraíso fiscal”, driblando as formas de combate a eles, o termo território fiscal é ventilado mundialmente como eufemismo para esses nós de intersecção das

---

<sup>59</sup> O capítulo 2 buscará um aprofundamento sobre o sentido de espaço em rede das máfias.

<sup>60</sup> Os homens mais ricos do mundo somam 11,5 trilhões de dólares nos 70 paraísos fiscais recenseados no mundo até 2008. *Le Monde Diplomatique*, dezembro de 2008.

<sup>61</sup> Correspondem ao dinheiro investido de maneira plural no mercado financeiro, permitindo ao empreendedor diversificar suas possibilidades, minimizando as perdas, os paraísos fiscais precisam oferecer muitas vantagens para atraírem tais recursos.

práticas mafiosas contemporâneas, estabelecendo pseudo-distinções entre tais localidades. Desde 2002, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE) redefiniu 27 paraísos fiscais como “territórios fiscais”, aliás, listam na organização apenas 5 países como centros *offshore*, traduzindo um profundo anacronismo nas ações tidas como anti-mafiosas.<sup>62</sup>

Muitas empresas nacionais de inúmeros países são sócias de *offshores*, trata-se de uma forma de lavagem de dinheiro denominada autoempréstimo, que consiste na abertura simultânea de uma empresa e de uma conta no exterior, investindo-se nela e em nome dela abre-se a prerrogativa de enviar dinheiro a qualquer país desejado, assim, o indivíduo empresta dinheiro a si mesmo. Dependendo da legislação interna do país, esse procedimento nem é configurado como lavagem, caracterizando apenas sonegação, como acontece no Brasil; em outros países a lavagem é denominada a partir da constatação do dinheiro obtido através do crime, antecedendo o ativo. Em caso de investigação, os centros *offshore* se antecipam, lançando mão da Cláusula de Fuga, corresponde à artimanha para redirecionar os fundos a uma conta secreta.<sup>63</sup>

Os narcodólares são lavados em inúmeros paraísos fiscais<sup>64</sup> (Ver anexo 1), as Bahamas possuem mais de 50 mil empresas *Trading* especializadas na fluidez do capital entre várias regiões do mundo, o sigilo é um direito assegurado aos clientes, muitos deles corruptos de inúmeros países, narcotraficantes, vendedores de armas ou indivíduos ligados à quaisquer atividades na lógica da polissemia mafiosa contemporânea, contudo esses investidores guardam o *status* de bons negociantes e empreendedores no mercado financeiro internacional. Para os bancos o dinheiro é uma mercadoria valiosa, a identificação da origem dele associada a atitudes eticamente corretas colocariam em xeque o funcionamento em rede do sistema capitalista, portanto sustentado por diversos lugares mafiosos uma instância superior.

A escala da atividade de evasão tributária pode ser descrita como uma nebulosa economia operando na maioria dos setores globalizados, incluindo

---

<sup>62</sup> *Le Monde Diplomatique*, dezembro de 2008.

<sup>63</sup> Uma entrevista esclarecedora foi cedida pelo procurador da república Vladimir Aras na revista *Caros Amigos* de setembro de 2005.

<sup>64</sup> A retirada do capital do sistema financeiro global levaria ao colapso econômico, arrastando inúmeras bolsas de valores para o buraco.

especialmente as indústrias extrativas, bancos, financeiras, aviação, transporte de cargas, comunicações, indústria farmacêutica, mídia, comércio de *commodities* e indústria bélica. A natureza sigilosa de alguns tipos de indústria impossibilita a quantificação precisa de sua dimensão, mas as seguintes estimativas proporcionam uma boa ideia de sua possível estatura, a saber, pelo menos metade de todo o comércio internacional parece passar por paraísos fiscais, apesar de tais lugares representarem apenas 3% do PIB mundial, condição capaz de questionar a operacionalidade econômica global se abandonarmos a conduta do “é assim que funcionam as coisas”, baseada numa profunda inércia, eminentemente conveniente aos arautos do sistema atual.

Outro caso expressivo de corrupção envolvendo o mundo desenvolvido se desenrola pela União Européia, que consiste em explorar as discrepâncias existentes entre os regimes fiscais. O contrabandamento de mercadorias de alta tributação é essencial no bojo das atividades mafiosas, na Europa, a fraude *Carrossel* merece destaque, baseada na importação de mercadorias de outras regiões ou entre os países membros da organização, pedindo ilegalmente a restituição do VAT<sup>65</sup>, em 2006 o Bloco estimou em US\$ 100 bilhões as perdas com tais procedimentos. Grandes desigualdades estruturais na economia global alimentam diversos níveis de instabilidade e crime.

Na China existem inúmeras vantagens fiscais para os pretensos empreendedores estrangeiros, não existe questionamento a respeito da origem do dinheiro, Ilhas Virgens Britânicas e Hong Kong são os principais investidores, miscigenando irreversivelmente capitais lícitos e ilícitos em grandes obras pelo leste do país. A abertura da China estimulou uma extraordinária diáspora de sua população, caracterizando a maior rede de contrabando de migrantes do mundo, ancronicamente apoiado pelo Estado por questões de pressão demográfica interna, portanto os “Cabeças de Serpente” chineses, responsáveis pelo tráfico humano, são úteis agentes estatais. Slobodan Milosevic mantinha um forte elo com os “Cabeças de Serpente”, os escritórios em Belgrado convidavam os chineses que ali chegavam com muita facilidade a

---

<sup>65</sup> Imposto sobre Valor Agregado cobrado sobre o valor das mercadorias, antes de reexportá-las. Ver *Macmáfia*.

serem contrabandeados para a União Européia, essa questão encerra uma resposta de Milosevic ao ocidente pelas pressões sofridas por ele no contexto das guerras contemporâneas na Iugoslávia.<sup>66</sup>

Ainda no palco europeu, o governo britânico estima que 60% do comércio internacional consistem de operações intrafirmas, empresas que comercializam com si mesmas, na maior parte das vezes via paraísos fiscais, possibilitando tributar o imposto de renda a alíquotas muito baixas<sup>67</sup>, tais operações frequentemente ocorrem apenas no papel, os bens e serviços envolvidos de fato não chegam a qualquer lugar perto dos territórios onde supostamente são transacionados, daí o esquema *offshore*. O valor dos ativos *offshore* livre de impostos ou sujeitos a alíquotas mínimas é estimado em US\$ 11 trilhões, valor correspondente a mais de um terço do PIB mundial no ano 2000.<sup>68</sup>

Em meados da década de 70 havia 25 paraísos fiscais, em 2003 o próprio Fundo Monetário Internacional identificou mais de 60 deles, correlacionados a centros financeiros *offshore*. A demanda tem sido alimentada pelo crescimento do número de indivíduos com grande riqueza e pelo rápido incremento de empresas que operam transnacionalmente. De acordo com dados da UNCTAD<sup>69</sup> relativos ao início dos anos 90 havia 37 mil empresas transnacionais com 175 mil subsidiárias no estrangeiro, em 2003 essa cifra passou para 64 mil companhias e 870 mil subsidiárias.<sup>70</sup> Aproximadamente 150 mil companhias *offshore* são formadas por ano, numa velocidade de profusão capaz de inviabilizar uma quantificação mais precisa.

Essa dimensão da mafiosidade contemporânea não é um fenômeno desprezível, tampouco transitório. Apesar da ausência de referências aos paraísos fiscais e aos centros financeiros *offshore* na análise econômica tradicional, suas atividades localizam-se no âmago da corporatividade do sistema e representam uma parcela significativa dos fluxos mundiais, encontrando-se profundamente incrustados no capitalismo globalizado. Os

---

<sup>66</sup> Ver Da Balcanização à *Balkanização* do autor.

<sup>67</sup> *The Economist*, ed. de 2004.

<sup>68</sup> *Caros Amigos* de setembro de 2005.

<sup>69</sup> *United Nations Conference on Trade and Development*.

<sup>70</sup> *The Economist* - ed. de 2004.



paraísos fiscais compartilham algumas características comuns, dentre elas, as baixas ou zeradas alíquotas tributárias oferecidas a não residentes e o sigilo das transações. Os paraísos fiscais tem sido a pedra fundamental do processo mafioso inserido na globalização, permitindo às corporações transnacionais fugirem total ou parcialmente da jurisdição dos regimes regulatórios e fiscais de base nacional.

Práticas agressivas de elisão tributária das corporações transnacionais, detentoras de enorme capacidade de utilização de uma ampla gama de serviços de paraísos fiscais e centros financeiros *offshore*, têm fragilizado a integridade e a equidade dos sistemas tributários existentes em inúmeros países, multiplicando, assim, as disparidades de renda entre as nações e intra-nações, portanto supostos mecanismos de redistribuição de renda esbarrariam numa estrutura alicerçada nas obscuras entranhas do sistema vigente.<sup>71</sup>

Muitas *offshore* surgiram para burlar as regulamentações do controle de capitais, grande soma do capital que passa pelo circuito é operado sequencialmente por sucessivas empresas do ramo, proporcionando a lavagem de dinheiro, sendo parte significativa composta pela fuga de capitais de vários países.<sup>72</sup> Conforme estimativas realizadas no final dos anos 1990, 60% das transações comerciais da África apresentaram preços falsos, artimanha produzida mediante técnicas de transferência e refaturamento numa média superior a 11%, resultando numa fuga de capitais correspondente a 7% do comércio internacional do continente, totalizando US\$ 10 a 11 bilhões anuais.<sup>73</sup> O fluxo de capitais para dentro e para fora da economia russa durante os anos 1990 era de tal magnitude<sup>74</sup> que, para cada dólar de investimento entrando, outros 20 saíam para contas bancárias *offshore*, imbricando, assim, diferentes lugares mafiosos, formalmente designados de praças financeiras.

O sucesso histórico de grandes cartéis como Cali reside na antecipação em relação aos serviços de segurança nacionais e internacionais, coletando informações sobre movimentações e infiltrações. O cartel já aplicava dinheiro

---

<sup>71</sup> John Christensen em *Evasão Fiscal e Pobreza* fornece importantes elos da leitura mafiosa de mundo, reforçando a tese de sua ampla e perversa polissemia.

<sup>72</sup> A lista é longa, constando Rússia, Brasil, Indonésia, Nigéria e Congo, dentre outros.

<sup>73</sup> Dados de 1999 da *Financial Time*.

<sup>74</sup> O fenômeno mafioso russo será aprofundado no capítulo 3.

em bancos desde 1974, um era sua propriedade, o *El Banco de los Trabajadores*; o neoliberalismo deu grande estímulo com suas medidas desregulamentadoras, permitindo-lhe investimentos em instituições da Américas Central e do Sul, que tivessem laços estreitos com Miami e Nova Iorque, além de fluidez em vários paraísos fiscais. Conseguiram adquirir uma rede de farmácias, a *Rebaja*, e com esta a licença para importarem os precursores químicos necessários à elaboração da cocaína, grande parte vinda dos futuros consumidores da droga, os EUA. Outra estratégia do cartel consiste no estabelecimento de alianças com o México, Brasil, Espanha, Itália, Nigéria e Rússia, transferindo o grosso das exportações de drogas, descentralizando, assim, as atividades, assemelhando-se à estrutura de uma  *Holding*, cujo controle essencial permanece em mãos dos fundadores, os irmãos Orejuela.<sup>75</sup>

O crescimento da indústria financeira *offshore* durante as décadas de 70 e 80 coincidiu, e consideravelmente catalisou a atual era globalizante, caracterizada pelo extraordinário grau de mobilidade do capital em comparação ao do trabalho. Meszáros classifica esse processo de *downsizing* produtivo: “Em nome do avanço tecnológico no qual o sujeito humano real fica à mercê de determinações desumanas, pois a tecnologia parece ter assumido uma forma independente de vida, com vontade própria e poder incontestável de tomada de decisão. Em vista das consequências destrutivas, não resta dúvida quanto à desejabilidade da tomada do controle sobre a ciência e sobre a tecnologia capitalisticamente alienadas. O último século do desenvolvimento produtivo do capital pode ser caracterizado pela crescente tecnologização da ciência, diretamente determinada pela intensificação das contradições do sistema e, ao longo das quatro últimas décadas, pela sua crise estrutural. Trata-se de um imperativo assumir o controle sobre as forças, hoje obedientes a uma lógica independente e própria, de caráter hostil cujo impacto destrutivo é claramente visível”.<sup>76</sup>

Essa grande mobilidade deve-se a uma combinação de liberalização econômica (a remoção dos controles cambiais e à desregulamentação da indústria bancária) e à mudança tecnológica, esta última permite transferências virtualmente instantâneas de fundos através do planeta. A habilidade de o

---

<sup>75</sup> Ver *Historia del Cartel de Cali* de Camilo Chaparro.

<sup>76</sup> *Para Além do Capital* de Istvan Meszáros.

capital mover-se sem restrições entre fronteiras tem exigido dos sistemas tributários nacionais prerrogativas para se protegerem contra a evasão tributária de indivíduos de alta renda e da lavagem de lucros das empresas transnacionais.

Uma última aparente dimensão da polissemia mafiosa estaria esboçada no contexto das guerras, tornando-se mais tétrica quando conturbadas regiões esboçam potência de gestação de organizações criminosas de magnitude global, como outrora ocorrera na Iugoslávia<sup>77</sup>, alguns países merecem destaque cujas máfias incubadas ou expostas tendem a uma expansão além da esfera regional, articulando complexas redes.<sup>78</sup> São eles: Colômbia, Peru, México, Haiti, Afeganistão, Paquistão, Tadquistão, Usbequistão, Índia, Nepal, Sri Lanka, Myanmar, Filipinas, Azerbadjão, Armênia, Tchecônia, Geórgia, ex-Iugoslávia, Turquia, Irlanda, Espanha, Argélia, Tunísia, Sudão, Senegal, Guiné-Bissau, Libéria, Serra Leoa, República Democrática do Congo, Chade, Uganda, Ruanda, Angola, Somália, Camarões.<sup>79</sup> A potência desses países foi esboçada na constituição de múltiplos elos na consolidação de expressivos lugares mafiosos, encerrando a imprevisibilidade na construção ou reafirmação das máfias em sua retórica polissemia, por exemplo, engendrando sutis conexões.

---

<sup>77</sup> O tema será aprofundado no capítulo 3.

<sup>78</sup> As redes serão tratadas no capítulo 2.

<sup>79</sup> Em *Géopolitique des Drogues*.

## CAPÍTULO 2

### REDES MAFIOSAS

Em alguns aspectos a *máfia* se configura por uma morfologia estratificada ou hierarquizada, implicando níveis e uma relação entre esses níveis e o espaço produzido por elas enquanto lugares mafiosos, portanto cabe a tentativa de desvendar essa morfologia espacial à luz da principal implicação da morfologia hierárquica estratificada, a saber, o espaço da catástrofe, no âmbito do desaparecimento das condições de estabilidade, na dimensão da expansão do conflito, intrínseco à cada lugar e com potência imanentemente peculiar, processo no qual a articulação mafiosa funciona como ignição.

A complexidade do caos se estende quando os conceitos de rede e volatilidade geral de fluxos mundializam o lugar, *metamafiando-o* centrípeta ou tangencialmente, por isso o tempo das máfias é líquido, em razão da constante mudança de forma, transformando-se em outras organizações na proporção da potência espacial de cada lugar e engendrada nos fixos e nos fluxos, constituindo redes de étero escape, pois quando identificadas e analisadas, elas já se configuram como outras, portanto as máfias se constituem como fenômeno bem calcado na modernidade.<sup>80</sup>

Redes no mundo mafioso adquirem uma fisionomia polissêmica incorporando estruturas oficiais e outras subterrâneas, empresas como a Suíça *Mabetex*, proprietária de empreendedores de Kosovo atuaram junto ao Kremlim na obtenção de renovação de contratos de trabalhos, esse grupo foi denunciado por evasão de divisas e distorção de dados estatísticos, prática comum à grandes companhias, esse caso envolvia o Banco de Nova Iorque na lavagem de dinheiro.

Cada ponto é em si um pivô, associado a outros pivôs configurando grandes eixos planetários, fechando os mais diversos polígonos, portanto com áreas específicas conforme a estruturação de múltiplas redes. A área será aqui analisada a partir da circunscrição dos pivôs e seus pontos de fuga, logo os eixos estruturantes na formação dos territórios mafiosos enquanto sistemas

---

<sup>80</sup> Sobre a dimensão da *liquidez das máfias* foi utilizada a interpretação da obra de Zygmunt Bauman – *Tempos Líquidos*.

abertos, permitindo a conectividade entre áreas em razão da socioespacialidade intrínseca a cada polígono, assim, os pivôs são pontos mafiosos definidos por si e por externidades que lhes escapam.<sup>81</sup>

O sistema neoliberal proporcionou uma enorme confusão conceitual sobre o caráter de instituições não-governamentais, abrindo significativo espaço para a projeção das máfias baseado na desqualificação de tudo o que é estatal, e privilegiando os espaços de uma sociedade, definida ideologicamente como Civil, em verdade composta por indivíduos articulados pelo mercado. Nesse espaço se congrega tudo o que não for Estado, por exemplo, sindicatos, empresas privadas, movimentos sociais e máfias, portanto tal conceito de sociedade civil se torna uma miríade de organizações, amalgamando setores bem diversos, com o discurso de oposição ao Estado ou ao Governo; até mesmo algumas “ONGs”<sup>82</sup> são arquitetadas tendo em vista tal concepção, funcionando na prática como organizações neoliberais. O território pode ser lido como uma unidade jurídico-política controlado por certo tipo de poder, por vezes de centro móvel e extremamente fluido.

A concepção de rede neste trabalho possui uma dupla conotação, intrínseca e extrínseca. No primeiro caso se trata dos vínculos estabelecidos dentro da organização mafiosa, enquanto no segundo a dimensão é ampla e dinâmica, envolvendo inúmeros países, procedimentos e setores do submundo, alguns nem identificados como tal. As redes aqui compreendidas passarão pelo crivo dos impasses da sobrevivência e pela construção de identidades, no sentido clássico da reafirmação de elos calcados espacialmente, constituindo-se, assim, os lugares mafiosos.

A apreensão do fenômeno permite antecipar-se teoricamente à viabilização de novos lugares com mesma intencionalidade. Socioespacialmente, as sanções legais e espontâneas expõem um conjunto normativo dentro do qual não cabe a existência de certos grupos, produzindo-se pontos de ruptura, um sentido de caos, abrindo o caminho para a gênese mafiosa, contextualizada num sistema em si profundamente imbuído de uma

---

<sup>81</sup> Contribuição do professor André Roberto Martin na compreensão da correlação pivô-eixo-área.

<sup>82</sup> Cabe lembrar que a crítica não se generaliza à todas as ONGs e demais organizações na lógica do parágrafo, mas àquelas articuladas em rede na perspectiva desta pesquisa.

verdadeira síndrome da catástrofe, autodestrutivo por excelência.<sup>83</sup>

As novas circunstâncias desorientam as velhas instituições internacionais. Os grupos envolvidos com o crime perceberam que a elevação do padrão de vida ocidental, o crescimento do comércio, o aumento dos fluxos migratórios e a capacidade de policiamento bastante reduzida em muitos países combinavam-se para formar a potência dos diversos lugares mafiosos, impulsionando a articulação de redes mafiosas. Um importante pólo de instabilidade foi gestado com a falência soviética, estendendo-se pelos Bálcãs, atingindo a periferia oeste da China, o noroeste do Paquistão e o Afeganistão, processo envolvendo o trânsito rápido e fácil de pessoas, drogas, dinheiro vivo, espécies ameaçadas de extinção e madeira preciosa.<sup>84</sup>

O tripé das atividades ilícitas a partir da URSS na concepção de redes envolveu três grandes etapas, a saber, transferir dinheiro para o seguro mercado imobiliário e bancos do ocidente, vender mercadorias e serviços ilícitos para a União Européia, comprar armas do falido país e exportá-las às regiões em conflito no mundo. Segundo dados do Banco Mundial de 2008, a economia paralela respondia por 15 a 20% da riqueza global.<sup>85</sup>

Em Moscou, os diamantes contrabandeados pela alta cúpula num período do governo Brejnev (1981) eram trocados por dólares vindos do Panamá, depois depositados sob a forma de ordens de pagamento emitidas na Colômbia, país que recebera em espécie o dinheiro inicial de toda a operação, enviado principalmente por traficantes brasileiros.<sup>86</sup> Cartografar o fenômeno mafioso em rede é intrinsecamente limitado, porque a configuração congelada em arquétipos não traduz a volatilidade dos processos, o sucessivo desbaratamento de alguns elos é consonante à criação de tantos outros, e o mapa, por mais atualizado que seja, não consegue acompanhar a volatilidade circunstancial desse circuito no qual os fluxos financeiros são instantâneos.<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> Ver *Modeles Mathématiques de la Morphogénèse* de René Thom.

<sup>84</sup> Ver *La Trampa Balcânica*.

<sup>85</sup> Ver *Red Mafiya: How the Russian Mob has invaded América* de Robert Friedman.

<sup>86</sup> O Século do Crime de José Arbex e Cláudio Tognolli.

<sup>87</sup> Em entrevista com policial civil em São Paulo descobri a complexidade dos cibercrimes em razão das complexas redes que os engendram.

As redes do crime organizado ganham fluidez quando os mercados se tornam abrangentes e efetivos, muitos países despendem vastos recursos com prostitutas, fumam cigarros contrabandeados, empregam imigrantes ilegais, consomem marfim, adquirem rins e fígados para transplantes no mercado paralelo e apreciam as velhas e as novas drogas que lhe são apresentadas, além de praticarem um ufanismo fleumático com seus times. O dinamismo das redes mafiosas acompanha a liquidez dos mercados, liquefazendo a própria espacialidade das organizações criminosas na construção, destruição e reconstrução dos lugares mafiosos.

A pulverização de fronteiras ativa o desenvolvimento de organizações criminosas ao fragilizar o controle sobre o trânsito, situação potenciada quando o esfacelamento resulta de problemas de longa maturação, como fora o caso soviético. Essa prerrogativa se combina com a demanda pelos mais diferentes produtos, desde os clássicos entorpecentes e armas até insumos raros de consumo muito específico, como o caviar de esturjão. Antes do fracionamento da URSS apenas ela e o Irã controlavam o fluxo das ovas do esturjão pescado no Mar Cáspio; hoje a fiscalização é exercida pelo Turcomenistão, Cazaquistão, Azerbaijão e Federação Russa, a escassez do esturjão no Cáspio fomentou o florescimento de poderosas máfias no comércio do produto, ao pescador são pagos US\$ 3 por peixe, enquanto o quilo do caviar em Dubai, Nova Iorque ou Paris é comercializado a sete mil dólares.<sup>88</sup>

Os EUA consomem um terço do caviar, a Europa ocidental quase 40% e os países do Oriente Médio ficam o restante. Como de praxe, os dados oficiais não coincidem com o fluxo verdadeiro onde atuam as máfias, pelo Tratado Internacional de Espécies Ameaçadas, assinado pelos países do Cáspio, um indivíduo pode sair do país com apenas 250g de ovas, porém no mercado paralelo de rua no Cazaquistão pode se comprar um quilo de caviar por 175 dólares, embarcado no aeroporto do país sem grandes transtornos, desde que se tenha o contato certo na alfândega, no caso, o senhor Nurlan. Há apenas 15 km o caviar salta de US\$ 3 para 175 dólares, numa escalada

---

<sup>88</sup> *MacMáfia* de Misha Glenny e *The End of the Empire: The Triumph of Nations* de Helene Carrere.

exponencial de preços enriquecendo os grupos envolvidos no processo até o destino final.<sup>89</sup>

O caviar é a principal moeda de países como Azerbaijão e Daguestão para alimentarem as guerras internas e com seus vizinhos, o produto sai do Mar Cáspio por várias direções, no porto russo de Novorossysk, a máfia russa envia centenas de pessoas a Sansum, na Turquia, como “mulas” do caviar, transportando a cota individual, de lá ele ganha nacionalidade turca e pode ser exportado sem restrições de peso. A rota por Moscou é a mais significativa, absorvendo 80% de todo o caviar ilegalmente obtido, grande parte destinada à exportação.

O colapso da URSS foi o principal acontecimento isolado responsável pelo crescimento exponencial do crime organizado em todo o mundo desde os anos 90, as guerras civis e o esfacelamento do Estado produziram uma nova classe de capitalistas eficientes na absorção de indústrias, outrora estatais. Moscou se converteu numa dramática cidade de oportunidades, caracterizando um nó dos fluxos mafiosos, envolvendo armas, drogas, “empreendedorismos”, violência e diversão. Com a Lei das Cooperativas de 1988, muitos empresários obscuros começaram a abrir negócios pela Rússia atraindo concorrentes, que fincaram espaço à força, contando com o apoio dos *Gruppirovski*, gangues de complexa formação e responsáveis pela imposição da ordem para o bom desempenho dos negócios dos novos investidores.<sup>90</sup>

A formação do *Gruppirovski* indicava a falência do poder de comando do Estado e a ausência de oportunidades para grupos gestados para a intimidação e para a guerra, os seus membros eram veteranos do Afeganistão, lutadores de rua, especialistas em artes marciais, ex-oficiais da *KGB*. Essas agências privadas da lei cobravam entre 10 e 30% dos rendimentos dos empreendimentos, imprevisivelmente, a falência do Estado

---

<sup>89</sup> Referências em *MacMáfia*.

<sup>90</sup> Ver *La Trampa Balcânica* de Francisco Veiga.



soviético transformou a região num vasto lugar mafioso, levando ao afloramento de conflitos latentes da antiga URSS.<sup>91</sup>

Cada novo empresário russo precisava de um *Krishna* de confiança, termo para designar “telhado”, no caso, uma rede criminosa de proteção, envolvendo os *vory*, agora resignificado, a irmandade Solnsteyo se tornou a mais poderosa rede de proteção em Moscou. A venda de proteção foi a primeira fase das três que compuseram o crime organizado na Rússia, cuja dimensão se tornou transnacional. Klebnikov<sup>92</sup> desenvolveu uma importante pesquisa sobre as novas dimensões do crime organizado russo, mas mexeu com pessoas muito poderosas, pagando por isso um preço elevado, sua vida.

A desregulamentação geral da economia no período áureo de Boris Ieltsin foi a pedra basilar da ascensão das organizações criminosas, a liberalização não foi acompanhada de um controle efetivo sobre os investimentos. Havia um esquema de compra subsidiada na URSS sob o monopólio estatal, instituição responsável pela conexão entre a compra interna de produtos, como petróleo e diamantes, e o mercado internacional, a diferença de preço entre as duas instâncias assegurava a capitalização dos cofres públicos; com as privatizações e o fracionamento territorial alguns grupos mantiveram a compra subsidiada, mas vendiam a preços praticados no mercado internacional, permitindo um enriquecimento meteórico de indivíduos que passaram a encabeçar redes multinacionais, cujo poder num movimento cíclico não tardou a influenciar enormemente os novos líderes republicanos. Aganbeegyan<sup>93</sup> antecipou algumas catástrofes em curso na Era Gorbachev, período no qual a potência das circunstâncias não tardaria a transformar a Rússia em expressivo lugar mafioso.

Os burocratas soviéticos que ainda administravam o Estado não sabiam como monitorar, regular ou emitir decretos sobre os princípios do comércio; as próprias agências encarregadas de impor a lei abandonaram a tarefa de salvaguardar as estruturas comerciais privadas. Os oligarcas e a

---

<sup>91</sup> Ver *Burocracia nos Estados Operários* Edgard German.

<sup>92</sup> *Godfather of the Kremlin. The Decline of Russia in the Age of Gangster Capitalism* de Paul Klebnikov.

<sup>93</sup> Em *The Economic Challenge of Perestroika* de Abel Aganbeegyan.

máfia acertaram entre si o sistema de justiça da nova Rússia, não havia definição eficiente para precisar o que fosse crime organizado, lavagem de dinheiro ou extorsão, engendrando a confusão endêmica entre o legal e o ilegal. Os novos capitalistas se envolveram numa espiral de enriquecimento junto aos burocratas, porque os recursos que acumularam lhes asseguravam a aquisição de novas estruturas do falido Estado a preços irrisórios mediante o carimbo de um político da desregulamentação, um caso emblemático desse processo foi a *Gazprom*.<sup>94</sup>

No processo da desregulamentação neoliberal na Rússia foram organizados os *strelky* (encontros de gângsteres), nos quais o *Krishna* de um empresário contactava o *krisha* de outro empreendedor para acertar os detalhes do investimento na segmentação do mercado, por vezes o *strelky* poderia terminar em confronto armado; na passagem do sistema soviético para o novo capitalismo as redes de proteção desempenharam um papel fundamental. Na transição, o Estado não foi capaz de suprir a demanda básica de insumos à população, deixando um enorme hiato para preenchimento pela economia paralela, em 1990, os dados apontavam para algo em torno de 40 a 50% ocupados por essa atividade.

Os clássicos títulos de *vory*, auferidos no contexto das prisões stalinistas, começaram a ser adquiridos pela nova classe de bandidos, ao contrário das máfias italianas e americanas, as quadrilhas russas não foram determinadas por laços familiares, os códigos *vory* que conferiam honra, lealdade e reconhecimento ficaram em segundo plano, os negócios falavam mais alto em relação à alguma irmandade. As redes *krisha* privilegiavam a eficiência do serviço, caso um membro não cumprisse rigorosamente o combinado, outro indivíduo da organização terminaria o serviço.<sup>95</sup>

A Cosa Nostra americana contava com cinco grandes famílias, na Rússia a pulverização foi total, pois em 1999 havia 11500 empresas de proteção privada, empregando mais de 800 mil pessoas, das quais 200 mil

---

<sup>94</sup> Ver *Gazprom: Russia's State within a State* de David Hoffman.

<sup>95</sup> Ver *L'Organizatsiya. La Mafia Russe à l'assaut du Monde* de Alain Lallemand.

tinham porte de arma licenciado. Ironicamente, as redes de proteção garantiram a paz e a segurança para o capitalismo russo, quase todos os oligarcas e impérios empresariais passaram a empregar ex-agentes da *KGB* como conselheiros de segurança. A *KGB* foi uma verdadeira incubadora de mafiosos para a nova Rússia como sugere Dzhirkvelov.<sup>96</sup>

As *krisha* não tardaram a evoluir para algo maior, a saber, o controle monopolista sobre o fluxo de mercadorias valendo-se do domínio sobre aeroportos e estradas, a Solnsteyo controlava os portos do Mar Negro e as vias que ligavam a Ucrânia com Moscou, permitindo a importação de um número expressivo de carros. Os conflitos entre chechenos e a irmandade Solnsteyo resultaram da disputa pelo controle sobre os portos do sul e sobre as revendedoras de carros.<sup>97</sup>

A Solnsteyo soube expandir mais rapidamente sua estrutura flexível na qual cada brigada era autônoma para ganhar e investir o dinheiro ganho, não havia a necessidade de prestar contas da revenda de automóveis e controle sobre estradas a um líder centralizador, ela evoluiu para o controle de hotéis, de supermercados e de bancos. No mercado financeiro, os mafiosos ganharam dinheiro fácil intermediando transações governamentais, tomavam emprestados recursos estatais a juros baixos e compravam títulos governamentais de curto prazo com alto rendimento.

A terceira fase do processo de desenvolvimento das redes mafiosas russas consistiu em seu estabelecimento no exterior, condição imprescindível para lavagem de dinheiro. A dinâmica internacional das máfias russas traduz a mobilidade na reprodução de lugares mafiosos, estabelecidas na República Theca, começaram a chamar muito a atenção, mudaram-se para a Hungria e de lá para a Polônia, os países do Leste Europeu delegavam muita segurança a figurões russos, dentre eles, merece destaque Semuyon Mogilevich em razão do seu poder econômico, sua multiplicidade de investimentos, seu trânsito no meio político e sua eficiência para apagar

---

<sup>96</sup> Em *Agente Secreto: Minha Vida com a KGB e a Elite Soviética* de Ilya Dzhirkvelov.

<sup>97</sup> Em *MacMáfia* de Misha Glenny.

rastros dos negócios escusos, os contatos com os escalões mais elevados do poder asseguravam a fluidez necessária no caso de alguma coisa dar errada, contudo o interesse mesmo residia na União Européia, porque os empreendedores da nova Rússia poderiam oferecer uma mercadoria irrecusável àquela organização, energia.<sup>98</sup>

No Uzbequistão, ex-república asiática da URSS, a trajetória de ascensão mafiosa se repetiu, o país é detentor de expressivas reservas de gás, de ouro, de zinco e de bauxita. O ditador Islam Karimov, no poder desde 1991, cedeu território aos americanos para a instalação de bases militares, enquanto apoiava a luta de Putin contra os separatistas chechenos. Confortável no poder diante de tais alianças, o líder uzbeque contava com o beneplácito da máfia de seu país, considerada a mais violenta da região e ligada a uma potente rede extraterritorial conectando as máfias da Geórgia e do Azerbaijão, sendo toda a organização operada pela máfia do Cazaquistão.<sup>99</sup> A rede controla 40 mil sociedades comerciais e 5 bancos.<sup>100</sup>

Um nível importante de articulação entre grupos armados e drogas ocorre no comércio, estabelecendo o que se pode designar como direito de trânsito, firmando posições geográficas essenciais em rotas, correlacionando produtores, transformadores e consumidores de drogas e envolvendo a logística de controle dos laboratórios, fase notoriamente mais lucrativa do processo, assim agiam o ELK em Kosovo, e os tigres Tamis no Sri-Lanka. Os grupos albaneses de Kosovo articularam uma complexa rede de abastecimento de heroína ao definirem alianças com os turcos e com os italianos, assegurando a denominada rota pelos Balcãs, tal ascensão na ex-província iugoslava resultou de uma complexa sobreposição do controle das ruas por grupos geograficamente instalados, como os guegues ao norte e tosques ao sul.<sup>101</sup>

A luta pela autonomia de Kosovo voltada contra os sérvios e com financiamentos internacionais consolidou a projeção desses grupos. A dimensão da rede em Kosovo enveredou para autonomia da província em 2008,

---

<sup>98</sup> *MacMáfia*.

<sup>99</sup> Como a máfia do Turcomenistão, a máfia do Cazaquistão está nas mãos dos ex-membros das *KGB*.

<sup>100</sup> Em *Gazprom: Russia's State within a State*.

<sup>101</sup> Da Balcanização à *Balcanização* do autor.

envolvendo os interesses de empresas como a Halliburton de Dick Cheney, processo que entrecruzou a esfera subterrânea com os negócios formais, nesse caso, o fluxo do petróleo como raiz da questão.<sup>102</sup> O discurso libertário engendrado no contexto dos conflitos se tornou corriqueiro como mecanismo de projeção de máfias, o esfacelamento da Iugoslávia é o exemplo mais contundente de uma país pilhado por gangues gestadas nos conflitos separatistas, proporcionando o desenvolvimento de um importante corredor de armas e drogas pela região.<sup>103</sup> Nos Bálcãs, a fragmentação da Iugoslávia<sup>104</sup> alavancou o desenvolvimento da máfia romena, que passou a utilizar a rota regional para o tráfico de drogas contando com o apoio das máfia nigeriana.

O Afeganistão corresponde a uma região onde os elos se entrecruzam com os conflitos na ex-Iugoslávia e com a geopolítica estadunidense no Paquistão. No Afeganistão há uma complexa disputa entre os grupos étnicos Patchu, uzbeques, tadques e hazaras, sobreposta a uma perspectiva geopolítica muito ampla, resultando na ascensão dos fundamentalistas talebans; em meio à barbúdia houve o desenvolvimento de um importante pólo de produção de ópio, droga responsável pelo financiamento dos vários lados dos conflitos endêmicos. (Ver anexo 2)

A erradicação do ópio no Afeganistão afetaria frontalmente o serviço secreto paquistanês, *ISI*, responsável por inúmeras ações acintosamente mafiosas em consonância com a *CIA*. Desde o início dos anos 90, o narcotráfico do Crescente Dourado (Afeganistão) financiava o exército muçulmano da Bósnia e, posteriormente, o ELK em Kosovo. Em 2001, os mujahedins apoiados pela *CIA* lutaram na Macedônia e na Chechênia, os líderes rebeldes Shamil Basayev e Al Khattab<sup>105</sup> foram treinados e doutrinados nos campos do Paquistão e do Afeganistão, a guerra em território da ex-URSS foi planejada em uma reunião de cúpula secreta da organização, realizada em

---

<sup>102</sup> Ver posfácio do livro *Da Balcanização à "Balcanização"* do autor.

<sup>103</sup> *Géopolitique des Drogues*.

<sup>104</sup> Ver capítulo 3

<sup>105</sup> Veterano mujahedim de origem saudita.

1996 em Mogadiço, Somália, contando com a participação de Bin Laden e altos funcionários do *ISI*.<sup>106</sup>

A rede mafiosa se completou mediante a conexão dos líderes chechenos com os cartéis de Moscou, com o crime organizado da Albânia e com o ELK. Segundo o novo serviço secreto russo (*FSB*), os chefes militares chechenos compraram propriedades em Kosovo para servirem de fachada à suas ações. A organização de Basayev esteve envolvida em diversos escândalos, incluindo narcóticos, intervenção ilegal em comunicações, sabotagem de oleodutos na Rússia, sequestro, prostituição, tráfico de dólares falsificados e contrabando de material radioativo.<sup>107</sup>

O pressuposto básico de quaisquer máfias é afirmar que não existem, seus membros alegam calúnia e procuram desqualificar as pesquisas, por vezes colocam-se na condição de vítimas. As práticas totalitárias de dilapidação, negadas veementemente, é o ponto de maior aproximação com o capitalismo. A máfia está muito bem situada no espaço da sociedade moderna, elas acompanham o ritmo de desenvolvimento tecnológico, expandindo-se com os imensos progressos dos computadores, com a reurbanização ou até mesmo em serviços prestados aos excluídos, portanto expandem em espiral a potência para transformar múltiplas regiões em lugares mafiosos.

Bancos, guerras, negócios imobiliários, bebidas, armas e a própria arte não escapam ao controle das máfias. A complexidade do desenvolvimento econômico global trouxe consigo inúmeras fissuras nas quais tais ações se instalam e a partir delas se expandem até configurarem redes, muitas vezes passando a controlar o conjunto onde a fissura foi aberta; vínculos, informações e proteção são três itens fundamentais ao desenvolvimento das redes mafiosas globais.

Rede de redes como concepção do crime organizado na ex-URSS ganha consistência quando observamos a conexão entre as empresas, entre estas e os bancos, estes com o dinheiro sujo nacional e internacional, capital

---

<sup>106</sup> *Guerra e Globalização* de Michel Chossudovsky.

<sup>107</sup> *Guerra e Globalização*.

esse utilizado na compra de empresas estatais no processo de privatização, contudo um setor desperta preocupação peculiar, o nuclear, pois em meio a essa complexidade política tem havido desvio de componentes utilizados na prática de certo tipo de terrorismo ou na fabricação de bombas, configurando uma extensão de problema proporcional ao grau de insanidade do comprador. Os preços oferecidos pelos artefatos nucleares são extremamente sedutores para os mal-pagos funcionários responsáveis pela fiscalização dos depósitos, tal fenômeno insere mais instabilidade em países como a Rússia, rumo ao mundo mafioso internacional com suas sólidas e expansivas redes.<sup>108</sup>

A constituição de novas redes mafiosas pode guardar sua origem em eventos inesperados e capazes de engendrar interstícios às práticas criminais, como fora o caso da Alemanha, que passou por uma enorme confusão com a queda do Muro de Berlim e com o processo de reunificação, a barbúdia levou à difusão do crime organizado a partir dos anos 90; a polícia federal do país detectou a presença de várias máfias internacionais incorporando 91 nacionalidades distintas, com práticas relacionadas à prostituição, ao tráfico de drogas e de armas, este último denotando uma desorganização no controle dos arsenais da antiga RDA.<sup>109</sup>

Do outro lado do Canal da Mancha, a Inglaterra foi apontada como palco para operações de um esquema mundial de lavagem através de vultuosos empréstimos sobre os quais incidiam elevadas taxas diárias de juros. Segundo os órgãos nacionais de investigação do país, a *14K*, o grupo *Wo Shing*, o *Wo On Lok* e a *San Yee Ong* são as Tríades Chinesas mais atuantes no país, mantendo incisiva conexão com Hong Kong. Após a devolução dessa região à China, em julho de 1997, as máfias internas reorganizaram parte de seus capitais para as ZEEs chinesas, sinalizando um padrão internacional das máfias em relação à agilidade para implementar mudanças estratégicas a fim de driblar a repressão. Em alguns casos, o preço pago por representantes de uma real força de repressão é bem alto.<sup>110</sup>

Na Espanha, as Tríades se utilizam do expediente étnico e extorquem as comunidades locais compostas por imigrantes ilegais, dividem o espaço

---

<sup>108</sup> Algumas questões sobre o problema das armas nucleares foram pesquisadas do trabalho de William Arkin – *Massa Crítica* e serão tratadas nos próximos capítulos.

<sup>109</sup> Arbex e Tognolli – *O Século do Crime*.

<sup>110</sup> Ver *The Triads: The Growing Global threat from the Chinese Criminal Societies* de Martin Booth.

com a máfia turca e trabalham em conluio com a máfia nigeriana para trazer heroína da Tailândia. Na França, a comunidade de Grenoble de origem Siciliana é alvo da Cosa Nostra, que formou uma *joint-venture* com as máfias corsas de Marselha, a fim de lavar dinheiro do tráfico de morfina e heroína trazidas pelos produtores turcos. Em síntese, as máfias esboçavam uma incrível capacidade de articulação de redes com as lições apreendidas da organização do capital no processo de consolidação de suas múltiplas territorialidades.

## 2.1 – Abordagens sobre a Territorialidade Mafiosa em Rede

Para Haesbaert, territorialidade diz respeito às relações econômicas e culturais ligadas ao modo de usar a terra, como as pessoas se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar, a multiterritorialidade, conceito desenvolvido pelo autor, está ancorada entre o território-contíguo e o território-rede, o primeiro calcado na lógica estatal e o segundo na perspectiva empresarial, esta última controladora dos fluxos através dos nódulos ou dutos<sup>111</sup>, aqui se pretende apreender a geopolítica mafiosa compreendendo a dinâmica espacial dos grupos organizados e as instituições de cunho mafioso, ora analisando fluxos globais, ora desenvolvendo um estudo regional.

Dentre as modalidades de territorialização desenhadas por Haesbaert estão: 1 – As mais fechadas, identificando fronteira e nação; 2 – Político-funcional, sem pluralidade administrativa, mesmo admitindo diversidade cultural; 3 – As mais flexíveis, baseadas na sobreposição de espaços multifuncionais, como ocorre no centro de várias cidades e 4 – Múltiplas, nas quais os indivíduos constroem seus territórios na conexão flexível da multifuncionalidade espacial.<sup>112</sup> Cabe a análise a respeito dos mecanismos de instalação mafiosa nessas modalidades nas perspectivas simbólica e funcional, inclusive nos dois ápices, a saber, Território-zona e Território-rede.

A articulação mafiosa contemporânea ganha corporeidade na perspectiva de articulação em rede dos territórios, envolvendo por vezes

---

<sup>111</sup> A Territorialidade do narcotráfico mundializado, dentre outros inúmeros exemplos a serem analisados nessa pesquisa.

<sup>112</sup> Em *O Mito da Desterritorialização: Do fim dos Territórios à Multifuncionalidade* – Rogério Haesbaert.



conectividade virtual, permitindo interação à distância e integrando territórios descontínuos e fragmentados, isso dificulta ao extremo a distinção entre o início e o término dessas redes. Cabe destacar também que tais práticas espaciais são imanentes à classe social em razão do princípio de mobilidade e do conhecimento do aparato tecnológico à disposição, enquanto no território-rede-flexível o importante é ter acesso, permitindo “jogar” com as múltiplas modalidades de território. A singularidade dos lugares e dos territórios advém da específica combinação de influências diversas, provenientes das mais diferentes partes do mundo, sintetizando a potência para a configuração de possíveis elos nas articulações de redes mafiosas.

A territorialidade das máfias está inserida no conflito entre a prática da soberania e uma ordem internacional fundada na oscilação das relações de força entre os Estados, traduzindo a convergência aos mecanismos jurídicos mundiais utilizados para regular e restringir o exercício dessa soberania. Em muitos países, a capacidade de regular o fluxo de pessoas, capitais e conhecimentos está bastante relativizada, implicando em limitações no plano nacional da consolidação de legislações supranacionais.

Na comunidade internacional reconhecer a soberania de um Estado significa renunciar à intervenção nos assuntos internos, portanto é uma prerrogativa relacional, pois depende do seu reconhecimento por parte dos demais países. Entende-se a soberania em três níveis, a saber, a econômica, a política e a jurídica; no primeiro caso encerra a autonomia para o estabelecimento dos instrumentos necessários à implementação da atividade produtiva geral; no segundo caso cada país deveria ter a faculdade de definir seu regime político, os mecanismos de alternância de poder e o sistema eleitoral sem quaisquer pressões; no terceiro caso envolve a liberdade para celebrar tratados internacionais que norteiem as relações com os demais Estados.

A questão da legitimidade em voga no campo do direito internacional encerra um enorme paroxismo em relação aos níveis da soberania quando o jurídico, o político e o econômico estão a serviço das redes mafiosas, envolvendo verticalidades na horizontalidade fronteiriça, que passa a ser

redefinida por dentro através de complexas redes de relações.<sup>113</sup> Os fluxos financeiros globais fogem à soberania gestonária dos Estados, e estes são bem conhecidos em sua mafiosidade a partir da origem dos recursos, delegando ao mundo contemporâneo uma capciosa autonomia, a saber, a *Soberania Mafiosa*.

Uma leitura sociológica da Mundialização<sup>114</sup> permite concebê-la como o adensamento de relações implicando em efeitos recíprocos desencadeados por acontecimentos tanto locais quanto distantes.<sup>115</sup> A Globalização incorre numa mudança significativa no alcance espacial da ação e da organização de certos grupos de índole mafiosa, atingindo rapidamente dimensões regionais e transcontinentais, proporcionando mudanças de grande magnitude na ordem social interna de cada país.

A soberania externa tende a uma diminuição em razão da crescente interdependência dos Estados, produzindo certa volatilidade das fronteiras. Gradativamente, redes mais densas de dependências transnacionais e de relações negociadas ganham corporeidade, levando a articulação múltipla de órgãos com capacidade decisória, minimizando a soberania interna, no caso, a cabível ao Estado para legislar sobre questões outrora eminentemente internas, o crime organizado em tempos de globalização contribuiu para a revisão desses expedientes jurídicos tangíveis à soberania, porque anacrônicos para resolver problemas de complexas relações entre países, como os referentes à mafiosidade contemporânea.<sup>116</sup>

A ordem global se consolida em níveis múltiplos de poder onde atuam instituições internacionais e a violência organizada, e o Estado isolado não é capaz de defender seus cidadãos contra indesejáveis transposições espontâneas de fronteiras. Segundo Erhard Denninger, estamos vivenciando a transição de um paradigma baseado na tríade herdada da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) para o lema estruturador (Segurança, Diversidade e Solidariedade), no qual a segurança ocupa inquestionável

---

<sup>113</sup> Ver a questão das Fronteiras Relativas de Will Smith.

<sup>114</sup> Anthony Giddens por exemplo.

<sup>115</sup> O capítulo 3 pretende aprofundar essa discussão.

<sup>116</sup> Jürgen Habermas identifica planos distintos de relativização de fronteiras, centrando a discussão no palco europeu no contexto da União Européia – *O Estado Nacional Europeu*.

centralidade no palco das discussões mundiais. Para Abram Chayes<sup>117</sup>, a soberania atual consiste numa cooperação internacional em prol de finalidades comuns, e a segurança possui o papel polarizador para esse fim.

Diante da pluralidade de teorias a respeito da relativização das fronteiras no contexto das múltiplas territorialidades não se pretende negar o Estado-Nação como parâmetro para diversas análises, porém há evidências de profundos choques entre instâncias quando o tema é soberania. No Brasil, o STF inibe o legislador nacional e o próprio Estado a incorporarem tratados que contenham dispositivos inerentes ao sistema de reconhecimento automático de decisões estrangeiras.<sup>118</sup> As discussões acaloradas na Europa sobre a aprovação da constituição supranacional, envolvendo o veto de alguns países também faz parte desses impasses a respeito da soberania, paralelamente, as máfias se incrustam com habilidades nos quadros gerais dos Estados, assegurando sua própria soberania operativa.

## 2.2 – Redes Terroristas

Alexander Shimdt, especialista em terrorismo contra Estados de Direito, define o fenômeno como a ação de indivíduos ou de organizações clandestinas ou secretas contra vítimas escolhidas circunstanciadamente ou seletivamente, neste segundo caso visando atingir alvos simbólicos, tendo como resultado a produção de um expressivo medo dentre a população. A intenção aqui não é elaborar uma ontologia do *terror*, mas analisá-lo à luz da polissemia mafiosa a partir da potência esboçada nessas práticas, envolvendo os múltiplos agentes que compõem os processos de *mafiação* dos lugares.

O terrorismo é um importante braço das redes mafiosas, porém há necessidade de encontrarmos qual o verdadeiro espaço dessas práticas nas organizações criminosas, a fim de romper com estereótipos consolidados<sup>119</sup>. O termo foi historicamente utilizado durante a Revolução Francesa, significando sistema ou governo baseado no terror<sup>120</sup>, portanto a origem da expressão

---

<sup>117</sup> Em *New Sovereignty*.

<sup>118</sup> O Brasil será tratado no capítulo 6.

<sup>119</sup> A grande mídia atribui a organizações como o PCC ou CV o sentido de terrorista sem um debate mais lúcido sobre o fenômeno e sobre os grupos.

<sup>120</sup> *Historie du Terrorisme* de Dominique Venner.

denota um Terrorismo de Estado, o conceito evoluiu em simbiose com as doravantes práticas, inclusive de personagens individuais de índole libertária, cuja intenção fora insuflar os oprimidos numa dada situação.

As organizações criminosas clássicas fazem uso do terrorismo, porém o Estado é o principal arauto dessas ações.<sup>121</sup> Como a dimensão mafiosa, a terrorista é obscurecida em relação aos principais artífices, tendo à frente a aliada imprensa de massa, que prefere estereotipar alguns grupos a fazer uma abordagem contundente do processo, entendendo-se não somente os difundidos como oficialmente criminosos, mas os personagens da rede e suas contribuições para a sustentação dos alicerces da economia contemporânea, por vezes viabilizando obscuros rótulos.<sup>122</sup>

Segundo Jacob Gorender, o terrorismo pode ser compreendido contemporaneamente como um ato violento que atinge não-combatentes, tendo por finalidade intimidar o adversário; tal definição parece apropriada ao entendimento do complexo jogo geopolítico, envolvendo Estados imperialistas e seus instrumentos ideológicos. Sobre essa prática, Michel Chossudovsky<sup>123</sup> coloca em destaque a criação do aparato de inteligência americano, envolvendo a *CIA* em organizações como a *Al Qaeda*, na qual o recrutamento dos mujahedins para as madrassas no Paquistão em sintonia com o *Inter-Service Intelligence (ISI)* objetivou formar os talebans, uma arquitetura estadunidense construída contra os soviéticos, produzindo uma rede espetacularmente difusa em nível de territorialidade e de alianças.

A intenção da agência americana consistia em converter a Jihad afegã em ponta de lança numa guerra global de todos os Estados muçulmanos contra a União Soviética, cerca de 35 mil guerrilheiros de quarenta países islâmicos se uniram aos combates no Afeganistão entre 1982 e 1992, milhares deles estudaram nas madrassas do Paquistão, cem mil muçulmanos chegaram a ser diretamente influenciados pela Jihad afegã. O presidente Jimmy Carter assinou a primeira ordem para o envio de ajuda secreta aos opositores do regime pró-soviético em Cabul no dia 03 de julho de 1979.

---

<sup>121</sup> Ver *Os Serviços de Informação* de Rafael Fraguas.

<sup>122</sup> Numa abordagem Foucautiana, pode-se retirar uma leitura compatível com a esfera geopolítica envolta no processo: “Táticas e estratégias que se desdobram através das implantações, das distribuições, dos recortes, dos controles de territórios e das organizações de domínios” em *Microfísica do Poder*.

<sup>123</sup> *Em Guerra e Globalização*.

O assessor de segurança de Carter, Zbigniew Brzezinski, em entrevista ao *Nouvel Observateur* em 21 de janeiro de 1998 declarou: “A operação secreta foi uma ótima ideia, pois atraiu os russos para a armadilha afegã”. Quando questionado sobre a expansão do fundamentalismo, respondeu: “O que é mais importante para a história do mundo, os Talebans ou o colapso do Império Soviético? O levantamento de alguns muçulmanos ou a libertação da Europa Central e o fim da Guerra Fria?”. Fatos históricos dessa magnitude são capazes de conectar a visão polissêmica que o termo máfia pode auferir com a concepção de rede configurada pela fusão entre geopolítica, terrorismo e crime organizado.

O terrorismo e as máfias fazem parte de um mesmo processo em inúmeras situações, particularmente onde o teor geopolítico apresenta um peso fundamental envolvendo organizações atuantes no subterrâneo, constituindo, assim, uma complexa rede. O Afeganistão e a *Al Qaeda* talvez representem o melhor esboço desse processo, sem Guerra Fria a indústria bélica poderia parar de produzir, porque esse setor é fundamental em nível de geração de riqueza, por isso a concepção de terrorismo criada pelos EUA desempenha o papel de novo inimigo, delegando às maiores empresas estadunidenses do ramo a essencial função de “projetarem a defesa”, destinando a elas vultosos recursos e pessoal qualificado.<sup>124</sup>

Durante a Guerra Fria, a construção de álibis impulsionou tétricas ligações entre o Departamento de Estado estadunidense, o narcotráfico e paraísos fiscais, tudo em nome de uma causa nobre, “a salvação do mundo frente ao demônio comunista”. Como um braço da rede obscura que compõe a máfia, encontramos o Estado, o terrorismo oficial estadunidense é uma prática bem difundida, sempre renovando suas justificativas, como ficou bem configurado no período pós-Guerra Fria, momento no qual o foco já não era mais o combate aos “vermelhos”, mas a luta contra o narcoterrorismo, daí a realização de conferências encabeçadas por Washington<sup>125</sup>, reafirmando o tom imperialista e ameaçador sobre os países da América Latina, valendo-se de concepções doutrinárias conservadoras imanentes à sociedade estadunidense,

---

<sup>124</sup> São elas: Lockheed Martin, Northrop Crummaan, General Dynamics, Boeing e Raytheon - *Guerra e Globalização*.

<sup>125</sup> 1990 em Cartagena – Colômbia e 1992 em San Antonio – Texas.

como analisa Tariq Ali.<sup>126</sup> O controle das mentes dos americanos compõe a rede imperialista internacional dos EUA, acintosamente mafiosa e terrorista.

Na lógica do sistema vigente, a eliminação de um dado terrorista, eleito como ícone do mal, não significa acabar com o terrorismo, raciocínio diretamente proporcional à prisão de um mafioso em relação às práticas mafiosas. Dependendo do contexto histórico em análise, o terrorismo é visto como um ato criminoso por alguns e de legítima defesa por outros, a situação pode se inverter, quando os bandidos terroristas se tornam heróis ou até chefes de Governo<sup>127</sup>, isso é importante como precedente a fim de julgar os verdadeiros terroristas no mundo contemporâneo, porque remete ao questionamento da escolha de alguns representantes como bandidos sanguinários e de outros como heróis, tratando-se, em essência, de estereótipos ideologicamente produzidos com específica função geopolítica.

Ao se tratar de uma rede, os elos geográficos da ação *mafioterrorista* irradiam uma complexa magnitude, a desestabilização na Chechênia tinha como pano de fundo a ação do braço americano, a *Al Qaeda*, a região envolve uma importante estratégia associada a oleodutos, logisticamente importantes para a Rússia. A *Al Qaeda* também contribuiu com os americanos na Bósnia desde 1993, e em Kosovo em 1999; na ex-província sérvia, as ações foram financiadas pela *US Military Aid* através da OTAN, os mujahedins da *Al Qaeda* marcaram presença no Exército de Libertação da Macedônia em agosto de 2001.<sup>128</sup>

Esses eventos evidenciam as inúmeras possibilidades de leitura para práticas terroristas, contudo algumas são muito sutis, como atos de conspiração contra a humanidade, vetando, por exemplo, importantes acordos internacionais. Valendo-se da condição de hiperpotência, os EUA se recusaram a assinar o Protocolo de Quioto, a Convenção Contra Minas Terrestres e o Tratado de Proibição de Armas Químicas, inclusive conspirando contra o embaixador brasileiro na ONU, Bustani, até conseguirem depô-lo, pois este

---

<sup>126</sup> “O americano é supersaturado de religião, cujas paixões são exacerbadas, fato explícito na conduta dos fundamentalistas do país em relação aos atentados de 11-09-2001, quando afirmaram ser um castigo divino contra uma sociedade que tolerava o homossexualismo e o aborto” em *Confronto de Fundamentalismos* de Tariq Ali.

<sup>127</sup> Como dois explícitos exemplos estão o CNA de Mandela na República Sul-Africana e o Irgun de Menahem Begin em Israel, ambos combatiam os opressores em seus respectivos países, mas foram perseguidos como terroristas.

<sup>128</sup> *Guerra e Globalização*.

desejava maior controle sobre a produção de armas químicas naquele país. O governo estadunidense também não acata a Corte Penal Internacional.

Um capítulo a mais nas incoerências contemporâneas envolve o papel desempenhado pela ONU, gestada como sociedade de Estados e financiada por eles, carregando consigo uma crise imanente de legitimidade e autonomia, inviabilizando-a no trato do terrorismo de Estado. Existem empresas beneficiadas com o terrorismo, associadas a uma complexa rede de relações envolvendo o crime, o negócio globalizado, as transnacionais e os paraísos fiscais, estes últimos, em sua esmagadora maioria, especialmente instalados ao redor das grandes potências. Os Estados mais poderosos não manifestam interesse em pautar tais questões junto ao Conselho de Segurança do órgão, a estratégia consiste em encontrar bodes expiatórios, produzindo uma incrível e conveniente sensação de insegurança, escolhendo, a priori, os malfeitores, incompatíveis com a real dimensão do terrorismo praticado em escala global.<sup>129</sup>

Um subproduto do terrorismo estadunidense são as práticas do Estado de Israel. Gershon Knispel é um crítico contemporâneo das ações *mafioterroristas* dos líderes sionistas, apontando a fusão de três movimentos clandestinos como base da direita extremista do país, o Haganá, o Etsel e o Lechi,. O Lechi possui o histórico dos massacres de crianças, mulheres e idosos ao norte de Jerusalém e nos vilarejos árabes de Beith Chanina e de Dir Jasin; aliado às outras duas organizações, eles implementaram o genocídio em kibia e em Quisalin, Jordânia, na aldeia árabe-israelense de Kafer-Kasem e em Sabra e Chatilla, Líbano. A participação desses grupos é notória nos atentados praticados sobre os palestinos na atualidade, com destaque para os ocorridos em Jenin. Tais práticas guardam intrinsecamente o discurso humanitário, mafiosamente construído contra os desumanizados “terroristas”, viabilizando, ironicamente, o mais genuíno terrorismo, através de líderes projetados como heróis ou eminentes protetores dos interesses nacionais.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup> Muitos instrumentos do Terror cotidiano como as armas químicas e as biológicas nasceram nos quartéis e nos laboratórios militares, a lista é grande, com destaque para o Tabun, Sarin, Sonan, VX, Antraz, Gás Mostarda. *Caros Amigos*, ed. de Setembro de 2003.

<sup>130</sup> Conforme explicita Knispel: “Um líder emblemático dessas ações é o finado Ariel Sharon, ativo desde 1953 na unidade 101, responsável pelos massacres em kibia e Quisalin. Sharon se tornou famoso por liderar os procedimentos em Sabra e Chatilla” - *Caros Amigos*, ed. de Setembro de 2003.

### 2.3 – Serviços Secretos e a Articulação de Redes Mafiosas

A produção de redes mafiosas de índole geopolítica pode ser contextualizada em diferentes ordens mundiais, a identificação dos elos permite a confecção de diferentes organogramas conectando Estados e seus artífices. Na América Latina, o padre Patrick Peyton (atual candidato à canonização no Vaticano) recebeu financiamento da *CIA* para engendrar a Cruzada do Rosário na região, Peyton deu à agência o poder de escolha sobre quando e onde a cruzada começaria, eminentemente direcionada contra o suposto comunismo. Em 1962, o padre já havia plantado a semente na Venezuela, no Chile e na Colômbia.

No Brasil, Peyton organizou a Marcha de Desagravo ao Santo Rosário em várias cidades, conhecida em São Paulo como Marcha da Família com Deus pela Liberdade, configurando-se como um elemento de apoio ao golpe militar de 1964. Recentemente foram divulgadas 11.000 páginas sobre as ações terroristas da *CIA* em várias partes do mundo, caracterizando uma das faces do imperialismo estadunidense no período de 1950 a 1970, no relatório constam também as alianças com a máfia visando as tentativas de assassinato contra Fidel castro, tal ação foi coordenada pelo então chefe da agência Allen Dulles.<sup>131</sup> A posição dos EUA continua avessa aos movimentos sociais da região, intolerantes à emancipação regional, abrindo, assim, precedentes para novas atuações do serviço secreto, proporcionando uma potência para articulação de novas redes mafiosas, a exemplo do atual processo na Colômbia.

Algumas redes engendradas por Estados para conspirarem contra alguns países adquirem uma imprevisível vida própria, como ocorreu na correlação entre drogas e terrorismo na contemporaneidade. Um caso emblemático foi a organização criada por Frank Castro entre os anos 60 e 70 do século XX, Castro tinha participado das operações na Baía dos Porcos e firmou aliança com Ricardo Morales, veterano da *CIA*, especialista em explosivos e membro da máfia cubano-americana da droga. Criado por eles, o

---

<sup>131</sup> Revista Fórum, ed. 52, julho de 2007, p. 39.



Comando das Organizações Revolucionárias Unidas (CORU) foi responsável pela explosão de um avião cubano e por inúmeros atentados pela América Latina.

O CORU foi uma organização mafiosa bastante complexa, envolvendo um importante conglomerado financeiro, a *WFC - World Financie Corporation*, responsável pela reciclagem de dinheiro na Flórida. Essa estrutura guardou uma similaridade com a *Al Qaeda*, com o Afeganistão e com o Vietnã, envolvendo o ópio, cujo tráfico financiou 30 mil combatentes tendo por trás a Agência Americana de Inteligência. O molde dessa estrutura também foi utilizado na Nicarágua, no caso com a cocaína, responsável pelo financiamento dos contras, neste último episódio a estratégia consistia em estimular a ação dos traficantes nos guetos.<sup>132</sup>

Segundo Perkins: “A CIA pratica ações terroristas sabotando governos contrários aos interesses das grandes corporações estadunidenses, tráfico de armas, financiamento de greves, conluio com o narcotráfico e com ditaduras fazem parte da rotina de trabalho dessa instituição”.<sup>133</sup> Essa abordagem de Perkins é correlata à clássica estratégia de guerra, como a descrita por Sun Tsu em *A Arte da Guerra*: “Copilar dados sobre o inimigo, infiltrar-se em suas fileiras, recorrer a todos os disfarces, à mentira e ao engano, subornar e corromper, divulgar rumores e informações falsas em sua retaguarda”. Há muita propriedade da análise de Sun Tsu em relação ao desempenho mafioso de organismos como os denominados de Serviço Secreto, articulados em complexas redes, e construindo territórios na conexão flexível da multifuncionalidade espacial, a fim de atingirem seus preceitos geopolíticos.

Ironicamente, às portas da entrada principal do edifício da CIA em Langley, Virgínia, há a seguinte inscrição num monolito: “Conhecerás a verdade e a verdade vos libertará”, um trecho do evangelho, segundo São João; a leitura atenta das práticas mafiosas da Agência pelo mundo afora denota seu caráter fundamentalista e espetacular. O esfacelamento da URSS e o final da Guerra Fria exigiram dos EUA a atribuição de novas funções aos seus órgãos de

---

<sup>132</sup> Ver *Cocaine Politics. Drugs, Armies and CIA in Central América* de Peter Dale Scott e *Les Territoires de l’opium. Conflits et Trafics du Triangle d’or et du Croissant d’or* de Pierre Arnaud.

<sup>133</sup> Jonh Perkins em *Confissões de um sabotador Econômico*.

espionagem, nesse contexto, doutrinas elaboradas inicialmente para a América Latina evidenciaram, em parte, uma potência de projeção planetária, a saber, o combate ao narcoterrorismo, à devastação ambiental e à imigração ilegal.

O caráter mafioso da *CIA* é histórico, em 1968 a revista francesa *Planeta* publicara a seguinte análise: “A *CIA* é muito mais que um serviço de espionagem, trata-se de um verdadeiro governo clandestino dos EUA no estrangeiro com suas seções de sabotagem e de organização de complôs, camuflando suas forças armadas”, essa capacidade é exponenciada na atualidade em razão do aparato tecnológico e dos vultosos recursos financeiros para lidar com novos preceitos.

A *CIA* inculca o caos da proliferação das armas de destruição em massa, espetaculariza o tráfico internacional de drogas e dramatiza os problemas ambientais, difundindo a ideologia do medo<sup>134</sup>, assegurando, assim, o aval para suas ações obscuras, assentando a hegemonia geopolítica dos EUA no mundo contemporâneo. Na redefinição de papéis, os serviços secretos *MI-5* britânico, o *SDEGE* francês e o *Mossad* israelense seguem a linha da *CIA*, difundindo regionalmente os princípios globais dessa Agência, articulando redes de redes.

Na edição 210 da revista *Cadernos do Terceiro Mundo* é citada a existência de outro serviço de informação estadunidense com orçamento quatro vezes maior que o da *CIA*, trata-se da *National Security Agency* ou *NSA* responsável pelo Echelon, sistema capaz de recolher informações de todos os países do mundo, corroborando na aquisição de dados estratégicos de empresas concorrentes das americanas.<sup>135</sup> O Echelon evoluiu do Pacto Ukusa, da época da Guerra Fria, quando Canadá, Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia firmaram um acordo secreto a fim de colherem informações eletrônicas sobre a URSS.

---

<sup>134</sup> Eis a opinião dos chefões da *CIA*, dentre eles James Woolsey: “A diversidade e a complexidade de graves ameaças a nossos interesses e à nossa segurança nacional aumentaram, sendo mais difíceis de enfrentar em relação aos colocados pela extinta URSS”, publicado pela revista *Cadernos do Terceiro Mundo*, edição 164.

<sup>135</sup> A AT&T em concorrência com empresas japonesas, utilizou-se do Echelon, assegurando o contrato na Malásia para a instalação de uma nova rede de comunicações. Algumas revistas européias, como a *IL Mondo* italiana dedicou algumas edições à análise geopolítica do Echelon, a exemplo do artigo: “Como os EUA e o Reino Unido nos controlam, licença para espionar.”

Cada país do Pacto Ukusa estava encarregado de cobrir uma zona determinada do planeta, por exemplo, a base controladora do tráfego europeu ficava na Grã-Bretanha, as comunicações da totalidade do continente americano eram vigiadas a partir de Segar Grove (250 km de Washington). As regiões do Pacífico e do Índico dependiam de três bases terrestres, uma no Polígono do exército norteamericano em Yakima (200 km de Seattle), a segunda em Waihopai (Nova Zelândia) e a terceira em Geraldton (Austrália). No Echelon, as informações transmitidas pelos satélites são decifradas por computadores denominados *Dicionário*, que absorvem, examinam e filtram as mensagens numéricas e analógicas, retirando do conteúdo as palavras-chave programadas, enviando os resultados para a sede da *National Security Agency*. Semanalmente, as palavras-chave são alteradas, conforme os interesses geopolíticos dos EUA.<sup>136</sup>

A conspiração traduz as inúmeras possibilidades mafiosas em nível de busca da hegemonia, agentes da *CIA* com apoio de oficiais, da mídia conservadora e de um amplo setor da classe média fomentaram greves e ataques ao governo de Salvador Allende, consolidando as condições para o golpe militar no Chile, o principal Gal legalista do país, René Schneider, foi sequestrado e assassinado por outro militar, que recebera da *CIA* um cheque de US\$ 35 mil dólares. A Agência Estadunidense admitiu o feito com um sarcasmo peculiar: “Ordenamos apenas o sequestro, não o assassinato”.<sup>137</sup>

Esse aparato polissêmico de ação mafiosa possibilita uma leitura contextualizada de Arendt: “A técnica operacional transformou toda a sociedade num sistema de espionagem onipresente, no qual cada pessoa poderia ser um agente da polícia e onde todos se sentem sob constante vigilância, a repressão sem face, presente em todo lugar, mas ausente como uma estrutura facilmente identificável, caracteriza uma sociedade mediada pelo medo, sentimento habilmente reelaborado pelo governo, visando justificar suas práticas totalitárias”.<sup>138</sup> Assim, constrói-se a multiterritorialidade mafiosa,

---

<sup>136</sup> As informações obtidas são de 1999, logo a rede tecnomafiosa de espionagem deve estar mais sofisticada, considerando a evolução da tecnologia no mundo contemporâneo. *Caros Amigos*, ed. de Setembro de 2003

<sup>137</sup> Dados obtidos na *Caros Amigos*, ed. de Setembro de 2003.

<sup>138</sup> Em *Origens do Totalitarismo* de Hanna Arendt.

invisível aos olhos do grande público, porque consubstanciada como aparato de segurança.

Segundo Ilya Dzhirkvelov<sup>139</sup>: “Em tempos de guerra, o exército desempenha o principal papel para se alcançar a vitória, mas em tempos de paz só os serviços de informação podem obter resultados”. Como a *CIA*, a *KGB* foi redefinida, no caso, envolvendo nomenclatura, ela foi alterada inúmeras vezes ao longo da trajetória soviética (*GPU*, *OGPU*, *NKVD* e *MGB*) até ser denominada *KGB* em 1954; findada a URSS, Vladimir Putin rebatizou a instituição como *FSB*.<sup>140</sup> No geral, os órgãos de serviço secreto se configuram como necessidades cruciais aos Estados, autonomizando-se deles em determinadas circunstâncias, e firmando alianças políticas com o crime organizado em outras. Essas organizações não deixam nada a desejar em relação às grandes casas mafiosas planetárias, contudo são instituições oficiais assentadas nos órgãos governamentais, o que permite reler o conceito de territorialidades de Haesbaert à luz dos princípios mafiosos.

Há certa relutância em definir serviços secretos como redes mafiosas, porém não deve haver dois pesos e duas medidas na análise do tema *Máfia*, pois se pode incorrer no risco de viabilizarmos estereótipos, ao reproduzirmos o discurso corrente da mídia gorda, que está em consonância com os Estados de práticas escusas e responsáveis pela eleição dos mafiosos de cada momento histórico.<sup>141</sup>

## 2.4 – A Articulação Histórica de Redes Mafiosas

Tendo em vista a conspiração, a sabotagem e o extermínio como práticas para aquisição de ativos ilícitos, a máfia ganha conotações atemporais. Um documento oficial do Ministério de Defesa da Bélgica, país acusado do extermínio de 6 milhões de pessoas no Congo, aponta os EUA como o maior responsável histórico de genocídios, em razão do assassinato de 15 milhões de

---

<sup>139</sup> Em *Agente Secreto: Minha Vida com a KGB e a Elite Soviética*.

<sup>140</sup> A evolução da KGB será tratada nos próximos capítulos, no contexto da socioespacialidade russa.

<sup>141</sup> Sobre o caráter difuso dos serviços secretos ver o trabalho de Rafael Fraguas – *Os Serviços de Informação*.

nativos no processo de colonização, os dados atuais ratificam a conduta histórica desse país em consonância com os ingleses, pois em 1763, o exército britânico doou aos nativos da América do Norte cobertores infectados com vírus da varíola, material recolhido nos hospitais da Pensilvânia. Isso permitiu a conquista do vale do rio Ohio, mediante a dizimação das nações Mingo, Delaware e Shawnee.

A compreensão das redes mafiosas implica também na busca de fatos históricos responsáveis pela construção de diversas economias paralelas, a exemplo das drogas que alimentam os cartéis, dois milhões de camponeses foram expulsos de suas propriedades na Colômbia e centenas de indígenas perderam suas terras, coincidentemente em áreas de interesse de empresas estrangeiras, notoriamente estadunidenses. A questão das drogas na Colômbia tem na base um problema social histórico, configurado pela guerra civil entre 1948 e 53, período conhecido como *La Violencia*, no qual foram articuladas organizações como as FARC, e nos anos 60 a FNL de cunho castrista-guevarista. Nos anos 80, as FARC angariaram adeptos diante das disparidades sociais, recaindo significativamente sobre os camponeses.<sup>142</sup>

Paralelamente à articulação das FARC foram criadas as forças paramilitares de extrema direita, a Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC). Os EUA culpabilizam as FARC pelo narcotráfico, contudo grande parte da cocaína colocada no mercado europeu deriva do departamento de Urabá, sob o domínio da AUC<sup>143</sup>, enquanto 80% da heroína comercializadas nos EUA advém da Sicília. O direito de trânsito das drogas, a proteção aos camponeses produtores da coca na perspectiva do mercado<sup>144</sup> e o uso geoestratégico da AUC pelos EUA encerram a complexa rede do território colombiano enquanto lugar mafioso. Existe um paralelo entre a situação campesina colombiana e a guerrilha que se desenvolve na Índia, no Senegal e nas Filipinas.<sup>145</sup> (Ver anexos 3 e 4)

---

<sup>142</sup> Ver *Proceso Ideológico de la Emancipación en Colombia* de Javier Ocampo.

<sup>143</sup> As FARC já exercem controle sobre 40% das áreas rurais colombianas, enquanto a *Autodefesas Unidas da Colômbia* (AUC) mantém vínculos com os latifundiários do país - *El Orden de la Guerra. FARC-EP: Entre la organización y la Política* de Ferrero Medina.

<sup>144</sup> Entre 1971 e 1978, a área de plantio de coca subiu de 4.000 ha para 10.000 há. Em *Géopolitique des Drogues*.

<sup>145</sup> *Narcotráfico, Guerra e Política anti-drogas* de Ricardo Vargas Meza.

A prosperidade histórica de Medellín residiu na atividade mineradora, plantio de tabaco, de banana, de café e extração de petróleo, contudo a recessão dos anos 60 levou os agricultores a produzirem maconha e coca. Nesse contexto, personagens como Pablo Escobar, Fabio Ochoa, Carlos Lehder e Rodriguez Gacha organizaram o contrabando em moldes de firmas estruturadas, denotando-lhes um espírito de grande empresa, proporcionando a ascensão das elites da cidade e da região, consolidando, assim, uma verdadeira cooperativa de gangues, empregando milhares de pessoas. Esse foi o contexto no qual Pablo Escobar ganhou notoriedade em razão de sua capacidade de recrutamento de novos adeptos aos negócios e pela extrema habilidade para se associar às elites políticas e financeiras da Colômbia, evidenciando grande destreza para articular uma poderosa rede. O desenvolvimento de Cali fora relativamente similar a Medellín, tendo à frente Miguel e Gilberto Rodriguez Orejuela.

Os cartéis de Medellín e Cali foram pioneiros na fusão de suas operações ilícitas com setores formais e legais. O pioneirismo remonta à incorporação dos formandos em química de Bogotá na década de 60, quando a intenção governamental fora criar um Instituto de Pesquisa Química Avançada, esse pessoal altamente gabaritado foi cooptado pelos cartéis num momento de enorme precariedade da economia formal. Os irmãos Rodriguez-Orejuela estiveram à frente do bem-sucedido cartel de Cali, sabendo tirar proveito da logística da região enquanto pivô, pois a leste e a sul estavam as plantações de coca e de papoula, enquanto a oeste estava o porto de *Buenaventura*. Relativizando leituras de tom determinista, a geografia colombiana dificultou a consolidação do poder estatal em províncias do interior, os centros econômicos não mantiveram elos com Bogotá, prevalecendo um controle estatal mínimo, esse hiato criou condições para a projeção de poderes locais.<sup>146</sup> (Ver anexo 5)

A força do capital auferido pelos traficantes colombianos esboçou uma potência planetária de expansão, envolvendo diversos países na construção de complexas redes. No Brasil, Fernandinho beira-mar foi um importante fornecedor de 10 mil kalachnikovs às organizações colombianas em 2001, armas compradas na Jordânia, negociação intermediada por Valdomiro

---

<sup>146</sup> *MacMáfia* de Misha Glenny.

Montesinos, homem forte do ex-presidente peruano Fujimori, no trâmite, beiramar trazia a cocaína para cá. Os traficantes colombianos também firmaram alianças estratégicas com seus homólogos mexicanos na fronteira com os EUA, visando aprimorar a eficiência na distribuição das drogas. Nos Bálcãs, os albaneses, por intermédio dos colombianos, começaram a cultivar coca e a transformam em produto refinado, o poder de indivíduos ligados ao tráfico e a rede que cerca a região permitiu a rápida ascensão política de traficantes em Kosovo.<sup>147</sup>

A denominação de rede para a ação mafiosa varia de região para região, contudo algumas delas constituem um fenômeno de longa maturação em algumas áreas, como nos EUA, criminosos como Louis Lepke Buchalter nos anos 30 do século XX foi expressivo na importação e distribuição de heroína, de cocaína e de ópio pelo país; utilizava mulheres como “mulas” para trazer narcóticos da Europa, o sindicato de Lepke operava no México, na China, na França, no Japão, na Itália e na Dinamarca, além de controlar portos em Nova Iorque, em São Francisco e em Seattle; grande parte do capital auferido em seus negócios era aplicado nos EUA, fomentando o crescimento econômico do interno.<sup>148</sup>

O poder econômico é a principal causa da projeção mafiosa planetária, acompanhando o desempenho das potências internacionais e em razão direta de conjunturas políticas, os EUA são exemplares nesse sentido. Robert Friedman constatou a conexão entre o crime organizado russo com grupos clássicos do Japão, da Itália, da Colômbia e da China no controle de inúmeras atividades em várias cidades estadunidenses, Denver por exemplo, configurando uma rede responsável pela prática da extorsão, do tráfico de drogas, de material nuclear, assassinatos e lavagem de dinheiro em casas noturnas; a novidade residiu na identificação de grupos mafiosos russos clânicos de origem judia.<sup>149</sup>

---

<sup>147</sup> Ver Posfácio “Da Balcanização à *Balcanização*” do autor.

<sup>148</sup> Robert Rockaway em *But He Was Good To His Mother*. A obra é elucidativa para desmistificar a ideia de crime organizado como sinônimo de Al Capone nos EUA, como fez crer Hollywood, a questão mafiosa é estrutural do sistema capitalista, em vários momentos podemos enxergar a estratégia dos grupos mafiosos nas alianças ou disputas territoriais, por exemplo, entre os judeus e italianos ou entre os turcos e os lituanos em território americano. Ver também *The Crooked Ladder: Gangsters, Ethnicity and the American Dream* de James O’Kane.

<sup>149</sup> Ver *Loyalty and Betrayal: The Story of the American Mob* de Sidney Zion.

A pesquisa de Friedman foi confirmada por Rockaway: "Há muito mais gângsteres judeus do que eu tinha conhecimento até então", sua interpretação o levou a comparar as organizações judias aos grupos mafiosos italianos dos anos 20 e 30 em nível de articulação e procedimento.<sup>150</sup> Trata-se de um tabu, incorrendo em críticas ao autor, acusado inclusive de fomentar um antissemitismo, demonstrando a habilidade das organizações criminosas em usar a própria trajetória de uma etnia em particular para escapar às investigações, por mais que tal procedimento fira toda uma memória de genocídio, a história manipulada incorre em mais um instrumento de ação de tais organizações, valendo-se de ideais libertários ou vitimistas<sup>151</sup>, não-raro, os grandes mafiosos são os principais investidores do sistema financeiro global.

## 2.5 – As Redes Financeiras

A cumplicidade dos banqueiros suíços com ditaduras envolve uma extrema conveniência na lógica do capital, envolvendo somas de grande expressividade. O emaranhado do mercado financeiro, conectando bancos de um país com sociedades *offshore* em Anstalten ou em Liechtenstein inviabiliza a captura dos recursos desviados, o Departamento dos Bens de Origem Duvidosa da República Democrática do Congo buscava resgatar mais de US\$ 11 bilhões desviados pelo ditador Sesse Mobutu, que governou o país de 1965 a 1997, a agência localizou apenas US\$ 6 milhões, os restantes se tornaram impossíveis de serem rastreados na complexa malha financeira.

Segundo o analista Jean Ziegler<sup>152</sup>, um terço da dívida externa argentina está em contas numeradas na Suíça; documentos sobre movimentações de inúmeros corruptos de todo o mundo permanecem blindados, caso houvesse o fornecimento de material para análise dos desvios de um desses personagens abriria precedente para a requisição à auditoria em várias partes do mundo, afetando diretamente o sistema suíço, que está conectado em rede com o mercado financeiro global, colocando em xeque toda a estrutura de

---

<sup>150</sup> Artigo intitulado *Mobsters for Zion*, publicado pelo *Jerusalem Post*, versa sobre tais grupos no atual Estado de Israel.

<sup>151</sup> Essa questão foi constatada em inúmeros momentos nas guerras contemporâneas da Iugoslávia em *Da Balcanização da "Balcanização"* do autor.

<sup>152</sup> *A Suíça Lava mais Branco*.



sustentação do modelo atual, por isso impera a inércia, as ações se limitam a meras cartas de boas intenções, sem nenhum valor prático efetivo para inverter a ordem do funcionamento dos fluxos.

Durante a vigência do *Apartheid*, Zurique se transformou no maior mercado de ouro do mundo, o problema da miséria global é uma questão de segurança para os capitalistas, mergulhados em seu mundo de consumo e alheios às reais consequências dessa máquina mafiosa global, da qual são personagens ativos agindo em lugares mafiosos estratégicos e privilegiados, a saber, as praças financeiras globais, longe de quaisquer inconvenientes que a visibilidade de suas ações poderia produzir, permitindo o ensaio de um conceito: *Os mafiosos invisíveis da rede mundial*.

Os grandes grupos criminosos internacionais estão bem inseridos na dinâmica produtiva contemporânea, balizada pela globalização neoliberal, paradoxal por excelência, porque exige um fluxo livre de capitais através de sistemas informatizados, caracterizados pela impessoalidade dos investidores considerados sem face, dentre eles, figuram as mais diferentes casas mafiosas bem articuladas na rede e em rede. O poder advindo da força do capital permite aos grupos criminosos interferirem acintosamente nos rumos da política financeira de um país, formando, inclusive, narcocracias ao comprarem membros corruptíveis de um governo, e produzindo suas verdades sobre os fatos, mediante o controle de jornais, emissoras de rádio e de televisão. A descriminalização de várias drogas e o maior controle sobre os fluxos financeiros cortariam importantes fontes de renda da rede econômica globalizada, travar batalhas contra tal estrutura é quase uma luta em relação a “entidades”, encerrando um poderoso paroxismo contemporâneo.

Há enormes dificuldades em viabilizar investigações em bancos, porque esses são protegidos por portarias estabelecidas pelo Banco Central, impondo limitações, como é o caso brasileiro. O discurso é o da proteção ao cliente e direito à propriedade privada, tal dimensão em defesa da esfera privada seria válida se a ética permeasse a atuação dos políticos no desempenho de suas funções e a economia girasse apenas em cima da exploração regular e oficial, trata-se da verdadeira utopia entender o mundo contemporâneo por esse prisma, portanto a inocência não é a diretriz mediadora de algumas dessas

instituições, cujas ações bloqueiam as investigações, restando-nos, portanto, a hipótese da convivência.

Os paraísos fiscais não atendem apenas aos interesses dos criminosos, vinculados ao tráfico de múltiplo espectro, aos megaempresários do setor financeiro e aos políticos corruptos, mas também às diretrizes de magnitude geopolítica global, com exemplos típicos do período áureo da Guerra Fria, momento no qual os EUA financiaram a contrarrevolução nicaraguense com dinheiro obtido da venda de armas ao Irã e depositado em inúmeras contas pertencentes aos antirrevolucionários na Suíça. Segundo o próprio FMI, os paraísos fiscais detêm 22% de todos os investimentos globais em carteira, somando-se os recursos dos centros *offshore* das potências econômicas, o valor chegaria a 50%, segundo dados de 2001.<sup>153</sup>

Transformar dinheiro ilegal em moeda limpa é muito simples, com um clique num sistema avalizado pelos grandes bancos internacionais e munido de mecanismos para encobrir pistas são ordenadas transferências de grandes somas. A rede *SWIFT* cobre os territórios dos EUA, Japão, parte da Europa e de alguns países da América Latina, dentre eles o Brasil; com uma ordem e uma senha *SWIFT* o dinheiro sai de uma zona *offshore* e entra em bancos de inúmeras cidades. Em nível tecnológico inferior está a rede *Hawala*, mas igualmente eficiente para transferir recursos financeiros sem identificar o dono e o destino deles, suspeita-se que tal esquema é o utilizado por Bin Laden e pela máfia turca, esta última controladora do tráfico de heroína e de armas na Europa Oriental.<sup>154</sup>

O *Hawala* foi estabelecido na Idade Média a fim de facilitar as trocas de valores entre pessoas distantes entre si, visando facilitar o comércio, historicamente passou a ser muito utilizado por imigrantes árabes no ocidente e acabou sendo apropriado por mafiosos ligados ao tráfico no México, na Colômbia e por cambistas no Brasil, por aqui, o caso clássico é o do empresário Duda Mendonça, cujo dinheiro das campanhas políticas por ele engendradas foi captado de contas de diferentes lugares, caracterizando o

---

<sup>153</sup> Confirmando as teses da atuação mafiosa estatal e consonante à dimensão da lavagem de dinheiro constam obras como *Confissões de um Sabotador Econômico* de Jonh Perkins e *A Suíça, o Ouro e os Mortos* e *A Suíça Lava mais Branco*, ambas de Jean Ziegler.

<sup>154</sup> *Carta Capital* de 10-10-2001. A expressão *Hawala* é de origem árabe e já teve inúmeros significados, podendo ser designada na contemporaneidade como *Confiança*. O sistema *Hawala* é utilizado e conhecido no Brasil como Dólar-Cabo.

denominado Dólar-Cabo. A especificidade do dólar-cabo consiste na existência na extremidade da rede de uma empresa *remittance* especializada em remessa de valores, em lugar de uma *offshore* ou de um doleiro.<sup>155</sup>

O Dólar-Cabo pressupõe três quesitos, a confiança, o anonimato e o baixo custo, necessitando de uma conta internacional capaz de ser acessada direta ou indiretamente pelo doleiro do exterior ou a partir do território nacional onde a operação se processa. As movimentações de capital evoluíram na contemporaneidade para a alta velocidade, com compensações imediatas, emergindo, assim, a *SWIFT*, que permite múltiplas operações em curto espaço de tempo, facilitando a lavagem de dinheiro por inviabilizar o acompanhamento da trajetória do capital inserido no sistema. Através dessa rede dezenas de bilhões de dólares obtidos pelo tráfico diverso e pela corrupção política são escoados sem obedecer a fronteiras, a boa disposição ao combate às máfias internacionais se torna natimorta, quando se trata de atingir o sofisticada *SWIFT* em sua liquefação das soberanias.

Para os peritos da Polícia Federal Brasileira existe uma diferença semântica entre lavagem e reciclagem, no primeiro caso, procura-se apagar a origem criminosa do dinheiro em negócios de curto prazo (compra de bilhetes premiados de loteria, quadros e jóias), no segundo o capital é empregado em atividades formalmente lícitas. O fluxo de capital ocorre em estilo de rede transnacional, enquanto a investigação gira no âmbito dos Estados Nacionais, incompatibilizando procedimentos em muitos casos, apesar da existência de alguns organismos que viabilizam uma colaboração planetária, como o OIA (Escritório de Assuntos Internacionais Estadunidense) e o DRCI (Departamento Brasileiro de Recuperação de Ativos).

No âmbito da mobilidade geográfica das ações mafiosas, os personagens procuram sempre novos lugares, a fim de dar continuidade às suas atividades. A operação Farol da Colina da Polícia Federal Brasileira capturou 64 doleiros, fato impulsionador da ação deles fora do país, particularmente no Uruguai e na Flórida valendo-se do expediente *remittance*; dentro do território nacional muitos mudaram de estratégia, deixando de utilizar telefone, fax e e-mail por serem relativamente fáceis de serem interceptados,

---

<sup>155</sup> Há casos nos quais os bancos encaminham os clientes para a abertura de *offshores*, por exemplo, do Banestado em Nova Iorque - Em *Caros Amigos*, ed. 102.

alguns mantêm os *e-mails* compartilhados, enviando mensagens para si mesmos e colocando informações em rascunho, conseguindo abrir os recados com a mesma senha sem serem detectados; o *Messenger*, por ser instantâneo, também não é interceptado. O período tecnocientífico produziu uma tal compressão do espaço pelo tempo capaz de potenciar a rede a serviço dos “empresários” contemporâneos, engendrando um sistema repleto de possibilidades, bastando aos investidores visualizá-las em meio à parafernália que o capitalismo foi capaz de gerar. (Ver anexo 6)

As máquinas de jogos eletrônicos se configuram uma das oportunidades de ablução de recursos, difundidas por quase todo o Brasil, funcionam como verdadeira lavanderia do dinheiro dos cartéis colombianos; segundo a *Direzione Italiana Antimafia*, documentada pela Carta Capital de 31-03-2004, existiam 35 mil máquinas de jogos eletrônicos de azar espalhadas pelo Brasil. Novamente personagens obscuros figuraram no cenário brasileiro, norteando o país como importante lugar mafioso da rede planetária de “negócios”<sup>156</sup>, a exemplo do grupo de Pellegrinetti e o de Lauricella.<sup>157</sup> Na biografia de Pellegrinetti consta a lavagem de dinheiro de drogas na Sardenha, na Calábria, em Córsega e em San Martin, além da distribuição de heroína e cocaína pela Europa via máfia espanhola. Lauricella lavava dinheiro da *Famiglia di Corleone*, dirigida por Totó Riina, responsável pelos assassinatos dos juízes antimáfias Giovanni Falcone e Paolo Borsellino.

Dependentes dos cartéis colombianos estão os cartéis mexicanos que lhes enviam cocaína e heroína através do Caribe e do Pacífico, droga vendida no Canadá, EUA e no próprio México. Os traficantes mexicanos formaram quatro grandes redes, a saber, *Tijuana*, *Juarez*, *Gulf e Pacífico*, cada qual esboçando uma territorialidade, eliminando quaisquer autoridades que obstaculizem suas ações, a droga do cartel de *Juarez* chega a Chicago, cidade onde é forte a influência das máfias italoamericanas. A *Attorney General Mexicana* estimou em US\$ 30 bilhões/ano o lucro auferido pelos

---

<sup>156</sup> Ver capítulo 6.

<sup>157</sup> Esses mafiosos enviaram dinheiro ao Brasil através de Lugano, de Andorra e de Miami, somas sacadas pela Astro Turismo, relacionada à BingoMatic (sociedade dos irmãos Ortiz e de Giuseppe Aronia).

cartéis do país, dinheiro lavado mediante as possibilidades múltiplas que a complexa economia capitalista assim viabiliza.<sup>158</sup>

## 2.6 – O Brasil como Pivô

São Paulo e Rio de Janeiro constituem a base de operação do mais poderoso sindicato de contrabando e lavagem de dinheiro do mundo, os *Rothschilds* da máfia, os clãs Cuntrera e Cuarana (CC), oriundos da Sicília e estabelecidos no Brasil durante a Ditadura Militar, momento no qual as contas CC5 se difundiram pelo país<sup>159</sup>, eles atuaram profundamente por aqui até os anos 80, quando Aruba se tornou mais atrativa. O Brasil foi o pivô para os irmãos CC, por intermédio que Cali e Medellín começaram a negociar a expansão global da cocaína com representantes da irmandade Solnsteyo russa, com traficantes búlgaros e com grupos da América latina.

Os nichos étnicos do Brasil abrem um expressivo potencial para organizações de diversas nacionalidades, assegurando o sucesso empresarial de chineses como Law Kin Chong ou de tríades como a Sun Yet On, o país pode ser compreendido como um importante pivô mafioso na complexidade em espiral engendrada na configuração da problemática social em fusão com as características pouco transparentes da política e com o grande poder econômico estrutural e infraestrutural.

O endemismo mafioso se apóia em conturbadas situações políticas, cuja leitura pode ser realizada em trabalhos como o relatório de transparência internacional, responsável pela catalogação do nível de corrupção de 54 países<sup>160</sup>, a posição russa era de 2,58 em 1956 e 2,4 em 1958, lembrando que tal relatório estabelece como pior a situação cuja nota esteja mais próxima a Zero, num total de dez pontos. O Brasil recebeu a nota um pouco superior a 3,0, por isso, autores como Varese<sup>161</sup> colocam o Brasil, a Colômbia, o México e a Rússia num mesmo patamar.<sup>162</sup> Os times de futebol têm se constituído como

---

<sup>158</sup> Ver Carlos Arrieta em *Narcotráfico en Colombia* e Alejandro Arnedo em *El Narcotráfico en America Latina*.

<sup>159</sup> As contas Carta Circular nº5 serão analisadas no capítulo 6

<sup>160</sup> Relatório Elaborado pela *University of Götting*.

<sup>161</sup> Em *The Russian Máfia*.

<sup>162</sup> As conexões em território brasileiro serão elucidadas no capítulo 6.

importantes ícones das correlações mafiosas nas redes internacionais, inclusive envolvendo Brasil, investidores russos e grandes corporações.

## 2.7 – Redes Mafiosas no Esporte

A rede mafiosa possui potência para atingir diversas instâncias da vida, a estrutura de várias modalidades esportivas pode cair em mãos de grupos muito bem articulados com as esferas legais de poder, responsáveis pelo trâmite dos grandes eventos . Em torno de dez grandes empresas controlam 70% do mercado mundial desse segmento, avaliado em centenas de bilhões de dólares, o controle financeiro ocorre através da compra de equipes, patrocínio de seleções, transmissão por televisão e venda de acessórios, o esporte se tornou um mero instrumento de mundialização econômica.

A coca-cola está presente em duzentos países e destina US\$ 2 bilhões/ano para colocar sua marca em eventos esportivos, com o mesmo procedimento três fabricantes de tênis (Nike, Adidas e Reebok) abastecem 62% do mercado mundial.<sup>163</sup> O *Marketing* utilizado pela Nike chegou a criar um padrão fetichista, seduzindo os praticantes de esportes, levando-os a sentirem a necessidade de possuir os acessórios e roupas da empresa, trata-se da reprodução de uma dimensão do pensamento único, engendrado pelo capitalismo, reforçando a dimensão polissêmica das máfias.

O caso brasileiro relacionado à máfia no esporte é algo plural e complexo, o contrato entre a Nike e a Seleção Brasileira de Futebol atingiu cifras de U\$ 160 milhões. Numa das cláusulas, a CBF colocava à disposição da transnacional a seleção para 10 jogos amistosos ao longo de 2 anos, o jogador Ronaldo era protegido por um dispositivo do contrato, impossibilitando sua saída da escalação, mesmo machucado, ele tinha de jogar. A corporação também pode modificar o modelo da camisa do time brasileiro, e o artigo 8.3, letra G obriga a colocação do logotipo “bem visível” da fábrica de tênis na sede da CBF, junto a uma loja de varejo. O condicionante dinheiro engendrou até a

---

<sup>163</sup> Jean-François Bourq em *Economia do Esporte*.

Bolsa do Futebol, favorecendo os times maiores, a exemplo do Ajax holandês e o Manchester inglês, reproduzindo a lógica concentracionista do capital nesse segmento.<sup>164</sup>

A articulação de uma economia de mais de 280 bilhões de dólares/ano<sup>165</sup>, como o futebol, obviamente atrairia as atenções de indivíduos que precisam purificar seus ganhos, pois a estrutura de tal modalidade é complexa. Na Itália, o Juventus é um brinquedo da família Agnelli, proprietária da FIAT e de importantes jornais como o *Corriere della Sera*. A construção de tal rede correlaciona industriais do norte, social-democratas corruptos e mafiosos do sul, tal coalizão ganhou grande visibilidade no processo de desmantelamento implementado com a Operação Mãos Limpas dos anos 90.<sup>166</sup>

A hegemonia da rede Agnelli foi ameaçada por outra, do primeiro ministro italiano, Silvio Berlusconi e o Milan, através de suas empresas controladas pela *holding* Fininvest. O modelo Berlusconi rompeu fronteiras, inspirando outros magnatas a fim de investirem em times de futebol, como fizera o milionário ucraniano Petro Dymynskyi com o time de seu país, o Karpaty Lviv. Um polêmico conhecido do Corinthians, o judeu-russo do petróleo Roman Abramovich, já possuía notoriedade pelos seus investimentos no Chelsea inglês.

O dinheiro dos meios mafiosos norteia o esporte, circulando com desenvoltura e em quantidade expressiva por organizações como times de futebol, o Corinthians é o melhor exemplo desse processo, envolvendo personagens obscuros como Kia Joorabchian ou seja lá seu nome, pois na Inglaterra ele aparece nos registros públicos com cinco identidades diferentes e múltiplas datas de nascimento. O iraniano Kia trabalhou como funcionário na bolsa de petróleo em Londres; em 1997 conheceu Roy Azim, natural do Quirquistão e proprietário da *International Consultants LLC* do ramo imobiliário, a amizade evoluiu para uma relação de confiança, típica das redes mafiosas.

---

<sup>164</sup> Análise de um artigo publicado pelo jornal *Brasil de Fato* em 17-03-2003. O telespectador assiste ao seu time cooptado pelo espetáculo. Segundo Eline Deccache Maia, especialista em antropologia do esporte, a arte do futebol ficou circunscrita às várzeas.

<sup>165</sup> Em *Atlas da Situação Mundial* de Dan Smith.

<sup>166</sup> Segundo uma antiga piada italiana, a função do primeiro-ministro era polir a maçaneta dos Agnelli. No esporte, o Juventus auferiu a vitória em inúmeras arbitragens duvidosas, processo contextualizado em eventos capciosos como a noite dos Rolex (oferecidos como presentes aos juizes de futebol) em *Como o Futebol Explica o Mundo* de Franklin Fouer.

Kia ajudava Roy em traduções atuando como intérprete, organizava viagens, jantares e reuniões, tornou-se o encarregado da negociação da compra do jornal russo *Kommersant* pelo quirquize.

A experiência de Kia o tornou célebre em negociatas, nas quais o dono do capital reproduzido em novos empreendimentos não poderia aparecer<sup>167</sup>, desde a época do relacionamento com Roy, ele se utilizou da confiança a ele auferida para montar um fundo de investimentos nas Ilhas Virgens Britânicas, a *American Capital Fund Limited*, cujos depósitos iniciais vieram de Roy e de seu irmão Abdul Karin Azim. Numa perspectiva estritamente capitalista, Kia é considerado um gênio do sistema, tornando-se rico sem capital próprio, valendo-se dos laços com pessoas influentes, e usurpando delas em razão desses elos, segundo declarações de Roy Azim.<sup>168</sup>

Entre 2001 e 2004, o mafioso iraniano permaneceu no anonimato, reaparecendo como amigo íntimo do russo Boris Berezovsky, o novo proprietário do jornal *Kommersant*, comprado por ele através de Kia. Esse russo encarregou o amigo de intermediar as negociações com o presidente do Corinthians, a fim de comprá-lo. Berezovsky o defende veementemente: “Ele é uma pessoa direita, tenho certeza de que tudo o que ele está fazendo é absolutamente correto e legal” (sic). A rede internacional começou agir no Brasil envolvendo Renato Duprat, dono do falido Unicolor, que deixou mais de mil funcionários sem receber indenizações e 100 mil pessoas sem plano de saúde.

Duprat caminhava com desenvoltura em meio à cartolagem brasileira, tornou-se sócio da empresa de Pelé, a *Sport & Marketing*, na qual deu um golpe de R\$ 5 milhões ao não pagar pelo uso da imagem do ex-jogador na Copa da Paz em Seul realizada em 2003, evento promovido pelo obscuro reverendo Moon. Kia e Duprat se conheceram em Londres, encontro no qual o segundo desempenhou o papel do primeiro, pois o brasileiro intermediou a reunião com os dirigentes do SBT de Silvio Santos, visando a obtenção dos

---

<sup>167</sup> Neste trabalho considerado uma verdadeira pessoa física *offshore*.

<sup>168</sup> “Ele é muito sedutor, muito perigoso, vem até sua família, brinca com as crianças, tenta fazer as pessoas dormirem e então checa tudo, número das contas, quem é quem, nossas atividades, quem são os irmãos e irmãs” (sic), no sistema capitalista mediado pelas informações, Kia é um mafioso perfeito. No mundo oficial dos negócios, os grandes investidores em bolsas remunerariam muito bem os serviços do iraniano - Edição Especial da *Caros Amigos* sobre a Máfia no Corinthians.



direitos de transmissão dos jogos do campeonato brasileiro de futebol, negociata que não evoluiu em razão das dificuldades burocráticas encontradas.

A dupla Duprat – Kia mudou de estratégia, iniciando a busca por times nacionais dispostos a receberem investimentos estrangeiros, assediaram primeiro o São Paulo, dizendo ser suíça a origem do capital, mas não conseguiram abrir espaço, então foram para o Santos, depois Palmeiras, Grêmio, e em julho de 2004 chegaram ao Corinthians, seduzindo Dualib, dirigente do clube. A Comitiva do clube viajou para Londres, onde ocorreu o encontro com o investidor russo Boris Berezovsky e de lá rumaram para Tblisi (Geórgia), a fim de se encontrarem com outro milionário da ex-URSS, Badri Patakartsishvili, proprietário de vários empreendimentos, dentre eles o time local Dínamo. Valendo-se de sua habilidade, Kia já havia sondado a fragilidade financeira do clube de futebol paulista.<sup>169</sup>

Em 24 de agosto de 2004, o pré-contrato entre a empresa *MSI* dos russos e o Corinthians foi aprovado por 264 dos 271 membros do Conselho Deliberativo do clube, no qual figuram 12 membros da família Dualib, sendo 8 deles vitalícios; a *MSI* é uma empresa fantasma, criada em Londres, cujo capital registrado é de mil libras, o registro está em nome de outra pessoa jurídica e Kia não aparece nele. Segundo a ABIN (Agência Brasileira de Informação), o iraniano atua como títere de Berezovsky e de outros indivíduos ligados às máfias russas e chechena<sup>170</sup>, acusados na Rússia por ganhos ilícitos e lavagem de dinheiro. (Ver anexo 7)

Alguns líderes da investigação do processo no Brasil, como Romeu Tuma, começaram a receber ameaças de morte por telefone a partir de novembro de 2004, por afirmar categoricamente a intenção do grupo internacional em usar o time brasileiro para ablução de dinheiro via movimentação de contas em paraísos fiscais, envolvendo as CC5 e a supervalorização na compra e na venda de jogadores. Clubes como o Parma e o Napoli não receberam proposta do *Trading* Kia, porque a rigidez da questão: “Quem são vocês?” é maior que no Brasil, a opção por mercados

---

<sup>169</sup> Edição especial da *Caros Amigos* sobre a máfia no Corinthians.

<sup>170</sup> Paul Klebnikov conta a história do sócio de Kia, Boris Berezovski, no livro *Godfather of Kremlin*. O autor foi assassinado em Moscou em julho de 2004. Klebnikov documentou os negócios de 6 grandes empresários controladores de metade da economia russa durante o governo de Ieltsin, enaltecendo o papel de Berezovsky e seus ganhos ilícitos com a queda do comunismo, produzindo “uma verdadeira orgia capitalista” nas palavras do autor.

menos regulamentados é nítida, conduta corrente do *modus operandi* mafioso na constituição de novas redes, criando ou exponenciando os lugares mafiosos.

A supervalorização no comércio de jogadores foi definida como lavagem-varal, em razão da maior exposição dos mecanismos do crime; algo parecido com o caso Corinthians foi constatado no Flamengo em parceria com a empresa suíça *ISL*, que despejou US\$ 80 milhões no clube em 14 meses, soma da qual 20 milhões deveriam ser utilizados para pagarem dívidas do clube, mas foram desviados para a compra de jogadores e direitos de imagem, valores inexistentes na contabilidade do time, tais transações foram consideradas fraudulentas pelo Banco Central, que multou o Clube. A compra de Carlos Tevez pelo Corinthians, intermediada pela *MSI*, não passou pelo Banco Central, envolvendo a modalidade Varal, com recursos transferidos diretamente das Ilhas Virgens Britânicas para a Argentina.

Por trás da *MSI* estavam Boris Berezovsky, Badri Patakartsishvili e Roman Abramovich<sup>171</sup>, os três são acusados de irregularidades no processo de privatizações da ex-URSS, de sonegação de impostos, de roubo de carros e de ligações com o crime organizado da Rússia e da Chechênia.<sup>172</sup> Berezovsky iniciou sua carreira como diretor da Lada na transição da Rússia para o capitalismo, a negociação subterrânea de carros constituiu a base de sua fortuna, parte dela utilizada nas campanhas políticas de Boris Ieltsin e de Vladimir Putin, trata-se de um importante expoente da Mafocracia russa. Os elos com Ieltsin lhe abriram caminho para incorporar empresas como a *Aeroflot*, petrolíferas, metalúrgicas do alumínio e meios de comunicação, o seu poder econômico se transformou em poder político, sendo eleito deputado e secretário do Conselho de Segurança da Rússia, auferindo potência o suficiente para demitir altos burocratas, inclusive ministros.<sup>173</sup>

A ruptura entre Berezovsky e Putin ocorreu quando o líder russo tentou resgatar a autoridade de Estado sobre as grandes empresas,

---

<sup>171</sup> Abramovich comprou o Chelsea, importante time da Inglaterra, construiu uma imagem de megainvestidor do futebol, angariando ampla simpatia das torcidas. Ignácio Ramonet em *En el Imperio de la Imagem* desenvolveu uma importante análise sobre o papel da mídia no controle/manipulação dos corações e mentes.

<sup>172</sup> Berezovsky é um matemático renomado, com obras publicadas em inglês e japonês, enveredou para o lado mafioso como forma de sobrevivência.

<sup>173</sup> *Godfather of Kremlin* de Paul Klebnikov.

responsabilizadas pelo envio de US\$ 120 bilhões ao exterior de forma irregular, provocando uma crise financeira no país. Com medo de ser preso por sonegação fiscal, o capitalista Berezovsky foi para Londres de onde doou, ironicamente, 100 milhões de dólares ao Partido Comunista, na esperança deste derrotar Putin nas eleições, Berezovsky é acusado também de financiar a rede Bin Laden na Chechênia. Mesmo no exílio, ele continua a chefiar os jornais russos de oposição, o *Nezavisimaya Gazeta* e o *Kommensant*; a extradição para a Rússia é inviabilizada em razão de seu *status* de exilado político. Roman Abramovich iniciou sua fortuna sob os auspícios de seu protetor Berezovsky, adentrou os negócios do petróleo, do alumínio, da aviação comercial, da Hidreletricidade e da indústria farmacêutica. O imbrincamento dos negócios formais com os informais explicita a complexidade da ação mafiosa em sua multiterritorialidade contemporânea.

A ruptura entre Berezovsky e Abramovich aconteceu, porque o segundo preferiu a continuidade das alianças com Putin, assegurando, assim, o ganho da concessão da ORT, rede nacional de televisão, antes controlada por Berezovsky. Abramovich goza de imunidade política na condição de ex-governador de Chukotka, mantendo-se ileso diante de algumas acusações sérias, como o contrabando de diamantes para Angola<sup>174</sup> e desvio de parte dos US\$ 4,8 bilhões emprestados pelo FMI à Rússia em 1998, dinheiro destinado à Suíça pelo então presidente Ieltsin para a empresa *Runicom* de sua propriedade. Dos três, o georgiano Badri Patakartsishvili é apontado como o verdadeiro sócio de Kia, detentor da biografia mais mafiosa do grupo.

Patakartsishvili, compatibilizando com a noção de rede, ascendeu economicamente sob as asas de Berezovsky, construiu ligações com a máfia chechena para viabilizar o contrabando de heroína, expandindo as conexões com grupos terroristas da região e com a máfia russa controladora das apostas em jogos de azar, no caso a irmandade Solnsteyo. A família de Badri é envolvida com as máfias georgianas, sendo dois de seus irmãos membros efetivos de tais organizações. Em razão de suas alianças, Berezovsky recorria a Patakartsishvili (Badar) para solucionar alguns impasses, quando a

---

<sup>174</sup> Segundo o jornal *Le Monde*.

diplomacia falhava, a função básica de Badar nas empresas do grupo era assegurar a proteção e o “funcionamento das coisas.”<sup>175</sup>

Badri ou Badar é também perseguido pelo fisco russo, por isso fugiu para seu país natal, onde é considerado o maior empresário nacional e eminência parda do governo surgido com a revolução Cor-de-Rosa em 2003<sup>176</sup>, comprou a maior rede de televisão, os mais importantes jornais da Geórgia, uma empresa de aviação, um *shopping center*, uma empresa de água mineral, um *resort* no Mar Negro e alguns cassinos. Financiou a equipe olímpica de seu país nos jogos de Atenas, e está por trás da construção de um terminal petrolífero no valor de US\$ 1 bilhão.<sup>177</sup>

O único transtorno de Badar no desenrolar de suas atividades é o pagamento de 3% de propinas aos burocratas do país, dinheiro bem investido em relação ao poder configurado na estrutura econômica do país, reproduzindo uma lógica mundial de dinheiro bem quisto, quando se trata de crescimento econômico, independente de quem o invista, encerrando a dimensão do capitalismo georgiano, portanto as imposições militares russas na província georgiana da Ossétia do Sul em agosto de 2008 precisam ler lidas em suas entrelinhas. Através da análise da tríade por trás do *MSI*, eis a origem do capital do empresário Kia Joorabchian, “investido” em times de futebol.

Nos Bálcãs, a rede concebida no contexto de esfacelamento da Iugoslávia envolveu famosas organizações esportivas, como o *Estrela Vermelha* de Belgrado, cuja sede estava em Topcider, bairro de classe média na Sérvia, os *hooligans* de Arkan encontraram ali o ambiente geopolítico de

---

<sup>175</sup> A matéria publicada pela *Caros Amigos* em Fevereiro de 2005 é esclarecedora sobre os procedimentos dessa rede mafiosa de origem russa, agora agindo no numa dimensão do esporte no Brasil. As máfias russas atuam na Europa, nos EUA e no Canadá, constituindo grupos de tamanha eficácia e desenvoltura no espaço global a ponto de alcançar o nível de operatividade das veteranas máfias italianas e dos cartéis colombianos, isto num prazo inferior a 10 anos.

<sup>176</sup> Tal revolução propôs a concessão de uma assistência macrofinanceira à Geórgia sob a forma de subvenção, a fim de apoiar o programa de reformas econômicas de cunho neoliberal do Governo, visando ajudar o país a reduzir a sua dívida externa, de modo a restabelecer a médio prazo a viabilidade das suas contas externas e das suas finanças públicas. A assistência macrofinanceira proposta foi condicionada aos progressos realizados na execução do acordo FRPC (facilidade de redução da pobreza e crescimento), apoiado pelo FMI. Esta operação inscreveu-se no contexto das relações entre a UE e a Geórgia, intencionando maior integração, com a inclusão do país no âmbito da política europeia de vizinhança. Paradoxalmente, foi estabelecida uma ênfase significativa no combate à corrupção e no reforço do Estado de direito.

<sup>177</sup> Diante da complexidade geopolítica encerrada na Geórgia, os contemporâneos conflitos com a Ossétia do Sul e as posições dos EUA e da Rússia ganham outra dimensão.

expansão no início de 1990 com a denominação *Ultra Bad Boys*, uma torcida organizada com ampla vocação para a violência, na época desempenharam um papel central no renascimento do nacionalismo sérvio. Os *Bad Boys* se vestiam com o uniforme do rival, a fim de fazer amizade com os “inimigos”, para espancá-los em locais mais afastados, os torcedores do *Partisan* croata foram alvo dessas táticas.

Os *Bad Boys* desenvolveram signos diretamente associados ao nacionalismo étnico, consistente no sinal dos 3 dedos (Paz e Amor mais o Polegar), cuja representação significava a trindade e a suposta pureza sérvia, mais tarde o grupo paramilitar oriundo de tal torcida obrigava populações muçulmanas da Bósnia a fazerem tal símbolo antes de serem assassinadas. Os torcedores do *Estrela Vermelha* se tornaram a tropa de choque de Milosevic, a violência de tal grupo lembrava a de outros times de várias partes do mundo, contudo a organização para fins nacionalistas e os rumos tomados por essa agremiação acabaram por colocá-lo em destaque.<sup>178</sup>

Um diálogo mais atento com a sociologia permite compreender melhor essa violência específica: “Desprovidos de emprego tradicional e derrubados de seus pedestais patriarcais, esses homens desejavam desesperadamente reafirmar sua masculinidade. A adesão ao racismo e ao nacionalismo radical por esses torcedores refletia uma metáfora de suas próprias vidas, produzindo uma sensação de exercício do controle”.<sup>179</sup> A identificação das concepções intrínsecas e as práticas explícitas do ufanismo, seja no esporte ou na guerra, permitem uma melhor compreensão dos lugares com potência mafiosa.

Um ethos de gangsterismo foi difundido pelo planeta através de filmes, da música e da moda, os torcedores do *Estrela Vermelha* tinham como modelo os *hooligans* ocidentais. O nome *Ultra Bad Boys* foi tirado de clubes italianos, porém com inspiração em seus pares ingleses; muitos membros do time sérvio frequentavam o Centro Cultural Britânico, levantando em jornais as últimas badernas de autoria dos *hooligans* daquele país. Trajes adidas, tênis brancos e correntes de ouro traduziam uma estética referenciada nos *gângsteres rap* estadunidenses, fundido com costumes das emergentes máfias russas,

---

<sup>178</sup> O nacionalismo é sempre um ingrediente capcioso em relação a quaisquer questões relacionadas aos Bálcãs. Ver o trabalho de Robert Kaplan – *Fantasma Balcânicos*.

<sup>179</sup> Ivan Colvich.

produzindo nos Bálcãs algo *underground*, mas rapidamente tornado cultura. (Ver anexo 8)

Sem a mesma profundidade do *Estrela Vermelha*, os croatas se organizaram em torno do *Partisan*<sup>180</sup>, inclusive o ultranacionalista Franjo Tudjman havia sido presidente desse clube, quando assumiu o poder ele adotou símbolos *Ustache*, impulsionando um antigo fanatismo nacional a algum tempo adormecido, esse período coincidiu com a divulgação de ampla literatura revisionista de vários lados, colocando certos grupos numa posição vitimista e outros como carrascos, exponenciando a produção de álibis para diversos genocídios, muito comuns ao processo de esfacelamento da Iugoslávia.<sup>181</sup>

Em meio a esse caos, junto ao *Estrela Vermelha* começou a figurar um personagem sinistro, importante no contexto de análise das máfias endêmicas, Zeliko Raznatovic ou Arkan, ex-membro da polícia secreta (KOS), assassino de antigos dissidentes da Iugoslávia e autor de inúmeros crimes na Itália, na Alemanha, na França e na Suécia. A carreira de indivíduos como Arkan esteve correlacionada à ação subterrânea do Estado, pois a polícia secreta iugoslava recrutava criminosos para a execução de serviços sujos no exterior, assegurando-lhes o retorno em segurança ao país; algo parecido às ações do *Mossad* israelense ou da *CIA*.

O time assessorado por Arkan estava se tornando um lar para os sérvios dispostos a recuperar sua “pátria”, lançando mão de métodos endemicamente xenófobos, conseguindo com isso resignificar o papel dos torcedores, agora paramilitares convencidos da necessidade de implementar a limpeza étnica em territórios da nação sérvia, convertendo-se numa espécie de *hooligans da guerra*, estruturalmente mafiosos. Essa organização viria a se tornar uma das mais importantes no contexto das guerras contemporâneas da Iugoslávia, os Tigres de Arkan, envoltos em inúmeros genocídios, ancorados no suposto preceito da limpeza étnica. O movimento responsável pelo engendramento dos tigres traduz a rede entre guerras e esportes na produção de um espaço preparado à incorporação do crime articulado, ampliando o leque de análise na concepção de lugares mafiosos. (Ver anexo 9)

---

<sup>180</sup> Outra importante dimensão foi a segmentação em nível de financiamento dos clubes iugoslavos, porque o exército patrocinava o *Partisan*, enquanto o *Estrela vermelha* era bancado pela polícia, ambos em Belgrado. Aos poucos a guerra se tornaria uma metáfora do e no esporte.

<sup>181</sup> Ver *Políticas of Identity in Serbia: Essays in Political Anthropology* de Ivan Colovic.

A Sérvia não dispunha em seu exército de um número suficiente de soldados dispostos a executarem o trabalho sujo diante da complexidade territorial, associada à formação do Estado questionavelmente nacional, portanto os conturbados separatismos. No alto comando do exército havia uma cultura militar baseada no comunismo, na qual seus membros foram educados para creem num Estado iugoslavo equânime e capaz de mediar conflitos de caráter étnico, por isso o ambiente profícuo à difusão de grupos de *Delije* (recrutados) como os Tigres de Arkan, cuja reputação era de praticar a violência, celebrando-a em seguida através de canções contextualmente adaptadas à reafirmação de enviesadas nacionalidades<sup>182</sup>, produzindo uma força capaz de aterrorizar populações civis, cujo efeito final foi o abandono de territórios que a Sérvia pretendia controlar, por isso a conveniência desse tipo de organização paramilitar preferível a um exército oficial no *front* de combate.<sup>183</sup>

A mídia sérvia apresentava Arkan como um herói nacional, ele ocupou papel de destaque em programas populares como o *Minimaxovision*, enquanto enriquecia através de saques ao país valendo-se da aura patriótica, firmando-se, portanto, como um mafioso completo. Os tigres constituíam uma rede caracterizada como um conglomerado do mercado negro, livre de quaisquer sanções e incorporadora de monopólios expressivos de fornecimento de petróleo e de bens de consumo. O distrito comercial de Belgrado foi apelidado de “Arkansas”. Entre os milionários negócios de Arkan estava a extração de petróleo na Croácia.<sup>184</sup>

Arkan não conseguiu comprar o *Estrela Vermelha*, por isso abriu outro clube o *Obilic*, time que ascendeu rapidamente nos campeonatos internos em virtude dos métodos de “convencimento” colocados em prática pelo seu presidente, tais como o terrorismo psicológico e a sabotagem contra jogadores dos times adversários.<sup>185</sup> Como outros mafiosos, Arkan também construiu uma

---

<sup>182</sup> *Machados na mão/ e uma faca nos dentes/ vai ter sangue esta noite*. O sociólogo Ivan Colvich, natural de Belgrado, demonstrou como os torcedores do Estrela Vermelha alteravam as letras das músicas cantadas nos estádios, a fim de adequá-las ao contexto militar. Os próprios jogadores do time visitavam torcedor-combatentes feridos nos acampamentos de Arkan.

<sup>183</sup> Isso explica os poucos confrontos diretos nos Bálcãs envolvendo exércitos oficiais, em contrapartida, os *Delije* executaram mais de duas mil pessoas, com destaque para o massacre na cidade bósnia de Sasina. Tim Judah em *Serbs: History Mith & the destruction of Yugoslavia* e *Como o Futebol Explica o Mundo* de Franklin Foer.

<sup>184</sup> Francisco Veiga em *La Trampa Balcánica*.

<sup>185</sup> Os tigres ameaçavam matar o jogador que marcasse gol contra o Obilic; um outro foi trancado numa garagem durante o jogo contra o time de Arkan; em certos momentos, ele entrava no vestiário “inimigo” e

rede de inimigos, constituindo um mistério a verdadeira causa de seu assassinato em 2000. Dentro da multifuncionalidade construída na Iugoslávia, a perspectiva simbólica se selou à funcional na elaboração do território-rede e do território-zona das máfias ali articuladas, cuja potência não tardou a extrapolar as fronteiras outrora nacionais.

O fundamentalismo das massas dos estádios de Belgrado impulsionou o nacionalismo sérvio com seu artífice, Sloboban Milosevic, e num prazo relativamente curto, o mesmo líder começou a ser veementemente questionado com o mesmo fanatismo, a ponto de exigirem-lhe a cabeça quando o país havia mergulhado no caos e o “*show*” de Arkan já havia chegado ao fim. Agora, os torcedores do *Estrela Vermelha* organizavam amplas passeatas, exigindo a deposição do líder sérvio com o mesmo entusiasmo que utilizavam contra outras nacionalidades, uniformizados, marchavam até a sede do governo, acusando-o aos berros de corrupção e propondo-lhe o suicídio como solução.<sup>186</sup>

Na Iugoslávia, todo o panorama de caciques que haviam disputado o poder local e o controle das empresas ao longo dos anos 70 e 80 haviam sobrevivido e se expandido com a chegada de novos personagens procedentes da imigração, agora agrupados nos novos partidos ou nas máfias recentemente organizadas. Na Eslovênia, a secessão ocorreu sob o controle firme do Estado e apoiada na harmônica conjunção entre partidos. Na Croácia, a situação se demonstrou caótica quando o líder republicano Franjo Tudman ganhou as eleições, mas via seu poder limitado por toda parte por poderes autônomos, nem sempre controláveis, como o de Milan Babic, dirigente dos sérvios de Krajina ou Branimir Clavas, um croata praticamente dono da cidade de Osijek.<sup>187</sup> A profusão mafiosa em certas categorias esportivas denota mais uma página da complexidade do tema na contemporaneidade, contudo a tecnologia atual produziu uma dimensão de potência infinita para múltiplas ações criminosas, via navegação no ciberespaço.

---

intimidava os jogadores, daí casos pitorescos, como o dos atletas do Estrela Vermelha que preferiam ficar perambulando pelo campo e urinando nas laterais a irem ao vestiário no intervalo das partidas - *Como o Futebol Explica o Mundo*.

<sup>186</sup> Em inúmeros jogos ouvia-se dentre à torcida: “Mate-se, Slobodan”, isso preocupou tanto Milosevic a ponto de seus colaboradores começarem a comprar ingressos para os jogos e distribuí-los a pessoas de aparência amistosa. Ver *A Guerra do Final do Milênio* de Bernard Feron.

<sup>187</sup> Em *Eagles in Cowbeds: Nationalism and Communism in the Balkans* de Paul Lendvai.



## 2.8 – Redes Cibernéticas Mafiosas

A Internet potenciou inúmeras ações criminosas valendo-se do *status* de rede pessoal, redes de criminosos ligados aos mais diversos ramos podem agora se expandir. O abuso sexual contra crianças é uma das mais lucrativas indústrias globais, gerando em torno de US 5 bilhões/ano, aproximadamente 2 milhões de menores de idade são cooptados pelas máfias internacionais, muitos deles moradores de rua. Segundo a Casa Alianza, há milhões de crianças em tal situação no Terceiro Mundo, inúmeros países da Ásia, da África e da América Latina constam da lista desse tipo de crime, viajantes pedófilos podem agir livremente no Kampuchea, na Tailândia, na Colômbia, em Costa Rica, na Nicarágua, usufruindo de uma rede que envolve motoristas de táxi, aliciadores com falsas promessas em boates e outros segmentos conforme as possibilidades conjunturais. Os primeiros contatos na aquisição desses “serviços” ocorrem através do ciberespaço circunscrito pelo anonimato.

Mesmo em países de índole bastante puritana, como os EUA, o abuso de crianças é frequente, mais de 100 mil crianças por ano são vitimadas. Além disso, americanos, europeus e japoneses são clientes assíduos dessas redes internacionais; pela Internet, membros de sofisticados clubes de internautas globais, como o *Wonderland*, trocaram imagens *on line* de 1236 vítimas de abuso sexual, em muitas delas as crianças eram estupradas ao vivo.<sup>188</sup>

O padre italiano Fortunato di Noto fundou uma ONG, a *Telefono Arcobalento*, visando combater a pedofilia, mas perdeu apoio do Vaticano quando denunciou ligações de deputados do parlamento italiano com o *lobby* da pedofilia, crimes hediondos, como pedofilia, encontram rápida difusão nas redes virtuais, ampliando o leque de possibilidades quando se discute polissemia mafiosa. A Bélgica se destaca como epicentro da rede de pedofilia internacional.<sup>189</sup>

A apropriação das novas tecnologias para fins mafiosos é uma relação diretamente proporcional à inventividade dos arautos das redes internacionais, e nesse caso, a informática, associada ao cibercrime é o exemplo mais

---

<sup>188</sup> A identificação do processo detectou o envolvimento de 180 homens de 13 países - *End Child Prostitution, Child Pornography and Trafficking of Children for Sexual Exploitation (ECPAT)*.

<sup>189</sup> Ver *Carta Capital* em 12-09-2001.

ilustrativo em razão do caráter impassível imanente ao processo, em razão da enorme potência em transformar dinheiro virtual em dinheiro vivo, transferindo recursos para fora de um país como remessa internacional, através de contas-laranja e obtenção ilícita de numerações de cartões de crédito.

Os grandes pivôs dessa estrutura são programas que possibilitam a interação de sistemas operacionais, os denominados *Shells*, por permitem enviar 50 mil *e-mails* de uma única vez; o roubo de *Shells* de outros equipamentos é essencial, porque dificulta o rastreamento dos *spans*, e permite aos cibercriminosos agirem como células. Vírus como Cavalo de Tróia permitem a leitura de toques do teclado, portanto senhas e outros códigos, a cada 50 mil e-mails enviados com *Shells* há um índice de 200 infecções, a potência fraudulenta é substancialmente ampliada com a difusão das redes *VOIP* (Transferência de voz em forma digital), como a utilizada pelo *skype*. Brasil e Coréia do Sul são os dois principais utilizadores da *Internet Banking* do mundo, portanto lugares mafiosos de destaque no ciberespaço.<sup>190</sup> (Ver anexo 10)

A máfia russa iniciou a produção de cópias perfeitas do *Windows* acompanhadas de programas espões embutidos, produtos colocados no mercado com eficiência em razão do controle sobre o comércio efetuado por ela. O cibercrime ainda vai se expandir e se metamorfosear muito, por enquanto, Brasil, China e Rússia são os líderes mundiais em crimes eletrônicos, resultado da combinação de três fatores, a saber, altos índices de pobreza e de desemprego, elevado padrão de educação básica para a maioria da população e presença expressiva de formas tradicionais de crime organizado. A desesperança com o mercado formal de emprego de jovens com extrema inventividade e a facilidade deles para lidar com novas tecnologias criam condições convidativas ao ingresso nessas redes virtuais, basta aparecer a oportunidade.

No mundo contemporâneo, os grupos mafiosos demonstram enorme complexidade espacial, rompendo com uma perspectiva de análise centrada no local, porque em cada um deles existe uma síntese de correlações múltiplas, dimensão detectável ao observarmos a *territorialidade pulverizada* articulada

---

<sup>190</sup> Misha Glenny em *MacMáfia*.

no planeta na qual os hiatos parecem substituir a massa principal, cuja compactividade não se sustenta sem as lacunas, perspectiva explícita na corporeidade do capital financeiro, porque incapaz de sobreviver sem a injeção continuada de fluxos ilícitos de diferentes fontes, mesmo das mais absurdas, assegurando a territorialidade das redes mafiosas em suas múltiplas denotações, inclusive ciberespaciais, porém com socioespacialidades locais e concretas muito específicas.

## CAPÍTULO 3

### DIMENSÕES SOCIOESPACIAIS MAFIOSAS

Máfia será tratada aqui em suas incrustações na paisagem, intrincando-se no espaço por meio de processos visíveis e mitificações, criando, por vezes, um universo de representações, traduzindo uma morfologia dos lugares por via da análise a respeito da conexão entre os fatos em si e o que está subjacente, indicando o olhar para os lugares de uma forma diferenciada, cuja hierarquia encerra uma dinâmica complexa de funcionamento à luz da economia contemporânea, com capacidade de subsumir conteúdos mafiosos.<sup>191</sup>

A fisionomia dos lugares mafiosos pretenderá apontar a singularidade das combinações de força e das relações de causa e efeito decorrentes da conexão entre os diversos elementos constituintes do fenômeno, permitindo uma melhor compreensão da essência não-visível, pois subjacente aos processos visíveis, daí a pretensão de descobrir as conexões entre os elementos da estrutura mafiosa, as interdependências e as associações, permitindo, talvez, o desvendamento de uma ordem implícita, portanto uma epistemologia da máfia calcada espacialmente.

A produção espacial mafiosa e sua dinâmica geopolítica envolverá a contravenção, assim considerada em razão do código legal e do funcionamento da economia formal. Segundo os trabalhos de Felix<sup>192</sup>, a compreensão do crime permitiria a antecipação das ocorrências em ações preventivas. Nessa perspectiva, compreender a dinâmica relação entre o espaço e a contravenção talvez contribua na decodificação dos lugares com potência mafiosa. Para a autora compreender o crime é uma tarefa espacialmente pragmática, ela o concebe como um fenômeno global, envolvendo ofensor, ofendido e ambiente, sob a ação de fatores socioeconômicos, políticos e culturais.

A pesquisa de Sueli Felix é convergente a este trabalho no sentido de fugir a estereótipos produzidos a partir da posição social, e por considerar o problema da criminalidade como interdisciplinar: “Entender os processos operacionais do crime, envolve diagnósticos complexos, capazes de escapar

---

<sup>191</sup> Ver possibilidades de inserção mafiosa em *O Novo Mapa do Mundo: Fim de Século e Globalização* de Milton Santos.

<sup>192</sup> *Geografia do crime: Interdisciplinaridade e Relevâncias* – Sueli Andruccioli Felix.

às respostas simplificadoras, que inevitavelmente apenas apontam para a intensificação da violência institucional, ao dar crédito à relação de causalidade entre pobreza e criminalidade, corre-se o risco de legitimar ações repressivas dirigidas ao segmento financeiramente desfavorecido..... A Moderna Criminologia está se consolidando como um empreendimento interdisciplinar”.<sup>193</sup>

As ações preventivas propostas pela pesquisadora são muito interessantes, porém a polissêmica ação mafiosa implicando lobistas da política oficial, paraísos fiscais e aparatos policiais corrompidos coloca o problema da viabilidade prática, pois mexer com especuladores de amplo espectro e com *bunkers* no processo de reestruturação urbana poderia incorrer em inúmeras ações mafiosas não-previstas; a dinâmica do crime organizado, por vezes desorganizado, trava as ações em nível de planejamento, pois a desestruturação do ambiente de ocorrência dos delitos levaria à perda de recursos em toda a cadeia por onde se estende os elos da contravenção, inclusive nos meios oficiais.

A proposta em aprimorar a vigilância sobre fronteiras e a relativização das penas de contraventores mais leves, sem dúvida contribuiria para a redução do fenômeno mafioso, contudo o principal sujeito, simultaneamente ambiente da *mafiação* planetária, é o sistema capitalista, cuja ruptura em âmbito financeiro traria sérias implicações. Uma geografia dos lugares mafiosos não pode perder de vista esse jogo entre o global e o local, entre o plural e o singular, na construção geopolítica das *mafiosidades* socioespaciais contemporâneas.<sup>194</sup>

A dimensão da territorialidade é palco de plural interpretação, envolvendo a ação institucional de segmentos da vida de profundo foro íntimo, a exemplo das religiões na produção dos lugares sagrados, hierarquicamente produzidos, com destaque para a Igreja católica devido à sua vasta experiência histórica nesse campo de atuação, correlacionando paróquias, dioceses e arquidioceses. A pesquisadora Zeny Rosendahl<sup>195</sup> possui uma extensa obra sobre o papel do sagrado e do profano na organização espacial do lugar, nas

---

<sup>193</sup> *Geografia do crime: Interdisciplinaridade e Relevâncias.*

<sup>194</sup> Ver capítulo 2.

<sup>195</sup> Destaque para *Manifestações da Cultura no Espaço* de Rosendahl e Roberto Correa.

palavras da autora: “Qual o alcance do controle territorial estabelecido pelas religiões e qual a relação com as atividades de mercado?”. A religião nunca é só metáfora, pois há enorme carga moral, todo lugar sagrado contém em si um sentido de obrigação intrínseca, com ar de imposição. Partindo dessa análise de Rosendahl, as territorialidades mafiosas ganham complexos contornos em certas regiões, nas quais a religião institucionalizada na forma de igreja produz espaços geográficos muito singulares, construindo habilmente álibis entre o real e o imaginário.

A manipulação nos moldes mafiosos é a condição básica, afinal a ideia da existência de espaços sagrados e de um mundo livre de imperfeições conduz o Homem a suportar as dificuldades diárias. Nesse aspecto, uma das intenções deste capítulo será descobrir o conjunto de práticas sociais desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, compreendendo o controle exercido sobre as pessoas e sobre as coisas, permitindo, dentre outros aspectos, à religião se estruturar enquanto instituição em espaços multiterritoriais mafiosos, estabelecidos entre o território-zona e o território-rede.<sup>196</sup>

Os *bunkers*<sup>197</sup> urbanos funcionam como *áreas-pivôs*, assegurando o Espaço Vital na concepção e no funcionamento dos lugares mafiosos. Esses também são pontos de ruptura, pois engendram a capacidade de se metamorfosearem intrinsecamente. As máfias estão intrincadas no cotidiano como uma forma de colonização da vida, implicando-se nas diversas estruturas de poder. Como a vida cotidiana possui uma historicidade, seria possível conceber a construção das máfias no plano da instabilidade da sobrevivência, através da emersão de resíduos ativos, permitindo-nos falar em *bunkers* como eixo central da construção-ocultação dos lugares mafiosos, profanando, inclusive, o supostamente sagrado.

Área-pivô foi um conceito historicamente desenvolvido por John Mackinder para designar o papel estratégico a certas regiões, por exemplo, ao continente eurasiático e seus limites, que em linhas gerais correspondiam ao

---

<sup>196</sup> Ver capítulo 2.

<sup>197</sup> Conceito histórico de fenomenal aplicabilidade à compreensão do fenômeno mafioso planetário, em razão de seu teor de esconderijo, entranhas do espaço geográfico, de onde podem surgir ataques fulminantes. Na perspectiva das máfias, ambientes metaforicamente difusos, organizados e desorganizados concomitantemente, como uma dimensão a ser desvendada.

gigantesco território da Rússia. O uso da expressão pivô tem o objetivo de identificar e analisar o papel de algumas regiões no âmbito da projeção mundial do poder, envolvendo personagens muito especiais, as máfias, resultantes das recentes mudanças geopolíticas e estratégicas e da configuração das voláteis relações internacionais desenroladas no contexto da Nova Ordem Mundial, denotando a certos países um papel de destaque na lógica do conceito de pivô.<sup>198</sup>

Na época de Mackinder, início do século XX, as disputas pelo poder entre Alemanha, Rússia e Inglaterra estimularam o autor a teorizar a respeito de território com potência de projeção de controle sobre áreas circunvizinhas com raio gradativamente maior, rompendo paradigmas quando buscou abordagens menos eurocêntricas para uma geoestratégia planetária, ele percebeu o mundo como um sistema político fechado, engendrando um sistema internacional no qual os principais fatos da política e da economia mundial se ligavam e interagiam, independentemente da distância que os separasse, um prenúncio da atual globalização, conceito muito precioso para uma discussão sobre o princípio mafioso no mundo contemporâneo das soberanias relativas.

Ao desengessar o conceito de área-pivô mackindiano, pode-se encontrar o ponto de mutação na ordem mundial mafiosa para a expressão pivô. Nesta pesquisa, as áreas-pivôs serão os lugares mafiosos com a capacidade de gestar negócios planetários e em rede à luz do conceito básico de domínio geoestratégico. Teorizado pelo autor em 1904, o conceito prenunciava o papel essencial das rotas na combinação continente-oceano: “O poder terrestre poderia conquistar as bases do poder marítimo, caso conseguisse adicionar à sua retaguarda continental uma frente oceânica que lhe possibilitasse tornar-se um poder anfíbio, simultaneamente terrestre e marítimo”, numa escala planetária, as diversas casas mafiosas em análise neste trabalho se utilizam intuitivamente desse princípio.

Contextualmente à época de Mackinder, a noção de *Heartland* pode ser entendida como área-pivô, região-eixo, terra central ou coração continental. Trata-se do conceito-chave da teoria do poder terrestre, tal conceito foi

---

<sup>198</sup> Ver capítulo 2, e capítulo 6 – O Brasil como pivô.

cunhado por Mackinder para designar o núcleo fundamental da grande massa eurasiática que coincidia geopoliticamente com as fronteiras russas do início do século; uma leitura territorial das máfias permite uma compreensão dos impasses da governabilidade, tendo como inspiração uma análise de Mackinder: “Quem domina a Europa Oriental controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland* controla a *World Island*; quem domina a *World Island* controla o mundo”.<sup>199</sup>

Mackinder considerava a *World Island* o conjunto dos continentes envoltos por um único oceano, por isso o princípio de Ilha Mundial. Tal análise pode ser adequada, contemporizando-se a máfia em sua dimensão polissêmica atitudinal, pois o mundo é um *Midland Ocean* para os “negócios planetários”, o local ganha outra magnitude, como o trabalho pretende demonstrar em vários momentos, norteando novas relações econômico-políticas imbricadas na perspectiva mafiosa do mundo, cujo equilíbrio de poder é extremamente frágil, porque envolve inúmeros Estados mafiosos.<sup>200</sup>

Algumas questões podem ser elaboradas na correlação máfia/área-pivô, a saber, que tipo de geografia pode ser concebido nesse quadro territorial difuso? Como as relações entre as potências planetárias podem eclipsar ou explicitar as ações mafiosas? Como, à luz da interdependência definida por Mackinder, configuram-se os novos lugares mafiosos num sistema internacional? Onde estão os pivôs geográficos das máfias? Como se configura a identidade territorial e os próprios Estados na lógica de funcionamento do sistema-fechado mundo? Por que as ações explícitas dos Estados na articulação das áreas-pivôs para garantirem o funcionamento da economia formal implicam no conceito de máfia?<sup>201</sup>

Os portos funcionam como genuínos pivôs para os grupos mafiosos, basta controlar alguns agentes alfandegários e oferecer produtos estratégicos de amplo interesse, que as portas para os negócios se abrirão. A Transnístria possui equipamento suficiente para abastecer um exército inteiro, e conta com o apoio da Rússia, cujo poder frente à União Européia é enorme, porque o país

---

<sup>199</sup> Ver *Man-Power as a Measure of National and Imperial Strength* de Mackinder.

<sup>200</sup> O caminho aberto a essa discussão foi construído no capítulo 2.

<sup>201</sup> Robert Art, estrategista americano e discípulo de Mackinder, defende a seguinte teoria: “A determinação correta dos interesses de um Estado seria o primeiro passo para a construção de uma boa estratégia de ação na política internacional”.



fornece ao Bloco 60% da energia consumida; minúsculas repúblicas como a Transnístria são compreendidas como *buracos negros-pivôs*, conta com uma população de 750 mil pessoas, com apenas 150 mil saudáveis em idade ativa, um escândalo camuflado por interesses de primeira ordem na lógica internacional do sistema.<sup>202</sup>

O ambiente geral, caracterizado por determinadas paisagens, indica condições para os traficantes se instalarem, desde que saibam ler os sinais da potência oferecida pelo sítio enquanto lugar mafioso, segundo David Soares<sup>203</sup> as mensagens são claras e incidentes sobre o comércio geral de drogas: “Há uma razão pela qual as pessoas não traficam drogas nos subúrbios em frente aos jardins com grama bem aparada, o ambiente não permite, diferente de cortiços com mato crescendo para todo lado e carros abandonados em estacionamentos, sinais de tolerância em relação a comportamentos capciosos.” – citado em *MacMáfia*.

Soares tinha uma concepção clara a respeito da diminuição da criminalidade por meios diferentes dos utilizados pela mera repressão, ele valorizava preceitos básicos da cidadania, porém a sua ação se chocou com a cultura política, levando-o à queda. Trata-se de uma questão sintomática, a guerra às drogas impulsiona importantes setores econômicos, igualmente conectados por uma complexa rede, e isso não é uma particularidade estadunidense.

A china é um importante entroncamento das atividades mafiosas contemporâneas, processo que ganhou notoriedade com a flexibilização proporcionada por Deng Xiao Ping, o local pioneiro escolhido por Xiao Ping para iniciar a abertura econômica foi Fujian (leste da China), onde 70% dos taiwaneses têm sua origem, a ideia fora atrair capital daquela província rebelde; o processo de abertura explicitou e potencializou conflitos de diversas naturezas. O capitalismo chinês polarizou as disparidades entre a costa leste e o resto do país, o grande avanço urbano não foi acompanhado pelo campo, ampliando o número de revoltas, a média é de 80 mil ao ano. O centralismo burocrático do país agora é aplicado na liberação de licenças para empreendimentos, os investidores precisam de um *Boohusang* ou “Guarda-

---

<sup>202</sup> *MacMáfia* de Misha Glenny.

<sup>203</sup> Procurador assistente atuante na região central de West Hill em Washinston.

chuva protetor”<sup>204</sup>, multiplicando casos de corrupção dentre as províncias, o lema passou a ser “Fazer Dinheiro”, impulsionando uma conduta enviesada em relação a quaisquer piratarías.<sup>205</sup>

O sul de Fujian é considerado o principal pólo cinzento do país em razão da difusão espacial das fábricas de “genéricos”, a região mantém conexões com Cingapura, Vietnã e Coréia do Norte. Os portos se configuram como pivôs no embarque desses artigos, com destaque para Hong Kong, Xangai, Cingapura e Kaohsiung (Taiwan), depois de passarem pela inspeção em Xangai ou em Kaohsiung, os contêineres recebem luz verde para entrarem nos EUA, o CSI não domina o mandarim, tão pouco o dialeto fujianense, dificultando a fiscalização, fenômeno agregado à permeabilidade dos agentes locais ao suborno.

A Coréia do Norte é um importante centro da economia informal e ilegal da Ásia, maior produtora mundial de notas falsas de U\$100, o país abastece o mercado japonês com metanfetaminas e mantém fortes laços com a zona cinzenta chinesa (Fujian), os norte-coreanos conseguem produzir mercadorias ainda mais baratas que os chineses, vários produtos *made in China* em verdade já são confeccionados na Coréia, subsumindo os elos de importantes redes calcadas nos Estados e engendrando formas de soberania relativa não previstas no direito internacional.<sup>206</sup>

Shenzhen mantém fortes elos com Hong Kong, sendo pioneira no processo de abertura e na pirataria no seu mais amplo espectro, o país exporta mercadorias genuínas, cópias 100% originais, além de genéricos hilários, o processo encampa desde suvenires consumidos no Cairo até produtos de extremo valor agregado, como o *Geely*, o clone das Mercedes, produzido por 25% do preço, ou o *Maglev*, o genérico do *Transrapid*, o TGV projetado pela *ThyssenKrupp*. A China é uma das primeiras exportadoras mundiais, sendo 25% falsificações; fabricantes e comerciantes dessas mercadorias são integrantes de importantes redes mafiosas. O Estado chinês ainda não lançou uma campanha incisiva contra tais atividades por conveniência logística, pois o

---

<sup>204</sup> Similar ao *Krishna* russo, discutido no capítulo 2.

<sup>205</sup> *MacMáfia*.

<sup>206</sup> Ver capítulo 2.

processo emprega milhões de trabalhadores, por vezes oferecendo trabalho a aldeias inteiras, evidenciando a liquidez das formas de controle.<sup>207</sup>

As reformas de Deng impulsionaram o ressurgimento da heroína em território chinês, configurando duas redes de tráfico em Xangai, uma traz a droga da província de Xinjiang, fronteira com o Quirquístão, que a recebe do Afeganistão, enquanto a outra atravessa a fronteira de Mianmar pelo sul, portanto procedente do Triângulo Dourado, o potencial consumidor interno fomentou as articulações dos dois grandes pólos de produção de heroína na região, contudo a história do país em relação ao ópio levou a medidas muito precisas do Estado para lidar com os atuais problemas, ele permitiu até a entrada da *DEA* americana para a formação de uma força-tarefa conjunta. Isso denota a importância de fenômenos históricos bem apreendidos, e a contrapartida, o anacronismo estatal nas políticas de combate ao crime organizado quando o “limbo” econômico interfere no PIB.<sup>208</sup>

A modernização atinge as cidades de forma profundamente desigual, engendrando uma pluralidade de ambientes, inseridos numa perspectiva econômica mediada pela força da mercadoria. No nível da territorialidade, podemos identificar múltiplas formas, trabalhando com o conceito de *bunker-pivô* na dimensão da máfia enquanto estrutura perversamente incorporadora daqueles que não encontram espaço de vida no ambientes urbanos. O desvendamento do segredo das ações mafiosas, o modo de operar e a resignificação dos lugares encerram a necessidade de uma complexa deriva por múltiplas áreas, tendo como principal equipamento o olhar clínico, a fim de identificar os atuais e os potenciais *bunkers*, bem como a rede em ponto de convergência que a cidade implica nos contextos de ruptura das relações estabelecidas.

Algumas questões mafiosas contemporâneas estão profundamente imbricadas enquanto socioespacialidade e rede, a exemplo das *Maras* salvadorenhas. Essas organizações tiveram sua gênese nos *bunkers* leste e oeste de Los Angeles, agregando refugiados da Guerra Civil em El Salvador no início dos anos 80, tratam-se de pessoas rejeitadas e humilhadas na periferia

---

<sup>207</sup> Ver *The Triads: The Growing Global threat from the Chinese Criminal Societies* de Martin Booth e MacMáfia.

<sup>208</sup> Ver *The Dragon Syndicates: The Global Phenomenon of the Triads* de Martin Booth.

da cidade estadunidense. Em seu país de origem, os atuais *mareros* eram desertores do exército, guerrilheiros, membros de esquadrões da morte e adolescentes desorientados, um público de extrema potência para formação de quadrilhas em ambientes capazes de propiciar as respectivas condições favoráveis.<sup>209</sup>

A primeira *Mara* foi a *Salvatrucha*, cuja estrutura envolvia um padrão básico de certas organizações históricas, valia-se de um ódio incomensurável, os membros tatuam o corpo inteiro, usam linguagem codificada e fazem rituais de iniciação de extrema violência. Esses *mareros* se dedicaram à extorsão, roubo, distribuição de crack e maconha; a complexidade foi ampliada com a articulação de outra *Mara* a M-18 (grupo da *calle 18*, sul de Los Angeles), sobrepondo algumas questões de ordem psíquica e social nos violentos confrontos de rua, as humilhações e as rejeições os transformaram em grupos bastante agressivos, pois introduziram profundamente os preceitos da opressão sofrida ao longo de suas vidas nos procedimentos cotidianos.<sup>210</sup>

A rede dos *mareros* auferiu maior abrangência territorial com a política de deportação colocada em prática pelo governo estadunidense através das leis *Illegal Immigratiom Reform* e *Immigrant Responsibility*, ambas de 1996, milhares de membros das quadrilhas foram deportados para a América Central, essa foi a causa da difusão das maras pela Nicarágua, El Salvador, Costa Rica, Honduras, Panamá e Guatemala. Esses países apresentam seus próprios problemas sociais, muitos deles urbanos, decorrentes dos intensos êxodos rurais, caracterizando inúmeros *bunkers* para a instalação dos *mareros*, eles não obtiveram os mesmos rendimentos auferidos em Los Angeles, compensando o déficit em violência nas ações nesses novos pivôs, rumo à construção de novos eixos.

Em tempos de xenofobia, argumentos delegando aos latinos o caráter de bandido tentam justificar as deportações, assentando a justificativa através na máxima: “Não é um problema dos EUA”, porém a geopolítica na América Latina nega essa conduta estadunidense, pois a *United Fruit Company* era a maior latifundiária da região central do continente, empurrando para a miséria e para o êxodo milhares de camponeses, e agia em conluio com ditadores locais

---

<sup>209</sup> *Le Monde Diplomatique* de Maio de 2009.

<sup>210</sup> Caberia certa aproximação com a obra *Microfísica do Poder* de Foucault na interpretação das *Maras*.

financiados pela *CIA* na defesa dos seus interesses, sempre em nome da Liberdade no combate aos supostos comunistas de outrora ou aos narcotraficantes atuais. A polissemia, aplicada à compreensão das máfias, precisa apreender todos os elos na síntese imbricada na formação dos lugares mafiosos, a fim de evitar a constituição de rígidos estereótipos, como discutido nos capítulos anteriores.

Nos ambientes urbanizados não há como se isolar, inclusive o padrão metropolitano difuso tende a se expandir para o âmbito regional, abrindo novas possibilidades para os negócios mafiosos com a reprodução do sistema capitalista, cuja imanência é a produção de desigualdades. “As coisas se transubstanciam em outras, quando a forma não consegue mais açambarcar a expansão do fenômeno que a medida pretendia contornar”, essa afirmação de Hegel, aqui adaptada, parece útil à compreensão do fenômeno mafioso em espaços urbanos, porque ao final a máfia assume a polissemia em seu processo de construção, envolvendo diferentes escalas nas cidades, com conexão planetária e flexibilização da hierarquia interna.<sup>211</sup>

Lefebvre<sup>212</sup> levanta algumas questões importantes em relação à territorialização na perspectiva pretendida neste capítulo, a saber, sobre as representações enquanto paradigma importante para a apreensão das práticas do cotidiano e a profundidade da expressão monetária das relações, levando a uma análise do tempo vivido, como o tempo do dinheiro. As formas indicativas da função na *mafiocontemporaneidade* ganham conteúdo, exigindo o engendramento de novos conceitos; a breve menção a Lefebvre é aqui arriscada por motivos essenciais, porque o pensador nos alerta sobre a abordagem exclusivamente geopolítica a respeito do território, carecendo de um estudo da esfera social, permitindo uma leitura do concebido multidirecional mediante certas estruturas, perspectiva frontalmente de encontro à compreensão do mundo como mafioso.

A análise do capitalismo, como um sistema que descobre os usos que tinham preço para mercantilizá-los é ontológico ao mundo das máfias e à territorialização mafiosa do espaço, pressupondo relações de qualidade na

---

<sup>211</sup> Torna-se até possível desvendar alguns *bunkers*, mediante a multiplicidade de usos do local urbanizado, mas deve se ter a consciência do constante metamorfoseamento dos lugares mafiosos.

<sup>212</sup> Em *The Production of Space*.

*tríade cósmica, mental e social* permitindo uma releitura da fragmentação da vida abordada, como a analisada por Lefebvre: “Na dimensão urbana, a sucessão de formas fragmentando a vida e a urbanização levando ao processo de separação”. No mundo das redes *mafiocontemporâneas* ocorre a fragmentação da dimensão do percebido na construção do concebido, processo majoritariamente urbano, como será analisado em inúmeros momentos deste capítulo.

A favela, abordada como pólo do crime, é questionada por alguns autores em seu teor de “crime organizado”, cabendo-lhe a concepção como um lugar de potência mafiosa, ora como centro difusor, ora como receptáculo de forças que lhe são estranhas, evidenciando uma identidade de difícil captação cartográfica, pois seu ponto de mutação reside no caráter espacial que nega e confirma a perspectiva mercantil da cidade como um todo; enquanto lugar ela se constitui como excepcional braço da lógica mafiosa em razão dessas contradições intrínsecas. Numa leitura do cotidiano, quem nele estiver intrincado, dominará os códigos, elo fundamental na constituição dos lugares mafiosos.<sup>213</sup>

As cidades se constituem nos principais lugares mafiosos do mundo, entroncamento estrutural, infraestrutural e supraestrutural, delegando a seus ocupantes toda a potência capitalista, motivando a busca dos mecanismos para a aquisição de mercadorias, sendo ela própria uma mercadoria. Na perspectiva racionalista do planejamento, as pessoas em seus nichos podem ser entendidas como números ou como pseudo-pessoas e isso norteia a reincorporação na dimensão da sobrevivência pelos fluxos mafiosos, definindo ou não a constituição de novos grupos a partir do complexo jogo intersubjetivo, o potencial é esboçado na rede socioespacial e sua introspecção depende das formações históricas e ideológicas dos diferentes agrupamentos, mas o capitalismo possui uma força incontestada, reforçando a concepção de um poder irradiado por círculos concêntricos, com circunferência cada vez maior a partir dos lugares configurados como mafiosos.

No campo da teoria seria difícil não pensar nas intrincações e nas implicações dessas circunferências. A vivacidade do espaço ganha uma nova

---

<sup>213</sup> Ver *Do Quilombo à Favela* de Andreilino Campos.

corporeidade a partir das relações sociais mafiosas, qualificando-o pela ruptura-reafirmação entre os elos contraditórios numa dimensão de complexa hierarquização, porque as implicações são múltiplas e territorialmente difusas, a ponto de podermos identificar uma territorialidade ateritorial nessa produção do espaço mafioso. Se desvio pressupõe reinterpretar algo já existente, o desvio para máfia significará a qualificação dos lugares como mafiosos, em toda a complexidade que implica o termo polissemia.

Os complexos processos migratórios do mundo contemporâneo constituem importantes fenômenos socioespaciais na construção de elos mafiosos. Um grupo susceptível ao ingresso em organizações criminosas, particularmente no narcotráfico, são os refugiados, pessoas que em si já representam fluxos migratórios resultantes das desordens e desequilíbrios mundiais, a perda e a desesperança são fatores imanentes a esses indivíduos, muitos deles produto da exclusão nos locais de refúgio, e vítimas de uma visão bastante estereotipada no lugar de chegada. Sem uma nova oportunidade e imbuídos da revolta, eles são alvo fácil dos empreiteiros do crime organizado; Colômbia, África e Oriente Médio são regiões de destaque em relação à produção de refugiados.<sup>214</sup>

O mundo do narcotráfico se articula aos efeitos catastróficos das medidas adotadas no âmbito da economia formal, antecedendo a agenda neoliberal, mas vinculada à estrutura concentracionista capitalista planetária. A crise dos anos 80, famosa por levar à redução de preço das *commodities* exportadas por países subdesenvolvidos, afetou diretamente os trabalhadores rurais, cuja renda se tornou insuficiente para a sobrevivência; em contrapartida, certas mercadorias tinham o preço estável, como a maconha e o hachiche, a diferença entre cacau e a *cannabis*, apontada no relatório do *Observatoire Géopolitique des Drogues (OGD)*, era de 1:100, estimulando a entrada de vários países no universo da produção das drogas.

Gana, Senegal, Guiné-Bissau, Libéria, Serra Leoa, Congo e Nigéria embarcaram na fabricação de drogas, abrindo frentes de trabalho para muitos renegados do setor formal.<sup>215</sup> As drogas, ao contrário dos diamantes, exigem

---

<sup>214</sup> Dados do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR).

<sup>215</sup> *Les Drogues en Afrique Subsaharienne da OGD*: “O quilo do cacau valia 2,50 francos, enquanto à Marijuana pagavasse 250 francos”.

uma estrutura mais sofisticada de transporte e de distribuição em seus diferentes níveis de elaboração, daí a correlação com guerrilhas e com outras organizações, configurando verdadeiras máfias capazes de assegurarem a produção, o tráfico, o tráfico e o consumo. Como fator agravante, o comércio de drogas nessa região da África potenciou o financiamento dos intermináveis conflitos armados.<sup>216</sup>

Nos anos 80 houve um significativo aumento do cultivo de maconha na África Subsaariana como resultado da crise no setor agrícola do continente, e associada à implementação de medidas de cunho neoliberal, responsável pela derrubada de preços das *commodities*. Esse fato marcou a ascensão de uma nova economia, o tráfico, como alternativa à obtenção de dividendos; a acomodação da territorialidade, envolvendo os novos segmentos de poder proporcionaram sucessivos confrontos armados, inflamando ainda mais os complexos e históricos conflitos sociais do continente.

Em relação à conexão Brasil, um grupo tem se destacado em território nacional, os nigerianos, trata-se de um caso típico de população vinculada à economia subterrânea em razão da desesperança com a economia formal, fenômeno associado à queda substancial de preço da principal *commodity* exportada pelo país nos anos 80 (petróleo), provocando uma crise dentro a classe média em ascensão no país, e relacionada à economia incrementada pelos negócios de hidrocarbonetos. Com a perspectiva do desemprego, muitos universitários buscaram outras fontes de sobrevivência, e o tráfico foi apenas uma fração do processo de *mafiação* do país.

A Nigéria ganhou notoriedade nas duas últimas décadas em razão dos eficientes golpes financeiros sobre empresários de várias partes do mundo, a Comissão de Crimes Econômicos de Lagos identificou Bless Okereke como o maior envolvido nesse processo, conhecido como “Golpe da Comissão Adiantada” ou “Golpe 419”, assim denominado por referência ao código penal nigeriano. A base essencial para o sucesso desses “empreendimentos” é a cobiça despertada nos investidores, fato consumado em pelo menos 38 países até 2005, segundo a empresa holandesa especializada no assunto, *Ultrascan Advanced Global Investigations*, eles perderam 3 bilhões de dólares ao caírem

---

<sup>216</sup> *Géopolitique et Géostratégie des Drogues* de Michel Koutouzis.



na armadilha das empresas nigerianas, que construíram excepcionais fachadas, porém com conteúdo zero; seduzidos pelo poder de imagem e pela possibilidade de vultuosos ganhos, responsáveis de várias firmas não hesitaram em colocar dinheiro na ciranda financeira desse país africano, internamente o capital era embaralhado por diversas instituições bancárias.<sup>217</sup>

O Estado mafioso nigeriano ficou conhecido como *Potemkim* em razão das sedutoras fachadas empresarias<sup>218</sup>, a origem desse Estado corrupto deriva da aplicação dos petrodólares desde os anos 70 na construção civil, convencionalizando a política do suborno junto às companhias ocidentais, tal dinâmica subterrânea foi transformada em algo corrente, construindo-se fissuras aptas à penetração de outras atividades nos moldes clássicos das máfias. Hoje a Nigéria é o maior pivô de transferência de cargas de cocaína para a Europa e de heroína para os EUA, além do tráfico de petróleo que atinge cifras da ordem de bilhões de dólares ao ano. O país possui uma das elites militares mais corruptas do mundo, numa sociedade onde 60% vivem abaixo da linha de pobreza, e onde um discurso é difundido genericamente: “Para prosperar é preciso trapacear”, denotando o caráter de um importante lugar mafioso.<sup>219</sup>

Em Atlanta, Los Angeles e Chicago, as fraudes com cartões de crédito e em seguros se multiplicaram, tendo por trás as quadrilhas nigerianas, Tratam-se de crimes que despertam menos atenção, porque os grupos não praticam a violência, e nem extorsão, como as clássicas máfias ítalo-americanas. A diáspora nigeriana pelo mundo teve seu início em 1970, no contexto da Guerra Civil entre os três principais grupos linguísticos do país, segmentados territorialmente. Os Iorubas cristãos detêm a maior parte dos cargos públicos, compondo também uma elite intelectual; os Hauças muçulmanos dominam o exército ao oeste, incluindo a capital ao norte; os Ibos ao leste se destacam como eximes negociantes.

As descobertas de petróleo em terras Ibos despertaram a cobiça pelo combustível, e o grupo não estava disposto a dividi-lo, anunciando a criação do

---

<sup>217</sup> *This House has Fallen: Nigerian Crisis* de Karl Maier.

<sup>218</sup> Nome oriundo da Rússia na época da czarina Catarina, quando o ministro Grigori Aleksandrovich Potemkin mandou construir na Criméia várias fachadas falsas ao longo do rio Dnieper para impressionar a imperatriz e sua comitiva - *MacMáfia*.

<sup>219</sup> Ver *Les Drogues en Afrique subsaharienne* do OGD.

Estado independente de Biafra, iniciando uma guerra devastadora, assim, os lobs começaram a se dispersar pelo mundo, atingindo Londres, Washington, Bangcoc, São Paulo e Nova Iorque. Em 1990, 30% de todas as pessoas detidas em portos britânicos por tráfico de heroína eram lobs, as fraudes como opções rentáveis se difundiram mais ainda com a crise social e a falta de perspectiva, ampliando o leque de possibilidades para o crime organizado.

Há dois tipos básicos de sindicato do crime, negociadores de *commodities* e vendedores de proteção, o primeiro grupo pode ser dividido em produtores, atacadistas e varejistas, cuja rede que os articula se estende à esfera planetária, assegurando as devidas conexões espaciais para a concretização dos negócios, sendo comum a sobreposição em organizações firmadas em etnias. Amsterdã é o centro da distribuição da cocaína na Europa, valendo-se da comunidade colombiana presente no país como importadores primários, os turcos controlam o fluxo da heroína pela Inglaterra e pela Alemanha; os transportadores desempenham o papel estratégico na estruturação desse espaço, dentre eles os lobs merecem notoriedade pela excessiva impassibilidade.

Na África do Sul, os lobs perceberam o potencial de mercado para novas drogas, à época do *Apartheid*, o regime racista exercia inflexível controle sobre as fronteiras visíveis e invisíveis, de tal forma que internamente havia uma segmentação não-ortodoxa de consumo de narcóticos em conformidade com a origem étnica, à cada grupo havia se convencionalizado um tipo de mercadoria, os brancos preferiam heroína, os negros fumavam maconha e os mestiços tomavam metaqualona. O fim da hegemonia Bôer radical não foi suficiente para eliminar o *Apartheid Social*, e as frustrações relacionadas à melhoria de vida impulsionaram o consumo de outras drogas no país, como a cocaína, além da expansão de tradicionais, como a heroína.

A Nigéria se tornou um importante pivô de distribuição na conexão oeste-leste, envolvendo cocaína-heroina do Cinturão Branco (Colômbia) e Triângulo Dourado (Afeganistão à frente), respectivamente. A convulsão social sul-africana favoreceu o tráfico de várias drogas via Tanzânia e Moçambique. Em 1990, a R.S.A. rivalizava com a Colômbia em relação às maiores taxas de homicídio, o clima de desconfiança mútua entre as comunidades potencializou

esse quadro, perpetrando o ambiente favorável à transformação do país em lugar mafioso, enquanto os Ibos assumiam o papel de agentes-pivôs.

A África do Sul conta com boa infraestrutura de circulação e uma posição logística, elementos-pivô de grande interesse para redes mafiosas, essas condições se somam à organizações sociais caóticas enquanto heranças do *Apartheid*, como a lei de agrupamentos que favoreceu o desenvolvimento de gangues, como o Número (26, 27 e 28), inicialmente uma resistência contra o *Apartheid* nas prisões e nos guetos, os grupos foram resignificados à luz dos novos tempos de *Apartheid Social*.

Essas gangues estavam historicamente vinculadas às convulsões sociais, hoje elas resistem valendo-se de outros expedientes, a saber, organizando o crime desorganizado no potencial encerrado em seu país, assim se projetaram as gangues do *Distrito 6* da Cidade do Cabo, *Americanos* e a *Firma* da região de Cape Flats. Jacke Lonti liderou a chegada do crack à Cape Flats, negociando na América Latina tendo como base o Brasil, e utilizando diversas mulas de outras nacionalidades, com destaque para indianos; essas gangues conseguiram distribuir com eficiência as drogas pela R.S.A.<sup>220</sup>

Na maioria dos guetos sul-africanos só era possível circular por meio de pontes, fechadas com facilidade pela polícia branca, no interior desses lugares a “ordem” era abstraída, roubos, violência sexual, assassinatos deveriam ser solucionados pelos próprios moradores, a condição fora circunscrever espacialmente os crimes aos nichos dos “subumanos”. As gangues desses guetos adquiriram uma nova espacialidade desde o fim do *Apartheid*, irradiando o aprendizado de sobrevivência a um patamar mais profissionalmente capitalista. A *Firma* articulou e expandiu seus negócios sob a égide liberalizante, montando bases ao longo da costa atlântica do Cabo e da Índia, com o objetivo de estimular jovens brancos e ricos a imitarem seus pares europeus e estadunidenses consumindo cocaína.<sup>221</sup>

Os cartéis colombianos foram as primeiras empresas a contratarem os nigerianos, aprendendo e apreendendo o funcionamento dos negócios, eles iniciaram a estruturação de suas próprias organizações. O desenvolvimento foi

---

<sup>220</sup> *MacMáfia* de Misha Glenny.

<sup>221</sup> A máfia nigeriana é denominada neste trabalho como *Máfia Trading*, conceito configurado, conforme a ação dela pelo planeta

meteórico, pois no início da década de 90 Lagos já se destacava como importante rota do narcotráfico internacional, intermediando maconha e cocaína de origem sul-americana e heroína do sudeste asiático com destino para o Brasil, que passou a funcionar como corredor fundamental, a droga adquirida pelos nigerianos era redistribuída pela África.<sup>222</sup>

Muitos traficantes já tiveram experiência no mercado formal de trabalho, no Rio de Janeiro vários deles são filhos de empregadas domésticas, conhecendo intimamente a vida das famílias dos grupos sociais mais abastados da cidade. No mundo das favelas, quando o garoto envereda para o tráfico começa a levar a prosperidade para o barraco, traduzida em nível de consumo, coisa que não acontecia com o salário do pai ou da mãe, configurando um “status” no interior do grupo familiar, mediado pela força das mercadorias, sendo o dinheiro a principal delas. O traficante no morro atua como gerenciador e mediador de conflitos, procurando atender às queixas de muitos moradores, além de negociar com a banda podre da polícia, com a igreja e com os vários segmentos culturais em movimento no contexto da favela, desenvolvendo uma significativa habilidade política.<sup>223</sup>

As favelas são construções tidas como provisórias em espaço improvisado, inviabilizando a chegada dos agentes da polícia pelos meios formais, descartando-se, assim, o mandato de busca, explicitando uma enorme violência e desrespeito ao código civil brasileiro, Artigo 5, que reza sobre constrangimento. Assim, a favela como um lugar mafioso guarda em si o paradoxo de ser um acidente na lógica capitalista de valorização do espaço, cuja configuração, em suas entranhas, concorre para a difusão do crime. Na perspectiva do poder sobre esses territórios, a volatilidade é enorme, metamorfoseando-se constantemente, por isso a dimensão de identificação implica sempre em atraso da dinâmica configurada. Em meio a tal complexo, as pessoas, tidas como não-cidadãs, convivem com os impasses desse lugar não-lugar, seja ele o morro do Rio ou o *township* sul-africano.

---

<sup>222</sup> Quanto ao mercado para drogas na África, uma parte visava abastecer as inúmeras milícias em constante combate étnico em vários países e outra fora direcionada à R.S.A, a continuidade do *Apartheid Social* configurou uma explosão no consumo de drogas, associada à desesperança, alimentando os novos mafiosos do continente. Meninas sul-africanas são frequentemente utilizadas como *mulas* pelos cartéis - *Géopolitique des Drogues*.

<sup>223</sup> A própria mobilidade geográfica da boca é um indicio de tal habilidade gerencial, deslocando-a conforme a aproximação dos consumidores ou da polícia – Entrevista com Caco Barcelos na Revista *Caros Amigos*.

Numa leitura geopolítica, o território não é tido apenas como uma zona tomada<sup>224</sup>, porque implica uma organização visando o exercício do poder, daí as várias modalidades territoriais e sociais imbricadas no espaço das favelas, a comunidade está inserida na lógica do crime, levando a uma complexidade para a compreensão da sobreposição de dinâmicas mafiosas, cuja lógica é de difícil apreensão; a favela é um dos vários elos geopolíticos dos negócios mafiosos, sem a preocupação em hierarquizar o seu papel na estrutura como um todo, mas delegando-a a designação de *bunkers* no sentido abordado anteriormente. Interessante observar como a população favelada se vê no conjunto do processo de repressão e na representação do seu vivido cotidiano, a violência é a marca registrada, reproduzindo tal conduta nas práticas sociais, construindo um ambiente fértil para as ações de cunho mafioso, cujo braço pode ser o narcotráfico, pois este garante o até então inimaginável acesso ao mundo do consumo, mesmo que mínimo.

Com o neoliberalismo ganhando corporeidade, o Estado se tornou mais omissivo nas produções urbanas, realidade sensível nos equipamentos essenciais, sendo mais notória a ausência na reincorporação cidadã de alguns ocupantes das cidades, para os quais esse lugar se configura como uma realidade espectral, impulsionando a necessidade de reestruturação da vida em inovadores patamares, dentre eles, os oriundos de práticas mafiosas, reproduzindo a celeuma de ser favela como um espaço criminalizado por excelência, desorganizado, porém incrivelmente funcional em termos estruturais para o crime, traduzindo um poder cuja aparente fragilidade o torna invisível, por isso poder na perspectiva do segredo enquanto leitura mafiosa.<sup>225</sup>

Esses *bunkers* urbanos, por integrarem diferentes lógicas, produzem e reproduzem inflexões mafiosas, tornando-se por vezes *bunkers-pivô*. A capacidade da cidade capitalista em desagregar seus ocupantes é enorme, desempregados e refugiados sem direito à cidade são expelidos para as periferias, ali buscam a afirmação como pessoa, implicando na procura de opções de sobrevivência, por isso as periferias trazem consigo um amplo

---

<sup>224</sup> Ver capítulos 1 e 2.

<sup>225</sup> Para ampliar a perspectiva de análise sobre o Estado no contexto de ascensão de máfias ver *Estado, Governo e Sociedade* de Norberto Bobbio.

potencial para a constituição de negócios mafiosos, tal qual a favela, porém espacialmente melhor integrada, apesar de geograficamente mais distante.

A força do crime em cidades como o Rio de Janeiro permite compreender a difusão do poder dos membros envolvidos, pois os elos entre pessoas, praticamente inexistentes em locais que se urbanizaram na razão direta da impessoalidade, estão presentes nos morros, atraindo até parcela da classe média carioca identificada com tais relações humanas. Certamente os laços de solidariedade e de comunidade ali estabelecidos permeiam o nível da necessidade imediata, envolvendo inúmeros inocentes úteis.

Nos meios de comunicação de massa é comum a abordagem do narcotráfico como força que obriga os indivíduos a nele ingressarem nas favelas, contudo Caco Barcelos levantou outro dado em sua pesquisa de campo, dissonante dessas informações: “Eu vi muito mais assédio da comunidade à boca do que o inverso. Existe a visão de uma vez dentro do tráfico, você não pode mais sair, incorrendo em risco de morte, não vi nada disso. Agora, o contrário vi muito, fila de espera para entrar. Muitos garotos com 12 anos de idade já fazem parte da estrutura”.<sup>226</sup>

Os moldes da expansão da favela impulsionam uma mudança de conduta dos indivíduos, produzindo um novo e expressivo significado em nível de territorialidade, aparentemente a privatização da esfera pública estaria menos presente no dia-a-dia da favela, porque os barracos estão colados entre si, quanto mais altos, mais eles se aproximam, porém outra constatação geográfica é observável, o aumento da voracidade da especulação imobiliária num ambiente, em si, produto da especulação de outras áreas, pois a verticalização das construções tendo como sítio o morro traduz a escassez de espaço, daí o apinhamento, refletindo diretamente no preço das “casinhas”. O combate ao crime organizado nas favelas encontra um dos paradoxos, quando observamos o fato social à luz da coerção espontânea em nível de conduta geral dos seus moradores, processo intrincado numa complexa rede econômica

---

<sup>226</sup> Em entrevista a *Caros Amigos*.

na configuração desses locais periféricamente mafiosos, e resultado de ações mafiosas maiores.<sup>227</sup>

A competição mundializada tem forçado muitos governos a cortarem verbas sobre a renda auferida por trabalhadores, a fim de atraírem investimentos diretos estrangeiros. Gestores dos países desenvolvidos e dos subdesenvolvidos têm crescentemente recorrido à inversão da carga tributária do capital para o trabalho, apesar de tal procedimento ser na maioria das vezes tanto regressivo, quanto contraproducente em relação à geração de empregos. Em resposta à crescente pressão fiscal, muitos países diminuíram a oferta de serviços, privatizando-os, trazendo como consequência a rápida retirada de seus compromissos com a provisão básica para populações de menor renda, pauperizando-lhes a vida.

As oligarquias mundiais do capital financeiro dominam as políticas dos Estados nacionais, caso haja aumento de salário na França, os custos de produção aumentam e as empresas migram para outras regiões, nas quais as vantagens comparativas sejam mais atraentes, esses deslocamentos são burocraticamente concebidos como logísticos. Tal processo é mais complexo à luz de uma crítica ao modelo neoliberal globalizante, tendo como principal artífice o capital financeiro, cuja ação mafiosa, especificamente nesse tema, pode ser bem elucidada através da leitura de Jürgen Habermas: “Os governos mais desenvolvidos estão fazendo uma política interna planetária, uma política interna do trabalho e do salário sob controle da super-determinação planetária do capital financeiro, procurando adaptar os decretos desse capital ao território nacional”.<sup>228</sup>

Os EUA são vistos tradicionalmente como o país das máfias italianas<sup>229</sup>, contudo o tamanho da economia deles e a rede bem estruturada de cidades ali existente abrem inúmeras possibilidades de negócios para diversos grupos mafiosos. Muitos imigrantes de diversas nacionalidades tendem a formar

---

<sup>227</sup> O conceito de coerção espontânea de Émile Durkheim encontra aqui um contexto favorável para aplicação, com ressalvas em nível de objetividade/imparcialidade na análise do fato social, defendida pelo autor, pois isso tornaria a pesquisa anacrônica.

<sup>228</sup> Artigo publicado pela *Caros Amigos* em maio de 2002.

<sup>229</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, Lucky Luciano, chefe da máfia ítalo-americana, contribuiu com os aliados, ganhando, com isso, a comutação de sua pena e autonomia de ação, com a qual pode rearticular a máfia na Sicília, desde que assumisse o compromisso de combater as organizações trabalhistas de cunho socialista na Itália em *Cosa Nostra - Um Siècle d'histoire* de E. Frattini.

guetos, nos quais se torna fácil recrutar mão-de-obra às diversas atividades criminosas, dando um tom étnico à questão. Contudo, as Tríades chinesas elaboraram outra estratégia, a saber, a incorporação de refugiados de nacionalidade não-oriental para a realização de missões, particularmente mexicanos clandestinos prometendo-lhes a regularização da situação no país, dissimulando, assim, a origem de produtos como as drogas, a partir da “miscigenação étnica” dos fluxos.<sup>230</sup>

A ausência de uma estrutura social decente para apoio aos refugiados nos EUA é uma derivação direta da doutrina neoliberal, fortalecida no governo Ronald Reagan (1980-88)<sup>231</sup>, por isso os imigrantes sem assessoria são cooptados pelos grupos mafiosos, através da mínima solidariedade, fator importantíssimo à sobrevivência numa realidade totalmente adversa, conquistando-lhes a confiança, as máfias se constituem a família deles no país, isso leva ao desenvolvimento de duradouras relações afetuosas com muitos indivíduos das organizações. Então, aos novos agregados, imigrantes ilegais, são designadas ações típicas do crime organizado, cumpridas com fidelidade em nome da *famiglia* e da propriedade privada, enquanto o Estado neoliberal, o principal responsável por tal fenômeno, atua na construção de muros concretos e invisíveis, a fim de isolar tais comunidades. Ante impetrar processos humilhantes para auferirem autorização de permanência no país, os grupos imigrantes preferem as máfias.<sup>232</sup>

Existem diversas gangues nos EUA, outrora disputando território em inúmeras cidades, contudo outro processo começa a ser alinhavado nesse país, os diversos grupos de origem italiana, chinesa, russa, mexicana, cambojana estão montando estratégias conjuntas de ataque ao poder policial estatal como uma espécie de união dos excluídos, sob uma ótica deturpada de combate à opressão, e forjando um caráter organizacional de classe no qual figuram sindicatos mediadores de ações, obviamente *underground*. A intencionalidade e a potência dessa nova estruturação contra o poder oficial,

---

<sup>230</sup> Em locais como Seattle.

<sup>231</sup> Alguns discursos de Reagan foram paradigmáticos do modelo neoliberal: “É justo que os pobres paguem mais impostos que os ricos, porque eles utilizam mais serviços sociais.”

<sup>232</sup> Ver *The Complete idiot Guide to the Mafia* de Jerry Capeci.



caracterizado por um Estado falido no âmbito social, abre precedentes para futuras discussões.<sup>233</sup>

Algumas organizações surgem com objetivos muito peculiares, como os cartéis de drogas colombianos, contudo o desenvolvimento deles podem aproximá-los de um *modus operandi* tipicamente mafioso, caracterizado pela infiltração na estrutura política, forte influência sobre governos e controle das comunicações entre as diversas regiões do país<sup>234</sup>, conexão muitas vezes incipiente promovida pelo Estado, denotando os limites de gestão de uma instituição que elegeu outras prioridades, tais como cumprir rigorosamente o serviço da dívida externa. (Ver anexo 5)

Os cartéis colombianos estão intimamente associados aos históricos problemas políticos do país, relacionados às disputas entre os dois grandes partidos nacionais<sup>235</sup>, proporcionando um clima de instabilidade e de pobreza favorável ao surgimento de guerrilhas como as FARC e o ELN no período de 1964-66, posicionados contra sucessivos governos e com potencial de expansão além das fronteiras do país em razão da organização geopolítica derivada da Guerra Fria.<sup>236</sup> O ambiente para a projeção dos cartéis colombianos na estrutura global capitalista vem da complexidade interna engendrada desde o *El Bogotazo* (Grande levante popular), eles superaram a condição de meros traficantes, associando-se com as organizações internas e com poderosos grupos estrangeiros, constituindo um *modus operandi* capaz de transformar a Colômbia num lugar acintosamente mafioso, paralelamente campeã em refugiados.<sup>237</sup>

O principal efeito negativo da utilização de vultosos recursos para conter o tráfico de substâncias ilegais provocou um aumento dos preços de venda (tarifa do crime) em proveito exclusivo das redes criminosas organizadas. Os cartéis operam no sentido de aumentar rapidamente o número de

---

<sup>233</sup> Podemos arriscar um paralelo com os sucessivos ataques do PCC em São Paulo ou do CV no RJ, contra as instalações policiais, apreendidas como ícones de um Estado repressor.

<sup>234</sup> Situação tão mais complexa conforme as dificuldades geográficas de integração interregional, no contexto de omissão do Estado como elemento gestor das conexões internas, caso típico da Colômbia.

<sup>235</sup> Partido Conservador e Partido Liberal. Ver *La Región em la Organización Territorial del Estado de Vidal Perdomo Jaime*.

<sup>236</sup> Doutrina Truman e Macarthismo. Importante frisar que a Colômbia foi o país escolhido para a assinatura da OEA em 1948, um ano após as diretrizes de Truman, definindo o alinhamento da América aos desígnios estadunidenses.

<sup>237</sup> Ver *Narcotráfico en Colombia* de Carlos Arrieta e *El Orden de la Guerra. Las FARC: Entre la Organización y la Política* de Graciela Ramón.

consumidores, cuja estratégia consiste no estímulo aos usuários a passarem das drogas leves para drogas denominadas duras, por isso há uma tendência à constante pesquisa científica, a fim de se produzir drogas gradativamente mais fortes, a exemplo do *Krokodil* russo.<sup>238</sup>

O acesso às informações sobre composição e efeitos de inúmeras drogas disponíveis no mercado é bastante dificultado pela clandestinidade do consumo e ferrenha política de criminalização dos usuários, obstaculizando o trabalho de prevenção e a assistência por parte das autoridades responsáveis, condenando, assim, os consumidores de tais substâncias à marginalidade. Dessa forma se constrói a continuidade do consumo de psicotrópicos, porque esses indivíduos estão em contato permanente com o mundo do crime organizado, tratado como cliente em potencial para os “novos produtos” constantemente lançados. Uma leitura mais ampla sobre a repressão ao consumo de substâncias ilícitas permitiria constatar o fortalecimento do outro elo, a saber, dos grupos envolvidos no tráfico.<sup>239</sup>

O combate ao tráfico envolve estratégias enviesadas, como a iniciada por Andrés Pastrana na Colômbia em 1990 em consonância com os EUA, o denominado Plano Colômbia, dentre as pretensões desse plano estava a erradicação do plantio de coca na região, pulverizando um polêmico fungicida, cuja origem histórica remonta à Guerra do Vietnã,<sup>240</sup> o “combate” aos cartéis acaba por afetar grupos antropológica e geograficamente ligados à utilização da folha de coca.<sup>241</sup> (Ver anexo 10) O combate ao tráfico não leva em conta a instabilidade social, refletida no número de assassinatos no país, acima da média regional, em torno de 33/1000 hab., para 13/1000 na Venezuela e 18/1000 no Equador.<sup>242</sup>

Segundo dados da ONU (dezembro de 2006) foram cultivados 86.000 ha de coca no país, para chegar à cocaína refinada há necessidade de depurar com calcita, lavar com gasolina e refinar com éter, assim, as propriedades da

---

<sup>238</sup> Droga centenas de vezes mais forte que a heroína, a tradução da palavra para o português é *Demônio*.

<sup>239</sup> Giovanni Quaglia aponta o paradoxo na direção do combate ao tráfico: “O ponto fraco de todo mundo hoje é a redução da demanda por drogas, bem como de todos os produtos que alimentam o crime organizado” Quaglia é representante da UNODC (Escritório das Nações Unidas contra as drogas e crimes), divisão Cone Sul.

<sup>240</sup> Há um problema de ordem biogeográfica, pois a folha de coca é ultrarresistente às pragas no contexto da biodiversidade amazônica, por isso a utilização de um potente veneno para eliminá-la.

<sup>241</sup> Ver *El Orden de la Guerra. Las FARC-EP* de Ferrero Medina.

<sup>242</sup> Dados de 2006 – *Le Monde Diplomatique*.

folha de coca e da cocaína refinada são excessivamente distintas, anulando a interpretação de coca como cocaína. O problema é a cocaína refinada, que cria uma demanda por folha de coca, portanto o combate ao tráfico deve passar pelo equacionamento das questões sócio-políticas que o engendra, devendo ser localmente enfrentados, percorrendo um caminho para minimizar o poder econômico das organizações criminosas.<sup>243</sup>

O cultivo das plantas declaradas ilícitas coincide com uma profunda crise agrária que acometeu diversos povos rurais do mundo, situação agravada com a implementação de políticas de privatização e de ajuste estrutural, acompanhada por um processo de combate ao tráfico mais distorcido ainda, envolvendo no primeiro plano a luta contra o consumo antropológico de vegetais como a folha de coca.<sup>244</sup> O combate ao tráfico se torna enviesado ao atingir o consumo cultural e desconsiderando uma leitura plural dos efeitos de certas plantas, obscurecendo importantes trabalhos científicos, como o publicado pela universidade de Harvard já há algum tempo (1975), segundo o qual houve a descoberta de que 100g de ingestão de coca suprem as necessidades humanas diárias de cálcio, ferro, fósforo e vitaminas A, B2 e E.<sup>245</sup> (Ver anexo 11 e 12)

Criminalizar o usuário de drogas não parece ser o melhor caminho de luta contra o narcotráfico, pois na perspectiva do mercado seria mais um estímulo ao aumento dos preços dos produtos.<sup>246</sup> Tratar viciados clinicamente é um argumento muito difundido no debate sobre as drogas, mas o caráter maniqueísta *crime versus doença* parece se afastar de uma discussão central, no caso, o vazio existencial num mundo sem perspectivas contundentes de realização humana, mas reprodutor de laços reificados e circunstanciais, isso inviabiliza a construção de elos efetivos e duradouros. Famílias em choque de valores ou promotoras de atrocidades domésticas produzem muitos consumidores de drogas, enquanto a sociedade de consumo tenta suprir essas

---

<sup>243</sup> Em *Contrabandistas, Maremberos y Mafiosos: Historia social de la mafia colombiana* de Martha García e Dario Betancourt.

<sup>244</sup> De acordo com os costumes ancestrais, a coca era utilizada para expressar amizade, retribuir serviços e como fonte de sabedoria.

<sup>245</sup> Em *Acción Andina*. Ver o trabalho de Geraldo Medrano – *Narcotráfico*.

<sup>246</sup> Vide Lei Seca nos EUA, impulsionadora de personagens como Al Capone e Joseph Kennedy, ambos enriqueceram vendendo uísque durante a vigência de tal dispositivo proibitivo em *Capone: The Man and the Era* de Laurence Bergreen.

lacunas através da venda de mercadorias fetichizadas e subliminadas, reproduzindo o capital.

Nesse sentido, certas linhas da psicanálise talvez não ajudem muito, porque a intenção não é a adaptabilidade a um sistema, mas o questionamento essencial de todo o complexo que o constitui, por isso a falta de clareza de muitos cidadãos desgarrados impulsiona o consumo de drogas lícitas ou ilícitas, constituindo um excelente mercado para as máfias; nada mais lógico afirmar que elas literalmente se alimentam do sistema, baseando-se na falência antropológica do Ser Humano. Ao final, o mercado para as drogas é potencialmente vasto, porque essa realidade humana pulverizada não apresenta perspectiva de alteração em curto prazo, incrementando, assim, o uso de inúmeros subterfúgios, anacronicamente interpretados como prazer em muitos casos de consumo, cooptando particularmente populações jovens.<sup>247</sup>

Uma dimensão importante para o recrutamento de mão-de-obra para as atividades mafiosas na Colômbia é a expressiva população jovem (acima de 40%). No contexto da falta de perspectiva de realização profissional e mediado pelas forças fetichistas do dinheiro, tal faixa etária vê no mundo do crime organizado uma possibilidade de subsistência, apesar dos perigos iminentes a tais atividades, essa forma de recrutamento parece ser uma característica global do *modus operandi* criminoso, sensível à potência aflorada dos lugares mafiosos.

O combate às alianças do narcotráfico esbarra nos programas políticos, elaborados por instituições como os das FARC, traduzindo uma coerência inexistente em muitos governos latino-americanos autodenominados de esquerda. As FARC propõem o fim dos latifúndios improdutivos, bloqueio ao processo de privatizações, investimentos em educação e saúde com ações sociais voltadas a evitar exclusões, controle estatal dos recursos naturais, democratização das forças armadas (eliminando-se a influência norteamericana), sistema fiscal que tribute as grandes fortunas e um aparato democrático, capaz de garantir alternância no poder. A organização de extrema direita colombiana, a AUC, classifica as FARC como terroristas; o ex-

---

<sup>247</sup> A escola de Frankfurt aponta algumas análises nessa direção pluralista de problemas contemporâneos que afligem a humanidade, com destaque para Erich Fromm, particularmente a obra *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, cap. 3.

presidente do país, Andrés Pastrana, encaminhou um documento sugerindo o extermínio de tal grupo <sup>248</sup>, tal prerrogativa parece ter sido colocada integralmente em prática no governo Álvaro Uribe, fiel aliado dos EUA no contexto da doutrina “anti-terror”. (Ver anexo 13)

Programas como os da FARC não surgem aleatoriamente, pois estão inseridos em contextos geopolíticos e históricos de longa maturação. A Colômbia é um país que já mudou de nome cinco vezes, atravessou 23 guerras civis, 3 golpes militares e 29 reformas constitucionais; massacres de trabalhadores em greve, como os implementados pela *United Fruit Co*, ficaram bem registrados.<sup>249</sup> Um país rico em recursos (petróleo, pedras preciosas, ouro, e terras férteis), porém sob controle americano desde 1922, apresenta uma população majoritariamente pobre obrigada a recorrer ao cultivo da folha de coca como forma de sobrevivência. Isso explica a ascensão de organizações guerrilheiras e de cartéis de drogas, ao mesmo tempo em que esvazia o atual discurso anti-delinquência de índole estadunidense.<sup>250</sup>

Há uma certa insistência midiática em comparar qualquer região de produção e tráfico de drogas com a Colômbia, contudo existem particularidades na ascensão das organizações mafiosas em cada país. Colocar as FARC no mesmo nível dos cartéis internacionais de drogas é no mínimo intencional e míope, a fim de confundir a compreensão de tal fenômeno no palco sul-americano, no qual o país é um pivô de importância maior para a geopolítica estadunidense.

O contexto social de ascensão de grupos criminosos permeia a instabilidade de amplo espectro de um país, porém a dimensão étnica vem a somar na articulação do crime organizado, corporificando valores extremamente introspectivos, a exemplo do caso judeu. A máfia judia estadunidense esteve historicamente associada ao crescimento de organizações compostas de jovens gângsteres, que pretendiam reelaborar a proteção à comunidade contra o racismo, construindo uma imagem de heroísmo dentre os membros de novas gerações e, com isso, reafirmando a

---

<sup>248</sup> “Igual que Usted, lamentamos la crítica situación que vive Colômbia ante la arremetida terrorista de las FARC. No es hora de recriminaciones sino de unir a Colômbia toda contra las FARC, destruimos el monstruo Pablo Escobar tan solo 13 meses de confrontación. Claro que también se puede con el terrorismo de las FARC”, publicado pela Carta Capital de 06-03-2002.

<sup>249</sup> Fato imortalizado na obra *Cem anos de Solidão* de Gabriel García Márquez.

<sup>250</sup> Ver *El Narcotráfico en America Latina* de Alejandro Arnedo.

condição de máfia em sua construção operacional.<sup>251</sup> Segundo Rockaway, a moralidade judia encontra um dos paradoxos quando membros da comunidade se engajam no crime, não é só a pobreza de alguns indivíduos que explica a vida no submundo, o ambiente de vivência é um forte estímulo ao ingresso de muitos jovens nessas organizações.<sup>252</sup>

Em sua gênese, o caráter polissêmico de grupos mafiosos<sup>253</sup> é reafirmado diante da complexidade de organizações como as judias estadunidenses, cujos álibis para existirem são étnico-religiosos, contrariando preceitos de sua milenar religião. A tentativa de compreensão das estruturas mentais dos judeus no assentamento de suas agremiações criminosas coloca a necessidade de um diálogo paralelo com o Torah, seu princípio de autocomiseração e de resignação. Karl Marx em *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* analisa a dimensão judia numa perspectiva útil à compreensão do *modus operandi* das agremiações mafiosas sionistas americanas: “A questão judaica é a resposta à questão judaica. Ei-la em poucas palavras: Temos de emancipar-nos a nós próprios, antes de podermos emancipar os outros.”<sup>254</sup>

Israel também foi palco socioespacial de investimentos mafiosos no contexto das redes difundidas pelo capitalismo, lá a conexão ocorreu através do ultraortodoxo partido *Agudat*, que convidou o gângster judeu-americano Stacher, amigo de Meyer Lansky, a investir no setor imobiliário no país, o dinheiro foi aplicado em casas populares e no hotel Kosher em Jerusalém. Na época, o debate político se tornou acirrado, envolvendo até a primeira ministra Golda Meyr, que publicamente admitiu a identidade dos novos investidores, como pertencentes ao submundo americano. Em declaração, Meyer afirmou: “Receio ver meu país como centro das atividades mafiosas mundiais”, preocupação bem assentada à luz dos fluxos contemporâneos, como analisado no capítulo 2.

Meyer estava numa posição delicada, sensível à opinião pública americana e, acima de tudo, dependente dos recursos oriundos dos EUA, caso admitisse a presença de capital ilícito em Israel, ela encontraria forte

---

<sup>251</sup> Talvez o crime como própria mercadoria, ver Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo*: “A máfia não pretende ser nada além do que ela própria”

<sup>252</sup> *But He was Good to His Mother.*

<sup>253</sup> Ver capítulo 1.

<sup>254</sup> Em *Bruno Bauer – A Questão Judaica*, p. 37.

resistência para captar recursos entre os ricos judeus americanos. Considerando a fragilidade geopolítica do país, no contexto da instabilidade do Oriente Médio, Meyer deveria pensar geoestrategicamente, pois seria preferível ganhar longevidade na aliança com os EUA a garantir algumas centenas de milhares de dólares obscuros de judeu-americanos, assim, a identidade judia sionista de Lansky ficou em segundo plano, sendo, ao final, extraditado.<sup>255</sup>

O antissemitismo possui fortes raízes nos EUA, particularmente em Minneapolis durante os anos 30 do século XX, quando uma organização denominada Camisas Prateadas se expandiu. Na região havia uma forte comunidade judia assentada no *Rotary*, no *Kiwanis* e no *Lions*, nelas os judeus ancorados na proteção da comunidade estruturaram grupos armados, partindo para o confronto direto com os nazistas no qual levaram a melhor, consolidando a imagem de heróis perante à comunidade. A produção de casas mafiosas implica em análise plural dos indivíduos, considerados em suas circunstâncias e particularidades dentro da Sociedade.

Uma importante dimensão está por trás das conexões entre máfias e igreja, dimensão observada em lugares de profusão recente de máfias, como a Rússia e em regiões tradicionalmente associadas a tais organizações, como a Itália e os EUA. Interessa às instituições religiosas recursos financeiros, como explicitou um líder da igreja ortodoxa russa: “O dinheiro é o sangue da igreja”<sup>256</sup>, na perspectiva do crime organizado é estratégico se vincular às igrejas, pois isso assegura reconhecimento social, valendo-se de uma instituição de clássico poder sobre corações e mentes dos indivíduos na esfera do sagrado, em trocadilho: “Algumas igrejas purificam o dinheiro sujo”. Assim, os “homens de negócios” se colocam acima de qualquer suspeita, mediante o beneplácito dos templos, contudo o mafioso também é “vítima” da forte manipulação psicológica, sentindo a necessidade de buscar o lugar certo para se redimir de seus pecados isentando-se de culpa, um processo tão mais eficiente conforme a generosidade por ele demonstrada.

A mão-de-obra disponível ao crime organizado parece ter crescido substancialmente na última década do século XX, o que de fato aconteceu e tal

---

<sup>255</sup> Este episódio não anula a conduta capciosa da primeira ministra israelense em outras esferas, como a falsificação de provas para eliminarem “terroristas”, após o atentado de Munique, a fim de criar exemplos para a Nação Judaica.

<sup>256</sup> Federico Varese em *The Russian Máfia*.

fenômeno guarda intrínseca relação com a desintegração da URSS. Esse ex-pais contribuiu com uma parcela significativa dos potenciais “operários” disponíveis às velhas e novas máfias, muitos com o *status* de refugiados<sup>257</sup>, as pessoas fugidias do lugar de origem não encontram muita afeição e vontade política nos países mais avançados, configurando uma carência do mínimo amparo, sobrando-lhes, assim, poucas opções de sobrevivência, dentre elas ingressar no crime organizado a fim de desempenhar alguma função na miríade de oportunidades que este disponibiliza.

Um estudo sobre a penetração do crime organizado em empresas americanas constatou a maior vulnerabilidade dos menores empreendimentos em Nova Iorque, a pequena escala de operações é associada com recursos limitados para resistir aos estragos ou interrupção da extorsão. A menor dimensão de alguns negociantes os torna pouco visíveis aos olhos das autoridades, logo são mais vulneráveis em nível de mobilidade para outros cantos da cidade, sendo limitados em capacidade para atrair novos clientes. A similaridade com as máfias russas envolve a população responsável pela proteção dos “clientes”, no caso os *Khuligany*, popular no idioma eslavo.

Mesmo para os novos investidores de índole mafiosa, a ex-URSS se tornou um lugar muito perigoso, exigindo, portanto, uma rede de proteção, alimentando outras máfias encarregadas de desempenharem a função. Diante de um Estado privatizado, o desemprego e o desespero da população jovem se tornaram fato consumado<sup>258</sup>, os dados referentes a 1998 falam por si mesmos: uma mulher era estuprada por hora, a cada 40 segundos alguém era assaltado no país e a cada 90 minutos uma pessoa era assassinada. Tal erosão social foi o palco favorável ao desenvolvimento de grupos criminosos organizados, aproveitando-se do caos para angariar até a simpatia da população, desempenhando funções incapazes de serem cumpridas por instituições ineptas.<sup>259</sup>

Na antiga URSS, inúmeras cooperativas de serviços, atividades outrora desempenhadas pelo Estado, agora estavam a encargo das máfias, totalmente

---

<sup>257</sup> Os dados da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) confirmam a tese, a organização assessorava 2,5 milhões em 1975 e 17 milhões em 1991 (ano da desarticulação da URSS), 23 milhões em 1993 e 27 milhões em 1995, número que continua crescendo exponencialmente

<sup>258</sup> Entrevista com refugiada russa na Itália em julho de 2008 confirma a tese.

<sup>259</sup> No capítulo 5 será teorizada a dimensão mafiosa em ambientes de insegurança, permitindo a expansão de álbis totalitários na consolidação de lugares mafiosos.



resignificadas, essas organizações não eram núcleos de desenvolvimento de algum tipo de socialismo, mas agremiações configuradas como rede entre os membros da *Nomenklatura* e os agentes prestadores de serviços; a abertura de uma cooperativa passava pela autorização estatal e os burocratas cobravam elevadas propinas para liberá-la, o pagamento era obrigatório, pois as retaliações não eram leves.<sup>260</sup> Com a acelerada deterioração social, tais agrupamentos passaram a ser utilizados como máscaras para atividades mais lucrativas, por exemplo, contrabando de bens de consumo, tráfico de drogas e pontos de prostituição.

O fim da URSS produziu novos personagens econômicos, cujo peso passou a ser essencial no processo político daquele país, a saber, os banqueiros e os pseudoempresários. A livre iniciativa permitiu a inúmeros mafiosos disfarçados incorporarem 60% das antigas empresas públicas, aproveitando-se da ambiguidade das leis perpetradas com o fim da estrutura centralizadora, numa sociedade caracterizada pelo caos político, econômico e social. As máfias russas encamparam duas mil casas de crédito, incrustando-se em instituições financeiras amplamente utilizadas para lavar o dinheiro obtido com a exploração da prostituição, do narcotráfico, do tráfico de armas, da venda de carros roubados e do comércio ilícito de artefatos nucleares<sup>261</sup>, garantindo a emergência de uma vasta banda podre, cujas bases estavam bem assentadas no Estado falido.

De acordo com o Gal. Gennadii Ghebotarey, a polícia levantou mais de 8 mil casos de extorsão pela Rússia em 1994, em muitos deles as vítimas do processo não recorriam à força pública, porque os proprietários de *Kioski* também tinham as mãos sujas devido à evasão fiscal, por isso procuram minimizar ao extremo quaisquer intervenções oficiais.<sup>262</sup>, um sofisticado esquema de evasão fiscal na falida URSS envolvia a criação de companhias fantasmas que pagavam por serviços nunca entregues, as companhias ditas fictícias retornavam dinheiro à firma, mantendo 2% de taxa de transação.

---

<sup>260</sup> Em *The Soviet Federal State: Theory, formation and development* de Tejpal Singh.

<sup>261</sup> Arbex, em *O Século do Crime* analisa parte da dimensão do problema: “De cada dez bancos abertos com a falência do sistema soviético, sete estavam em mãos de *gângsteres* do mercado financeiro.”

<sup>262</sup> Em *Soviet Politics* de Gordon Smith.

A proteção provinha do Estado ou dos quadros da antiga KGB, esses administradores fizeram parte dessa estrutura e se tornaram comerciantes. As três maiores firmas em Perm, incluindo a *Uralbis*, eram lideradas pelo primeiro escalão de oficiais do serviço secreto, que se vangloriavam de sua posição de protetores, configurando uma importante dimensão socioespacial nacional, envolvendo instituições estatais e os novos “homens de negócios”, um produto direto do neoliberalismo russo, cuja potência foi capaz de despertar articulações ensimesmadas e apodrecidas do Estado soviético, erguendo uma dinâmica muito especial em nível de fluxos e fixos na construção da nova sociedade. A cobertura para os negócios foi algo consuetudinário na lógica do recém criado ou ascendido (já existia o *Underground*) mercado russo.<sup>263</sup>

Havia três efetivos caminhos para se obter a proteção, a saber, da estrutura estatal, das agências de proteção ou dos grupos criminais; abertos os empreendimentos, haveria necessidade de buscar uma cobertura, pois o despreparo incorreria em erro e potencial falência do empreendimento. Como no Brasil, a proteção é algo bastante sutil, comumente tão imanente aos negócios que os cidadãos comuns pagam taxas sem questionar o medo de retaliações contido no inconsciente, esse procedimento envolve desde pagamentos aos vigilantes de ruas até as “luvas” (pagamento específico para a obtenção de pontos comerciais)<sup>264</sup>

As organizações criminosas gestadas nos *Gulag* e expandidas para a circunvizinhança (Ver anexo 14) criaram uma espécie de cultura necessária à própria sobrevivência na lógica da estrutura do Estado soviético, *latu sensu*, o “saber se virar”, por isso as novas gerações, devidamente contextualizadas economicamente, deram vazão às possibilidades que cada momento engendrava em si, envolvendo a abertura ao capitalismo liberalizante entranhado na região concomitantemente à falência do regime, portanto uma espécie de rugosidade cultural emergiu como máfias contemporâneas em território russo, convertendo-o em explícito lugar mafioso.<sup>265</sup>

---

<sup>263</sup> Ver *KGB: La Historia interior de sus operaciones desde Lenin a Gorbachov* de Christopher Andrew.

<sup>264</sup> Como um importante braço do operar mafioso, a venda de proteção encerra em si uma leitura eminentemente polissêmica – Ver capítulo 1.

<sup>265</sup> Varese cita o processo em Perm, demonstrando que ao longo dos anos várias gangues consolidaram sua atuação em grupos bem organizados, inúmeras delas emersas com a privatização, detentoras de um

Como analisado anteriormente, a falência da URSS encerra o evento mais importante de projeção mafiosa da contemporaneidade, exigindo, portanto, uma retrospectiva socioespacial das condições que engendraram tal potência. A mafiosidade em território russo remonta a um período présoviético, denotando uma relação ao aspecto semântico da expressão *vory*, até hoje utilizada para designar os mafiosos da região. Jacques Rossi<sup>266</sup>, autor de trabalhos sobre o crime organizado nos *Gulags*, escreveu sobre os “nobres ladrões” ou *staryi blagorodnyi vorovskoi mir*, contextualizados na Rússia czarista, uma espécie de *protovory*, contudo esse e outros autores são literais ao afirmarem que as condições concretas para a expansão de tais organizações foram criadas no sistema soviético, particularmente relacionados ao momento de lançamento da *NEP*, quando elementos do capitalismo, típico do modelo, compactuaram com o crime profissional.

Segundo o estudo de *Trakhtenberg* (1908), *Vory* vem de uma palavra originária para designar bons ladrões, um termo derivado de *urka* e de *oreruka* (ladrões triviais). Em 1912, Popov inseriu a palavra *Blatnoi* para designar criminosos e *vozhak* para líder.<sup>267</sup> Em outro dicionário de 1927 constava a palavra *zakonnyi* para denotar propósitos reais de boas qualidades. Likhachev constatou como adjetivos similares as palavras *vozhaki* e *golovki* no jornal da academia soviética em 1935, cada qual com conotação específica, esse autor usou a palavra *vorovskoi* para designar os setores do submundo sob o controle de tais líderes, daí a expressão *vorovskoi prestupnyi mir* (mundo criminal dos ladrões). Em 1940, documentos oficiais transcreveram a expressão para *vory retsidivisty* e em 1953 foram chamados de *vory*.

Muitos autores russos escreveram sobre o comportamento do crime russo, particularmente nas prisões antes da ascensão da URSS, dentre eles Dostoyvesky, Doroshevich e Yakushkin. Doroshevich (1864-1922) escreveu sobre um tipo de prisioneiro que pretendia ganhar o respeito de seus parceiros tornando-se um herói da colônia, utilizando o codnome Ivan, tais indivíduos passavam a ditar as regras dentro do presídio, definindo inclusive as punições

---

código comportamental histórico cultural, enquanto outras agremiações foram formadas como articulações aos grupos principais. O autor analisa as operações das brigadas no mercado, cada qual com sua especialização em *The Russian Mafia*.

<sup>266</sup> Citado em *The Russian Mafia*.

<sup>267</sup> Hélène Carrère trata da questão num período específico (1917-30) em *Le Grand Défi: Bolcheviks et Nations*.

aos infratores, caracterizando-se como um poder paralelo na lógica da administração penal.

O *Artel*, descrito por Yakushkin, operava de forma independente, competindo com outros grupos sem excluir a possibilidade de reunir forças com outras organizações contra um rival. O *Artel* russo do século XIX recordava o *Kodla* ou comunidade dos ladrões e guardava importantes distinções em relação ao *Vory*. O *Artel* era um grupo de pessoas envolvidas nos mesmos negócios e aceitavam a liderança de um membro amigo, caracterizando o monopólio sobre certo setor do submundo, cada *Vor* na *Kodla* trabalhava como cúmplice setorizado nos negócios paralelos, então a *Kodla* seria a soma de coalizões de líderes do crime ou *Arteli*.

O líder *Vor* do crime entraria em conflito com quem não trabalhasse sob sua proteção na *Kodla*, a pré-revolucionária *Arteli* nunca formou uma fraternidade de líderes de grupos individuais. Nenhum dos membros poderia comprar o título de *Vor*; o *Kodla* era uma associação de primos entre pares sem reconhecer hierarquia no *Vory*, enquanto neste havia o *Skhodka*, o órgão colegiado responsável pela discussão dos problemas. A escala nacional de fraternidade do *Vory* era excessiva na *Arteli* e não havia evidências de criação de uma estrutura sistemática para nortear suas atividades.

O *Vory* foi a organização que evoluiu dentro da URSS e no pós-sovietismo, tendo como auge o período de difusão do *Gulag*, extrapolando os muros e expandindo suas atividades. Acreditava-se no total desaparecimento dos *Vory* no final dos anos 50 com a política de “caça aos membros” ou *Such'ya voina*<sup>268</sup>, aprisionando 300 *Vory*, mas tal extermínio foi aparente, pois eles tinham aprimorado suas táticas, adaptando-se aos novos contextos, principalmente no momento de ascensão do capitalismo na região, findada a URSS.<sup>269</sup>

Dentro dos campos, as autoridades evitavam o choque frontal com os *Vory* até 1940, as organizações se valiam de forte caráter libertário e exploração do sentido de família, usando a poderosa figura da *mãe*, respeitada e considerada referência na estrutura do crime, aspectos líricos romanceados

---

<sup>268</sup> Em russo a expressão é menos eufêmica, designada de caça às prostitutas, esta última palavra também suavizante – *The Russian Mafia*.

<sup>269</sup> Os Campos Gerais ou *Gulag* estiveram, em sua maioria, espacialmente alocados na Sibéria. Ver *The Russian Federalism in Siberia and the far East* de Manuel Castells e Ema Kiselyova.

se tornaram folclore, dando sentido à expressão *Mães do Crime*, uma necessidade enquanto substituto à família verdadeira, em decorrência da ausência de elos no espaço geograficamente isolado dos campos. As transferências de prisioneiros entre as várias unidades contribuíram na difusão de informações codificadas sobre a estrutura social do crime.

Uma terceira e quarta gerações aprenderam a contemplar as *Mães do Crime* desde a infância. A primeira territorialidade das máfias russas foi estabelecida dentro do *Gulag*, fora dele os ex-prisioneiros buscaram uma reinserção através do “trabalho”, configurando três comunidades de “bandidos”, os *Shaika*, *Malina* e *Kodla*. uma *Kodla* poderia alcançar entre 20 e 30 pessoas, em Moscou, o *Vory* estava capacitado para agir em vários cantos da cidade. A *Tolkovishcha* era uma espécie de assembleia do *Vory* na qual as mais importantes decisões eram tomadas, o *Vory's Skhodka* era o órgão de representação e de controle das comunas de *Vorys* do outro lado dos muros dos campos.<sup>270</sup>

Os maiores *Skhodki* (plural de *Skhodka*) foram articulados em Moscou em 1947 no Kazaquistão em 1955 e no Kraznodar em 1956, um analista chamado *Monakhov*<sup>271</sup> estimou entre 200 a 400 pessoas alvo da “Instituição”. O *Mir* (Comunidade) ganhou uma nova conotação em relação à ideologia soviétizante, atribuindo a ela um sentido mais próximo da expressão, pois a corrupção da era Stalinista deixava claro o distanciamento em relação aos objetivos denotados por tal filosofia, no caso a ideia de todas as coisas comuns a todos, os *Vory*, inconscientemente reelaboraram o sentido do Modelo Soviético, consubstanciando ironicamente a conferência de *Konsdatt*, a saber, todo poder aos Sovietes, no mais puro sentido da expressão em Russo: Conselho. A polissemia do fenômeno mafioso na ex-URSS implica em diferentes leituras da gênese do crime em sua sobreposição espacial enquanto camadas de tempo.

O código comportamental *intragulag* (**Ver anexo....) (inserir código comportamental do Vory pág. 151 de Varese e depois relacionar com o Código do PCC da Caros Amigos)**) ganhou espaço e expandiu seu

---

<sup>270</sup> A complexidade étnica da ex-URSS esteve inserida nesse processo. Ver *The Peoples of the Soviet Union* de Viktor Kozlov.

<sup>271</sup> Citado por Varese em *The Russian Máfia*.

funcionamento na nova comunidade, mantendo laços com os grupos ainda aprisionados, denotando uma genealogia do crime, onde a extensão das atividades mafiosas foi inevitável para a região circunvizinha ao campo, possibilitando o ensaio de uma teoria baseada em círculos concêntricos, inicialmente tendo como área nevrálgica o *Gulag*.<sup>272</sup> Os círculos concêntricos irradiaram o poder a longas distâncias, criando zonas de conurbação fechando-se sobre o território russo; as organizações emanadas de diferentes zonas geográficas, proporcionaram em alguns momentos acordos entre grupos mafiosos e, em outros, lutas Intestinas que derivaram para alianças ou conflitos.

Os *Vory* aplicavam tempo significativo de suas vidas nos campos, aprimorando atividades para si na lógica da organização, recusavam-se à trabalhar nas obras, estrategicamente localizadas nas imediações com o objetivo de utilizar os prisioneiros como operários.<sup>273</sup> Eles desenvolveram uma ideologia de puritanismo monástico, um ritual de iniciação para a fraternidade terminando com o título de *Blatnye*, um criminoso que aspirava se tornar um *Vory*, o mais elevado título de honra no mundo do crime e controlador de um fundo comunal denominado *Obshchak*.<sup>274</sup> A fraternidade sobreviveu durante todo o período soviético, mas em 1950 as autoridades dos campos encorajaram uma guerra contra os *Vory*, estimulando a criação de um grupo de assassinos convictos, muitos deles igualmente *Vory*.

Na Era Brejnev (1964-82), a *protomáfia* possuía as condições jurídicas para se expandir, momento da concepção do *Vory v Zakonie*, ou simplesmente ladrões oficiais, a filha de Brejnev tinha por hábito traficar diamantes e seu marido, o Gal lúri Tchurbanov, intermediava o comércio de algodão e cítricos para o mercado paralelo. O Uzbequistão, que hoje possui suas próprias referências em nível de crime organizado, teve no período Tchurbanov a primeira grande liderança mafiosa local, responsável por uma escola rentável em subsequentes experiências no crime organizado. Com Brejnev, a hipertrofia do poder dava a sensação de inatingibilidade e total imunidade, as

---

<sup>272</sup> Já é conhecido o caráter polissêmico dos prisioneiros dos *Gulag*, envolvendo muitos opositores ao regime soviético, desde políticos, artistas e obviamente bandidos de verdade, esses últimos relacionados à lógica da pesquisa, no caso os *Vory-v-zakone*, ou ladrões com código de honra, em ascensão a partir de 1920.

<sup>273</sup> Em *Gulag, A History*, de Applebaum.

<sup>274</sup> Um suporte para as atividades do grupo, logo uma espécie de órgão financiador.

organizações mafiosas souberam instrumentalizar o ambiente, sedimentando uma sólida espacialidade.

A fraternidade do *Vory-v-Zakone* sobreviveu à *Such'ya voina*; em 1980, a polícia investigou 73 membros da organização, desde então, o número cresceu vertiginosamente, em 1993 foram levantados 266 nomes. O ministro dos negócios interiores falou em 600 *vory* operando em toda a CEI, número expandido para 800 em 1999 só na Rússia, envolvendo indivíduos do próprio combate ao crime organizado. O novo contexto capitalista de cunho neoliberal foi o grande estímulo para a expansão do crime organizado, permitindo uma espetacular recuperação de instituições tidas como eliminadas, ascendendo inclusive com a tradicional compra de títulos dos velhos *Vory* por US\$ 150 mil. **(Ver anexo.....) (inserir tabela p. 168 de varese )** O caso russo é emblemático em nível de complexidade de gestação e evolução de forças capazes de produzirem uma dinâmica continuamente reelaborada na construção da socioespacialidade mafiosa.<sup>275</sup>

A antiga URSS expandiu seus negócios para sua zona-satélite imediata, valendo-se de órgãos muito específicos, como o falido Comércio Comum Comunista. O Comecom da antiga estrutura da Cortina de Ferro impôs uma DIT, na qual a Polônia produzia fertilizantes, a antiga Tchecoslováquia produzia turbinas para usinas elétricas e a Bulgária desempenhava o papel de coração da indústria eletrônica. Nos anos 70 nascia o *Pravets* (primeiro pc socialista), produzido a 40 km de Sófia, a KGB incumbiu ao DS (órgão búlgaro de inteligência) driblar o controle americano sobre o acesso à indústria de ponta do leste europeu, assegurando a gênese do COCOM (computadores do Comecom), que chegou a montar uma empresa no exterior.<sup>276</sup>

Os *Vory* passaram por profundas transformações no Leste Europeu, os seus herdeiros desenvolveram formas eficientes de reprodução do capital em tempos liberalizantes. Uma estratégia denominada *Armadilha da Aranha* merece destaque, a base era a intimidação, a saber, trabalhe conosco ou vamos destruí-lo, configurando uma forma de agregar cada vez mais setores e

---

<sup>275</sup> *Geography and National Identity* de David Hooson.

<sup>276</sup> *MacMáfia* de Misha Glenny.

peças estratégicas, procedimento típico do Leste na incorporação de empresas, rumo à formação de redes, como discutido no capítulo dois.<sup>277</sup>

Muitas indústrias eram obrigadas a vender por preços sucateados, minando-lhe a estrutura por dentro até sucumbir em mãos dos mafiosos. No caso búlgaro a empresa Podkrepa do sinistro Ilya Pavlov foi responsável pela articulação de expressivas *holdings*. A Armadilha da Aranha transformou os ativos do Estado em capital líquido privado, Pavlov contratou empresas de consultoria para projetar imagens de sucesso, os investimentos da então denominada Multigroup se estenderam bem além da Europa adquirindo dois cassinos no Paraguai. Uma foto ao lado de Ilya abria portas, com a crise e falência do modelo, uma legião de serviçais estava à espreita em busca de oportunidades de trabalho com esse e com outros novos empresários “bolcheviques”.<sup>278</sup>

Há uma complexidade regional associada ao controle mafioso sobre empresas russas quando o assunto é energia, porque a Gazprom responde por um terço da produção global de gás e 8% do PIB da Rússia. Viktor Chernomyrdin, ex-primeiro ministro do país concentrou imensos recursos de gás natural em uma única empresa, delegando-lhe o poder de monopólio sobre todos os gasodutos do país. Essa empresa foi privatizada nos moldes obscuros da Rússia e com inúmeros *vory* à espreita, hoje todo gás que sai do Turcomenistão, Uzbequistão e Cazaquistão com destino ao mercado europeu ocidental precisa passar pelas tubulações da Gazprom. A empresa russa assinou tratados secretos com a pequena cia ETG, registrada na Hungria, garantindo-lhe o envio de gás turcomeno por meio da Ucrânia até a Europa Ocidental, 18 meses depois estouraram relações da ETG com empresas fantasmas em Chipre, Turcomenistão, Moldávia, Ilhas Seichelles, França e Grã-Bretanha, cujas conexões enveredavam para o grande *capo* Semuyon Mogilevich.

Os negócios mafiosos com petróleo revelaram uma outra dimensão dos conflitos étnicos na contemporaneidade expondo a espacialidade de cada um. Quando a questão essencial estava nos negócios, a segmentação dos

---

<sup>277</sup> As guerras civis do Leste Europeu foram ganhando outra conotação com a ascensão das casas mafiosas. Ver *Perspectivas de Guerra Civil* de Hans Magnus.

<sup>278</sup> *MacMáfia* de Misha Glenny e *La Trampa Balcánica* de Francisco Veiga.



mercados ocorre conforme a origem, assim, Moscou era dos moscovitas, Chechênia para os chechenos e Odessa para os odessitas. Na transnacionalização do crime, essa diretriz nacional de ação não teve espaço, porque coibia a ação em rede das organizações, por isso alguns líderes mais ufanistas foram tirados de cena, como Viktor Kulivar Karabar, assassinado em 1997, deixando Odessa sem seu protetor.

Os chefões da Rússia e da Ucrânia enxergaram a raiz da riqueza no mundo atual, entendendo os limites das ações mafiosas quando circunscritas a drogas e prostituição, os investimentos deveriam ser direcionados ao setor de energia e indústrias de armas, a venda de armas para a ex-Iugoslávia produziu uma aliança eficiente entre Estado e o crime organizado, enquanto a batalha pela exportação do petróleo dividiu Odessa, o assassinato de Karabar evidenciou o peso do Estado enquanto instituição envolvida em corrupção e crime transnacional, mesmo em regiões aparentemente inexpressivas a transnacionalização mafiosa se faz presente, como na República da Transnístria (entre Moldávia e Ucrânia), com um orçamento anual de 250 milhões de dólares, o país produziu um complexo esportivo para o Sheriff Tiraspol no valor de R\$180 milhões. O dinheiro foi obtido através das ações dos líderes políticos do país com a exportação de armas pelo porto de Odessa, enquanto a Gazprom subsidiava o gás para a metalúrgica Itera, ligada à máfia Solnsteyo, cuja sede funciona na Flórida.<sup>279</sup>

Após a queda do sistema do Leste houve a invasão de empresas ocidentais de marcas famosas (Nike, Mercedes, Swatch), as populações consumiam os poucos recursos com esses novos símbolos do *status*. Empreendimentos capitalistas dificultam a distinção entre lícito e ilícito (*nevoeiro econômico*), muitos empresários ocidentais eram íntimos dos oligarcas orientais, facilitando a expropriação dos ativos das novas “democracias”. O magnata britânico das comunicações, Robert Maxwell, providenciou a transferência de US\$ 2 bilhões da Bulgária para paraísos fiscais do Ocidente. A extinção de modelos totalitários no Leste Europeu transcorreu de maneira capciosa.<sup>280</sup>

---

<sup>279</sup> *MacMáfia*.

<sup>280</sup> Ver *La Fin des Démocrates Populaires* de François Fejto.

A frieza dos organismos internacionais agravou a precariedade interna do Leste Europeu, o FMI exigiu o pagamento dos US\$ 10 bilhões deixados pelo regime corrupto búlgaro, as medidas de austeridade jogaram milhares de agentes da polícia, do serviço secreto e de vigilantes de fronteiras nas ruas, ampliando a mão-de-obra disponível às atividades ilícitas, que somavam 14 mil em 1991. As habilidades desses indivíduos foram rapidamente utilizadas pelas redes criminais, prestando serviços de primeira ordem para as organizações, a saber, venda de proteção.

As seguradoras do Leste Europeu foram formadas com efetivos da força policial miscigenada com gangues de rua e ex-lutadores, engendrando organizações como a *SIC*, *VIS* e *TIM*, inicialmente no ramo de carros, expandindo-se para outros setores; a *TIM* se tornou uma empresa de grande porte. Na estrutura de máfias, as pessoas eram “convencidas” a adquirirem o seguro, mediante forte intimidação. A *Multigroup* de Pavlov contava com os serviços da *SIC* e da *VIS*.

A legitimidade fora auferida em meio à barbúrdia na compreensão do que era legal e ilegal, o pessoal da proteção, apesar da pressão sobre o contratante, trabalhava duro para recuperar veículos roubados. A indústria que mais crescia na Europa Oriental era a do roubo de carros, o obscuro porto albanês de Durres descarregava inúmeros *contêineres* repletos de diferentes marcas, com destaque para Mercedes. A *VIS* estava profundamente envolvida com a transnacionalização do roubo de carros, facilitando a conexão com outras organizações similares da região.

A Divisão do Trabalho dos tempos áureos do Comecom adquirira outra conotação, agora a Bulgária se especializou em roubo de carros. Na falida Iugoslávia armas e cigarros fluíam bem no contrabando; na Ucrânia, o tráfico de mulheres e de trabalhadores ilegais tornou-se a atividade mais proeminente; Hungria e antiga Tchecoslováquia foram dois pivôs nas novas redes criminosas em razão dos laços econômicos com a Alemanha e com a Áustria. A Hungria foi pioneira na lavagem de dinheiro no âmbito regional, os mafiosos russos escolheram Budapeste como base avançada da Europa Central, deslocando a máfia búlgara para a antiga Tchecoslováquia. A rodovia *Silnice Hamby* ou estrada da vergonha, que liga Praga a Dresden, ficou assim conhecida pela prostituição das mulheres tchecas, a máfia búlgara passou a oferecer mulheres

da comunidade local a preços bem mais convidativos aos turistas sexuais alemães (antigos clientes do Sudeste Asiático e do Caribe), os búlgaros construíram hotéis baratos no norte da Boêmia para atender à nova freguesia.<sup>281</sup>

Muitos grupos mafiosos evoluíram para verdadeiros agentes do novo capitalismo, inclusive como mediadores das relações intrínsecas ao sistema em expansão, possibilitando-lhes arrecadar mais taxas que o próprio Estado Russo através de extorsão, isso rapidamente se tornou um expressivo poder, ampliando a rede de atuação. A eficiência do mecanismo de suborno envolvia uma miríade de funcionários como uma empresa bem estruturada, os “fiscais” (*Kachki*) eram encarregados de ameaçar e incendiar estabelecimentos dos comerciantes “rebeldes”, trata-se de um importante ponto de convergência com as máfias mundiais, alterando apenas o nome dos agentes responsáveis pelo “trabalho sujo”; na clássica *Cosa Nostra* italiana seriam tarefas designadas aos *Piccioto*. As máfias russas reproduziram endemicamente uma lógica clássica de funcionamento estrutural e organizacional, somando a isso características específicas de sua gestação e desenvolvimento.

Um dos grandes paradoxos da antiga URSS residiu no jogo entre a tensão produzida do universalismo com base em classes em busca de um comunismo real e os interesses geopolíticos fundamentados em interesses étnicos de potenciais aliados, mais de 120 nacionalidades do país se distribuíam geograficamente conforme concepções geopolíticas oficiais, envolvendo ora punição, ora compensação. A busca por um significado espacial nesses novos e constantes sítios pode ter fortalecido o sentido de comunidade em ambiente de forte aparato repressor, criando, assim, um exército extraoficial de pessoas dispostas a ingressarem em organizações escusas, quando o movimento das coisas doravante permitisse.<sup>282</sup>

O mundo do trabalho engendrado no dinheiro adquiriu feições muito peculiares em sociedades supostamente antagônicas ao capitalismo. A expressão servo-croata *Tezga* traduzia trabalho no qual se faz pouco esforço e ganha-se muito dinheiro. Não obstante, os altos rendimentos somente seriam possíveis mediante a atuação em algum campo ilícito da economia, concebido

---

<sup>281</sup> *MacMáfia*.

<sup>282</sup> Em *The Soviet Federal State: Theory, formation and development*.

como oportunidade e não como crime, “pessoas espertas sabendo usufruir de oportunidades”; intrinsecamente o mundo do consumo fetichista assentava as diretrizes na dimensão mental dos cidadãos, cuja mediação passou a ser a força do mercado plenamente desregulamentado.

Na Iugoslávia, o crime organizado estava profundamente entrelaçado com a política em várias instâncias, transcendendo nacionalismos; as novas repúblicas passaram a ser governadas por cartéis ressurgentes do PC, da polícia e do exército, agentes do KOS (serviço secreto iugoslavo) alimentavam seus compatriotas de outrora com armas, a Iugoslávia contava com a 4ª maior força armada do mundo. Dentre os grupos iugoslavos, os croatas compõem o maior número, dispersos pelo mundo e fortemente nacionalistas, sendo a comunidade na América do Sul a mais chauvinista. Durante o governo Carlos Menen <sup>283</sup> uma rede assegurou o envio de armas para a luta pela independência da Croácia, 6,5 t de armas foram enviadas ao Panamá e de lá para os Bálcãs, 51 milhões de dólares endereçados à Bolívia tinham como destino final também a Croácia. Na esfera muçulmana, a independência da Bósnia contou com um fundo “beneficente” árabe de US\$ 350 milhões, dinheiro utilizado na aquisição de armas.

A Sérvia ficava no centro de todas as rotas comerciais dos Bálcãs, país que mantinha fortes laços com o *Multigroup* búlgaro. Os embargos econômicos no contexto das guerras contribuíram para o desenvolvimento de máfias, no caso balcânico houve a criação de uma estrutura multidirecional com expressiva capacidade de operação e criatividade a fim de furar o cerco, engendrando a indústria de violação das sanções, enquanto a população empobrecia. Um grupo ganhava muito dinheiro com tráficos múltiplos, as rotas de petróleo e seus derivados da Romênia, da Hungria e da Bulgária para a Sérvia constituíam a ponta do *iceberg*.<sup>284</sup>

Os negócios do Estado se tornaram negócios mafiosos, envolvendo a circulação de drogas, armas, trabalhadores ilegais e mulheres, enquanto as milícias davam um tom abstratamente nacionalista na lógica do capital *underground*, criando logomarcas forjando identidades e alteridades, os sérvios

---

<sup>283</sup> Ver *Blanca y Radiante: Mafias, Poder y Narcotráfico en la Argentina* de Gabriel Pasquini e Eduardo Miguel.

<sup>284</sup> Ver *MacMáfia*.

difundiram o Brasão com os quatro “C” (Somente o sérvio salva a Sérvia), o Lírio foi incorporado pela Bósnia, a Águia pela Albânia e o Xadrez pela Croácia. A diferença entre Iugoslávia e o restante do Leste Europeu residia no papel do Serviço Secreto, no primeiro caso, ele esteve junto com as redes criminosas, enquanto no segundo ele foi desarticulado. A roupagem nacionalista não impedia a ampla cooperação entre os ex-iugoslavos na transferência de itens capazes de gerar um bom dinheiro, a reprodução do capital foi mais importante que a diretriz étnica.<sup>285</sup>

Quadrilhas turcas de traficantes de heroína se associaram às redes do Leste Europeu para adentrarem com a droga vinda do Afeganistão na Europa Ocidental. As redes mafiosas estiveram no pano de fundo dos desentendimentos entre os presidentes da Sérvia e de Montenegro, respectivamente Milosevic e Djukanovic. Dois fatores produziram dissabores entre os financistas mafiosos de Milosevic, a saber, a derrota da Sérvia em 1999 e a ascensão da mulher e do filho do ex-líder sérvio ao comando de um poderoso cartel concorrente dos antigos corregionários de Slobodan.

Na Iugoslávia, Arkan e seus tigres constituíram uma das principais faces do crime organizado constituindo uma vasta rede, intermediavam a venda de jogadores de futebol da Sérvia para o Lazio italiano, vendiam proteção, traficavam petróleo e drogas, possuíam negócios de carros, agenciavam mulheres e alugavam assassinos. Ao contrário dos países que compuseram a antiga Cortina de Ferro, a Iugoslávia permitia aos seus cidadãos o livre trânsito para o Ocidente, isso permitiu a Arkan estender seu *Modus operandi* para outros países, ele foi preso na Suécia, na Holanda, na Bélgica e na Alemanha; mas na Sérvia era considerado herói nacional. A imagem difundida por ele foi estendida ao conjunto dos sérvios, ainda hoje na Bulgária é difundida a máxima: “Se você quiser eliminar alguém de forma eficiente e barata, o melhor é contratar um sérvio”.

O assassinato de Arkan em janeiro de 2000 abriu espaço para violentos conflitos entre gangues, período conhecido como “Primavera Sangrenta”, os conflitos na Iugoslávia produziram muitos refugiados, dispersos por vários países, populações que se tornariam úteis ao esquema de distribuição de

---

<sup>285</sup> Ver Da *Balcanização* à “*Balcanização*” do autor.

drogas. Com a independência de Kosovo, um novo centro de distribuição de heroína para a Europa Ocidental se consolidou, as máfias haviam perdido Milosevic, mas ganharam Taçi, o premier kosovar.

A resolução 754 da ONU de 1992 impôs severas sanções econômicas à Sérvia e a Montenegro, tal expediente serviu como elemento fomentador para a transposição de supostas rivalidades étnicas em prol de algo maior, a saber, a articulação de poderosas redes mafiosas, com destaque para enormes carregamentos de cigarros, a nova especialidade de Montenegro, o produto chegava aos dois aeroportos do país, e de lá era transportado até o porto de Bar, seguindo para Bari, onde a máfia italiana o aguardava para a distribuição final. Montenegro valia-se do denominado imposto de trânsito, basicamente única fonte de renda diante das diretrizes das Nações Unidas.

O Líder montenegrino, Milo Djukanovic, controlava as duas empresas de intermediação do contrabando, cobrando 30 dólares por cada mala que atravessasse o país. Montenegro encerra um caso típico da volatilidade dos espaços vitais na geopolítica contemporânea, produzindo a proposital cegueira momentânea em prol de alianças mais frutíferas, Bill Clinton descartou Djukanovic quando a guerra em Kosovo estava ganha, Montenegro não era mais pivô, momento no qual o combate se direcionou contra o negócio do cigarro.<sup>286</sup>

A territorialidade criminosa na definição dos lugares mafiosos no contexto iugoslavo engendrou enorme complexidade, pois dominar uma província possuía uma importância relativa, mas uma cidade como Osijek na Croácia independente representava um expressivo território<sup>287</sup>, portanto um obscuro gângster como Clavas poderia criar uma situação desestabilizadora, como de fato ocorreu. Anos mais tarde, ele se tornou prefeito de Osijek, liquidando seus inimigos e apoiando os estabelecimentos que lhe pagassem, atuando como uma espécie de *Dolgoprudnaya* russa (a máfia especializada em proteção), extorquindo empresários em troca de respaldo. A liquefação do sistema europeu oriental e do iugoslavo produziu efeitos imprevisíveis, contrariando ufanismos liberalizantes.<sup>288</sup>

---

<sup>286</sup> Ver *Informe sobre el Conflicto y la Guerra de Kosovo* de Oliver Corten.

<sup>287</sup> Na época 104.000 habitantes, a quarta maior cidade do novo país.

<sup>288</sup> Ver *Europa del Este: La Revolución de la Libertad* de Francisco Eguiagaray.

Arkan e Clavas não eram personagens isolados no drama iugoslavo, pois figuravam outras organizações de igual peso dos *Tigres*, como havia grupos menores, mas não menos atuantes em meio à barbúdia produzida pela guerra. Dentre eles estavam o *Movimento Chetnik Sérvio* com delegações por toda a Sérvia, a *Guarda Sérvia (Gisca)*, conectada ao movimento sérvio de renovação, os *Águias Brancas*, uma organização juvenil sérvio, os *Vespas Amarelos*, os *Falcões Sérvios* e os *Vingadores Chetniks*.<sup>289</sup> As inúmeras atividades mafiosas desses grupos acabaram incorrendo em diversos ajustes de contas, aumentando ainda mais o grau de violência, abrindo espaço para a configuração de novas forças mafiosas, a princípio tangenciais, cuja potência não tardou a extrapolar os limites de ação do antigo país dos eslavos do sul.

Tim Judah<sup>290</sup> esclarece como o fim da Iugoslávia transformou o país numa colcha de retalhos, estabelecendo verdadeiros feudos para assegurarem a atuação de organizações das mais diferentes matizes, inclusive extranacionais, grupos vindos da Alemanha e da Suíça se aproveitaram dos espólios produzidos pelas guerras, com a perspectiva de realização de bons negócios. As sanções impostas pela ONU abriram um novo mercado de ação das máfias referente ao tráfego de petróleo e outros insumos, inclusive drogas e armas, entrecruzando paramilitares, ministros e gangues, a nova economia só funcionava com o beneplácito dos “Homens de Negócios” ou nova elite, literalmente donos do país.

A sociedade foi incitada ao ódio em diversas regiões da Croácia, incorrendo em inúmeros eventos associados a discursos agressivos de grupos paramilitares obscuros, fato distante das notícias propagadas pela mídia ocidental que definia os conflitos como uma cobrança de “dívidas históricas”, obscurecendo a atuação dos grupos mafiosos. Misha Glenny<sup>291</sup>, observador das questões do Leste Europeu e dos Bálcãs, relatou o caráter local dos confrontos: “Em alguns povoados da Eslavônia oriental, sérvios e croatas se matavam, porém em outros não se disparou um tiro durante toda a guerra, configurando a coexistência pacífica”(sic), a complexidade espacial produzida

---

<sup>289</sup> *La Trampa Balcánica.*

<sup>290</sup> *Em Serbs: History Mith & the destruction of Yugoslavia.*

<sup>291</sup> *Em The Fall Of Yugoslavia.*

numa guerra produz condições imprevisíveis de ascensão de máfias em seu sentido mais polissêmico.

Os choques locais entre sérvios e croatas remontava à Segunda Guerra Mundial, quando um grande número de migrantes chegou das zonas pobres da Iugoslávia, no caso, os croatas da Bósnia-Herzegovina e os sérvios de Krajina, ocupando os imóveis das minorias alemã e húngara, que desapareceram com o conflito. Os recém-chegados foram denominados de *Dosljaci*, depreciados pelos *Starosediaci* ou velhos moradores, habitantes da Eslavônia desde o século XV, os assentados definiam os novos como bárbaros e insuficientemente europeus.<sup>292</sup>

Nos distritos mais povoados por esses migrantes houve confrontos severos, mas nas aldeias habitadas por velhas famílias sérvias e croatas, como Klisa, não foram registrados problemas, apesar de estarem cercadas por vários focos de conflito. Por trás das supostas dívidas históricas estava a instrumentalização por grupos fanáticos das rinchas entre os descendentes dos *Dosljaci* e dos *Starosediaci*, a fim de assegurarem seus próprios negócios com a eclosão de guerras locais, configurando uma espacialidade muito peculiar para a projeção de máfias, escapando à linearidade automática guerra-máfia, oferecendo uma leitura atípica ao contexto da falência do modelo econômico regional.<sup>293</sup>

Das ex-repúblicas iugoslavas, a Bósnia-Herzegovina foi o modelo mais completo e trágico da socioespacialidade mafiosa, ali a colaboração servo-croata precisava ser mantida para garantir a realização de negócios maiores, por exemplo, a montagem de 200 carros de combate M84 encomendados pelo Emir do Kuwait, as peças desses veículos eram fabricadas na Croácia e na Sérvia, portanto o “nacionalismo” encontrou seus limites mediante ao lucro advindo da sintonia de interesses dos dois grupos, suplantando a dimensão nacionalista *Vale a Vale*.<sup>294</sup> Francisco Veiga chega a atribuir a expressão “irmãos siameses” para sérvios e croatas, notoriamente com o mesmo coração, a saber, a Bósnia como área-pivô, engendrando uma organização mafiosa

---

<sup>292</sup> Ver *Limits of Persuasion: Germany and the Yugoslav Crisis* de Michael Libal.

<sup>293</sup> Ver *La Primavera del Este: La Caída del Comunismo en la outra Europa* de Manuel Leguineche.

<sup>294</sup> Conceito analisado no livro *Da Balcanização à “Balcanização”* do autor.



idiossincrática, sem registro na mídia ocidental, porque preocupada com espetáculos.

Na Bósnia foram instaladas inúmeras fábricas de armas, estrategicamente localizadas durante a Era Titista, portanto não fazia parte dos planos croatas ou sérvios abandonarem a região. Nesse tabuleiro de xadrez, os sérvios ficaram em ligeira vantagem de posição, ao colocarem em prática dois grandes planos operativos, o *Most* e o *Drina*; o primeiro visava unir Krajina com a Sérvia no sentido leste-oeste através de um corredor pelo norte da Bósnia, enquanto o segundo pretendia vincular os territórios servo-bósnios na Herzegovina oriental. Como tática, os paramilitares sérvios utilizaram-se da tortura e de execuções, a fim de provocarem o pânico e a consequente fuga em massa de muçulmanos bósnios, contexto de emersão de figuras obscuras como os *Tigres de Arkan*, populares também nos conflitos em Kosovo.<sup>295</sup>

A guerra *in loco* foi capaz de produzir um ambiente favorável à difusão de máfias, porém a cobertura dos conflitos abriu novos espaços à ação obscura. Sarajevo se tornou um *show* para os correspondentes estrangeiros, traduzido em bom retorno de venda de imagens, alimentando ideias sobre campos de concentração tão cruéis e amplos como os produzidos pelos nazistas, isso acabou obscurecendo conflitos bem mais mortíferos, como em Mostar. No geral, observadores internacionais tiveram uma visão muito distorcida da dinâmica interna dos conflitos na Bósnia, nem a ONU sabia direito o que acontecia fora de Sarajevo, enquanto nessa cidade proliferavam os negócios mafiosos.

Em Sarajevo sitiada houve escandalosas atividades em nível de abastecimento, a situação de cerco foi uma peça fundamental no engendramento econômico de pilhagem das milícias político-mafiosas. Em outubro de 1992, o responsável da polícia, Bakir Alispahic, acusou a máfia muçulmano-croato-sérvia de manter deliberadamente a cidade isolada, a fim de auferir bons lucros de tal condição. Tornou-se difícil estabelecer as diferenças entre bandos mafiosos e forças especiais dos exércitos, pois havia unidades inteiras envolvidas no tráfico diverso em espaços difusos, como as croatas em Kiseljak e em Stup e as sérvias em Ilidza<sup>296</sup> ou ainda as muçulmanas nos

---

<sup>295</sup> Ver *Kosovo-Albânia: La Guerra a Europa* de Roberto Rocca.

<sup>296</sup> Todas localizadas na saída ocidental de Sarajevo - *La Trampa Balcánica* de Veiga.

montes Igman e Hrasnica. Entre eles havia o objetivo comum de praticar a extorsão, usufruindo das divisas ocidentais recebidas por habitantes da cidade de seus familiares no exterior, a cidade sitiada se tornou um pivô para os negócios mafiosos numa dimensão de amplo espectro.

A atuação mafiosa foi além da extorsão organizada, envolvendo as marchas de diversas milícias no decorrer da guerra e incorporando uma série de atividades ligadas à exploração dos enclaves, obrigando os grupos locais a manterem a cooperação; exerciam um forte controle sobre as rodovias<sup>297</sup> e aproveitaram ao máximo, como intermediários, a ajuda humanitária internacional.<sup>298</sup> Em Sarajevo e em Mostar as atividades eram mais complexas e fundamentais, porém menos conhecidas; os enclaves croatas de Veres e Zepce serviam à conexão entre territórios muçulmanos e sérvios, facilitando o trânsito de pessoas e armas.<sup>299</sup>

Os cálculos dos mafiosos eram precisos no tocante ao abastecimento das mercadorias no mercado negro, evitando o fornecimento contínuo para impedir a queda de preços sem permitir cortes prolongados, porque isso poderia estimular a busca de rotas alternativas pelas organizações internacionais, isso explicita a clara concepção sobre a lógica da circulação de *commodities*. A guerra da Bósnia adquiriu uma dinâmica própria, tornando-se um fim em si mesmo, motivada pelas disputas de rotas de fornecimento para uma população sitiada em razão de conflitos armados.

Com a decomposição das forças armadas iugoslavas surgiram unidades militares com atuação muito semelhante a dos grupos mafiosos, tais milícias locais nasceram para defenderem estaticamente territórios muito pequenos, levando a um processo de “beirutização” de Sarajevo. Com violentos combates visando o controle de arsenais e de fábricas de armas, cada grupo buscava atingir a hegemonia militar, tratavam-se dos *Mahalske Bande* ou Bandos de Bairro, organizações assentadas entre milícias locais e máfias políticas, algumas atraíram a atenção e a admiração de inúmeros correspondentes estrangeiros. O mais famoso bando foi o dos *Boinas Verdes* do bairro de

---

<sup>297</sup> Desenvolveu-se um lucrativo negócio entre croatas, muçulmanos e sérvios, denominado “Direito de Trânsito.”

<sup>298</sup> Entre 30 e 50% do total da ajuda humanitária foram controlados pelas redes criminosas, calcadas espacialmente em seus territórios-zona. Sobre a problemática contemporânea envolvendo território ver *Território: Globalização e Fragmentação* de Milton Santos e Maria Adélia de Souza.

<sup>299</sup> Da *Balkanização à “Balkanização”* – Do autor.

Alispano Polje, comandado por Jusuf Juka Prazina, enaltecido pela imprensa ocidental como “protetor dos garotos”.<sup>300</sup>

Os bandos de bairros foram expulsos de Sarajevo por novas milícias controladas por imigrantes de Sandzak, responsáveis pela formação da *X Brigada da Montanha de Sandzak Musan Topolovic*, mais conhecida como *Caco*. Muitos integrantes dessa Brigada foram condenados por crimes de guerra contra a população sérvia da cidade. Em meio ao caos produzido pelos conflitos na Iugoslávia houve o delineamento de uma nova lógica de controle espacial, aqui designada pelo princípio da micro-territorialidade, talvez não intencional dos grupos envolvidos nos espólios do conflito, mas configurado como tal no contexto da *mafiaização* da Guerra.

Na concepção de rede<sup>301</sup>, além dos grupos autóctones em conflito, fundamentalistas de algumas facções do islamismo atuaram na Bósnia, engendrando tropas com apoio de organizações do Oriente Médio, dentre eles, os *Mujahedins*, formadores da *Brigada Completa de Armija* ou a *VII Brigada Al-Jihad*, articulada com voluntários iranianos, palestinos, egípcios, afeganes e argelinos. Ao longo de 1993, muitas armas foram recebidas da Arábia Saudita, do Irã e do Paquistão; no jogo geopolítico encerrado na região, os pivôs criminosos já haviam sido escolhidos, por isso a ONU e as potências ocidentais se abstiveram de quaisquer ações mais incisivas diante de tal processo.<sup>302</sup>

Era nítida a intenção servo-croata em dividir a Bósnia, os primo-irmãos colaboraram intensamente em algumas atividades produtivas, como na fábrica de explosivos de Vitez, a maior dos Bálcãs, mantida em funcionamento até o momento de eclosão da guerra com os muçulmanos. Existia um acordo tácito entre sérvios e croatas para dividirem a produção, o que levou a população muçulmana dos arredores a uma onda de protestos diante do episódio, redirecionando a guerra para uma estranha dimensão de controle territorial. Num certo momento houve uma teatralização de combates servo-croatas para dissimular acordos entre eles e, em outros, existiu simplesmente a compra de posições estratégicas sem quaisquer combates, como ilustração desse segundo expediente houve o caso das unidades mafiosas dos mujahedins de

---

<sup>300</sup> Em Bruxelas, Juka foi assassinado num ajuste de contas relacionado ao tráfico de drogas.

<sup>301</sup> Ver capítulo 2.

<sup>302</sup> *Le Monde* de 28-03-1994.

Almija, que permitiram ao exército servo-bósnio “tomar” em 1993 o Monte Igman, mediante o pagamento às unidades especiais responsáveis pela sua guarda.<sup>303</sup>

No geral, as cidades bósnias (Sarajevo em particular) se configuraram como um terreno bastante fértil à difusão das atividades ilícitas, garantindo a eficaz extorsão de uma população que dependia em 85% da ajuda humanitária internacional. A pilhagem proporcionada pelas milícias, unidades militares e bandos armados foi um elemento central da socioespacialidade mafiosa de guerra nas zonas Sérvia, Croata e Muçulmana da Bósnia, numa gradação terrível capaz de implementar a destruição da república por *modus operandi* mafiosos de diferentes espectros, denotando o caráter polissêmico de tais agremiações apenas no âmbito da guerra.

Na Iugoslávia, ao longo dos anos 80 e 90 os recursos e centros industriais haviam passado das mãos do governo federal às autoridades republicanas, dessas para os partidos nacionalistas, em seguida para os chefes locais e finalmente sob o controle dos senhores da guerra, fragilizando ao máximo a estrutura produtiva regional. Em torno de 10% era o percentual da economia Bósnia em funcionamento em 1994, comparando-se com o período anterior à guerra.<sup>304</sup>

Com os conflitos em Kosovo, as máfias expandiram sua área de ação, por lá fluía grande volume de contrabando da Albânia canalizado pelas autoridades locais, a auto-proclamação da independência em 1992 abriu espaço para grupos de atuação obscura, como a LDK (Liga Democrática de Kosovo), liderada por Ibrahim Rugova, eleito presidente da antiga província com 97% dos votos e bem tolerado pelas autoridades sérvias. Por trás de Rugova estavam os clãs locais empenhados na resistência pacífica de inspiração Gandhista e engendrados com negócios mafiosos dos sérvios e com círculos governamentais de Belgrado e de Tirana. Cabe mencionar o interessante acordo secreto entre Rugova e o presidente albanês Sali Berish, definindo que tudo deveria ficar em paz em Kosovo enquanto as potências estivessem envolvidas numa solução para a Guerra da Bósnia. Essa prerrogativa indica novamente uma teatralização com início exato para encenar

---

<sup>303</sup> Sobre tais fatos ver *The Serbs, History, Myth and Destruction of Yugoslavia* de Tim Judah.

<sup>304</sup> Da *Balkanização à “Balkanização”* - Do autor.

conflitos, contando mais uma vez com as agências internacionais de informação em sua busca por Ibope.<sup>305</sup>

A emigração é mais um rico negócio para as organizações criminosas, calcula-se em torno de 500 mil pessoas o número de albaneses que deixaram o país desde o início dos conflitos iugoslavos até 2001. Tal êxodo foi favorecido pelas autoridades sérvias, fornecedoras de divisas e de transporte, elas chegaram a abrir uma empresa destinada a jovens que desejassem sair; ações similares foram implementadas pelas máfias albanesas, gestando uma verdadeira rede de negócios da qual participava a própria direção da LDK, auferindo recursos mediante a cobrança de ilícitos impostos com o beneplácito da polícia sérvia.

A colaboração de importantes lideranças da Albânia, de Kosovo e da Sérvia no momento em que esta última se encontrava bloqueada economicamente foi essencial, pois muitos produtos de contrabando chegavam pela Albânia, por Kosovo e pela Macedônia, inclusive armas com destino à guerra da Bósnia. Como efeito, no leque de possibilidades, as máfias albanesas de Kosovo e da Macedônia partiram para o tráfico de drogas, assegurando, a posteriori, importantes quotas de abastecimento de expressivos mercados como a Suíça, evidenciando a eficiência adquirida no contexto das guerras.<sup>306</sup>

Os albaneses de Kosovo foram manipulados pelo jornal diário *Bujku*, no sentido de acreditarem que a província fazia parte da agenda internacional em primeira escala, fato desmentido com a conclusão do tratado de Dayton em 1995, no final da guerra da Bósnia, e responsável pelo reconhecimento das novas fronteiras iugoslavas com Kosovo inserido nelas, seguindo o modelo de cantonização de alguns países europeus ocidentais. Os planos de Belgrado consistiam então em desenvolver a região, investindo nas minas de Trepca e nas indústrias locais, processo a ser realizado com o apoio dos clãs políticos

---

<sup>305</sup> *La Trampa Balcánica*.

<sup>306</sup> Informe sobre macedônia-Kosovo do *Observatoire Géopolitique des Drogues*, 1997. Ver também *Guerra e Globalização* de Michel Chossudovsky: “Fora omitido do grande público que o ELK é financiado em parte com a venda de narcóticos. A Albânia e Kosovo estão no coração da rota balcânica que une o *crescente de ouro* do Afeganistão e do Paquistão aos mercados de narcóticos da Europa. Calcula-se que essa rota gere U\$ 400 bilhões de dólares ao ano, manipulando 80% da heroína destinadas à Europa”. Ver posfácio do livro *Da Balcanização à “Balcanização”* do autor, sobre os processos em curso a despeito da independência de Kosovo em 2008.

locais de origem albanesa.<sup>307</sup> Intervenções mal elaboradas sobre um dado território podem corroborar para a ascensão de organizações não previstas, como as inúmeras máfias balcânicas, cuja potência de expansão demonstrou sua polissemia nos negócios no âmbito regional e no mundial.

Os conflitos em Kosovo enveredaram para a conexão com a vizinha Albânia, país envolvido com o contrabando de armas e de combustível para a Sérvia, além de tráfico de drogas e exploração da prostituição na Grécia e na Itália, esse quadro estimulou o contato entre os novos afortunados locais e os chefes da *Sagrada Coroa Unida*, a mais jovem máfia italiana. A economia albanesa dependia do mercado paralelo, por isso as guerras na antiga Iugoslávia eram fundamentais, mas a paz complicou a situação dos “homens de negócios”; em razão disso, novas perspectivas entraram em cena, as pirâmides financeiras.

Na perspectiva das pirâmides financeiras, o fundo *Gjallica* era um dos maiores, com aproximadamente 900.000 investidores e uma soma de quase 500 milhões de dólares. Ele declarou falência em 5 de fevereiro de 1996, momento no qual a população deveria começar a resgatar os investimentos, os habitantes de Vlores foram particularmente afetados porque tiveram rapidamente suas parcas reservas dilapidadas, esse foi o contexto que levou o país a um clima de desordem geral com saques generalizados, inclusive de arsenais da época da Guerra Fria. Essa cidade merece destaque por estar a 80 km da Itália e ser um importante pivô de contrabando, encerrando condições socioespaciais para a proliferação de organizações escusas.<sup>308</sup>

Parte considerável do arsenal contrabandeado (mais de 100 mil fuzis e diversas peças de artilharia) chegou a Kosovo a preços extremamente convidativos, permitindo ao ELK armar os seus componentes numa velocidade extraordinária. Em fins de 1997, o grupo começou a colocar em prática a estratégia de territórios liberados na região de Drenica e em torno do povoado de Skenderaj, utilizando-se da ferrenha tradição clânica dos Guegs. Drenica era uma zona de grande simbolismo para os albaneses, berço do nacionalismo e famosa pelos seus destemidos lutadores denominados de *Kacak*, nessa

---

<sup>307</sup> Ver *Kosovo: Avoiding Another Balkan War* de Thanos Veremis e Evangelos Kofos.

<sup>308</sup> “Tornou-se algo corriqueiro ver garotos e idosos carregando armas roubadas. Militares deserdaram em massa levando consigo inúmeras peças de artilharia, contrabandeadas ao final.” Em *Kosovo-Albània. La guerra a Europa* de Roberto Morozzo della Rocca.

cidade também esteve o último foco guerrilheiro contra o exército popular iugoslavo no final da Segunda Guerra Mundial, quando ficou evidente o retorno de Kosovo à república eslava da Sérvia.<sup>309</sup>

A capacidade operativa do ELK crescia proporcionalmente ao ritmo de chegada de equipamentos bélicos da Albânia, somente em 1997 houve 55 ataques contra policiais, contra autoridades sérvias e contra colaboracionistas albaneses. Paralelamente, a imprensa ocidental seguia afirmando a inexistência do ELK, dizendo ser ele uma invenção da polícia sérvia, anulando com isso a possibilidade de intermediação e de negociação da paz. A “invenção sérvia” começou a praticar a limpeza étnica contra a população servo-kosovar, valendo-se de seu “status” de inexistente.<sup>310</sup>

Em fevereiro de 2008 mais uma cena tomou conta do espetáculo balcânico, a independência de Kosovo. As causas envoltas na aceção de um suposto independentismo albanês frente aos “chetniks” estiveram revestidas do discurso de preservação étnica, prerrogativa defendida pela União Européia e pelos EUA, notoriamente anacrônico ao observamos a total falta de garantia para os 120 mil sérvios em Mitrovica, agora no Estado de Kosovo e na fronteira com a Sérvia. Mais uma vez, a clássica demonização dos sérvios esteve na pauta do dia, como analisado por Maria Tododova<sup>311</sup>, por Francisco Veiga<sup>312</sup> e por Tim Judah.<sup>313</sup>

O ciclo de destruição do mito de uma Iugoslávia federativa parece ter se concretizado, cujo início fora a independência da Macedônia, seguindo-se a da Eslovênia, a da Croácia, a da Bósnia, a de Montenegro e em 2008 a de Kosovo; o nacionalismo mafiosamente manipulado e novamente em ascensão pode reacender produções espaciais mal resolvidas e, principalmente, mal compreendidas por uma imprensa sensacionalista de leitura enviesada. Ao contrário da África<sup>314</sup>, os Bálcãs estão inseridos no movimento das associações européias e uma vez impulsionada a instabilidade em tal região, ela pode atingir uma dinâmica própria de difícil controle.

---

<sup>309</sup> Da *Balcanização* à “*Balcanização*” do autor.

<sup>310</sup> Roberto M. della Rocca em *Kosovo-Albânia. La Guerra a Europa*.

<sup>311</sup> *Imagining the Balkans*.

<sup>312</sup> *La Trampa Balcánica*.

<sup>313</sup> *The Serbs: History, Myth & the Destruction of Yugoslavia*.

<sup>314</sup> A referência à África se justifica em razão da constante fragmentação de fronteiras e guerras civis, processo conhecido como *balcanização* ou *beirutização*.

O espetáculo não revelado dessa nova balcanização envolve personagens obscuros numa complexa trama *mafiogeopolítica*, dentre eles, a *Brown & Root* da corporação Halliburton, empresa do antigo vice-presidente estadunidense Dick Cheney. Tal grupo é responsável pela construção de um extenso oleoduto a partir da Geórgia, rumo ao Mar Mediterrâneo, denominado como o “oleoduto mar-terra-mar”, partindo do Cáspio, sistema também conhecido como AMBO.<sup>315</sup>

O jornal semanal *Brasil de Fato*<sup>316</sup> publicou uma excelente sinopse das vantagens logísticas do modelo AMBO, a saber, a possibilidade de negociação de venda do petróleo com pequenos Estados produtores, deslocando a intermediação russa. Essa nova rota compensará os déficits na extração iraquiana, pois o Cáspio aponta para elevados índices de prospecção, e ainda desonera a rota por Bósforo, por onde transitam apenas petroleiros de 150 mil t. Com o oleoduto AMBO, o petróleo poderá chegar ao porto albanês de Vlore, onde super-petroleiros de 500 mil toneladas poderão ser carregados.

O “Dreno” de petróleo precisava abrir a última artéria para poder ser concretizado, eis aí a rota por Kosovo. O desaparecimento dos espólios da Iugoslávia perante a grande mídia deu ao observador a falsa sensação de encerramento dos problemas locais, contudo a trama se desenrolava subterraneamente desde os bombardeios da OTAN em 1999, agregando o ELK e seu sinistro líder Hashin Thaçi, agora chefe do Estado Kosovar e Títere dos EUA e de seus asseclas. Thaçi está explicitamente envolvido com o narcotráfico e com lavagem de dinheiro, fornecendo Heroína em expressiva quantidade para a Suíça e para outras regiões da Europa Ocidental.<sup>317</sup>

A *Brown & Root* também foi a construtora de duas bases militares<sup>318</sup> em Kosovo já à época dos bombardeios da OTAN em 1999; no contexto atual, tais bases explicitam bem sua função, no caso, controlar o bombeamento do oleoduto em Kosovo. Assim, a existência de um Kosovo livre passa pela compreensão da área como um importante pivô, existe algo de mafioso na

---

<sup>315</sup> Tal sistema tem previsão para inauguração em 2010.

<sup>316</sup> Edição de 28 de fevereiro a 5 de março de 2008.

<sup>317</sup> A Rússia não pretende aceitar pacificamente tal configuração territorial e pode colocar em movimento aparatos legais, acompanhados por inúmeros obscuros e, talvez, indesejáveis para conter o expansionismo americano pela região.

<sup>318</sup> Camp Bondsteel e Camp Monteih.



transmissão internacional da autonomia kosovar, mais uma vez a autonomia étnica obscureceu causas estratégicas de maior magnitude.

A independência de Kosovo surgiu como mais um acontecimento relâmpago perante a grande imprensa, porém ela já estava delineada nos quadros da geopolítica estadunidense para os Bálcãs, numa dimensão capaz de surpreender até os adeptos de Sun Tsu e de Maquiavel, em relação à “arte” de obscurecer o explícito, tornando implícito o que outrora parecia resolvido, no contexto de um complexo movimento tático de cunho mafioso nos moldes da discussão colocada na Introdução e no capítulo 1 desta tese.

Kosovo pode ser interpretado como um dos vários nós internacionais dos fluxos mafiosos, ora em conflitos, ora na “paz”. As máfias engendradas nas guerras também se alimentam da paz, alguns casos são emblemáticos, com destaque para o complexo continente africano em nível de limites territoriais entre nações, traduzindo a socioespacialidade difusa de grupos em conflito com potência para articularem organizações criminosas, os exemplos são inúmeros, envolvendo quase todo o continente.

Essa problemática remonta ao período da descolonização, no qual as fronteiras políticas não coincidiam com as étnicas, fator impulsionador de inúmeras guerras civis que se constituíram como fonte de renda para muitos grupos armados e articulados no processo, com os tratados de paz muitos indivíduos perdiam seus recursos, doravante obtidos na contínua mobilização militar, daí o reagrupamento das forças na lógica do não-conflito oficial, por vezes originando gangues especializadas na venda de artefatos bélicos e outros produtos para os quais houvesse mercado, valendo-se de alianças já consolidadas com os tradicionais traficantes de armas<sup>319</sup> e outras gestadas no âmbito dos conflitos.

Existe certa lógica mafiosa na condição de caos no contexto dos conflitos, particularmente ao considerarmos os fatores de índole local, regional e mundial numa sociedade organizada em rede, e países com economias desregulamentadas, que ampliam as facilidades de ordem política e territorial para atuação do crime organizado em diversos setores do espectro sócio-político-econômico. Assim, as guerras são rupturas de economias legais e

---

<sup>319</sup> O russo Viktor Bout é figura proeminente no tráfico de armas no continente africano, também conhecido como “mercador da morte”.

afloramento de atividades extremamente lucrativas capazes de se difundirem em meio ao caos produzido, e essa socioespacialidade se torna tão mais complexa na razão direta dos aparatos oficiais de poder entranhados com o crime *latu sensu*.

A lógica polissêmica mafiosa incorporadora da guerra como frutífero ambiente dos negócios possui a capacidade de ampliar cada vez mais o leque de possibilidades de atuação. Em alguns conflitos, as crianças constituem um alvo fácil, porque moldadas para matar sem pensar, elas matam com facilidade, pois as armas são leves e de simples manuseio. As crianças-recrutas passam por um processo de embrutecimento consistente em chacinar outras crianças relutantes ou os próprios pais, tal expediente tem o objetivo de acostumá-las com a carnificina, entorpecendo-as psicologicamente, processo no qual as drogas desempenham importante papel como parte da “formação militar”, inculcando em suas cabecinhas a ideia do prestígio advindo da posse de uma arma, de uma garrafa de álcool e da reputação homicida.<sup>320</sup>

Alguns países são estereotipados como mais selvagens, enquanto outros imbuídos das mesmas práticas sequer são mencionados, por trás de tal conduta residem os interesses de cunho econômico e geopolítico, capazes de tornar incólume a imagem de certas áreas-pivô. O uso de crianças-soldados por grupos paramilitares é uma realidade corrente em inúmeros países, na Índia a prática é bem tolerada porque os combatentes e seus meninos são bem articulados com o parlamento daquele país para esmagar uma guerrilha difundida territorialmente, a Naxalita. Essa guerrilha de cunho maoísta e fundada em 1967 é considerada o maior desvio em nível de segurança interna pelo governo indiano, atuam em 16 dos 28 estados do país e contam com apoio dos grupos excluídos, muitos deles camponeses e párias, aproximadamente 125 milhões de *dalits* ou intocáveis.<sup>321</sup>

A Índia é apontada, ao lado da China, como uma das grandes promessas de sucesso econômico nos moldes capitalistas internacionais, contudo o país ocupa a 126ª posição no IDH (a China está em 81ª), indicando

---

<sup>320</sup> O depoimento de um membro da Frente Revolucionária Unida (FRU) em Serra Leoa é emblemático: “A FRU não acredita em usar crianças como soldados, quando elas têm 5 ou 6 anos são muito jovens para lutar, por isso nós só usamos meninos mais velhos de 10 ou 11 anos”. Ver *Atlas dos Conflitos Mundiais* de Dan Smith.

<sup>321</sup> *Le Monde Diplomatique* de Janeiro de 2008.

400 milhões de indianos vivendo com menos de um dólar por dia, uma em cada duas crianças passa fome no país.<sup>322</sup> Essa realidade é mais explícita no estado meridional de Chattisgarh, onde os grupos *advasis* foram cooptados pelos *naxalitas*, os extermínios produzidos pelas milícias antirrevolucionárias *Salwa Judum* são comuns nessa região<sup>323</sup>, eles falsificam documentos de jovens de até treze anos de idade, a fim de incorporá-los às suas fileiras patrióticas valendo-se de métodos clássicos, como os difundidos em Serra Leoa.

Nas áreas de extermínio promovido pelo *Judum* existem fortunas em minério de ferro de interesse das grandes corporações do país, como os grupos *Tata* e *Essar*, responsáveis pela consolidação de contratos para instalação de minas e siderurgias na região, os camponeses são obrigados a ceder suas terras em troca de exígua indenização, sob a ameaça de policiais e na presença de *Mahendra Karma*, líder do *Sawa Judum*. Os caminhos transcorridos para a articulação de lugares mafiosos são erráticos e a melhor compreensão deles atravessa o conceito clássico de área-pivô, com toda a polissemia que lhe cabe à luz dos preceitos mafiosos.

A tortura psicológica e comportamentalismo são dispositivos de ampla aplicabilidade na constituição de grupos criminosos de variado espectro, contudo um forte anacronismo reside na produção dessas práticas no aparato oficial de poder que pretende controlar a contravenção. As prisões não diminuem a taxa de criminalidade, podendo aumentá-las, multiplicá-las ou transformá-las<sup>324</sup>, a exemplo do *PCC* brasileiro e de outras organizações que tiveram nas prisões as condições para aperfeiçoarem suas ações. O sentimento de injustiça experimentado por um prisioneiro é uma das causas que mais afeta seu caráter, exposto a sofrimentos não previstos pela lei, ele entra num estado ampliado de cólera contra tudo ao seu redor, vendo apenas carrascos em todos os agentes da autoridade, ele não pensa mais ter sido culpado e acusa a própria justiça de injustiças, encerrando uma dimensão socioespacial de suma importância no processo de formação das proto-máfias.

---

<sup>322</sup> Dados de 2008 - *Le Monde Diplomatique*.

<sup>323</sup> Articulada com o Partido do Congresso, a milícia pode ser traduzida como *Caçada Purificadora*.

<sup>324</sup> Foucault é clássico na análise do tema – *Vigiar e Punir*.

O Primeiro Comando da Capital e o Comando Vermelho detêm enorme potência incubada enquanto organizações mafiosas, eles denotam uma alternativa de luta contra um Estado definido como tirânico e preocupado exclusivamente com os privilegiados da sociedade. Tal discurso impulsiona perigosos álibis para o crime organizado, pior, com um tom de verdade, pois o Estado de cunho neoliberal está ausente em fundamentais serviços sociais, cujo espaço passa a ser ocupado por fundos de assistência social, como os mantidos pelo CV no RJ<sup>325</sup>, isso permite angariar uma simpatia popular extremamente favorável ao desenvolvimento das atividades criminosas, cuja energia o Estado não consegue mais captar, inviabilizando, assim, inúmeras formas de combate, enquanto os presídios se constituem como pivôs das organizações em rede em razão de sua péssima estruturação para recuperação de um indivíduo.<sup>326</sup>

Tais práticas sociais “filantrópicas” são reproduzidas em São Paulo pelos traficantes e pelo PCC (Ver AnexO 18), elas podem ser compreendidas como clássicas na ação criminal, pois Pablo Escobar encabeçava uma importante campanha na Colômbia: “Envigado sem Tugúrios” (Envigado sem favelas), o *capo* colombiano chegou a receber o título não-oficial de Dom Pablito do bispo católico da região<sup>327</sup>, no mesmo país os grupos armados mantêm elos com os narcotraficantes, visando a aquisição de recursos para ampliarem seus arsenais. No Peru, o Sendero Luminoso mantinha o mesmo tipo de aliança estratégica ao reproduzir o discurso libertário, enquanto a forma de gestar prisões oferece combustível à difusão desses discursos.

Um desejo emerso em indivíduos aprisionados é o de aprender com os colegas hábeis como se escapa aos rigores da lei, uma das primeiras lições é tirada de uma lógica invertida, considerando a sociedade como inimiga. O código comportamental inclui delação e espionagem, com tendência a uma ruptura com os laços mínimos que ligavam o sujeito ao grupo social. Foucault fala em “Delinquência Útil”, denotando certa aplicabilidade aos preceitos desta pesquisa: “A delinquência assumiu verdadeiramente seu estatuto ambíguo de

---

<sup>325</sup> Constam da “filantropia” mantida por traficantes nos morros do Rio de Janeiro o auxílio-médico, as creches e a distribuição de cestas básicas.

<sup>326</sup> O capítulo 6 será dedicado à polissemia mafiosa no Brasil.

<sup>327</sup> Durante a Grande Depressão nos EUA, os gângsteres judeus ofereciam sopa e dinheiro à Igreja Católica para apoiarem os carentes, o Arcebispo Thomas Walsh, sabendo da origem dos US\$ 50 mil doados, declarou: “Esse dinheiro é abençoado” - *But He was Good to his Mother*.

objeto e instrumento para o aparelho de polícia que trabalha contra ela e com ela, há o momento em que a delinquência, destacada das outras ilegalidades é investida pelo poder e voltada para o outro lado”.<sup>328</sup>

Em algumas circunstâncias, o fenômeno dentro das prisões se soma a outros no processo de recrutamento implementado pelo crime organizado, permitindo uma inclusão periférica de grupos de mendigos e de desempregados, ampliando, assim, redes subterrâneas, porém reprodutoras da lógica do sistema capitalista na perspectiva da sobrevivência, constituindo uma modalidade de *bunkers*. Os pais de rua em grandes cidades brasileiras asseguram a proteção e a comida a garotos (moradores de rua) que desempenhem bem suas funções, no caso traficar crack.<sup>329</sup>

Alguns estudos de Foucault versaram a respeito da inversão de significados procedimentais dos grupos criminosos. O condenado pelo tribunal reformula como afirmação de uma força viva sua condição, definindo a ausência de habitat em fluidez, a ausência de padrão em autonomia, a ausência de trabalho em liberdade, a ausência de horário em plenitude de dias e noites<sup>330</sup>; essas inversões ganham corporeidade assecla no contexto do vazio de elos existenciais num sistema econômico mundial ambíguo e opressor, excelente palco para proliferação de supostas referências, as máfias, empresas na lógica do capitalismo, que em certa medida o nega na perspectiva de seus membros. Nelas, os corregionários encontram hierarquia, função e reconhecimento, estendendo a (i)legalidade do tráfico de rua até a lavagem internacional de dinheiro.

Nas máfias japonesas, o código milenar de conduta *oyabunkobun*<sup>331</sup> inspirou a criação de grupos cujos signos permitem uma leitura peculiar em relação ao sofrimento regulado da tortura, sendo esta uma medida para punir e um ato de instrução<sup>332</sup>, o tempo penetra o corpo e com ele todos os controles minuciosos do poder, a disciplina produz uma individualidade a partir dos corpos controlados. Segundo Foucault, quatro importantes dimensões

---

<sup>328</sup> *Vigiar e Punir* - Michel Foucault.

<sup>329</sup> *O Século do Crime*.

<sup>330</sup> Foucault em *Vigiar e Punir*.

<sup>331</sup> Complexa relação de obrigações no sentido hierárquico familiar, resignificados na dimensão mafiosa, o *Oyabun* são os chefes das quadrilhas, enquanto o *Kobun* são os jovens que desempenham o papel de filhos nas quadrilhas - *Misère et Crime au Japon du XVII siècle à nos Jour* de Philippe Pons.

<sup>332</sup> Conceito foucaultiano - *Vigiar e Punir*.

poderiam ser decodificadas nesse processo, a saber, a Celular (pelo jogo da repartição espacial), a Orgânica (pela codificação de atividades), a Genética (pela acumulação do tempo) e a Combinatória (pela combinação das forças), construindo para tanto quatro grandes técnicas: produção de quadros, prescrição de manobras, imposição de exercícios e organização de táticas, possuindo esta última a função de realizar a combinação das forças em movimento.<sup>333</sup>

No Japão, a hierarquia se ajusta à imaginação popular, porque esta por ela foi ajustada, o código Samurai ainda é praticado pela Yakuza de forma resignificada à luz das dimensões disciplinares<sup>334</sup>, envolvendo amputação de dedos e *Harakiri* (esfaqueamento do abdômen) quando ocorrem falhas em missões para as quais os membros foram designados. A tradição se manteve mediante a renovação, principalmente através do sincretismo desenvolvido após a Segunda Guerra Mundial com a intervenção americana, quando o capitalismo ocidental se fundiu com a lógica cultural milenar, abrindo espaço para novas ações mafiosas na lógica da reprodução ampliada do capital, impulsionando a reorganização do crime.<sup>335</sup>

A Yakuza e a Yamaguchi-Gumi desempenharam importante papel durante a Guerra Fria no Japão ao desbaratarem potenciais organizações sindicais rotuladas de comunistas, por isso o Estado japonês deu combustível à produção da espacialidade mafiosa, não era crime ser associado a elas, isso permitiu uma infiltração linear dos mafiosos no aparato burocrático do país, o Partido Liberal Japonês é o exemplo mais emblemático, seu líder Yoshio Kodama, mantinha alianças declaradas com a Yakuza. O fim da Guerra Fria distanciou governo e máfia, processo no qual este passou a reforçar a índole criminosa daquela, após 1992 o vínculo a tais organizações passou a ser considerado delito grave, a delinquência deixou de ser útil.

---

<sup>333</sup> No capítulo 5 a estrutura das máfias será aprofundada.

<sup>334</sup> Um interessante trabalho antropológico foi desenvolvido por Ruth Benedict – *O Crisântemo e a Espada*, em vários momentos do livro a autora contemporiza a cultura milenar japonesa, como nas páginas 91 e 97 sobre o código *ON*, responsável pelo desígnio de rígidas obrigações, no contexto deste trabalho caberia a inserção do *NUSHI NO ON* ou *Deveres com o Chefe*.

<sup>335</sup> Perseguição a sindicatos, torturas e sumiço de líderes operários constavam da lista das ações da Yakuza com o beneplácito do governo japonês - *Fim de Milênio* de Manuel Castells.

As máfias japonesas agregaram o Brasil à rede de seus negócios<sup>336</sup>, a intenção foi utilizar os descendentes de tal nacionalidade para desenvolverem o tráfico na tríplice fronteira do Cone Sul. Hitoshi Tanabe (Ver anexo 19), número um da Yamaguchi-Gumi, implantou esquemas de extorsão, prostituição, tráfico de armas e de drogas, o pivô de ação territorial desse líder era o bairro da Liberdade em São Paulo, questões endêmicas do Brasil viabilizam importantes fluxos criminosos internacionais, dimensão que será analisada no capítulo 6.

Os anacronismos são múltiplos quando se trata da correlação formal/informal no mundo das máfias mediado pela hipocrisia, fato acintoso envolve os EUA, um dos maiores produtores mundiais de maconha e responsáveis por uma poderosa fumigação química sobre os plantios andinos de coca, processo responsável por danos ambientais e sociais de extensa proporção na região. A política inflexível sobre a América Andina possui outra raiz, como visto anteriormente, o controle sobre as frequentes manifestações de descontentamento social dos camponeses sem terra e dos operários sem emprego, cuja incerteza promove o engrossamento das fileiras das FARC, constituindo o combate ao narcotráfico como álibi.

Desde a devolução do canal ao Panamá em 2000, os EUA refizeram o mapa geopolítico do norte da América do Sul, delegando aos países “amigos” funções de suma importância nesse novo cenário militar. Um dispositivo de extrema polêmica sobre a questão de vigilância e intervenção na costa atlântica da América do Sul foi a reativação da IV Frota americana em Julho de 2008<sup>337</sup>, sob o comando de Joseph Kernan, militar especializado em combate de terra, mar e ar. Dos 540 milhões de habitantes, 56% das pessoas vivem em condições de pobreza nessa região, onde vultosas reservas de petróleo foram descobertas em 2007 e em 2008, encerrando uma síntese enquanto pivô para a geopolítica estadunidense.

Outro perverso paradoxo envolve as grandes corporações dos OGMs, sendo a principal de nacionalidade estadunidense. O argumento “uso de drogas acelera a morte” é contundente, campanhas publicitárias são direcionadas contra algumas drogas, enquanto outras são estimuladas pelos

---

<sup>336</sup> País de segunda maior população nipônica do mundo.

<sup>337</sup> *Le monde Diplomatique* de junho de 2008.

mesmos meios de comunicação. Dessa forma, podemos conceber máfias das drogas oficiais conectadas às máfias dos meios de comunicação e das indústrias poluidoras. Alimentos e remédios ampliam o leque de atividades ilícitas, envolvendo cobaias humanas, cartéis ou algo mais sofisticado como a engenharia genética, impulsionando-nos na direção dos OGMs. A medicina de pesquisa foi substituída por uma pseudo-medicina, pois algumas denúncias científicas sobre alimentos geneticamente alterados ou efeitos colaterais decorrentes do uso de alguns medicamentos não auferem vazão na grande imprensa, porque isso afetaria os poderosos interesses das corporações agro-químico-farmacêuticas globais, poderosas anunciantes da mídia de massa.<sup>338</sup>

O Protocolo de Cartagena ratificado por 188 países em 2003 encerra ampla discussão sobre o perigo do consumo dos produtos geneticamente modificados, definindo a obrigatoriedade de identificação das cargas – Artigo 15. A dimensão dos problemas derivados dos transgênicos para o Meio Ambiente e para a Sociedade merece mais atenção na ótica da ação mafiosa mundial, Marie-Monique Robin<sup>339</sup> difundiu pesquisas inéditas a respeito dos OGMs, classificando os resultados de uma maneira interessante na lógica da nova ordem agrícola planetária: *Um Paradigma de Aberrações*, p.7.

Fora do circuito na perspectiva da dinâmica discutida neste capítulo, o que resta da vida em si na contemporaneidade? Cada indivíduo enquanto um núcleo parece orbitar em torno de si mesmo, vislumbrando um EU ausente, numa eletrosfera de sucessivas camadas, sendo cada uma delas controlada por redes criminosas que ora acompanha a inércia da camada à qual pertence, ora subverte o próprio movimento, articulando vínculos até atingir o centro, no caso o Ser Humano. Talvez essa seja a razão pela qual se trava a discussão sobre crime organizado como algo segmentado, pois o vazio de organizações fora de sua órbita poderia levar a atitudes perigosas, oscilando do imobilismo absoluto à revolução planetária.

A complexa socioespacialidade contemporânea implica em inúmeros potenciais candidatos ao ingresso nas redes mafiosas mundiais recrutados para os trabalhos mais perigosos, alguns deles aptos a atingirem postos de

---

<sup>338</sup> Daí reside a importância de publicações alternativas de cunho científico, a fim de furar a *Omertá*. Ver *Por um Mundo sustentável sem Transgênicos do Grupo de Ciência Independente*.

<sup>339</sup> *Le Monde Selon Monsanto*.



comando no jogo de poder configurado regionalmente pelo planeta afora. As máfias se agitam em diversas sociedades, prontas para aproveitarem todas as chances de desordem em decorrência de iminentes crises do sistema, contexto de experimentação de suas forças. Quando obstáculos são colocados para as ações mais escusas, os grupos mafiosos não se constroem em removê-los, valendo-se do assassinato<sup>340</sup> sem se importar com a popularidade desses “inimigos”, evidenciando uma demonstração de força e de imunidade na lógica da economia contemporânea.

---

<sup>340</sup> Ver Maurizio Calvi em *Figure di una Bataglia: Documenti e Refessioni sulla Mafia dopo l'assassinio di Falcone e Borsellin*.

## CAPÍTULO 4

### Máfias na Lógica Econômica do Mundo Contemporâneo

Segundo Bourdier<sup>341</sup> existe no mundo social estruturas objetivas que podem dirigir/coagir a ação e a representação dos indivíduos, os ditos agentes. Tais estruturas e os esquemas de ação e de pensamento são construídos socialmente, o momento objetivo e o subjetivo das relações sociais se encontram num movimento dialético, pois as estruturas de coação podem ser conservadas ou transformadas pelos agentes em sua cotidianidade; essa é a intenção deste capítulo, a saber, evidenciar a forma como os agentes incorporam a estrutura social ao mesmo tempo em que a produzem, a legitimam e a reproduzem.

Em nível de circulação, as organizações mafiosas possuem uma mobilidade intrínseca sendo capazes de se metamorfosearem espacialmente, a fim de escaparem aos obstáculos colocados pelas formas de combate que lhes fazem frente. A *mafioespacialidade* apresenta uma incrível capacidade de engendramento de novos mecanismos de ablução de dinheiro e novas rotas para os “negócios”, tornando, em si, todo trabalho de pesquisa histórico, pois quando desvendado um processo sobre alguma atividade específica, essa já está preparando ou já possui outro modo de operar, ora ocupando o centro de determinada economia, ora instalando-se no limbo da sociedade.

O território guarda uma relação direta com o poder articulando o concreto e o simbólico, cuja dominação ou propriedade está impregnada pelo valor de troca, enquanto a posse subsume importantes marcas do vivido, do valor de uso. A territorialidade simbólica é mais subjetiva, mas detentora de uma força descomunal de levante, vide a perspectiva de “Terra Prometida” para alguns grupos religiosos; ironicamente àqueles mais destituídos de recursos materiais são os criadores das formas mais radicais de apego às identidades territoriais. Todo território é funcional e simbólico, pois realiza

---

<sup>341</sup> *A Economia das Trocas Linguísticas e Economia das Trocas Simbólicas.*

funções e produz significados, quando o *modus operandi* mafioso se insere na lógica organizacional planetária, a crise de valores se torna evidente. Claval desenvolveu um interessante estudo sobre o renascimento dos fundamentalismos e dos nacionalismos em meio à miríade de possibilidades da contemporaneidade.<sup>342</sup>

O mundo contemporâneo alimenta as máfias e essas asseguram o funcionamento do primeiro, os elos de uma complexa rede de reprodução ampliada do capital são regionalmente localizados, porém assentados em problemas específicos. Na Colômbia, a droga financia grupos armados; no Paquistão, no Nepal e nos Balcãs, as drogas financiam grupos terroristas; na Ásia Central, na África e na América Latina, as máfias se alimentam da corrupção endêmica; enquanto em vários países ricos, o dinheiro lavado das atividades ilícitas constitui a base da economia de regiões inteiras;<sup>343</sup> mas a complexidade é maior, porque há sobreposição de ações mafiosas nessas áreas citadas, constituindo camadas implicadas mutuamente.

A Europa encerra múltiplas realidades em relação ao movimento de drogas, a Espanha se tornou um grande centro de importação de cocaína para o continente, as conexões linguísticas com a América Latina facilitaram o estabelecimento de redes de distribuição dessa droga. Amsterdã abriga uma expressiva comunidade colombiana responsável pela distribuição da coca pelo norte do continente. Pelo sul, Croácia, Albânia e Bulgária estão encampando parte da produção de algumas drogas, indivíduos com boa formação profissional, porém desgarrados da incipiente economia formal constituem a mão-de-obra da indústria químico-mafiosa da cocaína, da heroína e do ecstasy, esta última questão relativiza a leitura geográfica clássica a respeito dos pontos de produção e consumo de drogas no mundo.

Lavar dinheiro é um processo essencial na configuração da geopolítica *mafiocontemporânea*, tal prática consiste em pegar dinheiro obtido ilicitamente, colocá-lo em atividades formais e pagar os tributos sobre ele, em média US\$ 500 bilhões são lavados anualmente, cifra correspondente à 2% do PIB planetário. O infrator tem duas opções, na primeira ele pode deixar o dinheiro

---

<sup>342</sup> Paul Claval em *A Geografia Cultural*.

<sup>343</sup> Como parte da Flórida, do sul da Itália, a Costa do Sol espanhola e a Costa Azul francesa . Ver *Le Capitalisme Clandestin. L'illusoire Régulation des Places offshore* de T. Godefroy e P. Lascoumes.

sujo num paraíso fiscal sem precisar demonstrar a origem dele, mas tal prática traz consigo o inconveniente de receber só 2% de juros anuais, ficando também impossibilitado de fazer aplicações nos maiores mercados financeiros do planeta, daí a segunda alternativa de limpar o dinheiro através de empresas *offshore*, pois isso permite aplicações até em títulos do tesouro americano via bancos oficiais, auferindo remuneração de 12% ao ano sobre o capital investido.<sup>344</sup>

No mundo contemporâneo existem grupos especializados em lavar dinheiro, cobrando taxas entre 5 e 10% do montante a ser acobertado, eles oferecem seus serviços a todo tipo de criminoso; via internet encontramos *sítes* em português oferecendo tal “apoio”, autointitulam-se consultores jurídicos ou tributários, e suas empresas são denominadas de Blindagem Patrimonial ou de Planejamento Tributário, um eufemismo para a realidade de suas ações. Normalmente, os escritórios dessas redes agregam diferentes países, abrindo uma *offshore* no Uruguai é possível faturar os serviços em outro local através de talonário fornecido pela empresa ou depositar, via remessa, o dinheiro em um banco uruguaio em nome da empresa *underground*, a movimentação da conta pode ser efetuada de qualquer parte com o cartão fornecido pelo banco uruguaio, e o monitoramento dela pode ser feito virtualmente mediante senhas alteradas a qualquer tempo a critério do cliente.

O Uruguai cobra 0,3% de imposto/ano sobre o valor acumulado, sendo o custo global da operação de US\$1980,00, dos quais US\$1080,00 são destinados à viabilização da empresa, US\$300,00 para abertura da conta bancária e US\$600,00 correspondentes a honorários anuais; o único documento exigido é o R.G., cuja cópia pode ser enviada por e-mail ou fax. Depósitos até 200 mil dólares não precisam explicar a origem; ultrapassando tal soma, o conveniente seria a abertura de várias contas em nome da mesma *offshore* em bancos diferentes; também é possível registrar imóveis em nome de empresas uruguaias, após um trâmite jurídico interno, envolvendo a Suprema Corte de Justiça e o Ministério de Relações Exteriores.<sup>345</sup>

---

<sup>344</sup> Uma irônica referência é a obra de Pino Arlacch - *Mafia Business: The Mafia Ethic and Spirit of Capitalism*.

<sup>345</sup> Revista *Caros Amigos* de setembro de 2005 e trabalho de campo.

A chancela da Suprema Corte de Justiça do Uruguai cobra US\$ 640,00 para legalizar toda a documentação necessária no registro de imóveis no país,

tal procedimento é muito utilizado para blindar patrimônio envolvido em disputas jurídicas, para tal processo basta uma procuração a favor de um representante no outro país, assim é possível ao cliente colocar seus bens em nome de uma *offshore* de sua posse, configurando um completo obscurecimento de propriedades, o caso de Kia Joorabchian exemplifica tal estrutura *offshore*; a empresa por ele representada, *MSI*, parece não ter proprietário.<sup>346</sup>

Outro mecanismo utilizado para camuflar dinheiro sujo é a compra de ações por uma *offshore* quando essas estiverem em alta, vendendo na sequência para outra *offshore* do mesmo proprietário; quando as ações forem mandadas para frente caberá a alegação de ganho de capital na bolsa de valores. Comumente há uma hierarquia de negócios utilizados na lavagem de dinheiro em razão direta do volume de capital, a saber, o consumo direto para pequeno montante de dinheiro; aquisição de patrimônio em situações de médio porte; e transações no mercado financeiro para grandes somas. Inúmeros estabelecimentos podem funcionar como elos de lavagem de dinheiro, desde escritórios de publicidade e informática, passando por bingos e igrejas evangélicas, instituições beneficentes, hospitais, escolas, ONGs, restaurantes, padarias, cinemas, empresas de ônibus, transporte aéreo, dentre inúmeras outras, encerrando a enorme complexidade do princípio de polissemia mafiosa na miscigenação do formal com o ilícito.

O fluxo do capital pelas praças financeiras envolve a cartelização dos produtores e comerciantes de drogas. O poder dos cartéis reside na ilegalidade dos psicotrópicos, como definiu o ministro Nilmário Miranda da Secretaria Especial de Direitos Humanos: “A diferença entre a droga legal e a ilegal é que uma é ilegal”, ele defende o tratamento das drogas ilícitas como um problema de saúde pública, similarmente ao tabaco e ao álcool. O outro lado consiste em identificar a quem o narcotráfico realmente beneficia, porque o dinheiro

---

<sup>346</sup> Assunto abordado nos capítulos anteriores.

movimentado por essas máfias conta com outras máfias, pois circula no mercado financeiro internacional, inclusive nas bolsas de valores.

As quadrilhas mafiosas movimentam US\$ 2 trilhões/ano, dos quais US\$ 1 trilhão corresponde à corrupção, tema plural e complexo no Brasil<sup>347</sup>, a tentativa de compreender melhor tal fenômeno esbarra no modelo de mídia de massa existente no país. O moralismo apregoadado por certos meios de comunicação inviabiliza a apreensão mais clara do fenômeno mafioso contemporâneo, os valores de uma sociedade são categorias sócio-temporais, logo concepções menos pluralistas incorrem numa leitura embaçada do processo que engendra o fenômeno, levando facilmente à escolha de certos ícones como maléficis, enquanto outros, comumente os mais poderosos, são obscurecidos na interpretação dos fatos.

A máxima no desmantelamento do crime organizado é definida pela colocação: “Somente um do ramo é capaz de identificar seus pares”, exatamente o que fez Gaith Pharaon, dono do *Bank of Credit and Commerce International* quando seu banco foi alvo de investigações por aceitar dinheiro do crime organizado. Pharaon, um dos quinze homens mais ricos do mundo, deflagrou uma declaração bombástica: “Todos os grandes bancos do mundo lavam narcodólares, inclusive o *Bank Boston* e o *Crédit Suisse*”, o banqueiro conseguiu explicitar a lógica *mafiofinanceira* do mundo contemporâneo.

Geograficamente, os paraísos fiscais estão localizados em pequenas ilhas, mas a maioria deles está política e economicamente ligada aos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), grande parte das operações *offshore* é controlada pela *City Londrina*, portanto o Reino Unido ocupa um lugar de destaque no contexto da corrupção planetária. Segundo Christensen<sup>348</sup>, 40% dos países classificados como menos corruptos pelo relatório Transparência Internacional são praças financeiras de incisivas operações *offshore*, dentre elas Cingapura, Reino Unido, Suíça, Luxemburgo, Hong Kong, Alemanha, Estados Unidos, Bélgica e Irlanda. A explicação reside na concepção de corrupção, o relatório considera convenientemente na lógica reprodutiva do capital apenas o lado da oferta, desconsiderando a procura, portanto absolvendo demagogicamente os corruptores, no caso, alguns países

---

<sup>347</sup> O capítulo 6 é dedicado ao Brasil.

<sup>348</sup> John Christensen em *Evasão Fiscal e Pobreza*.

das áreas mais avançadas do capitalismo e grandes corporações, os corruptos são eleitos seletivamente.

A concepção de rede contemporânea aplicada à compreensão das máfias envolve as mais distantes regiões geográficas do planeta, que à primeira vista não parecem possuir qualquer conexão, por exemplo, a relacionada à complexa trama engendrando o Banco de Crédito e Comércio Internacional (BCCI) sediado em Luxemburgo, fundado pelo financista paquistanês Agha Hassa, associado ao saudita Ghait Pharaon. O BCCI possuía laços com os cartéis de Medellín e Cali, através de algumas agências na Colômbia, esse banco foi o “branqueador” do dinheiro sujo intermediado pela CIA no escândalo *Irãgate*; essa instituição também intermediou a transferência de dinheiro aos rebeldes do Afeganistão. Nos anos 80, o banco operava em 69 países, por isso os escândalos adquiriram uma magnitude global, colocando vários governos em xeque; fechado em julho de 1991, ele deixou um rombo de US\$ 15 bilhões no mercado financeiro internacional.<sup>349</sup>

A lógica de desenvolvimento das máfias está inserida numa complexa dinâmica engendrada pela mundialização, que possibilita fluxos diversos entre muitas cidades do planeta e em diferentes estaturas, estabelecendo uma rede de relacionamentos volatilizada pelos meios de comunicação mediados por uma tecnologia de ponta. Em nível de estratégia planetária, a territorialidade para as máfias ganha outro contorno, permitindo uma estrutura organizacional ahierarquizada em diversos nós de intersecção dos fluxos, as cidades, diante de todas as possibilidades que esses nichos encerram enquanto lugar mafioso. A cidade é a base para o funcionamento de diversas organizações mafiosas com toda a polissemia que lhe é intrínseca, incorpora o crime e define os fluxos instantâneos de capital de origem profundamente duvidosa, através dos mercados financeiros calcados nesse sítio.

A virtuosidade urbana para as máfias pode ser parcialmente compreendida na declaração de James Woolse, ex-diretor da CIA: “Se você se arriscar a puxar conversa com um russo articulado, que fale inglês, digamos, no restaurante de um dos luxuosos hotéis do lago Genebra, e se ele estiver usando um terno de 3 mil dólares e um par de mocassins Gucci, e se ele disser

---

<sup>349</sup> Análise de matéria publicada pela revista Cadernos do Terceiro Mundo – Nº143.

que é executivo de uma empresa comercial russa e quer discutir com você a possibilidade de uma joint venture, existem quatro possibilidades: Ele pode ser o que diz ser. Ele pode ser um agente do serviço secreto russo infiltrado no mundo empresarial. Ele pode ser membro de uma organização criminosa russa. Ele pode ser as três coisas e, o que pior, nenhuma das 3 instituições tem o menor problema com esse esquema”.<sup>350</sup> Trata-se de uma colocação sarcástica sobre a complexidade dos fluxos e personagens do grande capital, extirpando a imunidade de múltiplos setores econômicos à luz de uma leitura mafiosa de mundo

Cerca de 40% das fortunas privadas do planeta são produzidas em paraísos fiscais, na Suíça por exemplo, os banqueiros Helvéticos acolhem o espólio dos cartéis do crime organizado, os astronômicos bens dos agentes do crime russo e o tesouro das classes dominantes e despóticas da África, da Ásia e da América Latina. Grandes fortunas locais dessas regiões lá se refugiam, onde são recicladas e reinvestidas na especulação imobiliária em inúmeras cidades ou alimentam várias bolsas de valores. Ditaduras como a de Ferdinando Marcos nas Filipinas ou Charles Duvalier no Haiti usufruíram dos eficientes serviços oferecidos pela estrutura financeira desses lugares mafiosos.<sup>351</sup> Desde 1973, as 250 maiores instituições financeiras da Europa e dos EUA, ancorados no aparato tecnológico aplicado às informações, desenvolveram a *Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT)*.<sup>352</sup>

O atual *glamour* dos Emirados Árabes encontra seus limites na lógica econômica das máfias, a estratégia de Dubai e de seus vizinhos Emirados tem sido atrair quaisquer investidores, independentemente da origem do dinheiro empreendido, com tal estratégia esse pequeno país conseguiu atrair personalidades do esporte, do *showbiz* e do tráfico, como o comerciante russo de armas Viktor Bout, que possui seu quartel general no famoso *Burj al Arab*. A rede se estende pela Índia, onde toneladas de ouro circulam como ícone cultural na condição de pagamentos de dotes em casamentos, a fim de fugir

---

<sup>350</sup> Citado em *MacMáfia*.

<sup>351</sup> *O Livro Negro do Capitalismo*, organizado por Gilles Perrault.

<sup>352</sup> O coração dessa associação fica em Bruxelas. No início dos anos 70, Liechtenstein se destacava entre os paraísos fiscais, possuía 24 mil habitantes e 30 mil empresas fantasmas, denominadas *Briefkastenfirmen*, o país introduziu o conceito de patrimônio personalizado, responsável pela interdição à divulgação do nome e dos dados do titular de uma conta corrente.



dos pesados impostos nacionais houve o desenvolvimento de uma organização criminosa responsável pelo tráfico do metal de Dubai para Bombaim, projetando os chefões indianos no Emirado Árabe em conluio com as famílias que governam o país.<sup>353</sup>

Com as descobertas de petróleo nos outros Emirados, a rede se tornou mais complexa, multiplicando o dinheiro atravessado em Dubai; para compensar a inexpressividade de campos petrolíferos, esse pequeno país ergueu a maior infraestrutura marítima do Oriente Médio, composta por 66 ancoradouros, capazes de atrair investidores iranianos e afegãos, ambos interessados na estabilidade difundida enquanto *marketing*, os hotéis de excessivo luxo atraem os astros de *Bollywood* (Índia) e os membros da Companhia D de Bombaim, conhecida como uma das maiores máfias do mundo, cujo desenvolvimento remonta aos anos 80, período de recessão na Índia.<sup>354</sup>

O movimento do capital encerra uma pluralidade de possibilidades na reprodução de lugares mafiosos em processo inusitados, nos quais os primeiros passos impossibilitam qualquer previsibilidade sobre o resultado das articulações. As gangues locais da Companhia D do *capo* Dawood Ibrahim são mais eficientes que a polícia na manutenção da ordem em Bombaim, o poder desse indiano se tornou uma eficiente logomarca, ele patrocina inúmeras pequenas quadrilhas, delegando-lhes certa liberdade operacional em troca de lealdade, assim, os grupos podem usufruir do peso do nome Dawood, cuja violência é marca registrada na eliminação de concorrentes e de empresários “intransigentes”.

A maior parte do lucro da Companhia D vem do extenso contrabando de ouro, tendo em Dubai um elo importante da cadeia, em razão da débil estrutura regulatória, o indiano expandiu seus tentáculos para o tráfico de drogas enviadas para a Europa e para a África do Sul, processo estabelecido através dos vínculos com o poderoso *ISI* paquistanês e com as máfias balcânicas, igualmente assentadas em Dubai. Junto ao Paquistão, a Companhia D teve acesso ao poderoso explosivo *Research Developed Explosive (RDX)*, fornecido às gangues da Índia, a extensão dos tentáculos da Companhia D pela

---

<sup>353</sup> *MacMáfia*.

<sup>354</sup> *MacMáfia*.

economia formal continua através da enorme indústria de Mumbai, *Bollywood*, financiando um grande número de produções do cinema indiano.<sup>355</sup>

A estrutura articulada em Dubai assegurou a aquisição de elevados lucros com os conflitos fora de seu território<sup>356</sup>, livre de bombas e de uma legislação rígida, o Emirado é eficiente na construção de atrativos para todo tipo de dinheiro, ali convertido em capital de amplo espectro reprodutivo, a infraestrutura turística é parte ínfima da real polissemia desse autêntico lugar mafioso. A lei *Racketeer Infiltrated and Corrupt Organizations (RICO)* dos EUA permitiu ao país infiltrar vários agentes da *DEA* em organizações criminosas de lavagem de dinheiro, contudo ela não chegou a arranhar a emaranhada rede dos fluxos ilícitos do mundo, porque a cadeia formal da economia possui um importante braço dos empreendimentos na esfera informal, liquefazendo o dinheiro sujo nas malhas da operatividade do capital.

O ato de transferir grande soma de dinheiro<sup>357</sup> não é em si um crime, a ilegalidade reside na associação com o crime na produção do capital, o sigilo bancário é uma norma corrente em muitos países, fator responsável pela minimização dos efeitos dos 3 princípios exigidos na lei estadunidense, e modelo para várias regiões, a saber, ter cautela com clientes - *CCD (Customer Due Diligence)*, conhecer o cliente - *KYC (Know Your Customer)* e relatar atitudes suspeitas - *SAR (Suspicious Activity Report)*. Os paradoxos das leis estadunidenses esbarram na complexidade da geopolítica em relação aos pivôs no Oriente Médio, dentre eles os Emirados, lugares seguros para as tropas americanas presentes na região. Entre 1987 e 1995, os EUA abriram 3 mil processos sobre lavagem de dinheiro de um total de 77 milhões de relatórios, resultando em 580 condenações.

Com todo o histórico que Dubai possui, o xeque Mohammed anunciou a criação do *DIFC* – Centro Financeiro de Dubai, o maior entre Cingapura e Frankfurt, além de alterar a legislação interna permitindo a estrangeiros construir e adquirir propriedades, isso transformou o pequeno Emirado no maior canteiro de obras do mundo, consolidando o mecanismo clássico de

---

<sup>355</sup> *MacMáfia*.

<sup>356</sup> Como os ocorridos no Iraque, no Afeganistão e em Israel.

<sup>357</sup> Característica da lavagem.

ablução de recursos na construção civil e, pior, a partir de inúmeros bancos internacionais agora instalados no *DIFC*.

Na “antessala” da ostentação em Dubai figuram os trabalhadores braçais mal remunerados, muitos dos quais clandestinos e na invisibilidade midiática, eles trabalham 12 horas por dia e moram na cidade dormitório de Jebel Ali, a antípoda da opulência a 65 km de Dubai, lá sessenta homens dividem um banheiro e oito a 15 dividem um quarto, tudo sob os olhos vigilantes dos empreiteiros de mão-de-obra. As ONGs responsáveis pela análise da situação desses trabalhadores e das mulheres traficadas e escravizadas sexualmente na região consideram batalha perdida quando o assunto é Dubai, enquanto isso, na “sala principal”, os arautos da globalização defendem a desregulamentação do trabalho, a fim de torná-lo ainda mais barato.<sup>358</sup>

Existe um paradoxo essencial no combate a essas redes internacionais, a maioria das polícias apresentam restrições de ação à fronteira nacional, caracterizada por uma deficiente troca de informações em âmbito planetário, incompatível com a agilidade e com a sofisticação de ação dos mafiosos, inclusive com rápida infiltração na política oficial dos Estados, isso engendra um verdadeiro *nó górdio* na prática contemporânea de pretense combate ao crime. A Europol define a Ndranguetta, a Cosa Nostra e a Camorra como máfias onipotentes em função da capacidade para corromper políticos, assassinar juízes e manipular empresas, com capacidade de irradiação de poder para inúmeras partes do mundo.

A ONU realizou três conferências mundiais envolvendo representantes de 180 países, a fim de analisar a questão do crime organizado, a primeira foi em novembro de 1994 em Nápoles, a segunda no Cairo em maio de 1995, e a terceira em Palermo no ano 2000.<sup>359</sup> O dinheiro estimado em circulação pelas máfias sediadas em 23 países apontava para somas entre US\$ 750 bilhões e US\$ 900 bilhões, valores em franca expansão, fato constatado em 2005, quando o montante movimentado por tais organizações atingiu US\$ 2 trilhões<sup>360</sup>, ampliando o número de países envolvidos nesse processo do

---

<sup>358</sup> *MacMáfia*.

<sup>359</sup> As conferências citadas no parágrafo se referem ao crime organizado em geral, contudo as Nações Unidas já haviam realizado 3 convenções específicas sobre o tráfico de drogas em 1961, 1971 e 1988.

<sup>360</sup> Segundo a ONU, esse valor é subdividido da seguinte forma: US\$ 1 trilhão envolvendo corrupção, US\$ 300 a 400 bilhões relacionados ao tráfico de armas, US\$ 300 a 400 bilhões decorrentes do comércio

circuito capitalista subterrâneo, porém essencial ao funcionamento da economia oficial e global.

Os restantes de bilhões de dólares não vinculados à corrupção, às drogas, às armas e outras economias paralelas correlacionadas ao tráfico dos mais diferentes tipos de produto, inclusive os mais insólitos como o lixo, este último conectando grandes corporações do Primeiro Mundo e grupos mafiosos internacionais, essa atividade movimenta em torno de US\$ 15 bilhões (dados de 2003), tal prática atropela convenções internacionais como a da Basiléia, assinada em 1989, enquanto o *modus operandi* encerra certa complexidade jurídica.

A estratégia do tráfico do lixo consiste em abrir uma empresa importadora no país destinatário dos resíduos com a função de títtere, essa rede interessa aos países industrializados porque se livram de milhões de toneladas de lixo tóxico todos os anos, envolvendo fluxos muito específicos, o lixo radiativo da Europa vai para a Índia, computadores-sucata dos EUA tem como destino a China, cromo ativo de centrais elétricas espanholas rumam para a Argélia. As máfias cobram das indústrias do Primeiro Mundo de US\$ 100 a US\$ 2.000 por tonelada de lixo transportada para outros países, na África a desova sai por US\$ 2,50 a US\$ 50 a tonelada, configurando um excepcional negócio de intermediação criminosa.<sup>361</sup>

As reuniões da ONU sobre alguns tipos de contravenção levaram à produção de um documento intitulado *Convenção Transnacional contra o Crime Organizado* (CTCCO), aprovado em Nova Iorque em setembro de 2000, entrando em vigor em setembro de 2003; o Brasil ratificou sua inserção em fevereiro de 2004. Tal prerrogativa constitui um documento de 41 artigos relacionados à classificação dos crimes, procedimentos legais e colaboração internacional, contudo uma análise mais acurada do texto à luz do funcionamento global da circulação do capital e dos modelos econômicos neoliberais aponta para alguns paradoxos desse material.<sup>362</sup>

---

de drogas e os restantes produzidos pelo contrabando de carga e tráfico humano (escravidão, órgãos, prostituição, dentre outros).

<sup>361</sup> *Carta Capital* de 21-04-2004. Em 2008 ficou notória também a questão da coleta de lixo em Nápoles, envolvendo o controle da Camorra italiana. O capítulo 5 tratará das máfias italianas.

<sup>362</sup> O documento original foi editado em inglês, árabe, chinês, espanhol, francês e russo. As análises neste trabalho consistirão na interpretação do texto em inglês e espanhol.

O Artigo 4 do CTCCO limita a ação em paraísos fiscais ou em países cuja política econômica facilita e estimula a atração de capital especulativo de origem duvidosa, rezam os parágrafos 1 e 2, respectivamente: “Os Estados Partes cumprirão as suas obrigações decorrentes da presente Convenção no respeito pelos princípios da igualdade soberana e da integridade territorial dos Estados, bem como da não ingerência nos assuntos internos de outros países” e “O disposto na presente Convenção não autoriza qualquer Estado Parte a exercer em território de outro Estado jurisdição ou funções que o direito interno desse Estado reserve exclusivamente às suas autoridades”.

De forma geral, existe uma íntima relação entre máfias e burocracia, porque o marasmo no andamento dos processos abre os interstícios para a instalação de mecanismos paralelos nos vários setores da economia e da política, talvez como imagem fundamental à compreensão desse fenômeno seja a obra de Franz Kafka, *O Processo*. O livro nos remete à imagem das dificuldades de encaminhamento das medidas judiciais com uma atmosfera impregnada de “segredo”, onde somente alguns escolhidos sabem como agir, o centro nevrálgico consiste justamente em analisar os “escolhidos”, pois esses podem ser membros constituintes das várias organizações mafiosas em diferentes regiões do mundo e, em inúmeros casos, inseridos no contexto da lógica burocratizante de combate ao crime organizado.

A Burocracia é a regra no estabelecimento das medidas a serem adotadas no combate às máfias, acabando por obstacularizar ações concretas <sup>363</sup>, inúmeros artigos do documento apontam nessa direção burocratizante, com destaque para o sexto, o sétimo e o oitavo. O número 6 define a necessidade da conformidade das ações da Convenção com a legislação interna estabelecendo, a priori, prerrogativas para caracterizar a infração penal com o precedente de intencionalidade. O artigo 7 praticamente auto-determina o limite da ação ao colocar a liberdade de mercado para a circulação do capital, contradição detectável quando analisado o parágrafo 1: “Dentro das suas competências, o Estado Parte instituirá o combate a formas ilícitas de lavagem de dinheiro”, o dinheiro ao ser lavado impulsiona

---

<sup>363</sup> Max Weber estabelece importantes relações entre dominação e paralisia das ações efetivas, envolvendo aparatos burocráticos - *Economia e Sociedade*, v.1.

inquestionável crescimento econômico, dificilmente paralisado por um dado governo.

O artigo 8 define o obstáculo ao combate ao crime organizado pelo marasmo na aprovação de medidas políticas concretas, particularmente em países do *nipe* do Brasil, cuja lentidão na homologação de novas leis atravessa décadas, resultado de uma legislação na qual os legisladores legislam em causa própria em razão dos obscuros recursos das campanhas políticas a muitos deles fornecidos,<sup>364</sup> remetendo, assim, a outro grande problema, a obstrução da justiça. Nesse contexto, imaginemos as ações dos países com problemas parecidos com os nossos à luz desse artigo: “Cada Estado Parte adotará as medidas legislativas necessárias para caracterizar como infrações penais os seguintes atos, quando intencionalmente cometidos: Prometer, oferecer ou conceder a um agente público, direta ou indiretamente, um benefício indevido, em seu próprio proveito ou de outra pessoa ou entidade, a fim de praticar ou se abster de praticar um ato no desempenho das suas funções oficiais.”

Outros artigos rezam sobre a autonomia política para lidar com a questão do crime organizado, porém uma importante questão deve ser colocada, o poder da mídia, no sentido de eleger sumariamente alguns corruptos, enquanto inocenta os de maior calibre. Muitas empresas de comunicação fazem parte da rede mafiosa em âmbito nacional dos Estados Partes como estrutura global de informação, o documento da ONU não aborda tal dimensão.<sup>365</sup>

Sobre o confisco e apreensão de bens, a Convenção estabeleceu três longos artigos, 12, 13 e 14, remetendo-nos a outras questões referentes ao tema, particularmente ao analisarmos o parágrafo 4 do artigo 12: “Se o produto do crime tiver sido misturado com bens adquiridos legalmente, esses bens poderão, sem prejuízo das competências de embargo ou apreensão, ser confiscados até ao valor calculado do produto com que foram misturados”, com isso se coloca o problema relacionado à dificuldade de identificação do dinheiro

---

<sup>364</sup> O trabalho organizado por Bruno Wilhelm Speck - *Caminhos da Transparência*, publicado pela editora da Unicamp em 2002, denota o tamanho do problema relacionado à corrupção política no Brasil, particularmente no capítulo *O Controle dos Representantes Eleitos*.

<sup>365</sup> Em *Caminhos da Transparência*, dois capítulos problematizam a questão, a saber, *O Acesso à informação e Mídia e investigação*.

ilícito, mediante a complexidade do sistema financeiro contemporâneo, possibilitando aos “investidores” inúmeras estratégias para driblar a fiscalização.<sup>366</sup>

O mais extenso de todos os artigos é o 18º, rezando sobre assistência jurídica recíproca, totalizando 30 parágrafos, em inúmeros deles contradições já apontadas com a lógica financeira e política do mundo contemporâneo reaparecem de maneira reelaborada, notoriamente na questão da burocracia e da corrupção endêmica na ordem legislativa dos Estados Partes; contudo merece destaque o segundo item do parágrafo 21, quando se analisa o contexto no qual a cooperação jurídica pode ser recusada, a saber: “Se o Estado Parte requerido considerar que a execução do pedido pode afetar sua soberania, sua segurança, sua ordem pública ou outros interesses essenciais”, continuando no parágrafo 23: “Qualquer recusa de cooperação jurídica deve ser fundamentada”, sabemos como a narcocracia e políticos corruptos contam com excelentes advogados, cuja interpretação de tais artigos a favor de seus clientes não seria um trabalho muito difícil, porém o problema é maior ainda, pois a estabilidade política ou sustentabilidade de modelos econômicos poderiam ser facilmente convertidos em alibis para a falta de cooperação.

A Convenção internacional aponta inúmeros paradoxos plausíveis de serem identificados na dimensão desta pesquisa, contudo o principal parece ser a cobrança em relação ao papel a ser desempenhado pelos Estados em praticamente todo o texto, isso beira a ironia porque o neoliberalismo privatizante foi e continua sendo o principal responsável pela difusão exponencial das atividades ilícitas numa magnitude global, particularmente em sua dimensão financeira envolvendo a aplicação de capital nas economias emergentes e em paraísos fiscais.

Estados dilapidados pela voracidade “global liberal” agora são cobrados na ação contra aqueles que os usurparam. Em praticamente toda a bibliografia referente ao trabalho foi detectada a relação entre o processo neoliberal e o crime organizado, cuja taxa de incremento foi substancialmente elevada com o sucateamento dos Estados mediante às ondas privatizantes. Assim, muitos

---

<sup>366</sup> Na criminalidade organizada de modelo mafioso, lavar dinheiro sujo depende da criatividade do lavador.

Estados contemporâneos agem de forma mafiosa ou simplesmente são reféns das máfias em sua vasta polissemia.

Os limites entre economia formal e a criminosa encontram seu ponto de catástrofe quando analisamos o modo de operar nos negócios, a seleção dos condenados é previamente realizada, enquanto expressivos homens de negócios se tornam ícones do desenvolvimento e até da filantropia planetária, vistos aos olhos da grande mídia como indivíduos de uma inteligência ímpar por saberem multiplicar rapidamente sua fortuna. Esse discurso ganha corporeidade quando rastreamos grandes fortunas, como a de Carlo Slim, considerada a maior do planeta segundo a revista *Forbes* em 2007-2008. Slim se encaixa muito bem na trajetória de outros casos políticos em relação à condução dos investimentos nos moldes do lobismo empreendedor, ratificando o caráter polissêmico das ações mafiosas na economia contemporânea e oficial.

No país de Slim, México, 40% da população vivem com menos de um dólar por dia, enquanto sua fortuna corresponde a 25% do orçamento do governo, ele controla 40% da capitalização da bolsa de valores interna, a riqueza de Slim foi herdada do pai, que a construiu no ramo imobiliário durante a Revolução Mexicana. O atual bilionário tornou-se um dos principais financiadores da campanha do PRI, partido que governou o México de 1929 até 2000, essa proximidade com os governistas lhe rendeu lucrativos frutos; desde 1982, com a crise petrolífera, o governo começou a nacionalizar as dívidas da oligarquia interna, momento no qual Slim incorporou inúmeras empresas, com predileção por àquelas com potencial de atendimento ao Estado.

Carlos Slim alçou voo à lista dos recordes em capital no governo Salinas em 1988, pois o presidente beneficiou os grandes empresários no contexto liberalizante atravessado pelo país, a intenção fora atrair os benefícios a posteriori, muitas empresas estatais foram vendidas, preferencialmente aos mais íntimos. Slim foi favorecido, incorporando importantes empresas por uma fração do valor real, Telmex por exemplo, hoje controladora de 90% das linhas fixas do país, as alianças estratégicas calcadas pelo Estado mexicano permitiram a projeção mundial do grupo Slim, ao todo seu conglomerado, *Carso*, controla 250 empresas dos mais diversos setores. Seria intrigante



pensar convenções das Nações Unidas sobre aparatos lobistas e cartéis monopólicos e, mais ainda, a aplicação das prerrogativas em inúmeros países.

O fenômeno Slim não é local, pois os laços se estendem em sólidos contatos com Bill Gates, com os Rockefeller, com o príncipe Charles, com Filipe González, com Rudolph Giuliani e com Hillary Clinton, nestes dois últimos casos as campanhas políticas contaram com dinheiro do Grupo *Carso*. Detentor de enorme poder, ele se dá o direito de reinterpretar a sociologia política: “Não existe mais esquerda e direita, hoje a linha de ruptura passa pela modernidade e arcaísmo”, os tentáculos da organização *Carso* atingem todos os partidos políticos e, obviamente a mídia, a *Omertá* impera em território mexicano. A nova cartada de Slim é a filantropia “rumo à modernidade”, pois pretende investir 7% de sua fortuna (7 bilhões de dólares) em obras de caridade, prática assim justificada por ele: “O setor privado deve se engajar intensamente na formação de capital humano e físico, a fim de formar uma clientela para os meus produtos”, caso continue nessa trilha, talvez o poderoso chefão ainda seja canonizado.<sup>367</sup>

A contemporaneidade mafiosa encerra um complexo entrecruzamento dos negócios econômicos, políticos e geopolíticos, intrincando-se aos negócios escusos das superpotências de outrora e da hiperpotência atual. Tal como declarou Brzezinski em uma entrevista, analisada pela *Carta Capital*: “A CIA criou uma rede militante islâmica ou Jihad Islâmica contra as forças soviéticas, transformada em parte integrante da estratégia de inteligência desse serviço secreto, apoiada pelos Estados Unidos e pela Arábia Saudita, sendo financiada em grande parte com recursos provenientes do narcotráfico do Crescente Dourado, envolvendo Afeganistão e ex-repúblicas turcas da antiga URSS.”

A trajetória do narcotráfico na Ásia Central está intimamente relacionada às ações da CIA. Antes da guerra entre o Afeganistão e a União Soviética, a produção do ópio era destinada ao mercado local sem a elaboração da heroína, desde o início das operações do serviço secreto americano, num prazo de dois anos, a fronteira afegã-paquistanesa se transformou na maior zona de produção de heroína do mundo, no próprio Paquistão o número de usuários

---

<sup>367</sup> Informações obtidas no *Le Monde Diplomatique Brasil*, edição de Abril de 2008.

dessa droga pulou de praticamente zero em 1979 para mais de um milhão em 1985.<sup>368</sup>

Em 1985, Ronald Reagan assinou a ordem de segurança nacional nº166, autorizando o maior apoio militar aos *mujahedins*, a nova assistência começou com um aumento impressionante de armas, que atingiu a cifra de 65 mil t/ano em 1987, acompanhadas por um fluxo incessante de especialistas da CIA para os quartéis secretos do ISI no Paquistão, o ditador deste último país, Gal. Zia-ul Haq, ganhou projeção e estabilidade no poder; combater o Crescente Dourado é comprar briga com o ISI. Na complexa construção desse pivô cabe realçar a expansão do tráfico de heroína pela Ásia Central com a desintegração da URSS, lembrando que o controle das narco-rotas é tão estratégico como o controle dos oleodutos, em razão dos vultosos recursos injetados no sistema financeiro global.

O Paquistão se mostrou mais agressivamente antissoviético, superando os próprios EUA, pouco depois da ocupação soviética no Afeganistão, Zia enviou o diretor do ISI às repúblicas da Ásia Central a fim de desestabilizá-las, a CIA aprovou esse plano em outubro de 1984. O ISI montou uma estrutura de enorme poder, somando 150 mil funcionários, entre militares, burocratas, agentes secretos e informantes. A rede ISI também atua em Caxemire, financiando a criação do grupo militante *Hizbul Mujahide*.

Os ataques terroristas ao parlamento hindu em dezembro de 2001 foram orquestrados no Paquistão pelo *Lashkar-e-Taliba* ou Exército dos Puros e pelo *Jaish-e-Muhammad* ou Exército de Maomé, ambos orientados pelo ISI.<sup>369</sup> As ações mafiosas dos EUA tem no ISI, logo no Paquistão, um pivô, permitindo uma leitura mais clara da conduta da hiperpotência com esse país numa esfera regional, esvaziando inúmeros discursos de combate ao terrorismo ou ao narcoterrorismo, colocados no âmbito do espetáculo pela imprensa de massa. (Ver Anexo 14)

O ISI também atua na China fomentando a articulação entre os movimentos das repúblicas muçulmanas da antiga URSS com o *Uigur* no Sinkiang, a intenção é estabelecer um califado islâmico envolvendo o

---

<sup>368</sup> *Out of Afganistan: The Inside History of the Soviet Withdrawal* de Selig Harrison.

<sup>369</sup> Ver *Em Military Inc. Inside Pakistan's Military Economy* de Aysha Siddqa.

Uzbequistão, o Tadquistão, o Quirquistão e o Uigur chinês, logo não interessa à política externa estadunidense deter a onda de fundamentalismo islâmico. A perseguição a Osama Bin Laden pelos EUA foi uma estratégia intencionalmente deslocada do dispositivo operacional<sup>370</sup>, ao contrário do que se esperava, a invasão do Afeganistão em busca de Laden pelos EUA impulsionou a produção de heroína no país. (Ver Anexo 21) Ao grande império global interessa insuflar conflitos de diferentes índoles, enviesando a compreensão dos verdadeiros processos de espoliação como o neoliberalismo, para tanto se faz necessária a composição com fundamentalismos de outras matizes em meio ao nevoeiro produzido. (Ver anexo 2)

O outro lado da realidade paquistanesa nas entranhas do genuíno mundo *mafioeconômico* envolve a projeção dos líderes militares em diversos estratos da sociedade, como demonstra Aysha Siddiqi<sup>371</sup>, os militares controlam desde a produção idiossincrática à categoria, atravessando a produção de bens de consumo duráveis e não-duráveis até setores estratégicos e infraestruturais, como energia e telecomunicações. Várias empresas analisadas pela pesquisadora estão inseridas nessa rede, dentre elas a *Frontier Works Organisation (FWO)*, a *National Logistics Cell (NLC)*, a *Askari Aviation*, a *Special Communication*, a *Fauji*, a *Army Welfare Trust*, a *Saheen* e a *Ordonance factors Foundation*.

Essa estrutura militarizada do Paquistão remonta a um período anterior ao desenvolvimento da rede *ISI-CIA*, contextualizada na época de separação do país da Índia, momento no qual o governo destinava 70% do orçamento à defesa nacional, desde então, as forças armadas destinam a si próprias 30% do PIB do país. O limite entre o oficial e o mafioso é exponencialmente nebuloso quando se trata de investimentos econômicos de porte, complexidade sumariamente potenciada quando os pivôs se implicam em eixos multidirecionais.

O fundamentalismo paquistanês é calcado em interesses muito concretos de reprodução do capital, os militares do país são *goodfathers*, quem

---

<sup>370</sup> Bin Laden declarou em 1998: “Nem eu, nem meus irmãos tivemos evidências da ajuda estadunidense”, citado em *Guerra e Globalização*.

<sup>371</sup> Em *Military Inc. Inside Pakistan's Military Economy*.

queira implementar alguma atividade econômica no país precisa se relacionar bem com eles, situação capaz de produzir dividendos para ambas as partes, pois as empresas pertencem ao grupo ou são *joint-ventures*. Toda essa estrutura é obscurecida por uma extensa campanha publicitária pró-eficiência, escondendo a imanente corrupção nos processos de licitação e desvios de recursos, talvez o caso mais emblemático seja a apropriação pela alta cúpula dos imóveis rurais e urbanos mais suntuosos.

O Estado paquistanês detém em torno de 37 milhões de ha num país com 20 milhões de camponeses sem terra; nas mãos das forças armadas estão mais de 4,5 milhões de ha, dos quais 2,8 milhões com os oficiais. No meio urbano, a realidade concentracionista se reproduz envolvendo 27 projetos imobiliários geridos por eles; valendo-se de sua forte influência, os militares adquirem os imóveis com baixa cotação ou subvenções. O Paquistão é um lugar estratégico para a ação estadunidense contra quaisquer inimigos regionais, munidos desse álibi os militares ampliam e desenvolvem corporeidade mafiosa interna de extrema complexidade, configurando um processo de intrincação mútua.<sup>372</sup> Abordar militarismos e o setor armamentista correlato a ele é circunscrever um problema mais amplo, a questão do tráfico de arma não é uma caso específico do Paquistão ou da falida URSS, esta última sensacionalizada pela mídia gorda referente a essa questão.

O caso dos armamentos vinculados às atividades mafiosas não é um problema circunscrito à antiga URSS e também não é só atômico. Na contemporaneidade, os EUA renovaram o seu arsenal nuclear estratégico exponenciando suas armas químicas e bacteriológicas, criando uma "quarta geração" de ogivas nucleares de baixa potência e altamente penetrante, as *Micro-nukes*. Esses artefatos anulam a distinção entre armas "nucleares" e "convencionais", tornando factível sua aplicação em guerras, porque dribla sutilmente os tratados existentes.

A investigação e o desenvolvimento das *Micro-nukes* é estritamente confidencial, senso possíveis algumas especulações ligando e entrecruzando informação oficial com algumas evidências. Grandes laboratórios militares nos

---

<sup>372</sup> Informações obtidas no *Le Monde Diplomatique* de Janeiro de 2008.

EUA, no Reino Unido, na França e na antiga União Soviética conceberam novas armas baseadas em princípios pouco conhecidos, com testes viabilizados em algumas guerras dos anos 90 do século XX. A leitura sobre as *micro-nukers* não esclarece como se poderia contornar o problema da massa crítica para uma reação de fissão sustentável, dimensão capaz de denotar plural instabilidade quando identificamos a ação geopolítica envolvendo a conexão de inúmeros fundamentalismos.

A ação mafiosa dos Estados no ato da guerra pressupõe mascarar e ignorar os efeitos dos novos artefatos bélicos, utilizando-se comumente de massacres de civis como estratégia de coação do inimigo. Os bombardeios nas fábricas químicas de Panchevo e Novi Sad durante a Guerra da Iugoslávia provocaram na população civil efeitos muito semelhantes àqueles de uma verdadeira guerra química. As munições de urânio empobrecido<sup>373</sup>, embora tenham sido desenvolvidas há muito tempo, não haviam sido utilizadas extensivamente até o colapso da União Soviética. A Guerra do Golfo de 1991 foi o palco para o seu primeiro experimento sem qualquer expressiva oposição internacional, apesar de quase 80 mil americanos e milhares de veteranos canadenses e britânicos terem sido afetados pela "Síndrome do Golfo", envolvendo a leucemia radiativa.

Artefatos similares foram lançados nos Bálcãs e no Afeganistão. Na avaliação atual, as munições DU são bombas radiológicas ou "armas de efeitos indiscriminados" nos termos do 1º Protocolo adicional das Convenções de Genebra, contudo os EUA se utilizaram de diferentes expedientes para contornar o documento. O perigo é constatatadamente exponencial, tendo como base os documentos oficiais da ONU e do *CTBT (Comprehensive Test Ban Treaty)*, que lista mais de quarenta países com capacidade nuclear e envolvidos em conflitos multidirecionais, configurando um verdadeiro barril de pólvora, tal condição leva ao enaltecimento com irônica nostalgia do "equilíbrio de terror" da Guerra Fria.<sup>374</sup>

---

<sup>373</sup> *Depleted Uranium, DU.*

<sup>374</sup> Na Rússia, Putin resignificou o sentido da corrida nuclear, pois o país enveredou à produção de ogivas miniaturizadas de baixa potência (*low-yield*), visando construir uma nova geração de *mini-nukes* (0,4

O poder direto sobre os países do Oriente Médio daria aos EUA o controle de uma enorme área-pivô, estendendo os domínios sobre o conjunto do Mar Mediterrâneo até à fronteira com a China, incluindo a penetração militar nos países do Cáucaso e da Ásia Central. O orçamento militar estadunidense aumentou de US\$ 250 bilhões em 1999 para mais de US\$ 400 bilhões em 2003 (mais de 40% dos gastos militares de todo o planeta), com uma perspectiva ascensional para os anos subsequentes. Apesar dos discursos brandos de Barak Obama, o orçamento militar americano foi novamente ampliado em 2009.

A mais poderosa rede mafiosa oficial do planeta estabelece os vínculos entre a cibernética de ponta e a indústria bélica, produzindo equipamentos como o supercomputador *Asci White (Advanced Strategic Computation Initiative)*, desenvolvido pela IBM, e mil vezes mais poderoso que seu antecessor, o *Deep Blue*, composto por 8192 microprocessadores e capaz de executar 12,5 trilhões de operações por segundo. A Nanotecnologia<sup>375</sup> abre perspectivas radicalmente inovadoras em armamentos, inclusive facilitando o tráfico no mundo *mafio-globalizado*, pois apresenta um campo de aplicação muito vasto, tanto em armas convencionais, envolvendo transdutores e acionadores, como em componentes eletrônicos aplicados na detonação de armas nucleares, consubstanciando um novo saber terrorista, particularmente o estatal.<sup>376</sup>

O conhecimento russo em equipamentos nucleares é uma excepcional mercadoria no mundo neoliberal comandado pela força do capital, muitos cientistas frustrados e desempregados buscaram renda onde houvesse oportunidade, sendo alvo fácil de cooptação pelas redes criminosas internacionais, e até mesmo por outros países interessados em aprimorar seus arsenais. A China é exemplo disso, o país comprou dispositivos de contenção da Rússia para disfarçar os efeitos sísmicos de uma explosão nuclear.

---

kilotons), as redes mafiosas russas podem ter acesso fácil a mais essa oportunidade para incrementar o tráfico internacional de armas.

<sup>375</sup> A ciência de conceber estruturas microscópicas, nas quais os materiais e as suas relações são controlados átomo por átomo em distâncias de  $10^{-9}$  m, inferiores às da microeletrônica,  $10^{-6}$  m. Em *O Século XXI* de Pat Roy Mooney,

<sup>376</sup> Ver capítulo 2.

O escudo antimíssil se configura como verdadeira falácia quando abordado tecnicamente, evidenciando as reais intenções do governo estadunidense, o voo de um míssil balístico é composto por três diferentes fases, a saber, a fase do arranque, a fase do voo inercial (fora das camadas densas da atmosfera) e a fase da reentrada na atmosfera. Durante a fase do arranque seria mais fácil interceptar o míssil, uma vez que ele se move mais vagarosamente, mas o espaço de tempo é muito curto e seria necessário um sistema interceptor muito próximo ao país atacante, o problema da defesa contra mísseis é extremamente complexo e difícil.

Os possíveis ataques não são limitados a mísseis balísticos intercontinentais, mas incluem as ogivas de campo de batalha, mísseis de cruzeiro, além de possíveis ataques de mísseis a partir do mar, por isso tal projeto é ineficaz contra supostos ataques terroristas executados com meios diferentes, portanto o Escudo antimíssil atende aos desígnios da poderosa rede composta entre Estado-corporações-forças armadas dos EUA, incrementando formas eficientes de reprodução ampliada do capital, capazes de viabilizar vultuosos investimentos em escala.

Valendo-se do *Status* de hiperpotência hegemônica, os EUA tomam atitudes políticas capazes de empalidecer de provincianismo os mais audaciosos mafiosos clássicos da história do próprio país, por exemplo, em relação à Convenção sobre armas químicas, assinada em 1997 e ratificada por 120 países, mas violada pelo governo de Washington, porque não aprovou a legislação para aplicá-la, nem os regulamentos para a inspeção das suas indústrias. Como consequência de tal conspiração, a Alemanha e o Japão atrasaram a verificação de suas instalações, em Abril de 2001 a administração Bush exigiu brutalmente a demissão do diplomata brasileiro Bustani do cargo de diretor-geral da Organização para a Proibição de Armas Químicas, devido às suas iniciativas pretensamente investigativas em território americano. A defesa das armas químicas reside mais uma vez no discurso geopolítico dos EUA de combate ao terrorismo internacional, cuja consistência se esvai conforme se esboça a atitude do país.

O comércio de armas pode assumir diferentes conotações sob a ótica mafiosa em razão de objetivos muito específicos, tendo por trás grandes potências. No contexto continental, o mercado de armas dominado por russos, belgas, americanos, franceses, britânicos e israelenses envolve tétricas conexões, por exemplo, na extração de minérios em zonas de conflito, como é o caso do Coltan, que articula uma estrutura mafiosa de apropriação. O Coltan (Columbita e a Tantalita) é um minério tão cobiçado como o Ouro, porque essencial para as novas tecnologias em estações espaciais e na indústria eletrônica.

As companhias *Finmining* e *Raremet* compram o Coltan da *Rwanda Metals*, uma companhia que atua em nome do exército ruandês e o revende à fábrica de transformação Ulba no Cazaquistão. Sabe-se que existem transações entre a *Finmining* e a companhia cazaque de fretes *Ulba Aviadomapnia/Irtysh Avia* para o envio de Coltan de Kigali ao Cazaquistão. Victor Bout, o traficante russo de armas, transformou a R.S.A em seu pivô essencial<sup>377</sup> ao mudar-se para lá e ao adquirir o aeroporto de Mafeking na fronteira com Botsuwana, que passou a ser o principal pólo de envio de armas para Angola, Libéria, Serra Leoa e Congo.

O Congo detém 80% do Coltan, desde 1998, a guerra civil no país conta com apoio de corporações estrangeiras, como a *Cogecom* da Bélgica; parte do minério é destinado à fábrica de tratamento de tântalo da *H.C. Starck*, filial da *Bayer*, líder mundial na matéria-prima. Outra empresa envolvida é a *joint-venture Eagle Wings Resources (EWR)*, que conecta a norte-americana *Trinitech* e a holandesa *Chemi Pharmacie Holland*. *Alcatel*, *Compaq*, *Dell*, *Ericsson*, *HP*, *Lucent*, *Motorola*, *Nokia*, *Siemens*, *AMD*, *AVX*, *Epcos*, *Hltachi*, *Intel*, *Kemet*, *NEC* utilizam condensadores e outros componentes que contém tântalo.<sup>378</sup>

Como o Coltan, o diamante é outro produto bastante cobiçado, perpetrando outras redes, 80% de todas as pedras adquiridas no mundo são

---

<sup>377</sup> São 7500 km de fronteiras marítimas e terrestres extremamente mal vigiadas, guardando importantes similaridades com o Brasil

<sup>378</sup> Relatório da *Witness Global*.



polidos na Índia. As grandes corporações circunscrevem explícita cumplicidade com a extração do produto, que utiliza trabalho escravo e infantil em zonas de conflito, com destaque para Serra Leoa, a empresa *De Beers* sul-africana mantém o monopólio dos diamantes. Com a assinatura do Protocolo de Kimberley, certificado de origem para diamantes passou a ser exigido no processo de comercialização, o relatório da *Witness Global*<sup>379</sup> foi o vetor do acordo de Kimberley, denotando a importância da regulamentação da demanda no combate aos pontos de origem do crime organizado, tal prerrogativa em relação ao Coltan envolve um nível de complexidade maior, proporcional à cumplicidade corporativa global de índole mafiosa da contemporaneidade.

Segundo a comissão de combate à máfia do parlamento italiano, as organizações criminais internacionais celebraram acordos e chegaram a um consenso em relação à partilha de áreas geográficas, ao desenvolvimento de novas estratégias de mercado, a novas formas de assistência mútua e a resolução de conflitos em todo o planeta. Haveria uma articulação do crime capaz de impor sua vontade sobre Estados legítimos, abalar instituições e desestabilizar o capcioso equilíbrio econômico-financeiro, cuja extensão na política enterraria resquícios de democracia em diversos lugares, resignificando-os como mafiosos.

Algumas medidas aparentemente desconectadas guardam uma profunda relação na projeção de novas atividades mafiosas. Uma das variedades de maconha mais populares e poderosas do mundo é a *B.C. Bud* da Colúmbia Britânica canadense, que pode fornecer quatro safras por ano, uma plantação de cem pés chega a render 80 mil dólares por ano, o negócio dos produtores na província corresponde a 5% do PIB dela, empregando 100 mil trabalhadores, diante dos 55 mil voltados à extração de gás, petróleo e madeira. A difusão do plantio da maconha é um indicador da crise que atingiu o setor madeireiro, um resultado da tarifa de 27% imposta pelos EUA à entrada de coníferas desde 2002, o que levou ao fechamento de mais de 7 mil empregos. O desenvolvimento de atividades “alternativas” à madeira foi

---

<sup>379</sup> *A rough trade – The role of companies and governments in the Angolan conflict* de 1998.

consonante ao desenvolvimento socioeconômico do país, a saber, uma maconha cultivada em moldes avançados, produzida em contêineres, manipulando-se as taxas de Dióxido de Carbono, auxiliada por lâmpadas halógenas, e vaporização das raízes, tal processo em estufa permite obter trezentos gramas por cada lâmpada de um kw.<sup>380</sup>

NA Colúmbia Britânica e em Vancouver o mais poderoso e atuante sindicato do crime organizado são os *Hell'Angels*, dotados de excepcional disciplina organizacional, o grupo é considerado extremamente difícil de se infiltrar devido ao seu sistema de segurança, eles exercem grande controle sobre o porto de Vancouver, contrabandeando quaisquer mercadorias plausíveis de gerar lucros, utilizando-o como ponto de trânsito para a cocaína com destino aos EUA, também são dotados de expressiva mobilidade espacial, em razão do desprendimento em relação às propriedades que os altos ganhos propiciam, ficando alguns passos à frente do poder policial quando suas bases são estouradas.

O oeste do Canadá passou a abrigar a maior concentração per capita de sindicatos do crime organizado do mundo<sup>381</sup>, permitindo uma releitura de convenções geopolíticas a respeito da distribuição espacial da produção, circulação e consumo de drogas na constituição dos lugares mafiosos, que correlacionam baixo nível de desenvolvimento econômico com a produção de psicotrópicos. Os lucros astronômicos gerados pelas drogas baseiam-se na ilegalidade dessas mercadorias, sem regulamentação institucional capaz de influenciar o seu valor, o preço oscila em conformidade com a disposição do consumidor em pagar, proporcionando uma lógica mercantil muito peculiar. Segundo a ONU, as drogas respondem por 70% das atividades do crime organizado, portanto uma ligeira descriminação afetaria substancialmente os lucros das redes criminosas internacionais.

Como alguns ideólogos entusiastas propuseram, o fim do Bloco do Leste, como decorrência da falência soviética e do encerramento da Guerra Fria, não caracterizou a vitória do Bem sobre o Mal, tão pouco assegurou a harmonia universal, produzindo, ao contrário, um mundo mais instável. Num espaço geográfico mundializado e organizado pela revolução permanente dos

---

<sup>380</sup> *MacMáfia*.

<sup>381</sup> Vancouver já é ironicamente denominada por alguns analistas por Vamsterdã – *Macmafia*.

transportes e das comunicações, o movimento do poder logrou encontrar rapidamente algum princípio explicativo universal capaz de substituir a dualidade Leste-Oeste, decorrendo disto a emergência de um novo esquema de desordem mundial, engendrando “velhos-novos” conceitos. Com o fim da URSS, as organizações gestadas no antigo país deram início à articulação entre as corporações criminosas ocidentais e orientais, cobrando um enorme ágio na circulação das novas mercadorias, os russos aprenderam e apreenderam muito rapidamente o funcionamento da estrutura capitalista e suas “facilidades” para fazer fortuna.

Na Bulgária se configurou um contexto de disputas políticas entre dois grupos denominados “vermelhos” e “azuis”, permitindo a ascensão meteórica de organizações denominadas *Grupirovski* (corporações empresariais), inúmeras empresas conectadas às *Grup*, inclusive fora da esfera nacional ficaram famosas pelo emprego de métodos mafiosos em suas lutas na disputa pelo poder econômico.<sup>382</sup> Dessas organizações emergiram grupos como o *Tron*, com fundos da antiga *Nomenklatura* búlgara e adversário do *Multigrup*<sup>383</sup>, aliado de empresas russas com interesses na Bulgária. Os *Grupirovski* búlgaros recordavam as novas e grandes empresas de capital estatal num novo contexto, o do “capitalismo libertário”.

A atividade mais lucrativa do serviço secreto búlgaro (*DS*) era o contrabando. Em 1960, o *DS* criou a empresa *KINTEX*, que detinha o monopólio da exportação de armas da Bulgária, os negócios se expandiram rapidamente para o tráfico de pessoas, drogas e obras de arte. Os agentes também vendiam o *Kaptagon*<sup>384</sup> para o Oriente Médio. Cerca de 80% da heroína destinados ao mercado europeu entravam pela Bulgária através da Turquia, cruzando o posto de fronteira de Kapetan Andreevo chegando às mãos do *DS*. O serviço secreto búlgaro é implacável com quem tentasse penetrar o seu mercado.

As rotas do tráfico de mulheres se difundiram por várias regiões da Europa, encabeçadas pelas máfias búlgaras devido à posição-pivô assumida pelo país. Ao sul, pela Grécia é o caminho mais rápido para chegar à porção

---

<sup>382</sup> Ver capítulo 3.

<sup>383</sup> Reunia entre 80 e 100 empresas empregando 11 mil pessoas em 11 países - *La Trampa Balcánica* de Francisco Veiga.

<sup>384</sup> Uma anfetamina fabricada na Bulgária.

ocidental; pelo sudeste atingindo a Turquia era reservada à venda de mulheres para o Oriente Médio, em especial para os Emirados; a rota oeste conectava Macedônia, Albânia e Kosovo; pelo norte as gangues transportavam mulheres para a república Tcheca e para a Alemanha, trazendo carros roubados no retorno, denotando uma sobreposição de atividades, no caso, prostituição e furto de veículos.<sup>385</sup>

As redes de tráficos diversos, as grandes operações de lavagem de dinheiro e as conexões com máfias e empresas ocidentais foram os bastiões da performance das milícias nas guerras da Iugoslávia, evidenciando extraordinária velocidade de expansão regional, envolvendo a quebra do Estado albanês no contexto da crise financeira e os atentados políticos na Bulgária. O país dos “Eslavos do Sul” se transformou em fator metapolítico de primeira grandeza, desempenhando um importante papel na acumulação de capital para outros países. Isso gerou uma nova atitude das classes emergentes desses países, a saber, fazer fortuna, provocando um suposto choque de valores com a sociedade de outrora.<sup>386</sup>

O crime organizado encontrou novas frentes de investimento nos anos 90 do século XX, num contexto de expansão de confusa desregulamentação de inúmeros mercados, alocando vultosas somas de capital no Brasil, no Japão, na Rússia, na Colômbia, na Chechênia, na China, dentre outros locais. Esses países oferecem sofisticados esquemas de lavagem de dinheiro, atuando concomitantemente como receptáculo de cocaína, de heroína e de armas, o *modus operandi* de máfias já consolidadas assemelha-se ao das grandes corporações internacionais, oferecendo um plano ascensional de carreira para os seus membros, isso engendra um curioso paradoxo no contexto de crise estrutural de emprego no sistema capitalista, produto da própria flexibilização neoliberal do trabalho.<sup>387</sup>

As máfias inspiradas na clássica Cosa Nostra apresetam uma eficaz estrutura empresarial com funções bem definidas, além de um bom plano de carreira. O Homem Honrado ou *Piccioto* representa 1000 habitantes, o sucesso dele diante das missões implica em aumento de confiança, permitindo-lhe

---

<sup>385</sup> Uma mulher pode produzir renda entre US\$ 5 mil e US\$10 mil por mês para o traficante. *MacMáfia*.

<sup>386</sup> Em *Illegal Drug Trade in Russia. A Research Project Commissioned by the UN Office for Drug Control and Crime Prevention* de Letizia Paoli.

<sup>387</sup> Ver *The Shadow Economy: Na International Survey* de Friedrich Schneider.

ascender à posição de *Capodecina* ou chefe de um grupo de 10 membros, conforme o bom desempenho de suas tarefas, a promoção virá novamente, convertendo-o num *Capomandamento* ou subchefe de um vilarejo. As outras promoções são para representante provincial e conselheiro do comando-geral, estes últimos conectados diretamente aos chefes das famílias, os quais não podem agir sem a opinião dos conselheiros. A inobservância da hierarquia leva ao assassinato do membro e seus familiares, tal estrutura típica da Cosa Nostra é uma referência estrutural para outras máfias, bem como seu *Omertá* ou rígido código de silêncio.<sup>388</sup> (Ver Anexo 22)

A Ndranguetta<sup>389</sup> é uma casa mafiosa italiana atuante em cidades mais distantes sem infraestrutura e carentes em serviços públicos, permitindo-lhe elaborar uma oportunista filantropia em prol de adeptos, a particularidade reside no seu caráter mítico ao introduzir rituais medievais de iniciação para os membros, denotando a esse uma sensação de poder no contexto de sua fragilidade.<sup>390</sup> Outra especificidade é o papel das mulheres na organização, a elas cabem a condução de golpes e a elaboração de estratégias; valendo-se do estereótipo de fragilidade da figura feminina conseguem driblar com eficácia a fiscalização auferindo mais sucesso nas empreitadas.

A segurança é um importante álibi para a construção de mecanismos oficiais e mafiosos de ação estatal, ganhando corporeidade na proporção dos problemas encerrados em cada região. O mito da segurança israelense cai por terra à luz de uma leitura mais atenta dos fluxos mafiosos regionais, a fronteira do Egito com Israel entre o deserto de Neguev e o Sinai é separada por uma cerca de arame farpado de fácil travessia, uma ironia se tratando das concepções de controle territorial em Israel, mas coerente na perspectiva dos fluxos de mercadorias ilícitas em direção àquele país, aproximadamente 10 mil beduínos são os responsáveis pelo fluxo através dos desertos. (Ver Anexo 23) O principal mercado para os produtos são os 15% da população israelense, compostos por judeu-russos oriundos da ex-URSS desde 1989, e formadores

---

<sup>388</sup> Em *Cosa Nostra: Storia della Máfia Siciliana* de John Dickie.

<sup>389</sup> Ver *Ndrangueta. Boss Luoghi e Affari della Máfia più Potente al Mondo* de Francesco Forgione.

<sup>390</sup> Foucault em *Microfísica do Poder* trabalha com o conceito de rede de poderes existente em uma sociedade, processo em constante mutação, o esoterismo utilizado pela máfia poderia ser interpretado como um elo de tal rede, pois saber e poder se implicam mutuamente.

de uma sociedade fechada, de boa formação universitária, capacitados e anti-palestinos.<sup>391</sup>

O crime organizado se estabeleceu em Israel em razão das possibilidades de lavagem de dinheiro, o sistema bancário israelense foi articulado para beneficiar judeus de toda parte do mundo ao estimular a *Aliyah* ou imigração, fator correlacionado à ampla desregulamentação financeira, os controles sobre o trânsito de capital se tornaram incipientes, a polícia israelense aponta para algo em torno de 5 a 10 bilhões de dólares lavados em bancos israelenses por russos desde o fim da URSS.<sup>392</sup>

Os imigrantes russos desenvolveram em Israel uma sociedade paralela, enquanto o Estado israelense demonstrava pouca disposição ou capacidade para lidar com a situação. Em 2005, Tel Aviv foi palco de articulação do Centro Nacional Russo, formado por jovens fundamentalistas cujo preceito era limpar a “mãe-Rússia” dos chechenos e de outras minorias. Israel se destacou nos anos 90 em razão do expressivo crescimento da indústria de ponta, projetando uma classe social em Tel Aviv disposta a gastar com produtos exóticos, como cocaína, ecstasy e sexo. A cidade se tornou o principal pólo de prostituição do Oriente Médio, ao lado de Dubai. No mesmo período, os EUA pressionaram o governo israelense no sentido de liberalizar o mercado de investimentos, criando o ambiente propício para a transformação de algumas cidades em lugares mafiosos, agora conectados a pólos consolidados na Rússia<sup>393</sup> com capacidade de oferecer mulheres para a prostituição aos novos ricos judeu-russos em Israel, valendo-se da rota dos beduínos.

Na Moldávia, uma das táticas russas no recrutamento feminino consistia em oferecer a liberdade a uma mulher forçada a se prostituir em troca de seus serviços como empregada de outras mulheres,<sup>394</sup> outra forma de ação era contatar a mãe de uma moça sequestrada, exigindo o recrutamento de 3 mulheres em troca da vida da respectiva filha. A incorporação de mulheres ao negócio obedece a uma prerrogativa maior, a presença do sexo feminino em ações ilícitas desperta confiança e tranquilidade, assegurando discricção às

---

<sup>391</sup> Na leitura russo-judia, os palestinos são considerados indolentes, devido à sua cultura mediterrânea. *MacMáfia*.

<sup>392</sup> *MacMáfia*.

<sup>393</sup> Transnístria por exemplo.

<sup>394</sup> Região da ex-URSS.

operações. O trabalho forçado de mulheres como prostitutas é uma parte da rede criminosa internacional envolvendo trabalho escravo; segundo a Organização Internacional para Migração, a escravidão é o setor de crescimento mais expressivo nas redes mafiosas.

Os judeu-russos viam em Israel uma excelente oportunidade, porque eles não tinham vazão na estrutura do Estado soviético, onde havia barreiras institucionais à sua ascensão profissional, muitos se embrenharam na economia paralela do antigo Estado soviético, fornecendo os insumos necessários ao funcionamento horizontal das enormes estruturas fabris emperradas pela burocracia, isso levou à constituição de um grupo conhecido como *Tolkachi*, importante elo étnico da complexa protomáfia russa.

Israel se consolidou como refúgio e porta de entrada para o resto do mundo, entre 1992 e 2000 o investimento estrangeiro no país saltou de 200 milhões dólares para US\$ 8 bilhões, o fluxo do dinheiro russo não era compreendido como dinheiro sujo, mas como sucesso econômico, dinheiro muito bem quisto diante de uma legitimidade nacional na luta contra inimigos internos e externos, respectivamente palestinos e árabes. A visão unilateral do governo israelense no combate ao terrorismo deixou algumas portas abertas às ações mafiosas tanto de israelenses como dos russos, sendo os segundos mais disciplinados e menos preocupados com ordens familiares e *vendetas* em relação aos primeiros. Israel se tornou o centro do tráfico global de ecstasy, com conexão direta em Las Vegas, envolvendo um famoso mafioso judeu Meyer Lansky.<sup>395</sup>

Uma última abordagem sobre as *mafiosidades* contemporâneas não poderia deixar de contemplar a historicidade do moralismo forjado, como antessala da escolha de certos grupos como marginais, as drogas possuem uma história e a criminalização delas também, algumas são tidas como ícones do mal em determinado tempo para deixar de sê-lo no momento subsequente. A trajetória da Sociedade estadunidense de Abstinência (criada em 1826) é um caso notório desse moralismo temporal, com desdobramentos inimagináveis para a sociedade daquele país, como a Lei Seca.

---

<sup>395</sup> *The Mafia Encyclopedia.*

O Macarthismo e mais recentemente o Echelon enquadram a intervenção na vida particular dos cidadãos conforme contextos estratégicos muito peculiares, recriando ou inventando álibis para tais ingerências na individualidade da existência. Reagan e Bush Jr. angariaram o apoio necessário para governarem elegendo seus *demônios*, comunistas de outrora ou *narcoterroristas* de então. A sociedade responde bem, porque é conservadora e historicamente norteada por signos moralistas e racistas, como a clássica cultura *WASP – White Anglo Saxon Protestant*. Tal armação tática sobre alteridades, ofusca as verdadeiras identidades mafiosas da contemporaneidade, tendo na imprensa gorda o pivô bem assentado desses eixos de apreensão do mundo.

Muitos jornalistas seguem a orientação do editor-chefe das respectivas empresas, trabalhando em consonância com os proprietários, por isso procuram não contrariar interesses de muitos “clientes”, entenda-se anunciantes, evitando potenciais indisposições com certos grupos influentes, porque isso incorreria em diminuição de receita para o grupo jornalístico. A imprensa busca também alianças estratégicas com os governos, esperando a contrapartida em condescendência em relação a fatos polêmicos e comprometedores, o retorno pode vir na forma de duvidosas concessões e obscuras rolagens de dívidas das corporações da informação, portanto entender redes, endemismos, conectividade e o intrincamento multiespacial das máfias esbarra nas próprias máfias, e como nas concepções clássicas, estas sempre negam sua existência.<sup>396</sup>

---

<sup>396</sup> Debord em *A Sociedade do Espetáculo*.



## CAPÍTULO 5

### Endemismo, Conectividade e Estrutura das Máfias

A intenção deste capítulo será a compreensão de uma estrutura baseada em relações específicas, procurando ir além da ordem encontrada dentro dos fatos. Calcado em categorias de estratégia funcional, a ideia será construir algumas formulações lógicas de princípios e relações existentes entre as diversas organizações planetárias, ora trabalhando numa escala espacial regional, ora redimensionando o local em razão dos elos estabelecidos entre os sujeitos históricos do intrincado processo de *mafiazação* do mundo, a fim de caracterizar uma nova territorialidade, concomitantemente microespacial e macroespacial conectadas entre si.

A rede mafiosa internacional, tendo como importante braço as drogas, sela um mundo de desigualdades numa mesma cadeia de negócios, pois a maioria dos produtores e distribuidores está nas regiões mais pobres do mundo ou em áreas desorganizadas por conflitos armados, enquanto o dinheiro é reciclado no circuito engendrado por *Wall Street*. A corrupção política assentada em muitos Estados no financiamento obscuro das campanhas eleitorais envolve dinheiro do narcotráfico, o *Observatoire Géopolitique des Drogues* definiu três situações distintas, a saber, os NarcoEstados (quando o país está envolvido com o narcotráfico ou se beneficia dele); Estados sob a influência do narcotráfico (quando os integrantes do aparelho estatal estão implicados no tráfico) e Estados sensíveis (constatação de casos individuais de corrupção do aparelho governamental).<sup>397</sup>

Segundo Labrousse<sup>398</sup>, as máfias podem ser definidas segundo algumas características de significativa denotação geográfica. Os grupos estão fortemente estruturados territorialmente, mantendo vínculos com a denominada família e o código do silêncio (*Omertá*), as famílias coordenam as ações das provinciais, das interprovinciais e as da cúpula. Essa identificação estrutural é plausível às tradicionais máfias italianas, americanas e às albanesas, eslavas, nigerianas, turcas, colombianas, mexicanas e asiáticas, para as quais as

---

<sup>397</sup> Cabe realçar o profundo dinamismo dos fluxos mafiosos, o que torna todo trabalho de identificação defasado por excelência. Ver *Atlas Mondial des Drogues* de Michel Koutouzis.

<sup>398</sup> *Géopolitique des Drogues* – Alain Labrousse.

drogas aparecem como mais uma mercadoria de peso a fim de ampliar o seu enriquecimento. Tal complexidade geopolítica ganha corporeidade quando observamos a instrumentalização da criminalidade por parte do Estado em seu afã militar e político.

O tema drogas se torna mais complexo quando envolve geopolítica internacional e a dualidade da hiperpotência contemporânea com seus órgãos de espionagem e conspiração, Washington difunde uma propaganda espetacular de incompatibilidade agressiva e moralista contra as drogas, contudo a *CIA* patrocina e promove o narcotráfico, fazendo uso dos narcodólares para armar, treinar e financiar grupos denominados de terroristas pelos próprios Estados Unidos. O segundo tempo de combate ao narcotráfico permite ao governo estadunidense enviar suas tropas para várias partes do mundo, articulando projetos ultra-polêmicos de intervenção, como a Iniciativa Andina (antigo Plano Colômbia), produzindo uma violência muito maior que a configurada pelos traficantes, no caso, parcialmente escolhidos.<sup>399</sup> Fenômenos recentes como o desenvolvimento das máfias nigerianas precisam ser melhor digeridas no contexto da conectividade multidirecional do pivôs mafiosos planetários.

A Nigéria fez parte da *commonwealth*, dentro dessa organização muitos nativos do país conheceram, de um lado, locais produtores de drogas, como a Índia, e de outro, os consumidores delas no império anglo-saxônico, logo a atividade de nigerianos como traficantes já vem de algum tempo, porém os anos 70 do século XX permitiram às novas gerações outra inserção no cenário global, contexto da ascensão de elites enriquecidas com o petróleo. A crise nos anos 80 diminuiu a perspectiva de lucro desses grupos, momento de articulação da primeira grande rota contemporânea de heroína através da Índia. Os nigerianos realizaram uma verdadeira diáspora, atingindo países como o Brasil, a Rússia, a República Tcheca, a Itália, o Reino Unido e a R.S.A, articulando-se em grupos de 10 a 30 membros de etnia *IBO*. Esses nichos étnicos passaram a exercer o controle de territórios estratégicos de produção e consumo de drogas nesses países. A estrutura dos *IBOS* consiste em 85

---

<sup>399</sup> A estratégia americana do plano Colômbia está inserida numa perspectiva mais ampla, a saber, a devolução do Canal ao Panamá, enveredando Washington para a consolidação de uma presença militar mais efetiva na região. Ver o capítulo *Las Objectifs cachés du Plan Colombie - Geopolitique des Drogues*.

células de 40 indivíduos encabeçadas por 3 dirigentes em cada núcleo, no qual há um tenente comandando de 6 a 20 soldados. Os nigerianos encontraram seu espaço internacional nas alianças com os cartéis colombianos, com as máfias italianas, com as máfias russas e com os grupos do sudeste asiático, consolidando importantes rotas por países como o Brasil.<sup>400</sup>

As máfias nigerianas, cuja potência já se configura mundialmente, possuem na Ndranguetta italiana seu paradigma máximo, portanto a hierarquia é rígida e baseada em padrões clânicos, com a particularidade geográfica de o país possuir uma significativa heterogeneidade étnico-linguística (mais de 200 dialetos), assim muitos mafiosos atuantes em diversos países são capazes de trocar várias vezes de dialeto durante uma conversa telefônica, dificultando demasiadamente o trabalho de interceptação por parte da polícia local. Estereotipar os personagens do crime organizado nigeriano, definidos genericamente pela imprensa de massa como “traficantes africanos”, dificulta a análise dessa importante *Máfia Trading*.<sup>401</sup>

Na organicidade mafiosa, a repressão às drogas traz consigo um importante movimento, a saber, o estímulo à produção de outras drogas e o desenvolvimento de novas rotas de tráfico, um exemplo efetivo foi o fenômeno evidenciado na repressão da maconha no vale do Bekaa, Líbano, estimulando a produção de cocaína e heroína. O mercado em questão é bem amplo, envolvendo as contínuas guerras entre Líbano, Síria e Israel, além dos Estados no exílio, como o palestino e o curdo, todos com suas respectivas organizações armadas. A máfia turca adentrou a região conectada à Bekaa, ela atua no Golfo de Alexandria e marcha na direção do Mediterrâneo, abastecendo a Europa Oriental, especializou-se também no fornecimento de anfetaminas à Arábia Saudita.<sup>402</sup>

Dentre as drogas comercializadas pelas máfias, a cocaína é um verdadeiro ícone, com uma história peculiar, envolvendo questões antropológicas e econômicas. Na lógica de mercado, a produção da folha de

---

<sup>400</sup> *Géopolitique des Drogues*.

<sup>401</sup> O conceito foi aqui elaborado para designar o caráter intermediário dos grupos nigerianos numa escala planetária. A máfia nigeriana atua na extorsão, sequestro de empresários brasileiros e fraudes de cartões de crédito, logo com negócios que vão além do tráfico de cocaína, trata-se de uma máfia bem inserida na lógica globalizante desregulamentadora. Ver *This House has Fallen: Nigerian Crisis* de Karl Maier.

<sup>402</sup> As sucessivas intervenções na região ampliaram o mercado para os produtos comercializados pelas máfias, hoje as armas têm clientes efetivos – *L'Observatoire Géopolitique des Drogues* – OGD.

coca é uma fonte de renda de difícil substituição para os países andinos, e os projetos elaborados para esse fim foram parciais<sup>403</sup>, porque não levaram em consideração o contexto cultural do cultivo da planta e a dimensão econômica atual desses países, por isso o senador Evo Morales, líder dos cultivadores de coca da região do Chapare, ganhou popularidade, porque abordou o assunto sem hipocrisia, contextualizando seu país como subdesenvolvido e endividado, suscetível à ação das grandes corporações estrangeiras. Morales atingiu a direção da Bolívia mantendo a coerência de seu discurso, hoje esboçado por uma ampla prática nacionalista e lucidez para lidar com questões de amplo espectro, como o plantio da coca nos Andes. (Ver anexo 13)

Gootenberg<sup>404</sup> analisa 150 anos da história da coca, denotando três grandes fases dela como *commodity*; entre 1860 e 1910 o autor identifica o comércio internacional da droga através de duas redes, a Americana e a Anglo-Francesa, envolvendo o refino da indústria química alemã; na segunda fase, entre 1910 e 1950, houve a imposição de novos mercados com o colonialismo nipo-alemão, fragmentando o comércio e a legislação internacional que a tornara uma droga ilegal; na terceira, iniciada em meados dos anos 50, a cocaína renasceu como droga ilegal, desencadeando um novo palco de tensões geopolíticas entre EUA e parte dos Andes. A Colômbia aparece como lugar mafioso de primeira ordem à luz de uma complexa desestruturação social, permitindo a ascensão de poderosos cartéis, como analisado nos capítulos anteriores.

O cartel que merece destaque no contexto colombiano é o Valle Norte<sup>405</sup>, responsável pelo fornecimento de heroína, utilizando a fragilidade fronteiriça brasileira como rota para atingir os EUA e a Europa, porém esses dois mercados têm demonstrado a predileção por metanfetaminas, por isso a heroína foi reorientada ao consumo no Brasil. (Ver Anexo 24) A estratégia estadunidense contra o narcotráfico na Colômbia esbarra em enorme problema quando o assunto é Dom Diego, porque o cartel dele é o braço financeiro dos paramilitares de direita, as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC),

---

<sup>403</sup> O Plano Dignidade iniciado em 1997 visava substituir o cultivo de coca por abacaxi e banana, muitos cocaleiros aderiram ao projeto e ficaram sem renda, porque o Estado não subsidiou a exportação como havia prometido, por isso os camponeses retomaram o plantio da coca - *Folha de S. Paulo* de 22-10-2000.

<sup>404</sup> Em *Cocaine: Global Histories*.

<sup>405</sup> Cartel liderado por Diego Montoya Sánchez. A organização possui um exército privado bem estruturado, constantemente na ativa contra as FARC.

fundamental no combate aos grupos guerrilheiros de esquerda. O Valle também investe pesado na AUC em Cauca e angaria o apoio camponês dando dinheiro à organização *Autodefensas Campesinas Rojo Ata (ACRA)*. O cartel de Diego controla os plantios em Tolima, Nariño e Cauca, 50 laboratórios de refino e a saída da heroína e da cocaína pelo Pacífico.<sup>406</sup> (Ver Anexo 25)

Com a bipolaridade assentada na organização do planeta, os conflitos colombianos ganharam outra conotação, pois grupos paramilitares de direita<sup>407</sup> passaram a combater veementemente as guerrilhas de inspiração marxista. Nesse sentido, o controle sobre o território colombiano se tornou essencial, impulsionando diversas alianças entre os cartéis de drogas e os dois lados do conflito, caracterizando a tripla conveniência, armas e drogas andam de mãos dadas na dimensão de pivô configurada no país num âmbito histórico.<sup>408</sup>

Os EUA manifestam explícita preocupação com o movimento de esquerda na Colômbia, por isso não hesitam em estabelecer indigestas alianças com cartéis de drogas vinculados a grupos de extrema direita, trata-se da geopolítica do país na região andino-amazônica enquanto área-pivô na América Latina, caracterizando o anacronismo dos defensores do bem-estar na região. Novamente, a mídia obscura cumpre seu papel na esfera da *mafioinformação*, enaltecendo os elos entre as FARC e o narcotráfico e ignorando as ligações entre Diego Sánchez e os grupos de direita, aliados de Álvaro Uribe e dos EUA, assim, os arautos do puritanismo podem encaminhar sua doutrina (atual Iniciativa Regional Andina, antigo Plano Colômbia) baseado em incômodos acordos.

No México, duas importantes organizações conectadas às drogas ilícitas alimentam importantes fluxos mundiais, uma baseada em Sinaloa, e a outra em Tamaulipas, rivais a princípio, elas amadureceram a conectividade estratégica, assegurando-lhes maior autonomia política. Sinaloa foi a pioneira no tráfico de drogas em território mexicano, iniciando suas atividades após a Segunda Guerra Mundial, destacando-se após os anos 70 durante o governo de Carlos Salinas (1988-1994), o grupo perdeu autonomia para Tamaulipas, incorrendo em lutas até os anos 90 quando iniciaram uma aproximação política. A política

---

<sup>406</sup> Revista *Heródote*, nº 112.

<sup>407</sup> Como o AUC, no momento desmobilizado, mas com alguns membros ainda na ativa.

<sup>408</sup> Em nível de fluxos mundiais, a Colômbia apresenta uma importante posição estratégica, no istmo da América, com saída para os oceanos Atlântico e Pacífico.

neoliberal mexicana deu combustível ao tráfico, em particular em localidades situadas na fronteira com os EUA, como Tijuana e Juarez.<sup>409</sup>

A estruturação de algumas máfias remonta a processos históricos de longa maturação, atravessando séculos e incubando significados capazes de aflorarem em circunstâncias muito peculiares; nesse sentido, as organizações chinesas, Tríades, merecem uma análise mais atenciosa. O significado da expressão Tríade guarda uma relação filosófica, assentada na civilização chinesa, engendrando uma simbiose entre Paraíso, Terra e Homem, dimensão resignificada na atuação dos endêmicos grupos mafiosos que esvaziaram o sentido do termo, mas preservaram alguns rituais; elas possuem uma origem longínqua calcada na história da China, envolvendo sociedades secretas e seitas políticas desde o século XI, constituindo um contra-poder no Estado chinês.

A extensão territorial chinesa colocava dificuldades à consolidação de um governo centralizado, incorrendo no limite de atuação dos mandarins designados à administração, por isso os camponeses preferiam recolher impostos junto ao chefe local da sociedade secreta cuja maior proximidade permitia pedir ajuda ou proteção, estabelecendo, assim, elos mais concretos.<sup>410</sup> Uma dessas organizações secretas apresenta registros de existência já no século IV d.c, a *Lótus Branco*, criada por um monge budista.

No contexto das dificuldades imperiais para se impor, a *Lótus* se converteu em importante movimento político, sendo eficaz na luta contra os mongóis no século XIV, na deposição da Dinastia Song e no apoio à ascensão da Dinastia Ming; as rivalidades com a dinastia Ming incorreram na proibição à formalização do grupo, apesar disso, a organização se manteve como virtual dona do sul do império, originando ramos rurais de importante projeção, tais como a *Sociedade dos Sobrancelhas Brancas*, *Oito Diagramas*, *Divina Mãe e Fanáticos Brancos*, essas agremiações se uniram em 1900 para formarem os *Punhos Justos* ou *Sociedade dos Boxers*, explicitamente antieuropeia e anti-japonesa. De outro ramo sobrevivente da *Lótus Branco*, a Seita Hung, nasceram as *Tríades*, aliadas incondicionais de Mao TseTung, cujo sucesso

---

<sup>409</sup> O cartel mexicano de Tijuana redistribui a droga do Valle. A máfia espanhola da Galícia redistribui a cocaína colombiana pela Europa. No Brasil, a droga colombiana ruma para África, de onde entra na Europa via Mediterrâneo ou segue para a Austrália, utilizando-se da conexão sul-africana.

<sup>410</sup> Martin Booth em *The Triads: The Growing Global threat from the Chinese Criminal Societies*.

revolucionário assegurou espaço para atuação na estrutura do novo Estado.<sup>411</sup> Hoje, as Tríades estão assentadas num Estado capitalista com símbolos comunistas, expandindo gradualmente seu raio de ação em escala global, contudo Hong Kong continua sendo seu importante pivô.

As Tríades chinesas agem com ampla desenvoltura a partir das zonas econômicas especiais, tendo como pólo central a maior de todas as cidades, Xangai. Desde 1989 houve um estreitamento dos laços entre os mafiosos chineses com as organizações criminosas do sul da Itália e dos EUA, muitos agentes das Tríades estão infiltrados no partido comunista chinês. Em Hong Kong, algumas delas estão associadas ao tráfico do ópio desde o século XIX; como todo *modus operandi* mafioso, o das organizações Chinesas não manteve suas atividades circunscritas ao ópio, expandindo os empreendimentos a fim de angariar mais dinheiro na lógica capitalista, por isso controlam prostituição, mídia, bancos, tráfico de pessoas e indústria do lazer.

Com a configuração das Zonas Econômicas Especiais<sup>412</sup>, as Tríades obtiveram potência para transformar muitos lugares em mafiosos, as organizações chinesas puderam multiplicar seus empreendimentos, controlando, inclusive, o tráfico de *containers* entre a China continental e Hong Kong.<sup>413</sup> A associação das Tríades com outros grupos criminosos internacionais levou ao controle sobre pontos estratégicos, como o porto de Vladivostok na parte oriental russa, trata-se de uma rota bastante lucrativa, envolvendo computadores, relógios, armas e drogas, para tanto, tornam-se necessárias certas alianças com a Yakuza e com as máfias russas, apontando para uma tendência circunstancial de cartelização, ironicamente ou aparentemente contra os Estados capitalistas. Como discutido nos capítulos anteriores, esses elos correspondem a uma articulação de um mundo mafioso em rede contra o sistema, mas anacronicamente em sintonia com a lógica de reprodução do capital.

Como o endemismo das diversas máfias mundiais, as organizações japonesas podem ser compreendidas a partir da dinâmica histórica do país,

---

<sup>411</sup> Dentre os membros das Tríades presentes no alto escalão do Estado chinês figuraram Zhu De no exército, Wu Chi Wang no comitê central do PCC e Liu Chi, Xie Chang e Chu Lai em cargos de expressividade. *The Triads: The Growing Global threat from the Chinese Criminal Societies*.

<sup>412</sup> Resultado do modelo econômico definido por Deng Xiao Ping a partir de 1978.

<sup>413</sup> O rastreamento das redes de pedofilia mundial levam aos servidores de Hong Kong.

que envolveu a eliminação da casta dos samurais, parte deles reestruturou a vida a partir do crime organizado, engendrando a Yakuza, nome derivado da combinação das cartas das flores ou *Hanufada* do jogo de Turfe. Um contingente expressivo de samurais ficou sem emprego com as reformas de Mutsuhito (Era Meiji) a partir de 1868, o núcleo inicial da Yakuza se desdobrou em braços, produzindo organizações como a Yamaguchi-Gumi, esses grupos são os mais conhecidos, contudo há agremiações de caráter libertário engendradas na trajetória socioeconômica japonesa, como o Exército Vermelho, cujas ações também denotam uma prática mafiosa.<sup>414</sup>

Em meados de 1969, os universitários japoneses agrupados na poderosa Zengakuren (Federação de Estudantes) protestavam contra as universidades privadas, acusando-as de "preparar mão-de-obra para servir aos monopólios", além de serem más formadoras e excessivamente caras. No crescente movimento de protesto conviviam formações diversas como a Liga Marxista Leninista de tendência maoísta, a Federação Trotskista e as Juventudes Comunistas. Os partidos políticos se mostravam incapazes de solucionar os problemas apontados e a apatia das pessoas se refletia nas urnas, pois 30% dos eleitores não compareceram no pleito do período. Cansados das eternas discussões e dispostos a "passar à ação" aproximadamente 400 universitários de origem pequeno-burguesa se desligaram da Federação Trotskista e formaram o Exército Vermelho.

O Exército Vermelho principou suas ações em sintonia com a Yakuza e com a Yamaguchi-Gumi, porém encontrou outra vocação, o tráfico de cocaína e de heroína, além do comércio de uma droga pouco conhecida, a cristal.<sup>415</sup> Essa organização possui muitos vínculos com os países latino-americanos, valendo-se da comunidade nikkey (descendentes de japoneses) bastante numerosa na região, que permitem aos integrantes do Exército Vermelho fácil infiltração com o objetivo de granjear adeptos. Dentre as operações do Exército Vermelho, a de maior repercussão foi a realizada no Oriente Médio em 1972, envolvendo um ataque com armas automáticas contra o aeroporto de

---

<sup>414</sup> O extenso trabalho de Phillippe Pons, *Misère et Crime au Japon*, traduz a complexidade à compreensão do endemismo histórico de uma organização mafiosa, no caso, a japonesa.

<sup>415</sup> O princípio ativo do cristal é retirado da planta denominada efedra, cultivada na fronteira entre China e Mongólia, atualmente fabricada na Tailândia, Kampuchea e Laos.



Lod, em Tel Aviv, causando a morte de 24 pessoas e deixando 76 feridos. Seu autor, Okozo Okamoto, morava no Líbano como refugiado político e foi considerado um herói da luta contra Israel, capitaneando para si o estereótipo libertário.<sup>416</sup> Em 2000, os membros do Exército vermelho foram extraditados para o Japão, enquanto uma parte migrou para a tríplice fronteira do cone sul.

Em Amã, um interlocutor anônimo reivindicou em nome do Exército Vermelho uma série de atentados contra embaixadas dos Estados Unidos baseado no discurso: “Vingar os mortos de Hiroshima e Nagasaki”. Além dos procedimentos em Israel, o Exército Vermelho desenvolveu várias ações internacionais, dentre elas, vários desvios de aviões e ataques a embaixadas Ocidentais. Em 4 de agosto de 1975 seus militantes ocuparam o consulado dos Estados Unidos em Kuala Lumpur, exigindo a libertação de sete membros da família detidos no Japão, também foram os autores dos ataques às embaixadas dos EUA e do Canadá na Indonésia; em 1987, eles direcionaram a energia sobre as embaixadas dos Estados Unidos e da Inglaterra em Roma; nos anos 90, utilizaram bombas de fabricação artesanal para atingirem os palácios imperiais em Tóquio e em Quioto. As ações do grupo evidenciam a potência das alianças construídas com as consolidadas máfias japonesas e globais, impondo a algumas áreas uma das formas de terrorismo, exponenciando o clima de instabilidade mundial.

Valendo-se dos históricos conflitos no Oriente Médio e munidos da ideologia libertária, vários membros do Exército Vermelho ingressaram nas escolas de guerrilha popular da Frente de Libertação da Palestina, os “formandos” foram cooptados principalmente em Tóquio. Atualmente o grupo continua ativo, contando com fortes redes de apoio e de financiamento, a atuação é global e aparentam ter importantes alianças estratégicas, vários membros foram presos no Peru. O Exército Vermelho se enquadra perfeitamente nos padrões de terrorismo internacional, apesar disso, a mídia de massa tem dedicado pouca atenção ao grupo e às suas ações, talvez por ser constituído por indivíduos autóctones do Japão, país mais difícil de ser estereotipado pelos padrões da doutrina anti-terror, afinal os cargos de terroristas já possuem donos na imprensa sensacionalista mundial.

---

<sup>416</sup> Conceito discutido nos capítulos anteriores, bastante comum aos grupos mafiosos.

No contexto europeu, a Espanha é um dos grandes portais de entrada de drogas na União Europeia, constituindo um paradigma muito próximo ao brasileiro pela fragilidade em nível de controle de fronteiras, porém guardando a especificidade de pertencer a um bloco regional bastante avançado em nível de livre circulação de pessoas e mercadorias, viabilizado pelo Tratado de Schengen (1995). Através do Marrocos, toneladas de hachiche adentram a Europa via Espanha, o rei Mohamed VI desse país do Magreb é considerado o maior chefe mafioso mundial do ramo, engendrando com outras máfias a estrutura necessária para a distribuição da droga, o *capo* do hachiche possui alguns palácios no país ibérico, propriedades na França<sup>417</sup>, contas correntes na Suíça e ações da Siemens. A OGD define a Espanha como um nó de intersecção de fluxos das drogas dos cinco continentes, em razão da fluidez constituída no contexto do espaço comunitário, encerrando rotas de caminhão dos Pirineus até à Polónia e à Roterdã.<sup>418</sup>

Incrustando-se na fluidez do espaço da circulação contemporâneo e valendo-se das vantagens logísticas de cada país para a implementação dos negócios, as máfias se deslocam espacial e economicamente. Casas como a Ndranguetta o faz a partir de sua estrutura descentralizada baseada em *Ndrine* ou pequenas células familiares, assegurando-lhe a agilidade necessária para escapar de algum percalço. A máfia de Puglia, Sagrada Coroa Unida, prefere a aliança com grupos criminosos violentos, alguns deles gestados na crise balcânica contemporânea.<sup>419</sup> A Cosa Nostra, durante muito tempo atuante no Brasil e no Canadá, redirecionou seus investimentos para a África do Sul, abastecendo o mercado com heroína e com cocaína junto a seus parceiros nigerianos. A Camorra napolitana mantém estreitos laços com a GIA argelina, fornecendo armas àquele país.<sup>420</sup> (Ver Anexo 26)

A máfia turca é pouco difundida, porém importante braço do crime organizado mundial, , ela trabalha com as redes albanesas e iranianas, trata-se de uma aliada histórica da Cosa Nostra na distribuição da heroína há mais de

---

<sup>417</sup> A Yakuza já foi a principal correntista de alguns bancos franceses.

<sup>418</sup> A Europol identificou US\$12 bilhões lavados na Espanha, dinheiro vindo das Tríades chinesas, da Cosa Nostra, das máfias russas e das máfias turcas, além de outras 169 organizações criminais bem preparadas e qualificadas pela polícia espanhola como autênticas profissionais do delito. Em *Géopolitique des Drogues*.

<sup>419</sup> Ver da Balcanização à *Balkanização* do autor.

<sup>420</sup> Ver *Enquête sur la Camorra. Naples et ses Réseaux Mafieux* de Tom Beham.

40 anos. Presentes na Espanha desde 1989, a máfia turca utiliza os clãs ciganos<sup>421</sup> na distribuição de drogas, o serviço secreto alemão alertou as autoridades espanholas sobre a difusão dessas organizações, também muito atuantes em solo germânico a partir da incrustação nos núcleos desse grupo étnico presentes no país, o chefe supremo é Yasir Avni Musullulu, importante “investidor” na Europa. O tentáculo albanês da máfia turca na Espanha é formado por células organizadas militarmente, compostas por ex-integrantes do Exército Libertador de Kosovo, eles regionalizaram a atuação em Madri e na Costa do sol, articulando verdadeiros lugares mafiosos em palco europeu com uma espacialidade bastante difusa.<sup>422</sup>

A Turquia também funciona como um importante território de trânsito de drogas afegãs com destino ao Irã, uma parte importante dos opiáceos que atravessa o país é transformada em morfina e redirecionada para os Balcãs, isso permitiu o surgimento de novos atores no cenário geopolítico das drogas, por exemplo uma facção do Partido Trabalhista do Curdistão (*PKK*)<sup>423</sup>, cuja ação ganhou força após 2000, quando passou a operar a partir das bases curdas no Iraque, tal organização apresenta possibilidades de expansão, a princípio nas áreas ocupadas por esse povo<sup>424</sup>, depois por outras regiões da Ásia e da Europa.

Uma questão que tem gerado bastante polêmica é a entrada da Turquia na União Europeia, pois na perspectiva do Bloco existe a possibilidade de novas alianças com as clássicas máfias do continente. Segundo Labrousse<sup>425</sup>, 40% da receita do *PKK* advêm do tráfico de drogas, com atividades consolidadas na Alemanha, na Bélgica e no Reino Unido, em Mumbai e no Sri-Lanka; a Camorra já começou a recrutar os curdos para o desempenho de algumas ações, consolidando a concepção de espiral mafiosa na contemporaneidade.

---

<sup>421</sup> Dentre os ciganos, a Máfia de Rajastan é considerada o grupo criminoso mais antigo da Espanha, cujas facções disputam território em Madri no tráfico de drogas, a saber, o clã dos Antoñales versus clã dos Silva.

<sup>422</sup> Análise de dados da *OGD*.

<sup>423</sup> Cabe lembrar que a maior parte do povo curdo se encontra na Turquia, contudo existem 600 mil morando na Europa, dos quais 450 mil na Alemanha.

<sup>424</sup> A desorganização social iraquiana com a ocupação estadunidense encerra excelente palco de propagação das organizações criminosas.

<sup>425</sup> *Géopolitique des Drogues*.

As máfias nigerianas disputam espaço na Europa com os grupos ciganos e marroquinos na distribuição de heroína, operando do norte do continente até Barcelona, com a particularidade de viverem geograficamente muito próximos, estabelecendo a estratégia de sempre manterem um membro como vigilante, disciplinados, eles viajam regularmente uma vez por semana à Madri, onde recebem os papeletes de duzentos a quatrocentos gramas de heroína e cocaína, comem somente nos restaurantes indicados pela organização e não provam as drogas que traficam. A cocaína chega ao continente através das inversões dos mafiosos colombianos, que mantêm uma rede de distribuidores nas discotecas de Madri, assegurando a regularidade de fornecimento aos frequentadores, majoritariamente jovens. Esses grupos mafiosos são muito ativos na aplicação de capital no Vale do Sol, especificamente lavando dinheiro em imóveis.<sup>426</sup>

As Tríades chinesas contituem outra ameaça ao Espaço Comum Europeu, configurando-se como grupo mafioso mais ensimesmado do mundo, sendo praticamente impossível infiltrar agentes, o serviço secreto britânico estima que 1 em cada 5 chineses residentes na Europa pertença às Tríades, tais máfias intermedeiam a heroína produzida nos campos do Laos e da Tailândia, utilizando-se eficientemente das técnicas de lavagem de dinheiro no continente através de algumas ONGs, em sindicatos e em alguns times de futebol, o grupo 14 k opera na Espanha, tendo sua sede em Amsterdã.<sup>427</sup>

O combate as máfias em palco europeu pode enveredar para um discurso xenófobo em razão do caráter étnico de diversas agremiações, configurando uma leitura enviesada, parcial e, acima de tudo, estereotipada do fenômeno mafioso global, esse movimento já é observado em alguns países<sup>428</sup>, como reza um documento difundido pelo Diário Oficial Espanhol: “O crime organizado protagonizado por imigrantes é o principal resultado da invasão massiva de estrangeiros em nosso continente, cujas leis os favorecem de forma indiscriminada, permitindo-lhes a associação e reunião com base na nacionalidade, agradando aos grupos mafiosos que intencionam fazer uso

---

<sup>426</sup> Reciclagem de dinheiro em imóveis é fato corrente em palco europeu, a pesquisa de campo pelo norte da Itália permitiu a identificação de inúmeras atividades suspeitas de grupos chineses.

<sup>427</sup> Ver *The Triads: The Growing Global threat from the Chinese Criminal Societies*.

<sup>428</sup> Na Itália é forte o discurso: comunitários e extra-comunitários (para estrangeiros, independentemente do fenótipo). Trabalho de campo em julho de 2008.

deles” (sic) de 10-06-2007. Tal leitura está a alguns passos atrás da xenofobia, lembrando recentes álibis para a prática de capciosas limpezas étnicas, baseadas em estereótipos.<sup>429</sup>

O período tecnocientífico potenciou a estrutura de redes criminosas pelo mundo afora, literalmente comprimindo o espaço pelo tempo (Ver anexo 6), tornando bem mais eficientes as conexões globais. Se no contexto de interdições, o tráfico fora um bom negócio, a liberação exige a recolocação de capitais acumulados em anos vindouros, assegurando o retorno de investimentos e, fundamentalmente, aquecendo a economia.<sup>430</sup>

Sabemos que a questão da terra na Itália está no berço do fenômeno mafioso, contudo o processo de construção dos diversos grupos do país envolve uma peculiar complexidade geograficamente regional e estruturalmente funcional, inspirando uma potencial decodificação de outros lugares mafiosos, pois a Itália é o mais importante paradigma de poderosas máfias, por isso a importância em afinar a compreensão delas naquele país. Em sua gênese, *Máfia* é registrada como fenômeno criminoso típico da Sicília, relacionado à exploração do trabalho por grandes proprietários de terra, cuja gestão dos negócios era repassada para alguns “funcionários” da fazenda, que introjetavam a forma de pensar do patrão, esses “arrendatários” eram denominados *Gabellotto*.

Aos *Gabellotos* cabia a subdivisão da terra para subarrendá-la, controlando as colheitas quantitativa e qualitativamente, eles recolhiam as prestações e os pagamentos de impostos, a *Gabella*. Ao redor deles havia uma miríade de assessores, envolvendo desde superintendentes até espíões, enquanto aos camponeses cabia o trabalho árduo, sempre muito vigiados e reprimidos por agentes pertencentes a uma condição econômica não muito superior, mas munidos de poder nos moldes foucaultianos.<sup>431</sup>

---

<sup>429</sup> Ver *Da Balcanização à “Balcanização”* do autor.

<sup>430</sup> O sindicato judeu americano construiu cassinos em Cleveland, em Kentucky, na Virginia e em Indiana. Las Vegas é o exemplo perfeito da pujança econômica com dinheiro de origem duvidosa; a construção civil, de forma geral, é um excelente receptáculo. ver Robert Rockaway em *But He Was Good To His Mother*.

<sup>431</sup> Foucault em *Microfísica do Poder*. De oprimidos a opressões, hierarquicamente estabelecidos, esboçando uma organização muito disciplinar. A evolução das máfias permite uma superação do dispositivo disciplinar pelo controle, como será discutido na Conclusão.

Um código de leis (não escritas) regulava as relações entre proprietários, arrendatários e camponeses, para tais leis serem respeitadas os latifundiários contratavam milícias privadas. A unificação italiana foi uma espécie de “interflúvio”, porque tentou limitar o poder da camada agrária, mas acabou estimulando a criação de grupos secretos, os *Coshe*, responsáveis pela estabilidade das relações econômicas e sociais regionais, tal ação é considerada como a gênese da expressão máfia, considerada como monopólio da violência em substituição aos poderes do Estado, encarregando-se de manter a ordem além da lei, a máfia intervinha nos acordos entre amigos, recorrendo à força. Isso assegurou a sobrevivência de um sistema feudal no interior de um Estado advogado liberal.<sup>432</sup>

Enquanto poder estruturado, a máfia se oportunou das fissuras existentes na sociedade siciliana na dimensão de região atrasada economicamente. Ela se tornou uma organização instalada nos interstícios da relação entre o patrão e o empregado, extraindo lucro da terra, sem ter sobre ela qualquer título. Aqui reside uma das principais características de uma máfia, que extrapolou fronteiras, a saber, os agentes começaram a exercer o poder sobre os proprietários, através da venda de proteção, a fim de conseguirem arrendamento a preço melhor, e sobre os camponeses, pretendendo controlar toda a colheita.<sup>433</sup>

Gradativamente, os *coshes* assumiam o controle econômico da região, denotando importantes características geográficas e geopolíticas, pois colocavam sob sua guarda insumos importantes como a água e intermediavam o comércio, assegurando significativo poder sobre os fluxos. No processo de expansão dos negócios, os *coshes* penetraram nas cidades, investindo em construções de obras públicas, multiplicando, assim, notoriamente o seu capital; do novo status auferido emanou a escalada política, penetrando na administração pública.

A teoria dos círculos concêntricos, aplicada à compreensão de diferentes casas mafiosas nesta pesquisa, esteve presente na gênese da primeira organização, porque na Itália a projeção começou na administração local,

---

<sup>432</sup> Norberto Bobbio em *Dicionário de Política*.

<sup>433</sup> Proteção, mediação de conflitos e extorsão são práticas muito difundidas por diferentes agremiações mafiosas, tanto as genericamente denominadas criminosas, como por segmentos político-econômicos não classificados como tal, mas aqui igualmente considerados mafiosos na polissemia implicada no termo.

expandindo-se para o parlamento nacional, atingindo a magistratura e os órgãos de segurança pública, modelo reproduzido com aceso sucesso em várias regiões do mundo, atingindo proporções geográficas assustadoras, nas quais diversas decisões de âmbito planejador passam necessariamente pelo crivo das máfias, cujas dimensões sociais denotam um conteúdo sociológico-antropológico peculiar, referente à distribuição de tarefas, castigos e códigos comportamentais.

Bobbio<sup>434</sup>, ao analisar o fenômeno mafioso na Itália, evidencia a limitação de tais organizações pelo fascismo, obviamente por ser este exponencialmente mais totalitário que aquelas. Nesse contexto, algumas máfias introjetaram um tom “libertário”, porém sempre contrárias a qualquer tipo de distribuição de terras entre camponeses, caracterizando nesse instante uma importante dimensão política multifacetada na conveniência da lógica de mercado.<sup>435</sup> Nas cidades, os grupos mafiosos dispuseram de amplo espaço para expressiva expansão, resignificando etereamente suas práticas.

Somada à complexa supraestrutura do sistema capitalista, motivadora do crime organizado, está a dimensão mundializada, capaz de exportar com sucesso as possibilidades em se fazer negócios sob a égide do capital-crime, tornado as máfias quase apátridas numa sofisticada estrutura tecnológica de rede. Os barões sicilianos continuam atuais como “professores” até para os gangsteres do mercado financeiro globalizado, em razão de uma peculiar mentalidade, a saber, a especulação e a exploração parasitária como únicos meios de enriquecimento e a violência contra os mais fracos como forma para se impor nas escalas local, regional e mundial.

A Camorra napolitana constitui uma casa mafiosa de vultuosa expressividade planetária, Brasil, Argentina e Uruguai são palco de atuação desse grupo, cujo *status* de organização econômica criminal transnacional está assegurado, os clãs camorristas movimentam por ano na Itália cerca de 600 milhões de euros. Atualmente, os 40 clãs em Nápoles e os mais de 44 grupos espalhados pela Campânia possuem capacidade de inserção em inúmeras atividades produtivas, a fim de reciclar capitais ilícitos, girando

---

<sup>434</sup> Em *Diccionario Político*.

<sup>435</sup> Lê-se na conduta mafiosa: “Estamos e contamos com aqueles que assegurem o sucesso de nossos negócios”, ou ainda geopoliticamente pensando: “O inimigo do meu inimigo não é meu amigo, apenas meu aliado”.

expressivos fluxos financeiros pelo sistema internacional, multiplicando a capacidade em reverter muitas regiões em lugares mafiosos.<sup>436</sup>

Pensado no destacado papel do Brasil em relação aos superávits primários, onde a agroexportação é carro chefe, torna-se complexo o combate às essas máfias em território nacional, quando o grande cartão de apresentação no mercado internacional é o nosso potencial exportador; em indicadores como o risco-país não há um quesito preocupado com a transparência do capital impulsionador do almejado crescimento e motivador da estabilidade para novos investimentos. Uma vez consolidada a conectividade, fica complicado a ruptura de um elo.

O fenômeno mafioso pode se desenvolver a partir de localismos sociais muito específicos, como no caso soviético. Anne Applebaum<sup>437</sup> fala do crime difundido nas primeiras décadas do regime soviético como decorrência das milhares de crianças órfãs, vítimas da revolução e do processo de coletivização, parte significativa delas partiu para a bandidagem, constituindo um grupo à parte da sociedade de então. Com a expansão dos campos de concentração, muitos criminosos já profissionalizados constituíram um grupo paralelo à sociedade soviética com códigos próprios de comportamento, inclusive expressões idiomáticas, díspares em relação às respectivas línguas nativas. Os *thieves-in-law* recusavam trabalhar e não compactuavam com as diretrizes colocadas pelo Estado soviético, a energia criminal russa ganhou empuxo no contexto dos paradoxos produzidos pelo sistema até emergirem efetivamente no processo de transição econômica de inspiração neoliberal.<sup>438</sup>

A época do terror soviético exponenciou distorcidos resultados, a eliminação dos kulaks, a coletivização e o Grande Expurgo produziram fome, caóticas condições da produção de alimentos e o despovoamento de certas regiões. As consequências se refletiram na agricultura, na interrupção do crescimento populacional e na incapacidade de desenvolver e colonizar o interior da Sibéria. Além disso, os métodos stalinistas de governo acabaram com toda a competência e *know-how* técnico que o país havia adquirido após a

---

<sup>436</sup> A Camorra inundou mercados do Brasil, Alemanha, Espanha, Suíça, Canadá e França, parte significativa do dinheiro camorense tem sido reciclado na agroindústria, incorporando vastas fazendas no Uruguai, Argentina e Brasil. *Carta Capital*, dez. 2006.

<sup>437</sup> Em *Gulag: A History*.

<sup>438</sup> Ver capítulo 3.



Revolução de Outubro. Os beneficiados desse modelo foram os membros do politburô, neste trabalho compreendidos como braço das protomáfias russas da contemporaneidade.<sup>439</sup>

Nas prisões, os administradores resolveram utilizar os detentos para intimidar outros prisioneiros, particularmente os antirrevolucionários (enquadrados no artigo 58 do código criminal da ex-URSS, muitos eram trabalhadores e camponeses), em troca recebiam privilégios, a organização e o poder de tal grupo despertavam o interesse de jovens prisioneiros, induzidos por laços de fraternidade mistificados por rituais de iniciação extremamente violentos, isso lhes assegurava uma posição mais confortável naquele espaço circunscrito, indicando a formação de um pequeno grupo mafioso, cuja potência afloraria como um braço das organizações russas, desmembrando-se em rede nas décadas subsequentes.

Em contrapartida, muitos prisioneiros dos campos de concentração serviam ao que podemos designar de mafiosos em potencial, a saber, os administradores dos campos, pois a mão-de-obra barata assegurava a construção de megaobras a um custo mínimo, por exemplo, o canal do mar branco, responsável pelo consumo da vida de 170 mil trabalhadores. Tal fenômeno descrito por Anne Applebaum<sup>440</sup> serve para desmistificar o discurso stalinista de pujança econômica de certo período soviético, identificando a real causa, no caso, a ação mafiosa para o “espetacular” crescimento da economia, engendrando outro elo das protomáfias, articulado ao politburô.

Na antiga Iugoslávia, Milovan Djilas (político da linha de frente titista) foi um dos primeiros a descrever o fenômeno da autonomização de certo grupo político no contexto dos países denominados socialistas, mais tarde apareceram outros dissidentes como Michael Voslensky, cuja extensão das denúncias levou à elaboração de estudos acadêmicos que passaram a falar abertamente em nova classe social, os privilegiados do Estado. Nesse contexto, Mervyn Matthews chega a citar uma média de 9 a 14% de privilegiados nas cidades soviéticas por ele analisadas. Como nos países balcânicos e no Leste Europeu, os tais grupos passaram a ser designados de

---

<sup>439</sup> Arendt em *Origens do Totalitarismo*.

<sup>440</sup> Em *Gulag: A History*.

novos homens de negócios ao longo dos anos 90 do século XX, cuja referência foi a plena propriedade dos meios de produção, legalmente reconhecida.

Segundo Federico Varese<sup>441</sup>, podemos interpretar o fenômeno mafioso russo como uma rede de redes, concebendo uma nova territorialidade da ação criminosa, engendrando grandes e pequenos agrupamentos urbanos, caracterizando atividades intra-cidades e inter-cidades.<sup>442</sup> Como agente das ações mafiosas esteve o desmembramento da *KGB, Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnoz* desde dezembro de 1991 em suas 6 unidades, originando a MB, depois convertidas em *SFK* e finalmente *FSB, Federalnaya Sluzhba Bezopasnoti*. A função principal da *FSB* tem sido proteger os interesses das oligarquias capitalistas russas, posteriormente aliadas de Putin e de seu títere Dmitri Medvedev.

A tradição em serviço secreto é de longa data na Rússia, com Ivan IV no século XVII existia a *oprichniki*, responsável pela aterrorização dos inimigos reais ou virtuais do Czar; com Pedro, o Grande, a *Preobrazhensky* agia na mesma função. Os últimos Czares denominaram o instituto de *Okhrana*, Lênin o reinventou como *CK* ou *Cheka, Chevichainaya Komissia* ou Comissão extraordinária, que desde 1922 passou a fazer parte permanente e crucial do Estado com o nome de *GPU, Gosudarstvennoye Politicheskoye Upravlenie* ou Diretório Político do Estado, passando para *NKGB* (1941 – 1946) e *MGB* (1946 – 1953), para finalmente ser denominada *KGB* em 1954, ou Comissão para Segurança do Estado.<sup>443</sup> Sobrevivente à falência soviética, tal agência foi rebatizada por Putin com o nome de *FSB*, (Serviço Federal de Segurança), denotando uma singularidade, a saber, estruturas similares serviram a diferentes ideologias, doravante mudando em forma, mas mantendo ou resignificando o conteúdo de suas práticas.

A transição para o mercado foi frequentemente considerada um problema econômico, com pouca atenção atribuída às instituições preparadas para proporcionarem o funcionamento deste, engendrando um sistema de direito de propriedade, fenômeno capaz de incorporar inúmeros grupos policiais, permitindo-lhes usufruir de renda através dos benefícios trazidos pela abertura

---

<sup>441</sup> Em *The Russian Máfia*.

<sup>442</sup> As cidades em si encerram importantes fluxos mafiosos, como discutido no capítulo *Dimensões socioespaciais mafiosas*.

<sup>443</sup> *Carta Capital*, ed. de 21-03-2007.

econômica, definindo uma espécie de fetichização num mercado, agora explícito. Uma rede de proteção aos novos “homens de negócios” foi articulada, e os próprios membros dessas organizações protetoras passaram a ser designados como “homens de negócios”. As atividades ilícitas exigem um sistema eficiente de proteção, irradiando atividades mafiosas em círculos de diâmetro cada vez maior.<sup>444</sup>

O interesse dos grupos criados ou expandidos pelo capitalismo na Rússia não foi modernizar a produção, mas incorporar os ativos estatais de forma dilapidadora, proporcionando um excepcional enriquecimento pessoal. Em 2004, cinco grupos (*Yukos, Sibneft, Lukoil, BP-TNK e Surgutneftgaz*) controlavam 80% do setor petrolífero, a *Rusal e Sual* detinham 95% do alumínio e a *Norilsk Nickel* monopolizavam o níquel e o paládio.<sup>445</sup> Com tanto poder, as “alianças estratégicas” com os governos foram inevitáveis, denotando o verdadeiro problema em relação à projeção das máfias, muito além de gangues de rua ou articulações penitenciárias. No mundo da informação, os meios de comunicação rapidamente chegaram às mãos das grandes corporações, assegurando o controle ideológico sobre os fatos.<sup>446</sup>

A projeção política das novas *Famiglias* russas ocorreu através de acordos milionários entre dirigentes oficiais e empresas, assegurando uma “dinastia” informal, porém envolvendo até o primeiro escalão do poder. Putin não pode se candidatar a um terceiro mandato, mas pode trocar de cargo com o atual presidente da *Gazprom*, Dmitry Medvedev, sucessão selada pela mídia, enquanto a *FSB* eliminava os opositores, a exemplo dos 14 jornalistas assassinados e dos membros do próprio Estado, a fraude ficou explícita em 2000 quando Putin ascendeu ao poder, evitando a vitória dos comunistas liderados por Gennady Zyuganov.<sup>447</sup>

Quando a economia centralmente planejada colapsou houve um aumento dramático do número de proprietários e transações entre indivíduos e direitos de propriedade. A ausência do Estado esteve na gênese da expansão

---

<sup>444</sup> Ver *Gorbachev and Glasnost: Viewpoint from the Soviet Union* de Isaav Tarasulo.

<sup>445</sup> Carta Capital – 21-03 -2007.

<sup>446</sup> O jornal *Komsomolskaya Pravda*, antigo veículo da juventude comunista, e a importante rede de televisão NTV migraram para o controle da *Gazprom*, cujo poder se reflete no ganho de causa sobre a *Shell*, que teve de lhe vender os campos de gás e petróleo da ilhas Sacarinas.

<sup>447</sup> A conectividade da Rússia com o crime é algo extenso. Ver também *Illegal Drug Trade in Russia* de Letizia Paoli: “São 10.000 grupos russos do crime organizado, sendo 1.600, no mínimo, vinculados ao tráfico de drogas”.

dessa rede de proteção, lembrando muito o caso italiano, relacionado à ascensão da máfia Siciliana.<sup>448</sup> A abertura para o mercado expandiu a propriedade privada com leis pouco claras a respeito de sua regulamentação, processo extremamente prejudicial no contexto em que haveria necessidade de desregulamentá-lo sob a égide do neoliberalismo que sequenciou a falência da União Soviética, daí a hipótese de construção de um lugar mafioso, alicerçado sobre a regulamentação desregulamentada de um país economicamente governado sob os auspícios de órgãos centralizadores como a *Gosplan*, organicamente mafioso em sua estrutura.<sup>449</sup>

A URSS tentou extirpar o totalitarismo czarista, mas acabou por reelaborá-lo na construção do novo país, atribuindo à prática totalitária um novo fenótipo, dentro e fora do território russo, em razão das articulações criadas durante o período de existência do Império Vermelho, implicando uma potência, cuja energia cinética ficou exposta com o fim da Guerra Fria. Arendt<sup>450</sup> demonstrou como a via totalitária depende da banalização do terror, da manipulação das massas e do acriticismo face à mensagem do poder. A pensadora apontara para a complexidade da natureza humana, para a *banalidade do mal*, emergida quando se condesce com o sofrimento, com a tortura e com a própria prática da crueldade, por isso a necessidade da manutenção de uma permanente vigilância, a fim de garantir a defesa e a preservação da liberdade.

No mundo atual não há interesse em financiar a significativa liberdade, porque isso implicaria em amplo processo de desalienação, prejudicando inúmeras instituições que dependem da ignorância das massas para praticarem ações obscuras, como a estereotipia de certos grupos, elegendo ícones do mal para depois combatê-los. O controle sobre a mídia é um poderoso braço desse processo, historicamente essa dimensão auferiu diferentes perfis, como na outrora URSS com o Pravda ou o atual império de Berezovsky.

---

<sup>448</sup> Historicamente, os proprietários sicilianos se uniram contra os espanhóis, oferecendo proteção aos camponeses, em troca de uma lealdade que não tardou a se tornar subserviência.

<sup>449</sup> Foucault antecipou uma dimensão interessante sobre a falida União Soviética: “A sociedade soviética é um exemplo de aparelho de Estado que mudou de mãos e manteve as hierarquias sociais da vida familiar, da sexualidade e do corpo quase como eram em uma sociedade de tipo capitalista” em *Microfísica do Poder*, p. 161. O controle foi sobreposto a esse processo historicamente disciplinar.

<sup>450</sup> *As origens do Totalitarismo* de Hanna Arendt.

Sobre o arranjo organizacional das instituições criminosas, em particular as máfias da Sicília e dos Estados Unidos, em analogia às máfias Russas há duas controvérsias, a saber, se elas são altamente estruturadas ou entidades desorganizadas, e se a organização é territorialmente ou funcionalmente definida. Varese<sup>451</sup> cita alguns estudos produzidos nos Estados Unidos pela *Kefavver's Special Comittfee* que descrevem a máfia como rigidamente estruturada e organizada em âmbito nacional, coordenando 24 famílias com uma estrutura interna de funcionamento, envolvendo o *Boss* (Chefe), o *Underboss* (Subchefe), o *Consigliere* (Conselheiro), o *Caporegime* (Supervisor) e o *Soldato* (Soldado) na *Comissione*, encerrando uma similaridade entre a *Cosa Nostra Americana* e a *Cosa Nostra Italiana*.

Giuseppe Muti, professor da Universidade de Roma e pesquisador da Cosa Nostra acrescenta em sua análise o pioneirismo dessa casa mafiosa no engendramento na lógica global do capital: “Há 60 anos, a Cosa Nostra obtivera rendimentos através do tráfico de drogas, estando desde aquela época organizada como empresa globalizada já lavando dinheiro nos moldes modernos, incrementando, assim, o aparato especulativo financeiro não só precedendo-o, mas inspirando-o.”<sup>452</sup>

Há um modelo de uma não territorialidade, cuja proteção era funcionalmente especializada, envolvendo suprimentos de “telhado” em qualquer setor da economia, assim haveria *Kiosk* de máfia, crédito de máfia, construção industrial mafiosa, máfia das drogas, em contraposição a uma singular organização em nível territorial que vincula diferentes negociantes protegidos. No caso da Sicília emergiu o primeiro modelo, enquanto em Nova Iorque haveria padrões diferentes (não territoriais), neste último caso tendendo à funcionalidade especializada, as famílias *Lucchese* e *Gambino* tinham forte presença na indústria de carros, enquanto a família *Genovese* controlava as Docas em Manhattan.<sup>453</sup>

Segundo *Gambetta*, membros ordinários são soldados (*Operai*), enquanto o líder de cada família é o *Capo Famiglia*, eleito pelos “homens de honra” de seu grupo, ele elucidou o papel do vice-*Capo* na condição de

---

<sup>451</sup> *The Russian Mafia*.

<sup>452</sup> Em *Heródote*, ed. 112.

<sup>453</sup> *Cosa Nostra* de John Dickie.

*Consiglierie*. Os membros ordinários estavam organizados sob a supervisão do *Capo Decina*, responsável pela inspeção das operações militares e mediador das relações frente ao chefe da família, a *Comissione Provinciale (Cupola)* coordenava a máfia de cada província, os membros eram chamados *Capi Mandamento* e cada um representava três famílias *Contigue*s geograficamente.<sup>454</sup> À frente de uma liderança *Regionale* estava o *Rappresentante* ou *Segretario*; segundo Antonio Calderoni, a província é uma unidade administrativa. *Gambetta* interpretava o Governo da *Comissione* ao longo de linhas econômicas, um cartel propriamente dito, associando produtores e proteção mercantil.<sup>455</sup>

Entre os pesquisadores contemporâneos da máfia Siciliana, Hess<sup>456</sup> foi o autor que mais se esforçou no entendimento da máfia como uma entidade não organizada, anulando o croqui evidenciado pela comissão judicial que argumentava que *Mafiosi* não eram membros de uma sociedade secreta denominada máfia, mas indivíduos que agiam em certo caminho mafioso, contudo *Gambetta* definiu em seu pronunciamento um modelo de funcionamento organizacional da estrutura mafiosa Siciliana. (Ver anexo 22)

Alguns autores desafiaram a visão que se tem da máfia Siciliana e da máfia Americana, caso de Daniel Bell da *Columbia University*, o autor questionou a visão de máfia como uma organização, enquanto outros estudiosos duvidavam da máfia americana enquanto instituição nacional, lembrando que muitas cidades do lado Nordeste não estruturaram grupos mafiosos familiares. O modelo burocrático hierárquico emergido em 1967 no relatório da comissão anticrime foi questionado, alegando ser a estrutura familiar resultado de uma rede social baseada em relacionamentos de parentescos. Desse debate sobre o caráter estrutural das máfias deriva importantes caminhos a fim de entendê-las em sua magnitude polissêmica.

Para a Ucrânia, Varese<sup>457</sup> apresentou um modelo de estruturação hierárquica, genuína de uma boa empresa e digna de inveja do falido modelo soviético, época em que as coisas simplesmente emperravam diante do

---

<sup>454</sup> André Gorz em *Crítica da Divisão do Trabalho*, obra na qual observa-se a importância da hierarquia no controle das atividades produtivas na estrutura de funcionamento de uma indústria, cuja extensão é aplicável à lógica mafiosa.

<sup>455</sup> Ver *Ndrangueta: Boss Luoghi e Affari della Máfia più Potente al Mondo* de Francesco Fordione.

<sup>456</sup> Henner Hess em *Máfia & Mafiosi: Origin, Power and Mith*.

<sup>457</sup> *The Russian Máfia*.

entulho burocrático estabelecido pela *Nomenklatura* e pela *Gosplan*. Em sua obra há um organograma relacionando os *Torpedy*, encaminhados pelas ordens do *Boevik* e reportados à *Brigadir*; um número de *Brigadiry* trabalhava para *Avtoriet*. (Ver anexo 27) Varese estudou o caso de um mafioso chamado *Ibragim*, que usava toda a autoridade da brigada no mercado, crescendo em influência ao ponto de outros *Brigadiry* obedecerem os seus comandos, tal organização vai ao encontro da tese de círculos concêntricos, cuja atuação do movimento centrípeto produzia uma inércia, caracterizando uma espécie de conglomerado e evidenciando a consubstanciação de um capitalismo internacional aos moldes das emergentes máfias Russas. A ascensão do capitalismo na Rússia foi capaz de criar muitas novas “profissões”.

Nas cidades russas, a operação do crime seguia segundo uma organização tendo como vetor principal a proteção no qual a confrontação entre grupos era indesejável, essa herança remonta à época dos *Gulags* como traço cultural.<sup>458</sup> Com a iniciativa privada, um comerciante com dois ou mais estabelecimentos conhecia o *Smotryashchii* do lugar, que tinha como retraguarda as maiores forças, a saber, o próprio *Vory-V-Zakone*<sup>459</sup>, quaisquer reivindicações eram enviadas ao *Obshchak*. Algumas fissuras apareciam na estrutura organizacional, pois era possível a gangues de maior amplitude começarem a agir de forma independente em relação à *Brigadir*, configurando uma “flexível rigidez” socioespacial do crime organizado russo.

Varese analisa a esfera da comunicação mafiosa envolvendo uma língua própria das organizações criminais dentro dos campos, o *Fenya*, o ritual de iniciação rumo à ascensão ao nível de *Vor* passando por *Malyutka* (iniciantes), sem cometer *Legavyi* (ofensa grave a um *Vory*), esta designada como violação ao código de honra do qual constava a *Omertá* (código do silêncio). O autor concentrou o estudo no funcionamento da máfia a partir do campo de concentração P36 de Perm como a base de um código significativo do crime organizado, inicialmente dentro dos muros e posteriormente fora deles na era Stalinista, tendo como referências dois importantes escritores russos, *Andrei Sinyavsky* e *Vladimir Bukovsky*.

---

<sup>458</sup> Ver capítulo 3.

<sup>459</sup> No capítulo 3 foi construído o conceito de *Vory*

Nas regiões anexas aos campos, as autoridades soviéticas planejaram um sistema de assentamento, os primeiros moradores foram obrigados a viver por um determinado número de anos, enquanto os prisioneiros se perdiam ao sair dos campos por falta de acompanhamento oficial. A inacessibilidade de tais regiões, típica dos *Gulag*, contribuiu significativamente para o isolamento geográfico dos habitantes, agora relacionados numa rede em formação na qual os habitantes assentados e antigos criminosos passaram a conviver.<sup>460</sup> Pelos *Gulags* passaram 18 milhões de pessoas entre 1954 e 1962.<sup>461</sup>

Aparentemente desaparecidos, os antigos rituais do *Vory* emergiram de forma reelaborada no ambiente gestado pelo neoliberalismo russo, os grupos baseados territorialmente resgataram os mitos do *Vory*. Os novos rituais marcaram a entrada de poderosos líderes no corpo governamental dos maiores grupos criminais de Moscou, ao contrário da Sicília, a iniciação era reservada para os líderes, apesar de ser requisitada por cada membro do grupo. O sentido de unidade para a designação máfia russa deriva da estrutura montada entre os diversos agrupamentos que se federalizaram nas ações, numa lógica que lembra bastante a cartelização econômica. A brigada de Moscou seguia as linhas da *Solntsevskaya*, dividindo os rituais e as normas de interação entre si.

Os dividendos de cada atividade criminal, segmentada pelos grupos, convergiam para uma fundo da Brigada, o *Obshchak*, responsável pela operação em vários bancos, agindo com certa autonomia em relação aos seus membros, logo operando com as inúmeras vantagens que o complexo mercado financeiro global oferece. Andrei Konstantinov, autor de alguns livros sobre o crime organizado em São Petersburgo, descreve a atuação das brigadas *Tambovskaya*, *Malyshevskaya*, *Vorkutinskaya* e *Kazanskaya*, que formaram uma larga unidade, denominada *Zveno*, associada a outros grupos, constituindo a rede criminal da cidade e inserida em diversos ramos de atuação.

Há organizações do antigo território soviético que não compactuavam dos rituais do *Vory*, constituindo grupos autônomos com uma lógica própria de

---

<sup>460</sup> Sobre as dimensões socioespaciais mafiosas ver capítulo 3.

<sup>461</sup> Anne Applebaum em *Gulag: A History*.



funcionamento, como os chechenos e os cossacos. No primeiro caso, existe a questão de reinterpretar a dimensão dos conflitos, envolvendo o território da chechênia e da Rússia em relação aos ataques terroristas atribuídos a esse grupo caucasiano, caracterizando a perseguição a tal etnia dentro da CEI, enquanto os cossacos guardam uma semântica histórica resignificada à luz dos grupos do crime organizado na região.

O Vory nunca influenciou a criminalidade em bases étnicas, um criminoso checheno disse em entrevista ao *Argumenty i Fakty*: "Nunca aceitamos as leis do Vory, somente reconhecemos nossas tradições nacionais, somente um checheno é recordado como *Grande Líder*, o sultão Balashikinskii", esse líder do crime organizado checheno possuía sua própria brigada em Balashikha. A história da criminalidade chechena não passa pela estrutura do Vory, segundo a unidade russa de combate ao crime organizado, o GUOP, os criminosos chechenos se instalaram em Moscou em meados de 1987, Lecho Lysyi e Khoza eram os líderes da organização.

A habilidade para mobilizar indivíduos bem armados é crucial para sobrevivência no sub-mundo. Desde o início dos anos 90, a paisagem criminal pós-soviética foi povoada por grupos territorialmente assentados com tal dispositivo. Em 1995, o correspondente do crime organizado para o jornal *Argumenty i Fakty* descreveu o caminho das máfias autóctones no sentido das clássicas máfias italianas, e articuladas sobre uma base territorial, foram identificadas a *Solnstsevskaya*, a *Dolgoprunenskaya*, a *Izmailovskaya* e a *Iyuberetskaya*.

A *Solnstsevskaya* era a mais importante *Brigadir* de Moscou, nome derivado do seu local de origem na periferia da cidade, tais brigadas agregavam entre 1000 e 1500 membros, que se denominavam *Bratva* (irmandade). Um ponto importante de análise das máfias enquanto redes contemporâneas nos remete a casos como a *Solnstsevskaya*, atuante em diversos países, ela encontrou grande facilidade para recrutar membros nessa estrutura de múltipla nacionalidade da *Bratva*, multiplicando a produção de lugares mafiosos a partir dos agentes mafiosos.<sup>462</sup>

---

<sup>462</sup> *The Russian Mafia*.

Os chechenos ganharam algumas batalhas contra a *Solnstsevskaya*, a *Dolgoprunenskaya*, a *Izmailovskaya* e a *lyuberetskaya*; em 1991, gangues com seus próprios líderes ganharam maior espacialidade na Rússia, sendo as principais a *Tsentral'naya*, a *Ostankinskaya* e a *Avtomobil'naya* em Moscou, controlavam o nordeste e áreas centrais da cidade, notabilizando-se pela eficiente extorsão.<sup>463</sup> Desde 1996, a mídia internacional delegou a autoria de várias explosões em Moscou a terroristas chechenos, contudo há evidências que certas bombas foram plantadas pelas próprias máfias russas, a fim de incriminarem as máfias chechenas visando tomar-lhes o território, esse discurso foi bem assimilado pelo governo russo, que começou uma cruzada contra tais organizações, os conflitos levaram os chechenos de Moscou a buscarem o apoio dos correionários da região “autônoma”, expandindo um conflito de difícil solução no Cáucaso, atribuindo à dimensão étnica uma nova roupagem.

A interminável guerra na Chechênia encerra uma discussão geopolítica de amplitude global, não podendo ser discutida como uma mera resistência de grupos islâmicos e terroristas à penetração russa, porque engendra alianças mafiosas formais e outras implícitas. A linha de Baku a Novorossisk é vital para a segurança russa, que depende das exportações de petróleo do Azerbaijão, tal oleoduto cruza 153 km pelo território checheno, a princípio russos e esse grupo separatista chegaram a um acordo, mediante o qual a Rússia pagaria US\$0,43 por tonelada de petróleo transportada, mas grupos armados começaram a desviar grandes quantidades de óleo. Os russos tentaram construir um outro oleoduto pelo Daguestão, projeto abandonado devido às incursões chechenas nesse novo país.

A dimensão estratégica não é regional, porque foi criado um consórcio entre Cazaquistão, Omã e Rússia para construção de um oleoduto de 1600km partindo de Tengiz (oeste do Cazaquistão) em direção ao mar Cáspio, tratava-se da esperança russa de se converter em principal agente de petróleo na região, porém desde 1996 metade das ações do consórcio foi comprada por companhias estrangeiras encabeçadas pelos EUA, deixando a Rússia quase

---

<sup>463</sup> *Carta Capital* – 21-03 -2007.

de fora dos negócios de bombeamento de óleo pelo Azerbaijão<sup>464</sup>, comprometendo a segurança do primeiro país, por isso a importância da Chechênia, constituindo um corredor pelo qual deve escoar o petróleo do Cáucaso. As máfias regionais são retroalimentadas por interesses muito além da esfera local.

Os Cossacos são outros poderosos competidores das máfias russas, ex-membros do exército russo, desmoralizados ideológica e financeiramente, mas bem armados e treinados, atuam em várias partes da Federação, como no Cáucaso e em outras regiões fronteiriças, daí a analogia histórica com os cossacos do czarismo russo. Desde 1997, eles tiveram autorização especial para portarem armas, utilizando desse expediente para suprirem a demanda por proteção privada, agindo como patrulheiros de ruas, punindo desordeiros e, obviamente, cobrando da população local pelos serviços executados, inclusive dos membros das máfias russas, caracterizando um sistema de extorsão multifacetado na lógica do recente capitalismo da CEI. Os cossacos tem tido muito sucesso compactuando com o Estado.<sup>465</sup>

Na Ásia Central, o Turcomenistão dá à máfia um verniz diferenciado, Sapaarmurad Nyazov é presidente vitalício do país, auto-proclamou-se *Turkmenbash*<sup>466</sup>, oferecendo a *Rukhama*<sup>467</sup> à nação, o ditador sustenta que o uso terapêutico e recreativo do ópio faz parte da cultura de seu povo; o país produz drogas sintéticas e duras, traficadas para a Rússia asiática e para a Europa. O Turcomenistão é muito rico em gás, petróleo e algodão, além de contar com uma posição pivô na Ásia Central, fronteira com o Irã e com o Afeganistão, cuja topografia possibilita-lhe o controle sobre recursos hídricos, fator de pressão sobre seus vizinhos, contudo metade da população de mais de 5 milhões vive abaixo da linha de pobreza. O Caráter metafísico de Nyazov lhe assegura um papel privilegiado na espiral de *mafiazização* da ex-URSS.

---

<sup>464</sup> A Chevron ficou com 50% das ações, a Mobil com 25%, o Cazaquistão com 20% e a Lukarco russa com 5%.

<sup>465</sup> A estruturação da economia da outrora URSS encerrava complexos fluxos. Ver *The Soviet Economy* de Padma Desai.

<sup>466</sup> Guia de todos os turcomenos.

<sup>467</sup> Um documento de 400 páginas de exaltações, personalista e repleto de distorções históricas.

Nyazov constituiu uma dinastia ao projetar seu filho, ambos enriqueceram com as concessões dos recursos naturais a corporações estrangeiras em moldes genuinamente neoliberais. Existem vários cassinos, hotéis e bordéis controlados por estrangeiros que lavam o dinheiro na zona *offshore* de Chipre; notoriamente a permanência desse ditador no poder se deve às alianças com os russos, com os estadunidenses e com as grandes corporações.<sup>468</sup> Vários ex-agentes da *KGB*, hoje membros das máfias russas estão assentados no país, fornecendo prostitutas e crianças a executivos estrangeiros, paralelamente, a colheita de algodão é realizada por trabalho escravo, ou melhor, “por estudantes que tem as aulas suspensas durante 3 meses para desempenharem a tarefa, valorizando, assim, a integração campo-cidade”.<sup>469</sup>

A ONU não dedica muita atenção aos anacronismos socioespaciais em sua dimensão étnica no Turcomenistão, talvez em razão do seu expressivo Conselho de Segurança no qual Rússia e EUA desempenham um papel fundamental. Quando a rede mafiosa incorpora os próprios arautos de combate à máfia, dois pesos e duas medidas são estabelecidos na estratégia de ataque ao crime organizado, aí a política efetiva encontra suas limitações, cujos documentos internacionais são convertidos em cartas bem redigidas de boas intenções, como a convenção Internacional de Combate ao Crime Organizado, com seus amplos 41 artigos, aprovada pela ONU em 2000 e em vigor mundial desde 2003.<sup>470</sup>

Desde a revolução bolchevique de outubro de 1917, o problema das nacionalidades já havia sido colocado nas fronteiras no que viria a ser União Soviética, a ideia central foi submeter a identidade étnica às considerações de classe, enaltecendo a luta proletária contra a burguesia.<sup>471</sup> O obscurecimento da questão nacional pela dimensão de classe ganhou força após a morte de

---

<sup>468</sup> Putin consolidou um tratado de cooperação econômica e de segurança político-militar com o ditador; enquanto a *CIA* circula livremente pelo país para coletar informações sobre o Irã e Afeganistão. As empresas petrolíferas americanas exploram petróleo no país, sem risco de “terrorismo”.

<sup>469</sup> A *Carta Capital* de maio de 2007 trouxe uma matéria elucidativa sobre a região.

<sup>470</sup> Analisado no capítulo 4.

<sup>471</sup> Lênin em *Teses Preliminares sobre a Questão Nacional e Colonial* defendia como objetivo do partido do proletariado a criação do maior Estado possível, com aproximação e eventual fusão das nações: “A democracia burguesa escondia a exploração das nações mais fracas pelas mais fortes.”

Lênin\_e a ascensão do stalinismo, quando a outrora URSS ficou conhecida como “prisão dos povos”, denominação incorporada da era czarista. O projeto bolchevique consistia na construção de um novo Estado Federativo, capaz de criar as nações dentro de si, forjando lealdades aos ideais socialistas ao conceber um *Sovetskii Narod* ou povo soviético. Com a falência da URSS, os contornos étnicos ganharam outra dimensão, uma conectividade mafiosa, agora reafirmando identidades, talvez o caso checheno seja o mais elucidativo na problematização das concepções leninistas referentes à nacionalidade.

O Estado soviético foi organizado a partir de uma enorme complexidade, pois em cada república federal havia repúblicas autônomas, alicerçadas em princípios de nacionalidade, somando-se os *Krai* (territórios autônomos) e os *Okrag* (distritos nativos). Mesmo assim, a questão nacional não estava plenamente resolvida, havendo inúmeras manifestações de cunho separatista, reprimidas com rigor pelo poder central. Essa problemática foi obscurecida por décadas através dos tabus étnicos erguidos por um Estado repressor em razão dos medos de fragmentação territorial.

A estratégia do Estado soviético foi nomear elites nacionais de cada área para ocuparem cargos-chave na estrutura burocrática das repúblicas. O estímulo à nativização (*Korenizatsiya*), tanto de Lênin como de Stálin, visava a cooptação de lideranças pelo Kremlim, privilégios foram trocados pela subserviência. A retórica de Lênin remonta à 1ª Guerra Mundial, quando lançou o discurso da união fraterna dos povos explorados da Rússia, contexto do terceiro congresso dos soviets russos, momento de extensão do convite bolchevique à federalização externa.<sup>472</sup>

Lênin e Stálin colocaram a questão da territorialidade como fundamento do conceito de nação, resultando numa estrutura nacional de múltiplas camadas no antigo Estado soviético. A identidade nacional fora reconhecida nas instituições do governo sob o princípio do centralismo democrático configurando uma dualidade, porque existiam a identidade étnico-cultural e a identidade soviética, os líderes apostaram na construção de um “povo soviético”, contudo as fissuras abertas pela distorção das propostas de

---

<sup>472</sup> Manuel Castells em *Fim de Milênio, A Sociedade em Rede e Poder da Identidade* fornece informações aqui interpretadas à luz da conectividade entre *mafiosidade* e etnicidade, em casos como o da antiga URSS.

socialização deixaram um hiato na busca da identidade, preenchidas por novas formas de relacionamento nacional, espaço aberto à difusão das organizações subterrâneas. A tentativa de esvaziamento étnico sob a lógica geopolítica da União Soviética levou à busca de um novo sentido à territorialidade por parte das nações do falido país, abrindo espaço ao expoente mafioso, potencial à questão.

A extensão dos anseios soviéticos envolvia 5 círculos concêntricos, fundindo os preceitos de segurança e difusão da revolução; em diferentes graus houve a reprodução do modelo centralizador do politburô, denotando uma variabilidade de possibilidades para a implantação de ações mafiosas, a princípio subterrâneas, cuja potência de explicitação circunstancial não tardou a emergir. O primeiro envolvia a Rússia e suas repúblicas-satélite, num contexto de ausência de partidos autônomos e representativos no soviete supremo, configurando o domínio absoluto do partido comunista soviético. O segundo foi organizado em torno da Rússia, satelitizando outras repúblicas, a fim de protegê-las contra o “eixo do mal” capitalista. O terceiro colocava as democracias populares sob as asas do poder militar soviético. O quarto anel envolvia os ditos países socialistas distantes, e o quinto quaisquer governos aliados progressistas e movimentos revolucionários de todo o mundo.<sup>473</sup>

O ataque ao Estado soviético não foi promovido apenas por enviesados movimentos nacionalistas, mas envolveu importante participação das elites políticas de várias repúblicas, procurando pelo seu quinhão em meio às ruínas de um império decadente. As novas organizações herdeiras do Estado soviético, comumente são denominadas de máfia russa, contudo a complexidade da gestação desses grupos permite-nos questionar tal preceito, pois há diversas organizações de diversas nacionalidades, remontando a compreensão ao fenômeno da deterioração da URSS, fundindo em cada microuniverso possibilidades de sobrevivência num ambiente favorável à difusão de novas organizações sob a égide planetária do capitalismo. Com a certeza da impunidade, os burocratas agiram com desenvoltura nas mais diversas contravenções.<sup>474</sup>

---

<sup>473</sup> Manuel Castells em *Fim de Milênio*.

<sup>474</sup> “A certeza de ser punido é que deveria desviar o homem do crime e não o mais abominável teatro”. Em Foucault *Vigiar e Punir*.

Na antiga URSS havia muitos candidatos às vagas dos negócios ilícitos, talvez os únicos capazes de proporcionar um mínimo de abastecimento geral do mercado, proporcionando o condicionamento das relações intra-nações e inter-étnicas.<sup>475</sup> O mercado internacional viu grandes possibilidades em investimentos, dando combustível às inúmeras manifestações, comumente tingidas de um caráter pseudo-democrático e defensor de liberdades outrora suprimidas. Os investidores estavam de olho nos vastos recursos naturais sob o território dos grupos nacionais em choque, denotando enorme complexidade ao processo.<sup>476</sup>

Na época da dissolução da União Soviética, 25 milhões de russos viviam sob bandeiras anacrônicas à identidade; na Rússia havia 60 grupos étnicos distintos; os cazaques eram minoria no Cazaquistão; o Tadjiquistão possuía apenas 62% de tadjiques, enquanto 24% eram uzbeques; os quirquizes representavam 52% da população do Quirquistão; no Uzbequistão existiam 72% de uzbeques; 14% dos residentes da Moldávia eram ucranianos somados a 13% de russos. Os ucranianos representavam 73% da população da Ucrânia, os letões 52% da Letônia e na Estônia havia 62% de estonianos.<sup>477</sup> Nesse contexto, falar em Comunidade dos Estados Independentes (CEI) seria no mínimo caricatural, a intencionalidade do plano era funcional, a saber, proporcionar o compartilhamento de uma infraestrutura produzida ao longo de 70 anos da URSS.

Os novos “Homens de Negócios” atravessaram verticalmente as concepções fronteiriças, evidenciando a capacidade em cooptar um exército de indivíduos descontentes com a falida organização centralmente planejada. A busca do processo de mutação do *Sojuz Nerazdelimyykh Gosudartsu* (Comunidade dos Estados Inseparáveis) para o *Sojuz Nevozmozhnykh Gosudarstv* (Comunidade dos Estados Impossíveis) estava engendrada no quadro étnico e na malha pluriespacial, que passou a dar o tom na regionalização do funcionamento do crime organizado mundial na antiga União Soviética.

---

<sup>475</sup> No geral, o dinheiro é o valor mais importante para quaisquer máfias.

<sup>476</sup> Ver *Godfather of the Kremlin. The Decline of Russia in the Age of Gangster Capitalism*.

<sup>477</sup> Referências estatísticas em *Fim de Milênio* de Manuel Castells.

Com o fim do terror stalinista e redução do hiper-centralismo, as elites locais passaram a governar na base da persuasão, concedendo liberdade à expressão nacionalista. Isso veio acompanhado em muitas repúblicas da montagem de redes de parentesco e clãs, similares a estruturas mafiosas clássicas, vinculando poder político e expansão da economia paralela. As máfias da antiga URSS reafirmaram a identidade étnica, engendrando uma nova concepção ideológica, baseada em antigos preceitos, agora utilizados em acirrada disputa territorial.<sup>478</sup>

O tráfico de armas continua sendo uma importante atividade para os grupos mafiosos dentro e fora dos espólios da União Soviética. Em 1994, o Departamento de Combate ao Crime Organizado de *Ministrys* catalogou a entrega de 4.350 metralhadoras para Izhevsk em Grozny, na Chechenia. Na cidade de Nizhnii no Ural, gângsteres comandavam um tanque T-90 do exército, auferido por intermédio de negociantes muçulmanos.<sup>479</sup> A venda de armas relacionada a outras atividades ilícitas é um assunto de ampla magnitude, capaz de conectar concomitantemente diversas regiões do mundo. Sendo assim, a experiência russa e dos diversos grupos em conflito se tornaram significativa em nível de abastecimento dos mercados africanos, latino-americanos e asiáticos, sempre bons clientes para as armas russas.<sup>480</sup>

O descontentamento russo em relação à organização soviética guarda um paralelo com a Iugoslávia, no sentido de recursos serem transferidos continuamente das repúblicas mais ricas para as áreas menos abastadas. Tal fenômeno abriu importantes lacunas para a discussão sobre os dissabores envolvendo elites políticas republicanas, poder militar e privilégios econômicos. Ao contrário da Iugoslávia, não estamos falando de uma pequena área e de uma diminuta elite econômica, mas de uma potência bélico-nuclear, cujo arsenal desorganizado esboçou a capacidade numa escala mundial.<sup>481</sup>

Como as máfias italianas, o desenvolvimento das máfias russas ocorreu através da irradiação do poder pelas cidades, configurando uma rede cada vez

---

<sup>478</sup> O livro de Viktor Kozlov - *The Peoples of the Soviet Union* indica algumas questões étnicas com potência mafiosa à luz deste trabalho.

<sup>479</sup> *The Russian Máfia*.

<sup>480</sup> A potência mercadológica das armas russas pode ser esboçada no caso clássico do fuzil AK-47 - Ver *Rajadas da História* de Mikhail Kalashnikov.

<sup>481</sup> Em 1991, William Arkin, cientista do *Greenpeace* divulgou nomes de oficiais russos envolvidos em negócios de ogivas nucleares de porte médio, trocadas por drogas. Os narcotraficantes repassavam os artefatos atômicos aos mafiosos responsáveis pela venda de armas.



mais ampla cujo ápice foi a internacionalização, incorporando negócios em cidades de outros países na busca constante de novas formas de investimento e outros expedientes estratégicos de ação. A falência do modelo centralizador soviético abriu espaço para grupos mafiosos endêmicos e estrangeiros; o mundo da mercadoria fetichizada cooptou corações e mentes das pessoas da região e os mafiosos se tornaram os realizadores de vários sonhos de consumo, ironicamente, muitos deles no limite das necessidades básicas, configurando uma complexa estrutura popular de apoio, porque os “novos empresários” asseguraram a eficiência e a constância de abastecimento do florescente mercado, outrora subterrâneo.

Em 1995 foi divulgada uma lista pela polícia de Moscou indicando os preços cobrados pela máfia russa para assassinar personalidades da economia e da política do país, os preços oscilavam entre US\$ 7 mil para um empresário a US\$ 120 mil para Boris Ieltsin, realçando a existência de um acréscimo de 20% caso o mandante do crime desejasse a morte do assassino. Boris Ieltsin também esteve envolvido em várias ações mafiosas no obscuro processo de privatização do país, a principal títere do líder era sua filha Tatyana Dyachenko, detentora de contas milionárias na Hungria. Putin livrou-lhe a cara ao abafar qualquer iniciativa investigativa.<sup>482</sup> As máfias mundiais conectadas pela tecnologia de ponta usufruem da lógica do sistema, resignificando-o com a sua entrada, a conexão em rede é essencial aos reprodutores oficiais do grande capital, engendrando uma perspectiva de expansão multiconcêntrica da mafiosidade, transformando o planeta como um todo num lugar mafioso.

Chouvy aponta fatos importantes com potência à compreensão da propagação dos negócios mafiosos na porção meridional asiática da antiga URSS, a saber, a vulnerabilidade das fronteiras e a proximidade geográfica com uma das mais importantes áreas de produção de ópio do mundo, o Crescente Dourado (Afeganistão, Irã e Paquistão). O autor analisa o Crescente Dourado e o Triângulo Dourado (Laos, Myanmar e Tailândia) afirmando: “Trata-se de regiões marcadas por complexas sobreposições territoriais, incorrendo em descontinuidades fronteiriças, traduzidas em Economia de Guerra,

---

<sup>482</sup> *The Russian Máfia.*

objetivando a obtenção de divisas; podem ser melhor compreendidas como um mosaico territorial de geometria e fronteira variáveis do que um afinado território bem circunscrito de tráfico”.<sup>483</sup>

O neoliberalismo russo já trazia consigo o germe do monopólio na configuração das novas estruturas mafiosas, pois havia um processo de dissuasão de novas firmas, caracterizando controle territorial que não demorou a incorrer na formação de cartéis, segmentando setores e regiões de atuações, expondo a extensão plena do capitalismo internacional em suas diversas nuances no recém aberto mercado russo, isso sintetizou a dimensão subterrânea mercantil autóctone com a ânsia estrangeira de lucro. Quando muitas empresas foram privatizadas, o mais ativo grupo sob o comando de *Tsiklop*<sup>484</sup> orientou a rede de proteção agregando outras organizações.

A construção das máfias no âmbito regional encerra diferentes faces do totalitarismo. Segundo Arendt<sup>485</sup>, a pretensão do totalitarismo é aniquilar o indivíduo e lhe inculcar certezas artificiais, ele não se limita a destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública, mas destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do ser, tornando-os, assim, estranhos ao mundo e privando-os do seu próprio eu.

O indivíduo pode se tornar permeável às ideias totalitárias. De início, ele se aproxima apenas de pessoas que falem o que ele quer ouvir, mas logo ele aceitará qualquer tipo de afirmação, por mais estranha que lhe pareça, isso gera um processo que se retroalimenta. Um líder messiânico, cercado de alguns malucos se sente estimulado ao perceber que lhes dão ouvido, ditadores se veem como pessoas predestinadas e escolhem bodes expiatórios, em contextos permeados por incertezas e inseguranças permeados pelo desemprego e pela violência cotidiana permitem a gestação de inúmeras organizações de cunho mafioso, conectando escalas de uma região inteira até o âmbito gerencial de empresas.

---

<sup>483</sup> Em *Les Territoires de l'opium. Conflits e Traffics du Triangle d'or et du Croissant d'or* de Pierre Chouvy.

<sup>484</sup> O líder citado oferecia suporte aos empresários já instalados contra potenciais competidores. Ver *Ethnicity, Nationalism and Conflict in and after the Soviet Union* de Valery Tishov.

<sup>485</sup> *Origens do Totalitarismo* de Hannah Arendt.

Em nome da segurança, a individualidade é corrompida por aparatos tecnológicos de espionagem, incorrendo em controle, intimidação e violação de privacidade, caracterizando versões aprimoradas de atitudes mafiosas na indução de comportamentos. Os bancos, grandes lavanderias mundiais, são os campeões do monitoramento dos funcionários, essas instituições utilizam o discurso da estratégia da produção e do funcionamento interno como álibis para a espionagem. São inúmeros os *softwares* destinados a esse fim, dentre eles estão o *SurfControl*, o *Websense*, o *MIMESweeper*<sup>486</sup>. A espionagem implica em complexidade muito maior, associada a programas altamente invasores como o *Carnívore*, capaz de interceptar qualquer informação enviada ou recebida pela Internet, trata-se de um sistema de uso corrente pelo *FBI* e por ele rebatizado com a sigla *DCS1000*.<sup>487</sup>

Uma versão concomitantemente totalitária e controladora de longa maturação pode ser encontrada na fé instrumentalizada por certas instituições religiosas, a ideia do abandono voluntário da razão e do pensamento individual em troca de um mundo de verdades reveladas e um futuro previsível não é nova. Os regimes totalitários têm uma origem claramente popular, quase sempre seus líderes foram eleitos em algum ponto de sua trajetória cotidiana, as massas não são vítimas passivas de monstros, ao contrário, elas os criam como uma perfeita imagem de suas esperanças, medos, ódios, preconceitos e ressentimentos. As primeiras práticas totalitárias significativas surgiram em sociedades urbanas industrializadas, com altos índices de desemprego e uma insegurança generalizada, abrindo interstícios à proliferação de amplas formas de controle, processo incorporado por inúmeras organizações mafiosas com suas complexas hierarquias.<sup>488</sup>

Outro impasse de primeira ordem em nível de combate internacional ao crime organizado é o fato de inúmeras máfias estarem articuladas com governos nacionais, aliados de doutrinas anti-terror dos países combatentes da “máfia internacional”. Isso impulsiona uma ruptura na cadeia de combate ao crime, pois são eleitos alguns criminosos a serem enfrentados, justamente

---

<sup>486</sup> Dentre algumas empresas utilizadoras desses programas estão a Xerox, a Fox, a Glaxowellcome, a Nike, a Duracell, a Texaco, a American Express e a Zenith.

<sup>487</sup> Análise do artigo publicado pela revista *Carta Capital* de 21-11-2001 e entrevista com policial civil de São Paulo especializada em cibercrime.

<sup>488</sup> O mundo totalitário circunscreve excelente espacialidade à difusão das máfias.

aqueles menos comprometidos no engendramento do poder em território de interesse geopolítico planetário das potências atuais, particularmente dos EUA. Neste sentido, podemos entender melhor a verdadeira face do combate internacional ao crime organizado, a saber, um *show* espetacular.

A constatação da ONU, divulgada há mais de 10 anos, parece não ter ecoado: “O crime organizado atingiu dimensões que desafiam a própria noção de uma ordem jurídica internacional reguladora da relação entre os Estados. Hoje, existe o controle de cidades ou regiões inteiras com base na força e no terror imposto por quadrilhas bem armadas e organizadas segundo uma estrutura paramilitar”. As máfias se consolidaram como empresas transnacionais bem estruturadas, articulando seus próprios aparatos de controle, liquefazendo territórios.

A liquefação do território russo envolveu a operação de 2 mil bancos, em sua maioria apenas fachada para os negócios das máfias, o sistema financeiro russo estava nas mãos das organizações mafiosas, o crescimento exponencial de tal processo coincidiu como a ascensão de Ieltsin ao poder com sua apregoada liberdade de mercado, isso engendrou uma enorme confusão na desregulamentação econômica, permitindo a abertura de bancos a um preço irrisório para membros das organizações criminais, processo sob o beneplácito dos arautos do neoliberalismo global.

Segundo o ministério do interior da ex-URSS, metade dos rendimentos dos funcionários públicos provinha de propinas e subornos, mais de 220 mil deles foram indiciados por prática de corrupção, envolvendo, inclusive, membros de combate ao crime organizado, fato ilustrativo da dimensão do problema institucional. Durante o governo Gorbachev<sup>489</sup> foi constatado que 4 entre 5 agentes das milícias (polícia de elite) possuíam vínculos com as máfias; em 1991, numa velocidade extraordinária, as atividades criminosas de caráter mafioso se estendiam a todos os setores da economia, processo notoriamente incrementado com as privatizações que possibilitou a aquisição de muitas empresas como mera fachada pelas quais o dinheiro sujo passava.<sup>490</sup> A

---

<sup>489</sup> Ver *The Gorbachev Phenomenon* de Moshe Lewin.

<sup>490</sup> “Em 1992, 6000 empresas foram a leilão em Moscou, as regras para a compra de ações eram imprecisas, os oficiais do Estado encarregados do processo de venda estavam envolvidos em corrupção e o Estado não detinha meios técnicos para conter a ação das máfias, pois Ieltsin havia desmantelado o Departamento Técnico de Combate ao Crime Organizado” em *O Século do Crime*.

estratégia de investimento do gênero *joint-ventures* permitiu a inversão de capital de máfias estrangeiras, transformando a ex-URSS em expressivo lugar mafioso através de imensas lavanderias, a saber, as empresas privatizadas.

Os bancos começaram a se proliferar pela falida União Soviética em razão do baixo volume de capital exigido para adquirir a concessão, isso permitiu as máfias abrirem vários deles, potenciando a rede de lavagem de dinheiro.<sup>491</sup> Esses bancos russo-mafiosos passaram a receber investimentos de diversas atividades obscuras, como a prostituição, narcotráfico, extorsão e contrabando, configurando o caso mais expressivo do anacronismo do tratado da ONU<sup>492</sup> sobre combate ao crime organizado, pois este não orienta uma crítica ao modelo neoliberal, mas cobra atitudes de Estados dilapidados por processos avassaladores de privatização e flexibilização, caracterizando a falta de critério para o controle sobre fronteiras de atuação do grande capital, que se miscigena internacionalmente com dinheiro sujo, formando grandes *joint-ventures*, capazes de se regionalizarem circunstancialmente, conforme a conveniência do lugar, convertendo-o em mafioso.

Os privilégios auferidos pelo potitburô durante o capitalismo de Estado soviético<sup>493</sup> não seriam facilmente extirpados mediante alguma tentativa de tornar as instituições mais translúcidas, por isso a alta cúpula sabotou como pode as tentativas de saneamento do país, por exemplo, atrasando a produção de máquinas e deixando alimentos apodrecerem em silos, ampliando ainda mais o déficit de inúmeros produtos para os consumidores. Tais ações contribuíram para a instalação de grupos mafiosos nos interstícios deixados pelas propositais falhas administrativas, isso assegurou o bom assentamento de organizações ilícitas na sociedade soviética, que preencheram importantes lacunas referentes ao fornecimento de bens de consumo, angariando forte simpatia do cidadão comum dos novos países criados com a ruptura da URSS.<sup>494</sup>

---

<sup>491</sup> Em *Soviet Union: The Challenge of Change* de Martin Wright.

<sup>492</sup> Ver capítulo 4.

<sup>493</sup> *A Era dos Extremos* de Hobsbawn e *O Colapso da Modernização* de Robert Kurz definem o então modelo soviético como algo diferente de socialismo, isso foi um enorme Tabu durante a Guerra Fria, pois nenhum membro de qualquer PC do mundo gostaria de enxergar a luz (URSS) do final do túnel como um enorme engodo. Kurz também analisa a formação de excedentes na ex-URSS e no Leste Europeu, processo responsável pelo descompasso industrial.

<sup>494</sup> *The Economic Challenge of Perestroika* de Abel Aganbeegyan.

Na Rússia, grupos como o *Roskhlboproduct* sintetizaram o processo de corrupção decorrente de privatizações e engendramento de redes envolvendo Estado, empresas e capital estrangeiro. As ações dessa firma envolviam distribuições de mercadorias para lojas durante o período soviético e funcionavam como receptáculo de ajuda humanitária ocidental, a exportação de créditos adicionava mais déficit ao Estado russo. As *Traders* que operavam através dela e de outros monopólios agrícolas estatais pagavam somente 1% de taxa na aquisição de alimentos, embolsando o subsídio.

A falência do Estado Soviético pulverizou os recursos pelas então empresas estatais às adquirentes do direito à propriedade privada. Em Dezembro de 1994 sobreviveram 61 firmas privatizadas em 19 regiões nas quais os trabalhadores eram proprietários de 59% dos espólios, variando de região para região, o processo de privatização foi conduzido pela *Russia Privatization Agency (GKI)*, onde os diretores articularam redes de “amizade” com investidores, estabelecendo um tratamento preferencial, consubstanciado na nova noção de camaradagem, agora sob a égide dos mercados, evidenciando, assim, o rápido aprendizado do funcionamento da lógica contemporânea do capital.<sup>495</sup> O jornal russo *Barometer* demonstrou o vínculo entre várias instituições irmanadas no processo de incorporação da massa falida soviética, articulando parlamento, cortes, oficiais de polícia e partidos políticos.<sup>496</sup> A *Arbititrazh* foi o órgão estatal que regulava as disputas entre Estados, Comunas, Instituições Cooperativas, Empresas e Organizações, somente em 1990 foram decididos mais de 358 mil casos.<sup>497</sup>

Outra dimensão vinculada à facilidade corruptiva no processo de desmantelamento do Estado Soviético decorreu da característica do próprio sistema econômico que desprestigiava os bens de consumo, logo aparatos eletrônicos, cuja escassez levou a uma profunda falta de clareza em relação à análise de dados referentes às transações financeiras, por vezes envolvendo lavagem de dinheiro, transferido para Suíça através do *Chase Manhattan Bank*

---

<sup>495</sup> A *Uneksimbank* caracterizou outro exemplo de rede, envolvendo a oligarquia russa, figurando nomes como Bóris Ieltsin.

<sup>496</sup> *The Russian Máfia*.

<sup>497</sup> Varese em *The Russian Máfia* traz a tabela 2.1 na pág 39 com a demonstração do nº de disputas administrativas e civis, reguladas pela *Arbititrazh* em 1995. Na tabela 2.5 da pág 52, o autor elucida a transição para o mercado de proteção envolvendo alguns ramos de negócios oficiais.

e via esquema de pirâmides financeiras, como aconteceu similarmente na Albânia.<sup>498</sup>

Como em várias regiões do planeta, o neoliberalismo produziu um aumento significativo do desemprego na Rússia, e tal fenômeno foi capaz de proporcionar uma recolocação em um mercado aberto, agora norteador por uma rede de proteção. O processo de privatização permitiu o desenvolvimento de grupos mafiosos, ambiente no qual os “empreendedores” seguiram o fluxo, concebendo uma rede aberta em movimento centrípeto, funcionando como uma espécie de pólo atrativo para pessoas qualificadas ao serviço, mas sem a possibilidade de encontrar uma colocação numa economia ligeiramente mais lícita, daí as colocações de Varese<sup>499</sup> sobre um mercado ilegal e oportunista num contexto de interdições. O pesquisador adiciona as máfias russas a uma lista de máfias mundiais, porém guardando suas especificidades, partindo da sua região de estudo em Perm, nos Urais. “Polícia e crime organizado formaram uma coisa só na Rússia, denominada *militseiskaya krysha*”<sup>500</sup>

A falência do sistema soviético engendrou um novo tipo de estatismo, conectando afiliados do antigo Estado, sistemas de proteção, investidores estrangeiros, empresas estrangeiras, gigantes energéticas (como a *Gazpron*), instituições da *KGB* e políticos oficiais, enquanto a população ficava em meio ao fogo cruzado quando se configurava a *razborki*.<sup>501</sup> O *Dumping* foi e continua sendo uma prática corrente nas disputas por grandes negócios na Rússia, chocando gigantes do petróleo como a *Lukoil* e agências italianas de gás em meio à territorialidade da *Solinsteyo* e seu terrorismo teórico e prático.<sup>502</sup>

As ações mafiosas se estenderam às mais recônditas áreas como a Sibéria, envolvendo o controle de recursos naturais num processo claramente definido como *razborki*. Na Rússia, o monopólio mafioso privado adquiriu uma

---

<sup>498</sup> Em *La Nomenklatura. Los privilegiados en la URSS*.

<sup>499</sup> *The Russian Mafia*

<sup>500</sup> “Foram formados 6 mil firmas de segurança e 200 mil empregados, envolvendo muitos oficiais do antigo Estado Soviético” - *The Russian Mafia*. Como já era de se esperar, o autor registra as dificuldades para a realização do trabalho de campo, esbarrando no levantamento de dados, em razão do obscurantismo que permeia o tema ele cita sua dificuldade em entrevistar pessoas detentoras de algumas informações a respeito das ações obtusas dos grupos mafiosos.

<sup>501</sup> Confrontações violentas entre investidores, colocando em movimento grupos vinculados à proteção.

<sup>502</sup> Há certa estrutura do crime vinculando medo, indústrias de segurança, créditos e comissão, esta última envolvendo bancos mafiosos cuja taxa varia de 10% a 20%.

dimensão pior que o monopólio estatal, caracterizando um ponto de conectividade teórica com o Brasil, considerando a miríade de oportunidades de investimento e formas de agir eminentemente ilícitas, mediante processos obscuros de privatização capazes de denotar enorme potência para explicitar organizações mafiosas com capacidade para converter regiões inteiras em lugares mafiosos.

Em 1999 foi publicado um relatório sobre liberdade econômica pela *Heritage Foundation*, no qual a Rússia ocupava a 106ª posição num total de 166 países, denotando a contradição em relação à suposta liberdade de mercado advogada pelos arautos do neoliberalismo, deixando evidente em que nível a dita liberdade atuou sobre os espólios da ex-URSS, evidenciando a transição de um Estado Stalinista para um *Stalinismo Mafioso*. No período de 1985 a 1995 o crime organizado registrou um aumento de 194%, cujo palco envolvia várias áreas urbanas do país. Enquanto interseção de fluxos, uma cidade oferece multiplicidade de opções para a implementação de “negócios”, caracterizando as diversas vias de investimentos para as ações criminosas, tal fenômeno intraurbano se regionaliza e se conecta a outros grupos com mesmo procedimento, definindo um elo de força tangencial da territorialidade polissêmica da ação mafiosa.

O termo *vory-v-zakone*<sup>503</sup> circunscreve concepções convergentes sobre o funcionamento de redes mafiosas, como a Yakuza japonesa e as Tríades chinesas. Interessante observar que muito antes do mundo estar conectado por redes avançadas de comunicação e de deslocamento, havia similaridades em nível de conduta e gestão de diversos grupos mafiosos, geograficamente muito distantes entre si, definindo uma territorialidade intrínseca extraterritorial, cuja complexidade orgânica não impediu uma conectividade internacional, como evidenciaram os capítulos anteriores.

A construção de lugares mafiosos implica em complexas conectividades, comumente calcadas na perspectiva geopolítica de grandes potências, capaz de converter em pivôs algumas regiões a partir de endêmicas questões mal solucionadas, erguendo eixos e lugares mafiosos. Myanmar, Tailândia e Laos fazem parte de um território de aproximadamente 200 mil quilômetros

---

<sup>503</sup> Conceito trabalhado no capítulo 3.



quadrados, conhecido como Triângulo Dourado, trata-se de um importante pólo de produção de heroína, droga introduzida por minorias chinesas no século XIX. Em 1949, frente à derrota para Mao Tsetung, o 93º divisão do Gal. Li Mi se refugiou na antiga Birmânia, recrutando as minorias chinesas do país para insuflar partidos anti-kuomintang, por isso receberam apoio da CIA, cujos fundos foram angariados com o tráfico de ópio, desestabilizando o próprio governo da Birmânia e exponenciando a instabilidade regional, tendo como alibi o combate ao comunismo. A semente plantada rendeu frutos, pois insuflou outros grupos étnicos a se rebelarem no país<sup>504</sup>, encontrando no dinheiro da droga os recursos para se armarem. Tal situação caótica levou à ascensão dos militares, no poder há 40 anos sob os auspícios dos EUA.

O deslocamento de etnias pelas fronteiras da região levou à troca de controle dos territórios do ópio, porém a marcha das milícias shan proporcionou a elaboração de novas possibilidades de dividendos para os grupos *Wa* na Tailândia, agora envolvendo os laboratórios produtores de meta-anfetamina (*Meth* ou *ecstasy*), conhecida como *Yaa Baa* ou pílula da folia, cujo principal destino é o mercado dos países desenvolvidos, com destaque para o Japão, onde os filipinos asseguraram também um papel primordial no abastecimento.<sup>505</sup> No geral, os grandes laboratórios produtores tanto da heroína, como do *ecstasy* se encontram na fronteira entre Myanmar e Tailândia, segundo Labrousse são 90 estabelecimentos destinados só à produção de heroína nessa região.<sup>506</sup>

Algumas modalidades mafiosas observadas em diversos lugares estão baseadas em estratos sociais e geopolíticos superpostos em graus diferentes de fusão, possibilitando o estabelecimento de certos padrões, sem desconsiderar a complexidade regional na gestação de tais organizações. Conflitos de expressiva magnitude como a Segunda Grande Guerra são capazes de engendrar novas relações globais, redefinindo o controle interno das atividades criminosas, o caso americano é capaz de explicitar tal

---

<sup>504</sup> Como a Organização independente Karen (KIO) e as milícias Shan na Tailândia. Ver *Trouble in Triangule Opium and Conflit in Burma* de Peter Vervest.

<sup>505</sup> Em *Les Territoires de L'opium: Conflits et Trafics du Triangule d'or et du Croissant d'or* de Pierre Chouvy.

<sup>506</sup> *Géopolitique des Drogues*.

dimensão, porque possui magnitude para alicerçar a perspectiva de rede comum aos grupos mafiosos.<sup>507</sup>

O judeu-russo Arnold Rothstein é considerado pioneiro do crime organizado nos EUA, uma espécie de “J.P. Morgan” do submundo, mestre em estratégia empresarial, ele controlava as gangues de Nova Iorque, o tráfico de drogas, venda de bebidas e extorsão, isso lhe rendeu o título de Czar do submundo.<sup>508</sup> Rothstein competia com os italianos no controle do território americano, contudo a Segunda Guerra Mundial redefiniu as fronteiras favorecendo os italianos, pois a perseguição aos judeus pelos Nazistas acabou por destruir os criminosos sionistas que supriam os distribuidores americanos.

A rede de Rothstein também sofreu fissuras na costa ocidental com o ataque a Pearl Harbour, porque desarticulou o eixo asiático prejudicando a conexão dos judeus americanos com os comerciantes europeus, que viviam na costa chinesa. Na contemporaneidade e em nível global, Robert Friedman<sup>509</sup> considera as máfias russas a maior rede internacional de crime organizado na América, superando a clássica judia, as tríades chinesas, os cartéis colombianos e a secular Cosa Nostra, esboçando uma confusa territorialidade resultante da cooperação com a economia formal, obscurecendo a identidade dos “investidores”.<sup>510</sup>

A sustentação do dinheiro sujo nas redes internacionais não envolve apenas o neoliberalismo, este é apenas uma estratégia conjuntural do capitalismo, a queda regional da conduta neoliberal possivelmente não implicaria na diminuição do crime organizado, porque há ascensão de grupos genuinamente mafiosos em locais insólitos, localmente livres do Consenso de Washington e com capacidade e fôlego de expansão planetária, miscigenando-se em economias com forte tradição mafiosa, como os EUA e em território de seu antigo rival da Guerra Fria, Rússia, esta última à frente do mundo numa

---

<sup>507</sup> Historicamente, alguns membros mafiosos passaram por um interessante refinamento em seu *modus operandi*, posicionando-se como polidos industriais na lógica do mercado. Como foram os casos de Benjamin Bugsy e Meyer Lansky, as duas figuras mais famosas do crime organizado judeu do século XX nos EUA. “Atirar e matar não é um bom caminho para viabilizar negócios, um comerciante da Ford não mata um da G.M, mas tenta sobrepujá-lo” em Robert Rockaway em *But He Was Good To His Mother*.

<sup>508</sup> Robert Rockaway em *But He Was Good To His Mother*.

<sup>509</sup> Em *Red Mafiya*

<sup>510</sup> *Sociedade em Rede* de Manuel Castells, particularmente o capítulo *Teoria social de espaço e a teoria do espaço de fluxos* p. 435 a 442, que traz a análise sobre a expansão de atividades ilícitas, engendradas com elites locais de cada país.

inovadora perspectiva mafiosa, envolvendo novos e velhos produtos no espetacular mundo da mercadoria, num complexo jogo entre espaço e tempo, que se intrincam mutuamente em busca de novos lugares com potência mafiosa.

Exponenciadas sob o crivo neoliberal, as máfias superaram o contexto que as engendraram, nem um suposto fim de tal ideologia seria capaz de abalar os alicerces do crime organizado oficial e extraoficial; enquanto não houver uma estratégia planetária de combate aos arautos do sistema, identificados cada vez mais como aterritoriais em razão de sua magnitude, não haverá perspectiva de solução para o problema, por isso a extrema dificuldade em imaginar a desestruturação de poderosas instituições financeiras e mega corporações industriais, infiltradas até a raiz na política dos Estados e dos investimentos. O combate ao crime organizado traz consigo seus próprios limites, denotando a dissimulação do mundo contemporâneo, retirar a cortina de fumaça à frente dessas estruturas talvez possibilite novas práticas sociais capazes de engendrar um outro mundo.

O espetáculo organiza com sucesso a ignorância em relação aos acontecimentos, apagando a memória sobre um conhecimento histórico geral, caracterizando um mundo no qual o mais importante é o ocultado, levando a uma leitura enviesada dos fatos e inviabilizadora de conhecimentos mais profundos sobre as formas mafiosas de controle sobre o cotidiano.<sup>511</sup> O engendramento das redes mafiosas no espetacular integrado e no espetacular difuso levou à vida mediada por um espetacular absoluto, no qual a máfia em si se tornou uma mercadoria como ideologia e *status*, o combate à esta vem acompanhado por uma dose de admiração de suas ações.

O poder mafioso ganhou muito com a mídia de massa, assegurando o excelente diálogo entre as redes de promoção-controle e as redes de vigilância-desinformação, conspirando-se em todas as direções, expandindo-se em escala as dimensões clássicas, com uma assustadora atualidade: “.....os que tomavam a palavra estavam envolvidos no complô e o discursos proferidos tinham sido submetidos à apreciação dos amigos. Nenhuma oposição se manifestava entre os outros cidadãos, assustados com o número

---

<sup>511</sup> Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo*.

de conjurados. Assim mesmo, se alguém tentasse contradizê-lo, logo era encontrado um meio fácil de fazê-lo morrer, os assassinos não eram procurados e nenhum processo ameaçava os suspeitos, o povo não reagia e as pessoas estavam tão apavoradas que já se davam por felizes de escapar à violência, mesmo guardando o silêncio”. Tal leitura das relações verticais e horizontais de poder parece ser uma referência a inúmeros países mediados por processos de *mafiazização* na contemporaneidade, contudo ela foi produzida por Tucídides a respeito da Guerra do Peloponeso.<sup>512</sup>

Causa paralisia imaginar toda a complexidade econômica construída pela humanidade desde a antiguidade clássica em mãos de arautos contemporâneos similares aos descritos por Tucídides. Quantos Noriegas<sup>513</sup> já existiram desde os anos 80 do século XX, momento no qual o fenômeno mafioso ganhou corporeidade planetária. O Estado não está em contraposição às máfias, pois as práticas de ambos tendem a se encontrar em meio a todos os negócios da sociedade, gestando paradoxos em nível de conduta em diferentes escalas espaciais e temporais, podemos afirmar que eles não são inimigos, mas estão inimigos conforme o desenvolvimento conjuntural dos acontecimentos na complexa socioespacialidade das máfias. Em cada país reside um universo de possibilidades para a configuração de práticas mafiosas, a pluralidade criminal está na proporção direta da formação política e de suas distorções socioeconômicas, por isso o Brasil é tido como um importante pivô das redes ilícitas da atualidade.

---

<sup>512</sup> Livro VIII, cap. 66.

<sup>513</sup> Chefe de Estado panamenho, funcionário da *CIA* nas ações contra Cuba, ditador ferrenho, importava drogas nos EUA e exportava os ganhos para a Suíça, seu principal assessor era membro do Mossad. Quando estava para ser deposto lançou a bandeira do anti-imperialismo

## CAPÍTULO 6

### Da Geopolítica Clássica Brasileira à Geopolítica mafiosa no Brasil (convergências mafiosas mundiais)

A abordagem sobre a geopolítica no Brasil implica em considerações a obra de Golbery do Couto e Silva<sup>514</sup> e aos teóricos da fundamentação de seu pensamento ulterior, envolvendo possibilistas como La Blache, Brunhes, Vallaux e deterministas organicistas como Ratzel, Kjellen, Haushofer, Mackinder, Mahan, caracterizando uma concepção calcada historicamente na base de construção de uma filosofia autoritária para o Brasil, valendo-se da adaptação de teóricos do séculos XIX e XX às necessidades gerenciais de fronteiras no contexto da Guerra Fria e nos quadros da Escola Superior de Guerra.

As acepções geopolíticas no Brasil se desenvolveram dentro das Forças Armadas e em entidades ligadas ao planejamento, tendo em Golbery o grande sistematizador dos trabalhos de Elyseo de Carvalho, que em 1921 já denotava a importância da geopolítica como fundamental aos caminhos a serem trilhados pelo país. Backheuser é outro autor bem referenciado na obra de Golbery, por ter produzido análises de transposição de Kjellen e de Ratzel à realidade territorial brasileira; Delgado de Carvalho foi base do pensamento golberyano a partir dos seus estudos sobre fronteiras e diplomacia nacionais.

A geopolítica nasceu como ferramenta dos Estados para a formulação da logística nacional, tendo no princípio de área a visão voltada ao estudo do espaço geográfico enquanto substrato na elaboração de políticas direcionadas a fins estratégicos, a saber, a expansão dos países no novo imperialismo do século XIX. A leitura geopolítica de mundo crava a ciência política na elaboração de teorias orientadoras do Estado em conformidades estabelecidas com o território.

Golbery, em seu tempo, desengessou o conceito de geopolítica, a fim de operá-lo às necessidades do regime militar em curso no país. As *mafiosidades* contemporâneas tendo no Brasil um importante pivô exigem novo abrandamento do rigor conceitual-histórico do conceito de geopolítica, como

---

<sup>514</sup> Ver *Geopolítica e Poder* de Golbery do Couto e Silva.

fora ensaiado nos capítulos iniciais desta tese, e, novamente, à luz de sua polissemia metamorfoseante nos parâmetros fronteiriços brasileiros, envolvendo toda a complexidade vertical nas horizontalidades territoriais, como fora discutido no capítulo 2. Parte do Estado brasileiro atual é um elo das cadeias mafiosas nacionais e internacionais, portanto suas sístoles e diástoles, à luz do pensamento golberyano, são definidas por complexas relações; compreendê-las como síntese no Brasil é uma das pretensões deste capítulo.

Desengessar a Geopolítica para fins de análise do Brasil mafioso exige olhares abertos para as múltiplas possibilidades que nossas fronteiras e nossa sociedade segmentada em classe encerram em cada lugar-região como síntese de práticas consubstanciadas na exclusão-inclusão de diversos grupos. Os problemas imanentes à legalidade/legitimidade da esfera pública em nosso país atravessa a análise de aparelhos corrompidos e assessorados juridicamente; trata-se de uma intencionalidade migrar de uma esfera social à outra ao longo dos parágrafos, porque periferias, presídios, meio rural, meio urbano, favelas, narcotráfico, contas CC5, *lobbies* e Foro Privilegiado se encontram nesse enigma chamado Brasil, uma síntese de Lugar Mafioso.

Fronteira é um conceito de amplo espectro, oscilando da dimensão econômica de caráter cíclico à ideológica sem uma territorialidade efetiva, alguns Estados Nacionais são em verdade meramente territoriais, envolvendo regiões desenvolvida e outras atrasadas.<sup>515</sup> As fronteiras foram lidas na América como zonas limítrofes da civilização e, em alguns casos, sob forte influência de concepções deterministas, um atributo à força da natureza na dimensão de ocupação de certos territórios. Há tipologias de algumas fronteiras, como as agrárias (Primárias, secundárias, móveis, lentas, estancadas, sólidas, vazias, espontâneas e planejadas), de maneira geral, o conceito deve ser apreendido como um fenômeno complexo e múltiplo, de grande importância na construção do Brasil.

Machado<sup>516</sup> analisa no Brasil a questão da unidade territorial à luz dos conflitos entre as prerrogativas do poder central e as exigências dos representantes regionais, caracterizando um período de intervenção incipiente

---

<sup>515</sup> Jean Ziegler se refere a seu país (Suíça) como grupos que se suportam em *A Suíça, o Ouro e os Mortos*.

<sup>516</sup> Lia Osório Machado em *A Questão da Unidade territorial do Brasil*.

do Estado, seguido por um contexto no qual investidores estrangeiros, comerciantes e especuladores se apropriaram de vastos territórios nacionais em prejuízo de outras classes sociais. As fronteiras no Brasil se moveram em conformidade com as oscilações econômicas e interesses do setor privado, este último bem representado nos quadros administrativos das três instâncias do Estado, e cada setor em seu tempo ergueu seus signos na consolidação de um ciclo idealizando processos de ocupação, fosse na marcha para o interior com o mito do bandeiras, o fluxo do café ou a “conquista do território vazio” da Amazônia.

Neste capítulo, as fronteiras mafiosas brasileiras estão compreendidas entrecruzando profundas concepções históricas de gestão territorial, atualmente resignificadas na ordem das novas relações mundiais, capaz de reorientar a rigidez de controle com o estabelecimento de novos elos para grupos desvalorizados no processo de ocupação dos limites nacionais, como ocorrera com grupos autóctones da Amazônia. O narcotráfico e as guerrilhas são fenômenos com potência para agregarem os desvalidos da construção territorial classista esboçada na história do Brasil<sup>517</sup>, enquanto projetos como o SIVAM reelaboraram mitos de conservação de fronteiras, projetando novos e complexos interesses que serão aqui discutidos.

Desde os anos 80, o Brasil tem ganhado destaque no contexto internacional do crime organizado em razão do número de eventos e personagens envolvidos em nosso território com lavagem de dinheiro, tráfico de drogas, corrupção política, encomendas de mortes e, particularmente, a associação com indivíduos ligados a clássicas e poderosas máfias estrangeiras de amplo espectro geográfico, tal fenômeno encerra complexas e polêmicas questões de ordem jurídica nacional, apreendendo as causas responsáveis pela propagação do crime organizado em nosso país. Internamente, as conexões mafiosas se estabeleceram em várias regiões, auferindo uma dinâmica própria em cada uma delas em razão da complexidade encerrada circunstancialmente a partir das forças em movimento, cuja potência na esfera nacional permite definir o Brasil como um lugar mafioso.

---

<sup>517</sup> Ver capítulos 4.

O Brasil possui inúmeras vantagens logísticas para o desenvolvimento de atividades mafiosas internacionais, contando com uma complexa rede de transporte e amplas fronteiras com incipiente vigilância, o tráfico de inúmeras mercadorias se estabelece sem grandes dificuldades nas zonas limítrofes com a Bolívia, com o Paraguai e com a Colômbia.<sup>518</sup> (Ver anexo 28) A indústria química nacional está capacitada para fornecer expressivas quantidades de éter e acetona, produtos essenciais ao processamento da cocaína na Colômbia com seus poderosos laboratórios cartelizados. A telefonia móvel permite uma eficiente conexão entre os indivíduos envolvidos no processo criminoso, e a corrupção imune e impune enquanto parâmetro político contribui para a fluidez dessa trama, consubstanciando internamente a enorme potência mafiosa global. A observação mais atenta de certos fluxos permite identificar alguns dados intrigantes, por exemplo, cidades com 20 mil habitantes que apresentam o mesmo consumo de éter e acetona de São Paulo.<sup>519</sup>

A escola de comando do Estado-Maior do exército brasileiro desenvolveu um estudo denominado *Fiscalização de Armas de Fogo e Produtos Correlatos*, tal documento derruba alguns mitos sobre o tráfico de armas de fogo no Brasil ao apontar o Rio Grande do Sul como principal porta de entrada dessas mercadorias em território nacional, mercadorias procedentes da Argentina e do Uruguai com destino às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.<sup>520</sup> O documento aponta a permeabilidade dos 16 mil km de fronteiras do território brasileiro e a ambiguidade da legislação nacional de combate ao contrabando, esta última decorrente da existência de um forte *lobby* no Congresso Nacional para lidar com a questão de maneira “lenta, gradual e segura”.

A maior metrópole brasileira apresenta uma geografia bem distinta da presente no Rio de Janeiro, inspirando o desenvolvimento de atividades criminosas mais próximas à configuração de crime organizado, ampliando possibilidades de construção de redes<sup>521</sup> em razão da pluralidade de negócios

---

<sup>518</sup> Atravessar de Foz de Iguaçu para o Paraguai é bem fácil, mais ainda de Corumbá para Porto Suarez (Bolívia). Algumas vezes retornei de automóvel do Pantanal ao longo de 1500 km, sem qualquer vistoria por parte da polícia, uma pessoa mal intencionada pode se utilizar facilmente desse expediente.

<sup>519</sup> Entrevista com policial federal.

<sup>520</sup> O Comando Vermelho traz armas calibre 7,62mm; 5,56mm e metralhadoras UZI por meio de quadrilhas que atuam nas regiões Norte e Nordeste, artigo publicado pela *Carta Capital* em 09-04-2003.

<sup>521</sup> As possibilidades em nível de rede foram analisadas no capítulo 2.



com potência de realização, as quadrilhas não mexem apenas com tráfico, mas atuam em diversos campos da economia paralela. O sítio urbano paulistano é mais difuso que o carioca, levando à produção de mais interstícios-*bunkers* como lugares mafiosos, abrindo espaço para inúmeras atividades. Comparada ao Rio de Janeiro, São Paulo é bem mais ampla e complexa em nível de atividades mafiosas, contudo a densidade dos eventos, mediada pelo mínimo espaço circunscrito, transformou a cidade carioca em estereótipo nacional e internacional.

A dinâmica brasileira do crime encontra pontos de ruptura com a linearidade social, pois os marginalizados e empobrecidos historicamente não são os exclusivos personagens envolvidos na trama ilícita da economia. Modelos de desenvolvimento, como o Plano Collor, levaram à falência de diversas fábricas, alguns ex-proprietários enveredaram para práticas “alternativas” de sobrevivência como tráfico de cocaína, os dez maiores traficantes de coca no Brasil em Campinas, Bauru, Marília, Franca, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto eram empresários arruinados; no RJ, muitos deles utilizaram suas razões sociais como fachadas para mascarar atividades acintosamente criminais.<sup>522</sup>

O neoliberalismo, aplicado com voracidade no Brasil, levou ao empobrecimento da classe média, fenômeno responsável pela inversão parcial da lógica criminal no R.J, pois de clientes, os jovens da classe média carioca passaram a fornecedores do tráfico de maconha e ecstasy nas favelas da Rocinha, do Vidigal e de Niterói com produto vindo do Paraguai, esse processo foi constatado nos 13º, 14º e 15º DP; segundo relatório oficial, esses grupos articularam verdadeiras quadrilhas. O arrocho da renda e o encolhimento do mercado de trabalho resultantes da política neoliberal atuaram como causas fomentadoras do ingresso de populações no tráfico, reproduzindo nessa unidade da Federação uma realidade planetária e corrente em outros estados do país, denotando, assim, a capacidade que modelos econômicos

---

<sup>522</sup> Fonte da *DEA* e da Polícia Federal Brasileira, informações obtidas em *O Século do Crime* de José Arbex.

equivocados possui para impulsionar a gênese de potenciais lugares mafiosos.<sup>523</sup>

Sabemos como o neoliberalismo fere as instituições estatais em diversos países no mundo; no Brasil, o sucateamento dos aparatos de vigilância desde finais dos anos 80 favoreceu em larga escala o avanço do narcotráfico, engendrando-se no desmantelamento da fiscalização e nas brechas aduaneiras. Na área de segurança, o contrabando de armamento pelo crime organizado foi ampliado em decorrência das fissuras no sistema de controle, resultado da política do “Estado Mínimo”. A França, com 550 mil quilômetros quadrados, 15,5 menos que o Brasil, possui dez vezes mais fiscais nas fronteiras e alfândegas, naquele país são 20 mil auditores instalados nas aduanas, enquanto no Brasil são 2 mil. O Japão, território duas vezes o tamanho do estado de São Paulo, possui 8 mil fiscais, não é aleatória a convergência de grandes grupos mafiosos internacionais para o Brasil, convertendo-o sem muito esforço em lugar mafioso.<sup>524</sup>

Desde 1996, a lei 9.430 impede que os auditores da receita denunciem sonegadores por crimes fiscais, e, em 1999, a portaria 1.265 da receita obrigou os fiscais a descreverem o setor e os livros que pretendiam fiscalizar numa empresa, além de tornar obrigatória a comunicação a ela com antecedência, dando-lhe tempo para “acertar as coisas”. Ainda há a prerrogativa de o grupo sonegador aderir ao dito refil, através da lei 9.964 de 2000, trata-se de um programa de refinanciamento, permitindo as devedoras pagar suas dívidas ao Leão num prazo de 99 anos. O Brasil apresenta um dos piores índices mundiais em relação ao combate à corrupção (De 0 a 10, nota 3)<sup>525</sup>

Segundo o relatório da ONU<sup>526</sup> publicado em 2003, o Brasil emprega mais de 20 mil entregadores de drogas, denominados de “aviãozinhos”, envolvendo populações entre 10 e 16 anos, essa atividade lhes permite auferir ganhos na casa dos US\$ 300/mês, tal fenômeno é de fácil apreensão mediante a existência de aproximadamente 50 milhões de pessoas vivendo com menos

---

<sup>523</sup> Os dados foram obtidos na Folha de São Paulo do dia 29 de out. de 2003, contudo a extensão da análise da política neoliberal não constava da reportagem. Outra matéria similar foi publicada pelo Estado de São Paulo em 02-02-2004: “Expansão da criminalidade pode estar indiretamente relacionada à falta de oportunidade”, também sem contemporizar as possíveis causas do processo.

<sup>524</sup> Análise de artigo publicado pelo jornal *Brasil de Fato* de 17-05-2003.

<sup>525</sup> Em *Caminhos da Transparência*, p. 414.

<sup>526</sup> Documento contra drogas e crimes para o Brasil e Cone sul.

de US\$ 2/dia em nosso país, os jovens sem emprego nas áreas urbanas estão envolvidos num clima de incerteza e violência, tornando-se presas fáceis para o crime organizado.<sup>527</sup>

Na perspectiva das cidades, a situação é alarmante, pois o consumo de anfetaminas cresceu 150%, o de maconha 325%, e o de cocaína 700% num prazo de dez anos, outrora denominado apenas como rota do tráfico, hoje o mercado brasileiro se evidencia bem ativo. O relatório do CEBRID<sup>528</sup> revelou que os alunos do ensino médio e do fundamental passaram a usar drogas seis ou mais vezes por mês, das 340 escolas analisadas, 55% dos alunos sabiam onde comprar armas e psicotrópicos. A revista Caros Amigos<sup>529</sup> trouxe uma matéria sobre os garotos dos morros do Rio entre 9 e 12 anos, onde declaravam explicitamente a intenção de adentrarem ao tráfico como única forma de sobrevivência.

Em São Paulo, um estudo realizado pelo IBGE serve de referência à compreensão da rápida ascensão do crime organizado em grandes cidades, trata-se da exposição dos jovens às denominadas zonas de risco; acometidos pela pobreza, muitos deles tendem a buscar atalhos econômicos, 65% da população entre 15 e 19 anos vivem em violentas periferias da cidade, regiões de grande vulnerabilidade social<sup>530</sup>, a ilegalidade é muito sedutora para a população dessas áreas carentes de serviços públicos, onde o Estado oferece um tratamento diferenciado, no caso, calcado pelo desdém.<sup>531</sup> (Ver anexo 29)

Nas áreas mais ricas, 36% dos jovens entre 15 e 19 anos estavam em escolas privadas, enquanto nas regiões mais pobres 91% recorriam à escola pública, portanto onde o Estado é mais ausente estão os jovens que mais precisam dele. Tal vulnerabilidade configura excelente campo de penetração para o tráfico e redes mafiosas capazes de oferecer alguma referência para essa camada social em frágil processo de formação, um fenômeno social presente em inúmeras partes do mundo.<sup>532</sup>

---

<sup>527</sup> O mesmo relatório da ONU identifica 200 mil policiais civis e militares de baixa renda residindo em áreas dominadas por gangues e traficantes.

<sup>528</sup> Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas.

<sup>529</sup> Edição de Agosto de 2008.

<sup>530</sup> Em 2006, na cidade Tiradentes a taxa de homicídio era de 292/1000, enquanto no Jardim Paulista era de 13/1000.

<sup>531</sup> Ver *Geografia do crime: Interdisciplinaridade e Relevâncias* – Sueli Andruccioli Felix.

<sup>532</sup> Consultar capítulos 1, 3, 4 e 5.

Em grandes ou médias cidades as ações mafiosas são explícitas e a própria opulência ostentada por alguns indivíduos desperta curiosidade sobre a origem da fortuna, os elos do enriquecimento ilícito incorporam as mais diversas atividades, permitindo a muitos contraventores a imunidade, porque fazem parte do corpo político influente e inatingível das castas governantes de seus respectivos países, infelizmente o Brasil faz parte desse grupo. Inúmeros casos são simplesmente abafados, há o enaltecimento de personagens secundários, enquanto redes ligadas ao narcotráfico pesado, configurando a verdadeira mafocracia brasileira simplesmente desaparecem sem receber a devida visibilidade pela mídia que se diz vigilante.<sup>533</sup>

O agir mafioso atinge inúmeros setores da economia brasileira, alguns dotados de sutilezas, como a venda de drogas oficiais controlada por grandes oligopólios, detentores de mais de 90% desse mercado no Brasil, contando com o apoio da ABIP (Associação Brasileira da Indústria de Produtos de Saúde), que saiu em defesa do direito de se vender remédio em supermercados, sem receituário, jogando com o alibi de “Direito à automedicação”; trata-se de um raciocínio puramente mercadológico para difundir o uso de medicamentos. Nas próprias farmácias existe o sintoma dessa pauperização associada à substituição do farmacêutico pelo vendedor de remédios.<sup>534</sup>

A lavagem de dinheiro é nuclear à questão mafiosa, no Brasil esse procedimento se tornou corriqueiro em instituições financeiras, envolvendo bancos e casas de câmbio; recursos advindos do tráfico de drogas e da corrupção atravessam facilmente contas correntes, convertendo-se em reais ou em dólares, o rastreamento pressupõe localizar o comprador mediante o levantamento de sua ficha cadastral, incorrendo em certas dificuldades, como identificar o verdadeiro proprietário do dinheiro, fiscalizar os negócios reais praticados em casas de câmbio e rastrear os donos das contas correntes (comumente pulverizadas em vários bancos). Identificar o capital remetido para várias partes do país e do mundo através de empresas especializadas em

---

<sup>533</sup> Roubo de carretas ao longo da BR-317, tráfico de influência e elos internacionais com o crime organizado são questões não investigadas e conectadas à turma do PC - *Cadernos do Terceiro Mundo*, ed. 213 e *Notícias do Planalto* de Mario Sergio Conti.

<sup>534</sup> Os EUA podem servir de parâmetro em relação às consequências de tais práticas, pois os índices de intoxicação e vício são elevadíssimos naquele país, uma decorrência da concepção de remédio como outro produto qualquer.

ordens de pagamento como a *American Express* é outra questão capciosa<sup>535</sup>, quase 10% dos investimentos aplicados no Brasil até 2001 chegaram através das vias suspeitas dos paraísos fiscais.<sup>536</sup> As abordagens de instituições como o FMI sobre esse processo em nosso país carecem de análise mais conectiva em relação aos elos envolvidos nos procedimentos. (Ver Anexo 30)

A organização da política nacional, capaz de criar interstícios na administração estatal, tende a potenciar os mecanismos de incrustação do crime. No Brasil, O Foro Privilegiado é um meio de favorecer a impunidade, tal dispositivo, também denominado Foro por Prerrogativa de Função, não possui uma justificativa ética sólida e desrespeita frontalmente o princípio republicano da igualdade, segundo o qual a lei deveria ser aplicada da mesma maneira a todas as pessoas que se encontrem na situação prevista por ela, independentemente da posição social ocupada. O acusado de cometer um crime deveria ser julgado pelo juiz do local onde o fato se consumou, independentemente do seu cargo ou ofício. Do presidente da república ao faxineiro, todos deveriam ser tratados igualmente, porque o oposto colocaria em xeque a legitimidade democrática, remetendo a um funcionamento aristocrático da justiça, no qual a elite governante se coloca acima da lei.<sup>537</sup>

No Brasil, as autoridades dos três Poderes envolvendo presidente e vice-presidente da república, ministros de Estado, senadores, deputados federais e ministros do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça, do Tribunal Superior Eleitoral e do Tribunal Superior do Trabalho constituem o corpo que só pode ser julgado penalmente pelo STF, caracterizando uma problemática concomitantemente de cunho ético e prático, pois os ministros do STF são indicados pelo presidente da República e aprovados pelo Senado. O paroxismo é visível, pois potenciais “acusados” são

---

<sup>535</sup> Na pesquisa de campo em algumas casas de câmbio em Foz de Iguaçu, observei a compra de dólares, cujo limite é de 8 mil por indivíduo, são exigidos endereço (sem comprovante), telefone e documentos como RG e CPF, mediante um pouco de insistência não há nem necessidade de apresentar os documentos, basta fornecer os números, além disso documentos falsificados podem ser perfeitamente utilizados na transação, diluindo-se a possibilidade de encontrar o dono dos reais convertidos. No final do expediente é mais fácil realizar a transação.

<sup>536</sup> *Carta Capital* de 10-10-2001.

<sup>537</sup> No livro *A República*, de Platão, existe a história de Gíges, um camponês que encontra um anel capaz de torná-lo invisível, de posse dele, pode cometer diversos crimes sem nunca ter sido apanhado. No Brasil contemporâneo algumas autoridades contam com essa espécie de anel, dando-lhes a certeza da impunidade. Para tornarem-se invisíveis aos olhos da Justiça, basta adotarem um mecanismo capaz de inviabilizar qualquer condenação, o denominado Foro da Prerrogativa da Função.

os responsáveis pela nomeação de seus julgadores<sup>538</sup>, esse mesmo roteiro é seguido para a nomeação do procurador geral da república, responsável pela acusação perante o STF. Há uma estrutura de impunidade hiper-favorável a mais ampla difusão da *Mafiocracia*, o próprio Supremo realizou um levantamento no qual verificou a existência de vinte processos penais entre 1990 e 2000 envolvendo políticos que resultaram em treze prescrições e sete absolvições.<sup>539</sup>

Em 2003, a ONU elaborou um relatório no qual classificou o judiciário brasileiro de lento, com tendência ao nepotismo e pouco acessível à população carente, no conjunto apontou 22 recomendações para melhorar esse quadro. A revista britânica *The Economist* completou a análise definindo a necessidade de reestruturação da instituição, os juízes foram apontados como inalcançáveis e incapazes de prestar contas aos cidadãos. O consultor jurídico Márcio Chaer explica o caráter classista dos juízes em processo de julgamento de algumas causas, corroborando para as análises estrangeiras, a saber: “Um juiz fazendeiro tem dificuldades de se colocar ao lado de um sem-terra, uma juíza com problemas junto à sua empregada doméstica tende a se solidarizar com a patroa...”

Um elo a mais na configuração da complexa *Mafiocracia* brasileira é estabelecido com base no trabalho dos lobistas no processo de produção da notícia, cuja função na imprensa é influenciar os jornalistas; a maioria deles trabalha em sintonia com as colunas de política de Brasília, atuando como secretários de informação ou publicitários, recebem as notícias que antecipam escândalos, atuando no limite entre o boato e a verdade dos fatos, muitas reportagens são escritas em linguagem cifrada, objetivando comunicar ao político a existência de alguém no encalço dele, envolvendo o trabalho de outro lobista, responsável pelo desaparecimento da notícia, impedindo-a de chegar às colunas políticas e sociais dos jornais de maior visibilidade do país.

---

<sup>538</sup> Há, no mínimo, um grande risco de vinculação política e ideológica com os políticos responsáveis por tal nomeação. Nesse sentido, tivemos um ministro do STF que era considerado “líder do governo” nesse tribunal e um Procurador-Geral da República cuja conduta ficou caracterizada pela contínua falta de denúncia a respeito da situação governista, motivo pelo qual angariou a alcunha de “Engavetador-Geral” da República.

<sup>539</sup> Revista *Consultor Jurídico* de março de 2007.

A corrupção política no Brasil apresenta um elo forte, o popular “caixa dois”, a trajetória histórica de nosso país permite identificar três grandes setores envolvidos nessa prática de desvio de verbas, a saber, as obras públicas, a propaganda e a informática. Em cada período da configuração política nacional, um desses setores esteve à frente do processo, as empreiteiras tiveram seu auge durante o regime militar, perdendo o quinhão com o processo de privatizações e com a redução de obras públicas; desde os anos 90 houve o redirecionamento dos desvios para outros serviços públicos, incorrendo em inúmeros escândalos associados a contratos com empresas coletoras de lixo em diversas prefeituras e com a informática, esta última considerada o filão mais recente dos grandes contratos públicos para a formação de caixa. Tal sistema é blindado à compreensão mais acurada em razão da rede estabelecida com a imprensa e com os lobistas.

A questão sobre a impunidade no Brasil está intimamente relacionada a uma distorção imanente à forma daquilo que se convencionou denominar de “fazer política”, processo conhecido como *Lobby*. A definição semântica do termo foi bastante alterada; do inglês o termo designava o espaço na entrada dos edifícios; nos EUA a palavra ganhou conotação política, pois os cidadãos abordavam seus representantes eleitos na porta das casas legislativas; no Brasil a conotação é bem simples, tráfico de influência. A prática é bastante plural, envolvendo envio de correspondências, contatos pessoais, realização de eventos sociais, promoção de viagens, oferta de presentes e outras formas de sedução dos políticos oficiais nas Câmaras, no Senado e nas Assembléias da nação.

O *Lobby* foi uma prática tão difundida a ponto de incutirmos a expressão em nosso cotidiano de forma automática, nas casas políticas oficiais o sistema é mais sofisticado, pois os profissionais da área estudam psicologicamente o perfil dos senadores e dos deputados a fim de melhor aliciá-los, viabilizando o melhor caminho para a entrada, inúmeras bancadas são articuladas no Congresso Nacional, com destaque para a dos ruralistas, a da comunicação, a da saúde, a da educação privada, a dos evangélicos, a da bola, a dos sindicalistas, a da informática, a das empreiteiras e a dos bancos. Algumas são representadas por poderosos cartéis, como a das empreiteiras,

capitaneada pelas 5 irmãs<sup>540</sup> ou dos bancos, cacifados pela Febraban. Muitos políticos desenvolveram estratégias para não serem flagrados em negociações escusas, fechando acordos dentro de saunas ou no centro de piscinas, tais condutas são muito semelhantes às dos mafiosos clássicos, abordados ao longo desta pesquisa.

Alguns procedimentos lobistas envolvem estratégias nitidamente manipuladoras ao fracionarem a intenção principal de projetos, encaminhados ao congresso em pacotes separados e aparentemente desconectados entre si, por exemplo, questões sobre os conceitos de empresa nacional, propriedade do subsolo, biodiversidade, patentes, encerrando especificamente cada discussão e votando diretrizes; tempos depois aparece uma lei sobre a concessão de florestas públicas, tendo como pano de fundo a ampliação da privatização da Amazônia engendrando todas as questões anteriores. Grande parte dos desvios de recursos do país não ocorre na ilegalidade, mas na legalidade, através de projetos aprovados e devidamente sancionados, quando a imprensa não dá visibilidade aos lobistas, a informação fragmentada e acrítica contribui para essas práticas, no máximo, o tema é abordado com a máxima: “Trata-se de fazer política”, implicitamente inculcada nas reportagens.

O pessoal do *Lobby* planeja o fato e o faz acontecer, valendo-se de uma cultura de recebimento de propina já propagada dentre os políticos, criando precedentes para isolar àqueles honestos através de propagandas sutilmente elaboradas e capazes de inverter a ordem das coisas, por exemplo, o superfaturamento de uma mercadoria não aceita por um governante pode chegar à população como a recusa de um serviço essencial bloqueado pelo líder político, que na verdade recusou o cheque paralelo para viabilizar o negócio. O Congresso Nacional se tornou uma espécie de balcão de empreendimentos, concepção potenciada com o neoliberalismo, pois existe a hegemonia dos interesses de grupos privados, comumente bem distantes da visibilidade midiática nacional. Outra tática muito comum é discutir o pequeno *Lobby* para escamotear as grandes negociatas, essa prática envolve alguns

---

<sup>540</sup> Odebrecht, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão e Mendes Júnior.



jornalistas, também compreendidos como lobistas, reforçando o sentido de rede, bem difundida dentre as máfias em sua territorialização no Brasil.<sup>541</sup>

O neoliberalismo no Brasil expandiu as condições para a ação do capital estrangeiro nos vários setores da economia. Na agricultura nacional, grandes corporações pretendem monopolizar sementes a fim de incrementar a cobrança de patentes, com destaque para a Monsanto, que atua com desenvoltura pelo território nacional, Cargill, Bunge e Cygenta completam esse poderoso *Lobby*. Elas iniciaram uma cruzada para cobrança de *royalties* dos produtores que desejarem seus produtos geneticamente modificados, caracterizando uma forma de controle ironicamente denominado de fomentador do desenvolvimento nacional. Consideradas como personagens do agronegócio, essas empresas compõem um poderoso grupo<sup>542</sup> tendo como discretos “sócios” o grande *Lobby* na dimensão midiática, responsável pela blindagem de uma compreensão mais lúcida dessa nova roupagem dos problemas rurais nacionais, impulsionador de um sistema de produção potenciador da dependência geral do produtor agrícola.<sup>543</sup>

Geograficamente, Brasília favorece o desenvolvimento de *lobbies* com sua rede de hotéis, restaurantes, boates e, principalmente, pelo isolamento em relação ao restante do país, apresentando expressivas dificuldades de integração com os governados. Assim, os dirigentes se sentem à vontade para participarem de grandes festas em mansões de empresários calcados nas bancadas.<sup>544</sup> O Hotel Gran Bittar ganhou notoriedade durante a CPI do mensalão por abrigar sucessivas noites de embalo, abastecidas com vinho, uísque e garotas de programa. O *Blue Tree Towers* é o mais famoso e luxuoso, onde a despesa de 2 mil e 500 reais por uma noite para os políticos aliciados envolve jantar, bebida, reserva da suíte e acompanhante, traduzindo uma realidade obscurecida pelos meios de comunicação, a saber, na antessala da

---

<sup>541</sup> *Caros Amigos*, ed. 123 de junho de 2007.

<sup>542</sup> Listam a Nestlé, a Danone, a Parmalat, além das mencionadas no parágrafo.

<sup>543</sup> O polêmico estudo de Marie-Monique Robin sobre o poder da Monsanto – *Le Monde selon Monsanto* - já começou a ser minado pela grande mídia. Dentre os inúmeros levantamentos da pesquisadora, está o patenteamento do gene do porco na Alemanha pela Monsanto.

<sup>544</sup> Um grande empresário da educação e proprietário de vários empreendimentos afirmou categoricamente que seu melhor negócio foi ter se mudado para Brasília, lê-se nas entrelinhas, a possibilidade de viabilizar importantes e contínuos contatos com políticos.

noite de luxúria são tomadas as decisões políticas que infringem ao país o *status* do “vale tudo”.<sup>545</sup>

Os bons contatos e a informação pioneira são condições imprescindíveis para a concretização dos *lobbies*, porque conhecendo a movimentação dentro do governo nas três instâncias é possível detectar as possíveis demandas, isso envolve a construção de hospitais, escolas, rodovias, dentre outras demandas, permitindo a antecipação para angariar a licitação. Existem empresas especializadas na realização desses empreendimentos lobistas, algumas são pessoas jurídicas oficialmente registradas, a exemplo da Semprel, contudo, na maioria dos casos pessoas físicas muito bem comissionadas são as imbuídas dessa tarefa. Segundo a Secretaria de Direito Econômico, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, uma de cada três compras públicas realizadas pelo governo envolve empresas cartelizadas e organizadas, a priori, para acertar preços superfaturados e aprovados mediante *lobby*.

O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas observou distorções gritantes, a saber, a obra pública que sai do *Lobby* é normalmente a desnecessária, “a ponte ou a estrada que liga nada a lugar algum”, calcula-se o prejuízo aos cofres da união em torno de 25 a 40 bilhões de dólares/ano em razão dessas práticas. Houve o caso de um parlamentar que propôs a implantação de uma política muito estranha, a obrigatoriedade de instalação de câmeras em todas as escolas públicas, valendo-se do discurso da segurança, por trás dele estava um lobista que pretendia criar um mercado cativo para tais mercadorias; a distinção entre um projeto sério e um desdobramento lobista pode ser constatado pela magnitude do empreendimento, a construção de uma quadra num município em relação à proposta de construção de ginásios de esportes em 50 municípios distintos.<sup>546</sup>

O *lobby* se instala em meio ao processo de aprovação do orçamento da União, sempre é definido no ano anterior e visa estabelecer os gastos que o governo fará a partir de políticas públicas em diversos setores, analisando as

---

<sup>545</sup> Análise de artigo publicado pela *Caros Amigos*, ed. 123 de junho de 2007.

<sup>546</sup> *Caros Amigos*, ed. 123 de junho de 2007.

prioridades responsáveis pela integração do plano de ação, a fim de compatibilizar as receitas do respectivo ano fiscal. Tal orçamento é composto de três partes, o Plano Plurianual (PPA), cujo vigor é de quatro anos e estabelece as metas da administração federal para as despesas de capital e os programas de duração continuada, a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), que orienta a elaboração da Lei Orçamentária Anual (LOA), responsável pelo detalhamento das metas e prioridades da administração para o ano subsequente.

A comissão mista do orçamento é formada por 42 parlamentares com seus respectivos suplentes, sendo 31 deputados e 11 senadores, esse grupo é o responsável pela tramitação do projeto da LDO, encarregada da apreciação de receitas, da fiscalização, da execução orçamentária, da admissibilidade de emendas e da avaliação da obra com indícios de irregularidades. Essa dimensão pública talvez seja a mais importante realização no contexto nacional, porém não lhe é dada a devida visibilidade, transmitida ao telespectador como uma mera questão burocrática, extraindo-lhe o conteúdo profundamente importante em nível de construção da *mafiosidade* geopolítica nacional. Nas esferas municipal, estadual e federal os *lobbies* estão profundamente arraigados nas decisões dessa comissão, iniciando aí um processo mafioso na elaboração da política orçamentária nacional.

No Congresso, durante a votação do Orçamento Geral da União, os lobistas de empresas iniciam sua corrida atrás de parlamentares e de suas emendas, o prazo final para a entrega do projeto é 31 de agosto, a partir daí o jogo é transferido para a Câmara dos Deputados e de lá para o Senado, onde a proposta será aprovada, abrindo nova oportunidade ao *Lobby* para aliciar parlamentares, as recompensas serão proporcionais às medidas aprovadas, acompanhadas por suntuosas festas. Existem dois tipos de emenda ao orçamento, a individual, no máximo de 25 por deputado no valor total de até 6 milhões de reais e a de bancada, cujo limite é de 23, porém sem teto de capital. Caso descoberto nos mais explícitos contratos *lobbistas*, o político contará com leque de possibilidades para se safar, a começar pelo Foro

Privilegiado da Função, portanto a blindagem da corrupção está politicamente assegurada para os *mafionegócios*.

Dentre os *lobbies* do Congresso brasileiro, o dos ruralistas é particular e historicamente poderoso. O braço político brasileiro da ação mafiosa dos grupos internacionais é bem expressivo, existindo uma sintonia de interesses em relação ao controle das terras e inviabilização, inclusive ideológica, das formas de redistribuição de renda no campo. A Bancada Ruralista é a mais famosa no Congresso Nacional, ela sobrevive do inesgotável discurso de crise no setor agrícola, impulsionando vantajosas negociações com o governo, a força política dela pode ser medida pelo sucesso em relação ao perdão ou rolagem de expressivas dívidas por décadas.

A visão de desenvolvimento dos ruralistas é socialmente excludente, ambientalmente predatória e concentradora de renda; segundo o deputado João Alfredo, relator da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Terra (CPMI), os ruralistas representam o agronegócio e atualmente não existe força política nacional capaz de confrontá-los à exceção do MST. Pela própria raiz desses empreendimentos, grupos ambientalistas e outros ligados à Biossegurança se caracterizam como os potenciais contrapontos.<sup>547</sup>

No Brasil ainda não há um trabalho em profundidade sobre a questão dos *lobbies* em seu enquadramento oficial nas malhas do Estado, como fora produzido na Austrália pelo escritor Guy Pearce<sup>548</sup> a respeito da máfia do Efeito Estufa envolvendo a *Australian Industry Greenhouse Network (AIGN)*, grupo que agrega industriais de peso<sup>549</sup>, o *Lobby* era fortíssimo junto ao ex-governo Jonh Howard e já contamina o premier Kevin Rudd. Os *Think Tanks* (Grupos de Pesquisa) são o pivô da *AIGN*, e responsáveis pela divulgação de trabalhos “científicos”<sup>550</sup> com grande repercussão na grande mídia, porém sem debates profundos, o objetivo é expressar as opiniões do poderoso grupo econômico ligado à energia. A Austrália apresenta a maior emissão per capita

---

<sup>547</sup> Em 2008, o governo implementou mais uma rolagem bilionária do pessoal ligado ao agronegócio, baseado no clássico discurso de crise no setor.

<sup>548</sup> *High and Dry*

<sup>549</sup> *BHP Billinton, Rio Tinto, Chevron, Woodside, Alcoa, BP, Exxon-Mobil, Caltex, Shell Australia, Xstrata, Santos, Wesfarmers, Mitsui, CSR e Origin Energy.*

<sup>550</sup> Como o *World Climate Report*.

de gases-estufa, sendo um dos três países (Os outros são China e R.S.A.) a produzirem eletricidade a partir da queima de carvão, encerrando o vultuoso *Lobby* que se autodenomina mafioso, e mais uma possibilidade na polissêmica estrutura mafiosa na configuração de lugares mafiosos.

Todo *Lobby* implica em ganhos ilícitos que precisam ser abluídos. Um ramo específico de lavagem são as empresas denominadas *factoring* atuantes na compra de dívidas de pessoas jurídicas; no ramo imobiliário é possível comprar um imóvel por um preço menor que o real, pagando o restante por fora, para revendendo-lo posteriormente pelo preço de mercado. O movimento do dinheiro ilegal ao Brasil envolve versáteis estratégias, como simulações de pagamento de *royalties*, abertura de *franchising* ou superfaturamento de exportações. Existem casos de compras milionárias, envolvendo ONGs, neste caso, o pagamento é efetuado à vista, mas a entrega realizada em até dois anos, rezando no contrato uma cláusula que determina a devolução de 85% do valor na rescisão da operação.

O Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF) estabeleceu aos setores mais sujeitos à lavagem de dinheiro a necessidade em relatar operações suspeitas, assim, os bingos precisariam informar premiações acima de 5 mil reais, os bancos deveriam enviar movimentações acima de 100 mil reais, galerias de arte estariam obrigadas a comunicar compras acima de 10 mil reais em espécie, contudo os números são dissonantes, pois as loterias informaram 520 operações ao órgão, as joalherias apenas oito e os estabelecimentos comerciais de obras de arte e de antiguidade enviaram apenas uma denúncia,<sup>551</sup> isso caracteriza uma blindagem no nível das práticas cotidianas no Brasil.

As campanhas políticas encerram um importante momento de lavagem de dinheiro no Brasil, envolvendo a suavidade no trato com a prestação de contas dos recursos gastos em publicidade associando duas extremidades, de um lado o doador não quer aparecer, então fornece os recursos ao publicitário, que não registra o crédito. No Brasil, os nomes dos contribuintes não figuram na contabilidade dos partidos, porém o candidato corre o risco de não ser diplomado, caso não apresente a prestação de contas, porém a reprovação

---

<sup>551</sup> Análise de artigo publicado pela *Caros Amigos*, nº 25 de setembro de 2005.

dele não impede a posse, não existe a possibilidade de cassar um político por apresentar contas fraudulentas, apesar de os valores serem ridiculamente dissonantes.<sup>552</sup>

O Consenso de Washington em sua versão brasileira criou inúmeras possibilidades de expansão da *mafioscracia* nacional. Um plano econômico de orientação neoliberal abre os mais diferentes precedentes para instalação de atividades mafiosas a partir das fissuras iminentes ao processo de implementação do modelo. Um caso exemplar ocorreu no Brasil no contexto em que o dólar foi o mediador das contas nacionais para balizar o real, momento no qual a supervalorização chegou ao ponto de atingir 0,84 centavos da divisa internacional, quando ocorreu a pertinente macradesvalorização da moeda nacional, o dólar se transformou num ativo precioso, esse expediente beneficiou bancos como o Opportunity, o Matrix e o Garantia, instituições intimamente conectadas a membros do governo FHC, que, coincidentemente possuíam expressivas reservas da moeda estrangeira antes da desvalorização. Agregado a esse expediente, a alta na taxa de juros beneficiou o sistema bancário como um todo no norteameritamento do mercado regulador, acima de tudo volátil, esse escândalo deu origem a algumas CPIs, sem resultado efetivo em razão do Foro Privilegiado da Função.<sup>553</sup>

Nas duas últimas décadas, o Brasil conheceu a expansão exponencial de um segmento que alterou a funcionalidade de várias regiões nas cidades, projetando um agressivo poder e intrincando-se nas malhas dos meios de comunicação de massa, não seria exagero imaginar um futuro presidente da república saído desse setor. Existem condições concretas para a expansão do poder dos evangélicos para a esfera política oficial, segundo o IBGE até 1980 eles eram 6,6% da população, desde então, o crescimento foi contínuo e hoje representam 15,4% dos brasileiros<sup>554</sup>, essa dimensão produziu um reflexo no

---

<sup>552</sup> O consultor político Gaudêncio Torquato fez uma estimativa do custo de uma campanha presidencial do porte do PT, chegando à cifra de 70 milhões de reais entre estrutura administrativa e *marketing* geral. O valor oficial apresentado pelo partido foi de 21 milhões como gastos gerais.

<sup>553</sup> Ver *O Mapa da Corrupção do Governo FHC* de Larissa Bortoni e Ronaldo de Moura e *O Brasil Privatizado I e II* de Aloysio Biondi Segundo Marx é possível medir a força de uma classe dominante pela capacidade que ela tem de cooptar os melhores quadros de seus adversários, v.3 de *O Capital*.

<sup>554</sup> Uma possível explicação para o sucesso desses empreendimentos é o caráter alegre e festivo dos cultos, com a autoridade (o pastor) sempre presente, por isso a Igreja Católica deu uma resposta logística ao fenômeno, dando espaço à projeção da Renovação Carismática, com cerimoniais menos sisudos e padres cantores.

Congresso nacional, levando à articulação da Bancada Evangélica, composta por 60 deputados.

A relação entre moral e política é facilmente acionada dentro dos templos em razão da relação imediatista estabelecida entre o fiel e o pastor, particularmente porque, via de regra, o frequentador é bem desinformado e despolitizado, durante as eleições os pastores estimulam os jovens a tirarem o título eleitoral, fazem treinamento nas portas das igrejas e distribuem ícones sugerindo metafisicamente a escolha corporativa de um candidato, por exemplo, a distribuição de um cajado de papelão no qual consta a inscrição “Os 10 dias de libertação”, coincidindo o décimo dia com o 1º turno das eleições.

A continuidade sistemática da frequência nos templos ocorre em razão da inculcação do medo, por vezes estereotipando outras religiões de maneira bastante pejorativa ou elaborando objetos, como a árvore da fortuna, onde o fiel recebe um fruto a cada culto, ao todo são 12, excelente estratégia de mercado. O Partido Republicano Brasileiro, tentáculo da Universal, angariou espaço em função do ambiente político deteriorado pelas sucessivas denúncias de corrupção, condição ideal para a propagação de homilias moralistas, salvacionistas, personalistas e populistas, nas quais os potenciais candidatos são apresentados de forma messiânica, valendo-se do altar como plataforma política e do uso de um carisma excepcional.<sup>555</sup>

O poder do grupo é completado com a incorporação de diversos instrumentos de comunicação de massa e da “arte”, vários CDs são gravados com tiragens superiores a milhões, os políticos evangélicos não precisam passar pela mediação exigida de candidatos brasileiros “comuns”, caracterizando uma anti-institucionalidade e uma anti-democracia desse processo. Alguns políticos evangélicos já estiveram envolvidos em denúncias comprovadas de corrupção, talvez Edir Macedo seja o caso mais significativo.<sup>556</sup>

---

<sup>555</sup> Tais observações foram obtidas mediante trabalho de campo em alguns templos em São Paulo e acompanhamento midiático. O trabalho de Zeny Rosendhal sobre as múltiplas esferas do sagrado inspira uma leitura geopolítica diferenciada dos templos, verdadeiros pivôs na projeção do poder político formal.

<sup>556</sup> Macedo foi gravado falando coisas indecorosas sobre a arrecadação de dinheiro nos templos.

O sobrinho de Macedo, o pastor Marcelo Crivella, encaixa-se perfeitamente no perfil aqui analisado, concebido como melhor projeto político evangélico, hoje é senador e potencial candidato à presidência da república.

A complexidade socioespacial nacional implica em inúmeros focos de observação em consonância com as diretrizes mafiosas de ação. O GAECO produziu uma análise das organizações criminosas no Brasil, cuja interpretação remete a uma abordagem mítica de facções como o Comando Vermelho e o PCC, o órgão constatou a existência de fases de evolução e certas especificidades. Na primeira fase, as organizações possuíam um componente político muito presente munido do discurso libertário, metaforicamente uma perspectiva de luta heróica de “David versus Golias”.<sup>557</sup> Na fase subsequente, o discurso político libertário cedeu lugar ao pragmatismo do lucro, que adquiriu importância máxima, incorporando a essência do modo de produção capitalista, mas imageticamente agindo contra ele. A compatibilidade essencial entre o sistema capitalista e quaisquer atividades criminosas pode ser encontrada no resultado final, o dinheiro.

Caco Barcelos<sup>558</sup> definiu uma interessante condição do crime no Rio de Janeiro quando identificou quadrilhas formadas exclusivamente por pessoas pobres e faveladas, onde o controle do comércio de drogas pela comunidade é efetivo, tal sobreposição traduz uma transparência em estrutura de classe não observável em outros locais do Brasil. A cotidianidade das favelas do Rio implica numa análise da geografia física e do traficante como elemento de auxílio, compondo uma espécie de comensalismo, pois os morros apresentam 65° de aclive com íngremes escadas, subir com material de construção, algum eletrodoméstico, ou uma mera sacola é um sacrifício, daí os laços estabelecidos com o pessoal das drogas que garantem o desempenho de tais tarefas, recebendo a contrapartida em simpatia e apoio dessa população carente. Em seus meandros isso traduz a omissão do Estado como gestor de serviços básicos num ambiente, em si, distorcido do processo de urbanização,

---

<sup>557</sup> Nas casas de detenção há desenhos de Bin Laden derrubando a Estátua da Liberdade.

<sup>558</sup> Em entrevista a *Caros Amigos* em Julho de 2003.



cujas causas estão associadas a uma política nacional concentracionista de renda e motivadora de intensos fluxos migratórios.<sup>559</sup>

No esteio do totalitarismo<sup>560</sup> podemos conceber uma combinação contemporânea denominada neoliberalismo totalitário, imbuído de um pensamento único e utilizador de uma rede para se fazer valer, incorporando mídia e política oficial, esse expediente é capaz de atravessar as mais diferentes atividades agindo mafiosamente, porque seus arautos reúnem condições estratégicas para isso, conjunturalmente exponenciadas por modelos privilegiadores de interesses de grupos sociais muito específicos. Serviços essenciais como saúde e educação caíram nas malhas dessa rede, transformando-os em produtos de consumo na lógica do mercado, ao contrário de vários países desenvolvidos, onde esses serviços são tidos como estratégicos, mantendo-lhes sua função social.

No Brasil, a ditadura de mercado em moldes neoliberais gestou uma educação enquanto mera mercadoria, considerando o aluno um cliente, mediado pelo lucro acima de qualquer outro valor; um caso emblemático foi a entrevista esclarecedora sobre o assunto na Folha Dirigida, fornecida pelo proprietário da Estácio de Sá: “Não estou interessado no Brasil, nem na cidadania, nem na solidariedade, estou interessado na Estácio de Sá” e continuou afirmando: “A nossa universidade não investe em pesquisa porque é uma inutilidade pomposa que não vale nada, as faculdades privadas não fazem pesquisa porque não querem jogar dinheiro fora”, e concluiu: “A ignorância é uma opção e deve ser respeitada, se você chega ao Nordeste e tem um menino de doze anos trabalhando, vem o cara com educação e diz que ele tem de ir ao colégio, não tem de ir para escola, ele pode não ir para o colégio e estar muito bem”. Tal universidade foi responsável pela aprovação de um analfabeto em seu vestibular. Trata-se de senso comum a correlação entre analfabetismo funcional e manipulação política, a institucionalização dessas práticas contribui para a exponenciação da *mafiazação* de lugares com tendências estruturais.<sup>561</sup>

---

<sup>559</sup> A Prefeitura está a 5 metros de uma grande favela com 12 mil moradores às margens da floresta da Tijuca, inexistindo quaisquer benfeitorias, deixando, assim, o ambiente pronto para a manutenção do pessoal do narcotráfico. *Caros Amigos* em Julho de 2003.

<sup>560</sup> Analisado no capítulo 3.

<sup>561</sup> *Caros Amigos*, edição de dezembro de 2005.

A translúcida segurança do “educador” da Estácio de Sá reflete o poder de pessoas tidas como inatingíveis, porque sabem com quem estão lidando e em qual estrutura suas empresas funcionam, suas ligações políticas são fortes e efetivas, colocando-se acima de qualquer questionamento. A inversão final ocorre quando tais cidadãos são colocados pela grande imprensa como bons prestadores de serviço. Queremos crer que o pensamento do investidor-proprietário da Estácio de Sá não traduza a forma de agir da esfera privada nacional, porém outras práticas lhe fazem companhia, como as efetivadas pela Uniban, cuja rede de propagação política foi firmada com a CUT, através de Vicente Paula de Souza, o Vicentinho, garoto propaganda da instituição em troca de descontos de 30% para os filiados da Central Sindical. A crítica consiste na circunscrição de uma questão nacional a uma dimensão classista.

Heitor Pinto Filho, proprietário da universidade é bastante eclético politicamente, pois foi candidato a vice-governador de Paulo Maluf no governo de São Paulo. Filho acrescenta às brilhantes colocações de Uchoa da Estácio a sua concepção de educador: “Não cabe ao Estado intervir de forma discricionária no nosso domínio, cabe ao Estado administrar o processo, queremos competitividade e qualidade, mercado e concorrência”, discurso incompatível com a realidade, pensando nas salas superlotadas, nos salários sucateados e no boicote aos professores titulados como doutores, porque são mais caros, portanto ele acertou num ponto, a saber, “queremos mais mercado”, caberia acrescentar totalitário neoliberal....<sup>562</sup>

Em paralelo às ações capciosas de alguns donos de instituições de ensino no Brasil, existem *modus operandi* mais explicitamente mafiosos em consonância com condutas clássicas internacionais, tais práticas são engendradas regionalmente na esfera nacional, envolvendo juramento de morte e grupos paramilitares. O emblemático caso de Alagoas envolveu o juiz Marcelo Tadeu Lemos de Oliveira, Renan Calheiros, o coronel João Lyra, o ex-tenente-coronel Manoel Francisco Cavalcante, o funcionário público Carlos Luma Viana e o Grupo Estadual de combate às Organizações Criminosas (GECOC) ou grupo de extermínio.

---

<sup>562</sup> *Caros Amigos*, edição de dezembro de 2005.

Calheiros mantinha fortes relações com o usineiro Lyra através de “laranjas”, Lyra estava sendo investigado por Tadeu, que já havia prendido Cavalcante, acusando-o como chefe do GECOC. Lyra foi acusado de ter encomendado a morte de Silvio Viana em 1996 por este ter investigado dívidas milionárias de usineiros junto ao erário do estado. Em gravação em DVD periciada pela polícia federal, Cavalcante afirmou: “Não revelo detalhes dos crimes que cometi nem por 2 milhões de reais”, admitia ser um sicário de João Lyra e falava abertamente em assassinar o juiz Marcelo Tadeu.

A rede se desdobrou envolvendo os deputados Chico Tenório e João Beltrão, o primeiro foi apontado como o mandante do assassinato do fazendeiro Fernando Fidélis na prisão, que também era investigado em razão de suas ligações como o crime organizado em Alagoas, enquanto o segundo foi responsabilizado pela morte de outro pecuarista, Pedro Daniel de Oliveira Lins por cobrar-lhe uma dívida de 50 mil reais. Beltrão é declaradamente favorável a grupos de extermínio, enquanto Tenório é tido como principal “puxador de voto” para João Lyra.<sup>563</sup>

O relatório sobre grupos de extermínio no Brasil constatou a presença deles em 14 estados brasileiros, os mais perigosos são os denominados justiceiros, contratados por comerciantes; comumente atingem designações além das estipuladas inicialmente, partindo para a extorsão de seus contratantes, podendo evoluir para o tráfico de armas e aluguel delas para pistolagem, certos indivíduos acabam trabalhando para traficantes contra outra facção criminosa. Alguns dos membros dessas agremiações se valem do *status* de “agentes públicos”, pois foram policiais ou ainda são da ativa, quem pode matar alguém, pode cobrar um preço alto para preservar a vida, abrindo espaço para integrantes da corporação que iniciam uma carreira como benfeitores diante dos olhos da sociedade; os meios de comunicação de massa sutilmente estimulam tais práticas, através de alguns programas “sutilmente” favoráveis à pena de morte.<sup>564</sup>

Em território brasileiro, os assassinos contratados têm amplo mercado de atuação, eles agem contra os mais diferentes “inimigos” articulados em

---

<sup>563</sup> Caros Amigos, ed. de Janeiro de 2008.

<sup>564</sup> Material pesquisado na revista *Caros Amigos*, ed. 78 – *O Relatório da Vergonha Nacional*: “Existem 93 processos contra o Brasil na OEA”.

grupos de interesse, como ocorreu em Campinas, cidade na qual o Prefeito Antônio da Costa Santos foi eliminado por uma rede de conspiração, envolvendo imobiliárias, construtoras e tráfico de drogas. O prefeito havia entrado com 10 ações contra as construtoras CBPO e Mendes Jr., ele denunciava o não cumprimento da legislação ambiental e a violação de áreas a serem tombadas como patrimônio histórico, pretendendo com isso frear a especulação imobiliária, dimensão antiga na cidade, por isso bateu de frente com empresários regionais, alguns deles como Jaimes Almeida e Luiz Roberto Zini, que estavam negociando a troca de terrenos para a construção de um *Shopping*. Toninho do PT já havia entregado um dossiê à CPI do Narcotráfico, denunciando o vínculo desses e de outros empresários com o crime organizado em Campinas.

O prefeito era particularmente duro com a especulação imobiliária<sup>565</sup>, repetindo incisivamente: “O crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os interstícios, aproveitando a infraestrutura e não em direção da área rural, que deve ser preservada”, uma das metas do seu Plano Diretor era conter a expansão territorial acelerada na porção setentrional, puxada pelos condomínios de luxo, região na qual ele criou uma APA (Área de proteção Ambiental) sob agressivos protestos dos proprietários locais. A lucidez e a honestidade do prefeito impulsionaram a propaganda negativa, viabilizada pela imprensa da cidade, os donos das empresas de comunicação, também donos de terras, foram afetados pela política antiespeculativa dessa administração municipal.<sup>566</sup>

A expansão do aeroporto de Viracopos abriu um capítulo a mais na trajetória da morte do prefeito, porque havia a necessidade de remanejar 4700 famílias para outras áreas da cidade, Toninho pretendia realocá-las na Avenida Santos Dumont, sem perifereziá-las; traficantes localizados na cabeceira da pista foram veementemente contrários à mudança, em razão da utilização das favelas dali como *bunkers* para drogas e cargas roubadas. A polícia já havia apreendido 341 quilos de cocaína nessa região, droga desaparecida do IML de

---

<sup>565</sup> O penúltimo documento assinado pelo prefeito foi um decreto revogando a permissão de uso, outorgada pelo governo anterior ao loteamento Parque Alto do Taquaral, impedindo o fechamento das ruas do bairro, evitando, assim, a privatização do espaço público.

<sup>566</sup> O bombardeio midiático veio de algumas frentes essenciais, *Correio Popular*, *Diário do Povo* e *EPTV*, esta última retransmissora da *Globo*. O prefeito estava isolado. Análise de matéria publicada pela *Caros Amigos*, set. 2003.

Campinas onde estava estocada, o tráfico na Cidade era comandado por Sônia Maria Aparecida Rossi, vulgo *Maria do Pó*, que possuía ampla desenvoltura nos meios repressores da criminalidade.<sup>567</sup>

Em 2001, o “incômodo” prefeito foi tirado de cena na rodovia Dom Pedro I, local onde foi baleado. Segundo laudos oficiais, os disparos aconteceram porque ele estava “atrapalhando o trânsito”, a cena do crime foi adulterada pela polícia, as armas utilizadas não foram localizadas (Uma 9 mm e outra 45), nenhum empresário contrário a Toninho foi convocado para depor, o acusado, Andinho, nega desde o primeiro momento a autoria do assassinato; o dossiê que incriminava “Maria do Pó” sumiu do carro do prefeito no momento do atentado.

A eliminação do prefeito de Campinas é emblemática neste trabalho à luz dos documentos citados anteriormente sobre impunidade, corrupção, intimidação exemplar e privilégios classistas no Brasil. Além disso, a morte desse político evidencia o sentido de rede envolvendo meios oficiais e os denominados bandidos; a impunidade é prerrogativa elementar das máfias contemporâneas e a intimidação nesse caso demonstrou a potência para silenciar, a priori, pessoas de boa índole, dispostas a inverterem a ordem mafiosa das coisas; a concepção de lugares mafiosos ganha materialidade no intrincamento de certas condições, capazes de criar e recriar nichos criminosos.<sup>568</sup>

Campinas já figurava na CPI como pólo logístico e financeiro do crime organizado, pois incorpora tráfico de drogas, roubo de cargas e lavagem de dinheiro. Essa cidade é a mais industrializada do interior de São Paulo e a terceira praça bancária do país, ali foram detectados depósitos do esquema PC Farias e ligações efetivas com o empresário campineiro William Sozza, braço de uma quadrilha cujas conexões se estendem pelo Maranhão, Acre e Alagoas; a Medley campineira, maior laboratório de genéricos do país, foi denunciada pela venda de componentes para o refino de cocaína.<sup>569</sup>

Campinas não é o pólo principal dos negócios mafiosos no Brasil, quanto maior a dimensão de uma cidade, mais amplas as chances de o crime

---

<sup>567</sup> *Caros Amigos*, set. 2003.

<sup>568</sup> A *Caros Amigos*, ed. de setembro de 2003, foi corajosa ao publicar uma matéria elucidativa, rompendo o silêncio sobre o episódio, típico da grande mídia comprometida.

<sup>569</sup> *Caros Amigos*, set. 2003.

se incrustar, potenciando a capacidade de articular redes e engendrar pivôs na perspectiva dos problemas políticos de âmbito nacional, por isso São Paulo é o palco dos “negócios”, uma cidade global com denotação mafiosa polissêmica em seus múltiplos *bunkers*.

Segundo dados de 2003 existiam 1200 desmanches em São Paulo, número incompatível com o índice de colisões, quando o GAECO intensificou a fiscalização na Av. Rio das Pedras, importante pelo número de estabelecimentos desse tipo de atividade, muitos deles encerraram momentaneamente suas ações, isso coincidiu com a queda em 25% do índice de furtos de carros na cidade<sup>570</sup>, os *bunkers* paulistanos são múltiplos e a rede que os incorpora possibilita ampla mobilidade espacial, articulando mecanismos para driblar possíveis fiscalizações, na acepção clássica do princípio de *Máfia*, quando esta é desbaratada já houve metamorfoseamentos funcionais, isso possibilita qualificar um lugar como mafioso.

O Roubo de caminhões carregados encerra uma dimensão mais complexa, mantendo uma convivência com o mercado consumidor, porque em 60% dos casos são desvios de carga, envolvendo simulação de furto e estorno de ICMS, essa prática assegura a chegada de mercadorias a preço menor ao consumidor através da inserção da mercadoria desviada (sem nota) em meio à mercadoria com nota, a loja recebe os produtos duas vezes e ainda credita o imposto. Uma cidade do potencial consumidor de São Paulo permite uma amplitude significativa desse tipo de ação mafiosa.<sup>571</sup>

A pluralidade de possibilidades encerrada nas grandes cidades brasileiras permite o desenvolvimento de sucessivos eixos criminosos globais, por vezes auferindo um viés étnico. A Yamaguchi-Gumi figura como maior braço mafioso japonês da contemporaneidade, desdobramento da Yakuza ou *Boryokudan*<sup>572</sup>, possui sua sede principal na cidade de Kobe, contudo o Brasil constitui um importante pivô de suas ações em razão dos milhares de descendentes de japoneses aqui existentes, com destaque para o bairro da

---

<sup>570</sup> Segundo dados do sindicato das seguradoras.

<sup>571</sup> São grandes empresas coligadas à transportadoras e distribuidores de mercadorias. Houve o caso do furto no interior de São Paulo de uma carga de tênis de lançamento mundial. Poucos dias depois uma rede de supermercados anunciava a venda desse modelo de tênis a um preço bem inferior ao de mercado. *Caros Amigos*, set. 2003.

<sup>572</sup> Existem outros grupos mafiosos japoneses de menor visibilidade, porém de ação expressiva em Tóquio, como o Inagawa-Kai e o Sumiyoshi-Kai, por volta de 1960 existiam 180.000 membros, hoje reduzidos a 80.000. Ver *Misère et Crime au Japon du XVII siècle à nos Jour* de Philippe Pons.

Liberdade em São Paulo. Em 1994, o líder de tal organização, Hitoshi Tanabe, foi preso em Londrina quando articulava negócios com os cartéis colombianos, a fim enviar cocaína para a Ásia Oriental e para a Rússia; Tanabe (Ver Anexo 20) agenciava mulheres brasileiras com o intuito de mandá-las ao Oriente Médio e a Tóquio como prostitutas, ele mantinha legais suas ações no Brasil através dos elos com a empresa japonesa *Nichika Co* do ramo imobiliário.

Em 1995, a polícia federal brasileira em parceria com a polícia nacional japonesa detectou a presença de membros do grupo terrorista japonês Exército Vermelho na fronteira do Paraguai com o Brasil, tal organização veio do vale de Bekaa, Líbano, com a intenção de montar uma linha de tráfico de cocaína para angariar fundos a fim de financiar suas ações; como eixo do narcotráfico mundial, os grupos japoneses começaram a desdobrar suas atividades pelo território brasileiro.<sup>573</sup> Uma dificuldade para desbaratar organizações criminosas no Brasil é a incorporação de colaboradores da justiça, porque o sistema de proteção à testemunha é uma delegação das ONGs, o Estado brasileiro é incipiente em tais atribuições; a contrapartida é o número de egressos no PCC e no CV em presídios nacionais na perspectiva de rede de proteção, incorrendo em certas fissuras que serão analisadas mais adiante.<sup>574</sup>

Em 1992 foi interceptada em Fortaleza uma organização capaz de explicar o sentido de rede internacional do crime organizado, na qual o Brasil vem assegurando sua efetiva participação. A quadrilha do mafioso italiano Rocco Morabito foi presa com 600 quilos de cocaína, droga com destino à Europa e à ex-URSS, esse evento detectou o primeiro vínculo entre brasileiros, italianos e mafiosos do oriente; o responsável pelo carregamento seria o jordaniano Walid Issa Khmayis.<sup>575</sup> Em 1993, a Kroll<sup>576</sup> entregou um dossiê sobre lavagem de dinheiro no Brasil nos moldes procedimentais das máfias italianas radicadas nos EUA, o dinheiro passava por Miami e pelo Caribe através do esquema arquitetado por Paulo César Farias, o relatório apontava para US\$ 1 bilhão como soma total desviada do Brasil.

---

<sup>573</sup> Valendo-se da vulnerabilidade de nossas fronteiras com analisado anteriormente.

<sup>574</sup> O Brasil está entre os líderes do narcotráfico, numa lista de 130 países - *O Século do Crime* de José Arbex, p. 64.

<sup>575</sup> Ex-integrante da juventude estudantil palestina em Milão.

<sup>576</sup> Empresa particular de investigação de grande expressividade.

A conexão brasileira com o crime mundial transformou o país num importante lugar mafioso há algum tempo, personagens obscuros como o ex-presidente do Panamá, Antonio Manuel Noriega, possuía elos tangenciais com distribuidores de drogas no Brasil, envolvendo contatos com Fabio Ochoa, um dos barões do cartel de Cali. Em 1989, Noriega e Ochoa enviaram Marin Martins para negociar com o traficante brasileiro Toninho Turco a distribuição parcial de 150 quilos de cocaína colombiana por São Paulo e pelo Rio de Janeiro, enquanto o restante deveria ser encaminhado para o Panamá; a operação só veio à tona porque foi desbaratada pela polícia federal a partir de um agente infiltrado.<sup>577</sup>

A dinâmica dos fluxos mafiosos também está presente em sua dimensão étnica, engendrando novos agrupamentos de indivíduos no Brasil, cujas redes não demoraram a ganhar notoriedade no contexto nacional. Em 1991, grupos nigerianos chamaram a atenção da polícia federal em São Paulo em razão da quantidade substancial de cola à base de benzina apreendida com eles, produto oriundo de Franca. Os nigerianos chegaram a essa cidade com o intuito de ingressarem em universidades, contudo a investigação de nossa polícia apontou para uma estrutura alicerçada em São Paulo e conectada à Colômbia, de onde traziam cocaína a fim de enviá-la para Lagos e de lá para Moscou, a rede utilizava a cola de Franca para despistar os cães farejadores, viabilizando o sucesso da ação.<sup>578</sup>

O departamento antinterceptantes dos EUA, *DEA*, desenvolveu uma investigação sobre o narcotráfico no Brasil com resultados capciosos a despeito do controle fronteiriço, pois o nosso país foi considerado rota da maior parte da cocaína traficada no mundo, os policiais obtiveram inquéritos demonstrando a presença de pelo menos dez mafiosos italianos de alto calibre por aqui, além disso, constataram elos nacionais conectando produtores de drogas colombianos e distribuidores americanos. Segundo relatório da *Interpol*, divulgado em outubro de 1995, cinquenta chefes mafiosos italianos viviam no

---

<sup>577</sup> Os agentes policiais estrategicamente infiltrados no crime organizado são designados de X-9, cujas informações são essenciais para interceptar esse tipo de ação mafiosa. Na apreensão de drogas comumente há a informação de um traficante que fugiu no confronto, trata-se do infiltrado. *O Século do Crime*.

<sup>578</sup> Em 1995 havia mais de cem nigerianos presos por todo o Brasil, acusados de envolvimento com o tráfico mundial de cocaína, intermediando russos, colombianos e asiáticos do Triângulo de Ouro, reafirmando assim o papel de *Máfia Trading*, conceito definido neste trabalho.



Brasil, 25 deles em São Paulo; os nigerianos constituem um braço das ações desses *capos* em território nacional.<sup>579</sup> Como analisado nos capítulos anteriores, o neoliberalismo expandiu a miséria aqui existente, proporcionando a multiplicação de pessoas dispostas a adquirir algum meio de sobrevivência, parte delas é facilmente cooptada pelos fluxos criminais.

A inépcia do Estado na gestão dos lugares mais carentes é uma questão corrente em relação à difusão dos negócios ilícitos, que incorporam muitas populações pobres aos seus fluxos, contudo alguns casos são mais intrigantes. Nos morros do Rio de Janeiro há bairros denominados de Vila Miséria, tratam-se de lugares formados por mendigos que pedem esmolas ao miserável, correspondem a pessoas com doenças graves e degenerativas, ou idosas para as quais o ambiente geográfico de instalação da favela funciona como verdadeiro obstáculo à locomoção; caso não tenha alguém para fornecer-lhes alimentos, morrerão de fome, porque estão incapacitadas de descerem o morro, se o fizessem, teriam enormes dificuldades em retornar para o barraco, logo são indivíduos isolados espacialmente, apesar de ocuparem um trecho do sítio urbano carioca, por isso dependem da caridade de outrem, em muitos casos dos traficantes, que dominam os fluxos locais, cuja caridade é retribuída na forma de *Omertá*<sup>580</sup> ou na logística de circulação de drogas.

Alguns dados estatísticos denotam a dimensão da violência e do desamparo das áreas mais pobres das grandes cidades, auferindo uma dimensão emblemática, por exemplo, ferimentos com armas de alto calibre. No Rio de Janeiro, a soma de um mês de ocorrência desses ferimentos corresponde ao total de um ano em Israel, lembrando que o país judeu está incrustado numa região de enorme imprecisão fronteiriça, incorrendo em contínuos atentados<sup>581</sup>, trata-se de uma leitura sintomática de um lugar com potência para as ações criminosas mundiais, cuja articulação indica algumas cidades do país como ponto de convergência de organizações internacionais. O Brasil reúne plenas condições para instalação de grupos criminais, exponenciadas com a introdução do modelo neoliberal e suas iminentes privatizações, delegando a dimensão social a último plano; ao julgar pelos

---

<sup>579</sup> Cabe lembrar que a indústria química brasileira está bem capacitada para fornecer os insumos básicos ao refino de algumas drogas.

<sup>580</sup> Código do silêncio, clássico da ação mafiosa.

<sup>581</sup> Dados dos jornais brasileiros de fevereiro/2007.

resultados socioeconômicos gerais, podemos afirmar que moradias minimamente descentes e políticas sólidas de emprego e de educação são estratégicas no combate às estruturas mafiosas, isso possibilitaria silenciar capciosas esterotípias.

Em 1992, a operação *Green Ice* instituída em seis países detectou uma importante conexão entre Rio de Janeiro e as máfias italianas responsável pela lavagem de US\$ 1 bilhão, sob o comando do italiano naturalizado brasileiro, Sebastião Sampietri, o dinheiro pertencia ao cartel de Cali. Segundo Walter F. Maierovitch é mais difícil combater o crime organizado em Estados Federados como o Brasil em comparação com Estados Unitários, a exemplo da Itália, pois aqui as forças de ordem (as várias polícias, os ministérios públicos, a Justiça Federal e as estaduais) das várias unidades apresentam falhas de comunicação entre si, enquanto a ação mafiosa age com desenvoltura pelo território nacional.

O sorriso estampado no rosto de Salvatore Cacciola, extraditado para cá em 2008 é mais que um traço de personalidade, trata-se da confiança no sistema judiciário nacional e nos seus respectivos *lobbies*. No Brasil, o Ministério Público não pode interferir no trabalho da Polícia Judiciária, levando à letargia de inúmeras investigações e processos. No sistema italiano, uma polícia autônoma, a *Guarda de Finanças*, trabalha para o Ministério Público, no geral, o Estado italiano procura demonstrar sua força diante da criminalidade organizada.<sup>582</sup>

O desenvolvimento de elos criminais é imprevisível, porém os grupos mafiosos estão prontos para arregimentar quaisquer populações impossibilitadas de reproduzir a vida na economia formal. O Polígono da Maconha (Ver anexo 32), assentado em Pernambuco, ilustra as consequências da falência do sistema agrícola local, configurando mais um elo na trajetória da narcocracia no Brasil, articulando um espaço específico da circulação relacionado à comercialização dessa droga. No Sertão de Pernambuco, o Polígono da Maconha envolve os municípios de Salgueiro, Floresta, Belém de

---

<sup>582</sup> Ver *Carta Capital* de 02-04-2003 e pesquisa de campo na Itália em julho de 2008. Sobre Cacciola ver matéria sobre as investigações e silenciamento de delegados federais na *Carta Capital* de 23 de julho de 2008.

São Francisco, Camaubeira, Cabrobó, Santa Maria, Orocó, Lagoa Grande, dentre outros.<sup>583</sup> Das dimensões mais inusitadas emergem possibilidades de ganhos ilícitos, incrustando crimes com potência de organização em meio a problemas sociais, assim surgiram grupos já considerados clássicos no Brasil, como o Comando Vermelho.

O Comando Vermelho surgiu da necessidade de os detentos se livrarem das perversões praticadas por parte da polícia sobre suas famílias, o processo consistia em extorquir dinheiro das esposas dos presos, ameaçando espancá-los em caso de inadimplência. O C.V. teve sua gênese para colocar fim a tais práticas, exponenciando a violência, pois a ordem da organização era eliminar os policiais e suas famílias. Esse foi o contexto de surgimento de outro grupo denominado Comando Jacaré, sob influência da polícia e em guerra com o Comando Vermelho, dando um tom de luta de facções, o Jacaré foi eliminado pelo C.V, momento de surgimento do Terceiro Comando, obedecendo as mesmas diretrizes de seu antecessor.

A compreensão desse processo nos fornece uma visibilidade não-espetacular da violência no Rio de Janeiro, comumente atribuída exclusivamente ao narcotráfico e a bandidos rebelados em presídios. Os policiais brasileiros mantêm uma perigosa proximidade geográfica com os bandidos, consequência dos salários pouco dignos e incompatíveis ao risco da profissão, reproduzindo uma lógica nacional de má distribuição de renda, por isso muitos indivíduos dessa classe se tornam vulneráveis ao complexo intrincamento de redes como o C.V, conforme elucidou Louzeiro.<sup>584</sup>

A estrutura física de alguns presídios favorece o desenvolvimento de organizações contra qualquer grupo policial, pois os detentos são submetidos a um ambiente típico de tortura. Louzeiro analisa o caso do Bangu, no Rio de Janeiro: “Uma prisão edificada para enlouquecer as pessoas, lá existem 6 celas de cada lado e o teto é coberto por grade de ferro eletrificada, com espaço super restrito no interior, eles nunca saem de lá, nem para tomar sol,

---

<sup>583</sup> *Cadernos do Terceiro Mundo*, ed. 213.

<sup>584</sup> Sobre esse polêmico assunto ver a entrevista esclarecedora de José Louzeiro: “A guerra no Morro resulta do fogo cruzado entre o C.V. e o 3º Comando, a ditadura para quem mora lá resulta, ora da ação policial, ora do bandido..... Você nunca leu em algum jornal que o 3º Comando tem influência da polícia, o que ele quer? Ao invés de receber comissão, deseja o grosso do dinheiro..... A polícia também banca o crime, consiste em pegar o bandido que pegaria 30 anos de prisão e deixar por 10, porque ele compra os outros 20” - *Caros Amigos* de Agosto de 2002, p. 38 e 39.

assim alguns detentos desenvolvem sérias neuroses, como Paulo Maluco, excelente desenhista. Paulo Maluco enchia as paredes de sua cela com desenhos, criando inúmeros personagens para conversar com ele, às vezes não parava de falar, gritava consigo mesmo e com as imagens por ele criadas”. A potência de tais incongruências para a formação de lugares mafiosos a partir da articulação de novas redes é enorme, sem grades, mas profícua em nível de produção de neuroses, são as favelas com seus elos junto aos presídios.

O crime incrustado em favelas e nos presídios do sudeste do país, como os problemas rurais enfrentados no nordeste ilustram uma complexa problemática relacionada ao combate às máfias no território nacional, tendo em vista seu caráter oportunista. Segundo o Observatório geopolítico das Drogas, países como o Brasil se encaixam numa terceira categoria criminosa, a saber, Estados sensíveis envolvendo casos individuais de corrupção do aparelho governamental<sup>585</sup>, enquanto países como a Colômbia ou México são enquadrados no primeiro grupo (NarcoEstados), contudo os três tipos estão intrincados em redes internacionais, utilizando potenciais existentes em cada região, no caso brasileiro é a corrupção, que apresenta algumas particularidades em relação ao quesito impunidade envolvendo o Foro da Prerrogativa da Função.

O foro privilegiado dos políticos no STF<sup>586</sup> dificulta as investigações relacionadas à corrupção, abortando prerrogativas referentes ao resgate de capitais e à punição de infratores, as alianças entre políticos de conduta duvidosa com pessoas de influência econômica tende a imunizar os dois grupos. Em escândalos de expressiva magnitude, como o caso do Banestado, figuravam nomes de alto calibre da política e da mídia brasileiras. Segundo Aras: “A data de prescrição desses crimes no Brasil é de 12 anos. Para simplificar o processo de investigação, a estratégia é dividir em grupos, daí o Merchants, o Beacon Hill, MTB, o Lespin, levando às operações: Macuco em Foz para investigar o Banestado, Farol da Colina centrado no Beacon Hill,

---

<sup>585</sup> As três categorias do observatório foram discutidas no início do capítulo 5.

<sup>586</sup> Até o presente, nenhum político foi condenado no STF. Em 2002, FHC valeu-se de medida provisória 10.628 para alterar o Código de Processo Penal, estabelecendo hipóteses mais amplas de Foro Privilegiado, num contexto em que o próprio Supremo questionava a súmula 394, que delegava o Foro Privilegiado a políticos e ex-políticos envolvidos em atividades ilícitas.

Zero Absoluto sobre o Merchants”.<sup>587</sup> A correlação da complexa dimensão do *Lobby* com o dispositivo legal de imunidade encerra no Brasil um dos elos do profícuo ambiente à propagação dos negócios mafiosos.

Arbex e Tognolli<sup>588</sup> analisaram uma operação de lavagem envolvendo renomadas instituições bancárias: “A PF descobriu que o libanês Nasrat Mohamad Jamil mantinha contas correntes vultosas no *Manhattan City Bank* e no Banco Holandês, prontas para transferências internacionais de fundos para contas no *Chase Manhattan Bank*. Os narcodólares chegavam à *Ciudad del Este*, onde eram retirados e depositados no Banco Bamerindus; em seguida, o dinheiro era pulverizado em várias contas correntes abertas em nome de pessoas que não existiam, os chamados fantasmas.

Seguindo a rota dos depósitos, localizou-se uma conta do Cartel de Cali aberta somente para comprar tabaco, objetivando camuflar a cocaína confiscada no Brasil, as primeiras pistas surgiram quando Jose David Hadad enviou US\$ 70 mil em ordens de pagamento pelo Bamerindus de Foz de Iguaçu para sete agências do Banco do Brasil, a desova terminava em contas nas cidades de Catanduva, Chapecó, Concórdia, Capôs Novos, Erval do Oeste (SC) e em Santa Cruz do Sul e Erechim (RS). As contas de *Ciudad del Este* permitiram a compra do Rancho Alvorada (TO), onde 7,5 t de cocaína estavam estocadas, além de barcos e carros incorporados por 3 companhias montadas para mascarar o envio da cocaína para o exterior, a OUT COMÉRCIO, STAREX E COMERCIAL MASSARI DE TABACOS.<sup>589</sup> A rede brasileira dos negócios obscuros está em contínua expansão, eventos circunstâncias agregam aos dispositivos clássicos de lavagem novas possibilidades do jogo ilícito da política nacional.

A organização dos jogos Panamericanos em 2007 fornece uma boa compreensão dos mecanismos mafiosos, envolvendo vultosos recursos e tráfico de influência. Carlos Arthur Nuzman<sup>590</sup>, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), a figurinista da equipe, o dono da empresa de turismo, a prestadora de serviço à equipe e o grupo responsável pela abertura e encerramento do evento fizeram parte de uma rede associada a várias

---

<sup>587</sup> Entrevista com o procurador Vladimir Aras - *Caros Amigos* de setembro de 2005.

<sup>588</sup> Em *O Século do Crime*, p. 77.

<sup>589</sup> Em *O Século do Crime*.

<sup>590</sup> Fluente nos meios governamentais.

denúncias de fraudes no processo de licitação. A empresa organizadora foi o CO-Rio, presidida por Nuzman e responsável pela inserção dos recursos advindos da prefeitura, do Ministério dos Esportes, do governo do Estado e das empresas privadas. A previsão inicial dos gastos para o desenvolvimento do evento era de 720 milhões de reais, contudo ultrapassou os 2,5 bilhões, o TCU elaborou 4 relatórios indicando estouro de orçamento e atraso de obras. A questão foi obscurecida pela mídia de massa, por ser “sócia” do empreendimento enquanto retransmissora das competições, ela preferiu não tocar no assunto, a fim de evitar constrangimentos.

O último relatório do Tribunal de Contas da União de 16-05-2007 constatou: “As instalações e a infraestrutura do projeto foram superdimensionados, incompatíveis com a magnitude do evento, e o orçamento inicial não condiz com os atuais gastos”. Muitas obras atenderam à pressão da iniciativa privada, abrindo precedente para manipulação de áreas tombadas no Rio de Janeiro, por exemplo, na Marina da Glória, onde foram realizadas as provas de iatismo, preparando o terreno para a posterior construção de um *shopping*.

Uma das construtoras da Vila Olímpica não possuía capital suficiente para participar da licitação, Nuzman convenceu o ministro Ângelo Queiroz a pedir ao presidente da república a edição de medida provisória (nº 171), a fim de antecipar o pagamento da vila olímpica no valor necessário para registrar o capital e ganhar a concorrência. O governo federal bancou as passagens para cerca de mil cartolas em valor estimado de 22 milhões de reais. Trajano e Kfourri romperam o silêncio imposto pela imprensa de massa e analisaram o *Mafiopan*: “O PAN não possui expressividade mundial, EUA, Canadá e Argentina mandaram suas segundas ou terceiras equipes, o Brasil vai sair vitorioso nessas condições..... As obras são absolutamente sem nexos, diversas promessas foram feitas para angariar apoio popular, como a construção de uma linha de metrô no Centro ao Engenhão e a despoluição da baía de Guanabara.”<sup>591</sup>

O esporte no Brasil é um meio peculiar para a difusão de negócios pouco transparentes. Nos EUA, os clubes desportivos são denominados de

---

<sup>591</sup> Entrevista com José Trajano e Juca Kfourri - *Caros Amigos*, ed. de junho de 2007, p. 12 a 14.

franquias, enquanto no Brasil tal termo é considerado ofensivo, por aqui eles são ideologicamente denominados de clubes, entidades amadoras e sem fins lucrativos, portanto o controle por parte da fiscalização pública é bem flexível e os próprios dirigentes não mantêm uma contabilidade legal, abrindo espaço para potenciais diretorias de índole duvidosa, caracterizando um grupo conhecido como Cartolas, indivíduos que trabalham em prol do clube por “amor”, sem receber salários, muitos deles são reconhecidos pelas torcidas como padrinhos e protetores dos times. Como recompensa pela grande dedicação, tais administradores constroem um vasto patrimônio à custa dos times, o melhor exemplo desse processo é Eurico Miranda, padrinho do Vasco, sem dúvida um cidadão de calibre internacional no contexto deste trabalho.<sup>592</sup>

Diante da complexidade enquadrada nos negócios mafiosos no Brasil, alguns setores e seus respectivos artífices são considerados ícones nacionais e internacionais acima de quaisquer suspeitas, envolvendo um jogo de manipulação de massa de exime eficácia. Durante o governo FHC, Pelé, à frente do Ministério do Esporte, propôs uma lei objetivando transformar os clubes em empresas capitalistas transparentes, com registros abertos e administradores responsáveis, contudo o *Lobby* do futebol foi mais eficiente e o próprio autor da lei observou a conveniência de compor com tais elementos, ao invés de bater de frente com eles.<sup>593</sup>

No momento em que haveria necessidade de polarização de posturas no Congresso nacional, o “rei” retrocedeu, as reformas foram anuladas em frente ao abraço fraterno de Pelé e Ricardo Teixeira diante das câmeras de televisão, assim a cartolagem, termo brasileiro no contexto futebolístico para *Máfia*, manteve-se intacta. O sociólogo Edward Banfield<sup>594</sup> explica como as sociedades ou indivíduos mais ancorados na família e num forte senso de

---

<sup>592</sup> Em 1998, o Vasco havia recebido 34 milhões de dólares do *NationsBank*, dinheiro suficiente para manter o clube por vários anos, contudo dois anos depois, o dinheiro tinha evaporado, enquanto figuravam depósitos milionários em contas em empresas nas Bahamas da família Miranda, como a *Liberal Banking Corporation Limited*. O escândalo adquiriu tamanha proporção, impossibilitando a manutenção do tom protetor do dirigente do time, que inclusive perdeu sua imunidade parlamentar de deputado - *Como o Futebol Explica o Mundo*, p. 107.

<sup>593</sup> *Como o Futebol Explica o Mundo*, p. 119 a 121. Fouer segue sua análise: “Em 2001, Pelé embolsou 700 mil dólares de um jogo beneficente, promovido pela sua empresa *Sports & Marketing*, cujo destino seria a Unicef.”

<sup>594</sup> Em *The moral Basis of a Backward Society*.

obrigação são os mais propensos ao nepotismo e ao clientelismo, obra contundente à compreensão desse ícone do futebol brasileiro.

Apesar do brilhantismo em inúmeras operações, a polícia federal brasileira também apresentou algumas incongruências em nível de gestão, particularmente em relação à autonomia para lidar com problemas que deveriam dizer respeito aos arautos da governabilidade nacional, questão referente ao dinheiro para o operacional das ações de combate ao narcotráfico, verba vinda dos EUA. O pessoal do Centro de Dados Operacionais (CDO) de nossa polícia trabalha em regime de informação compartilhada com a *CIA*, enquanto o *DEA* repassa verbas para a Divisão de Repressão aos Entorpecentes (DRE).

Esse auxílio financeiro não é uma obra filantrópica, mas uma tática de comando, pois quem paga dá as ordens, inclusive abrindo espaço para a ampla espionagem em território brasileiro, por trás está a prerrogativa de o Brasil ter de prestar contas frente à embaixada americana em troca de 10 a 15 milhões de dólares ao ano. Essa é uma dimensão agressiva da desterritorialidade configurada no Brasil, permitindo o livre trânsito de agentes estrangeiros de espionagem. A revista *Carta Capital* produziu 8 matérias de capa sobre o assunto<sup>595</sup>, e a *Caros Amigos* trouxe uma entrevista com Bob Fernandes, que investigou o caso há algum tempo.<sup>596</sup> Na perspectiva da articulação das redes mafiosas, cabe lembrar que a imprensa de massa não apresentou uma linha sobre tal processo em território brasileiro.

Articulada às várias conexões estrangeiras e suas difusões regionais pelo país, no Brasil se produziram organizações mafiosas endógenas, como a Scuderie Detevive Le Cocq, constatada em 1996 num relatório publicado em Brasília assinado pelo delegado Francisco Vicente Badenes e pelo promotor de justiça Luís Renato. A Scuderie foi apontada como a maior organização criminosa nacional, formada por policiais civis e militares do Espírito Santo com ramificações no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e em Brasília; dentre suas ações constam o extermínio de meninos de rua, roubo de carros, tráfico de

---

<sup>595</sup> São elas: *Os Porões do Brasil; CIA e DEA Pintam e Bordam no Brasil; Temos o Dinheiro, As Regras são Nossas; Um Espião abre a Boca; A Prova: Como os EUA pagam Contas da Polícia Federal; Os EUA Grampearam a Alvorada; A Lista dos Espiões Americanos no Brasil; Dois Delegados da PF revelam a História da CIA no Brasil.*

<sup>596</sup> Ed. 86 de maio de 2004, p. 34 a 41.



drogas, sequestros e extorsão. Muitos empresários vinculados ao tráfico financiam campanhas políticas regionais e até nacionais, em razão de tal expediente podem colocar o aparato político a seu serviço, caracterizando a emergência de uma narcocracia brasileira.

O dossiê destacava a presença de mais de mil pessoas na tal organização, envolvendo um juiz, um promotor, fiscais da fazenda e um coronel do exército, o grupo constitui uma rede bem articulada em âmbito interestadual; com a notória força da Scuderie os vínculos internacionais não tardaram a se consolidar, caracterizando-se como principal elo entre os cartéis colombianos e o tráfico dos morros do Rio de Janeiro. Os membros da organização estão bem apoiados por um aparelho jurídico de advocacia criminal, especializado em prestar assessoria aos associados.

O detetive Milton Le Cocq foi um dos fundadores do Esquadrão da Morte no Rio de Janeiro, ali os membros formaram um grupo denominado “Os 12 Homens de Ouro”, cada um era chefe de turma e com funções específicas, no caso, perseguição aos comunistas de outrora, “caça” as prostitutas, morte por encomenda ou eliminação de inimigos.<sup>597</sup> Comparando-se ao funcionamento estrutural clássico de uma máfia, a Scuderie está bem posicionada.<sup>598</sup> (Ver Anexo 33)

A Scuderie se autodefine como instituição benemérita e filantrópica, sem fins lucrativos e com o objetivo de servir à comunidade, a organização mantém um serviço de assistência social para conquistar a simpatia da população carente. Trata-se de uma rede de amplo espectro, atuando pelo território brasileiro, o dossiê de maio de 1996 revela ligações da Scuderie com outras agremiações de classe, constando da lista o Sindicato da Polícia Civil do ES, o Sindicato dos Transportes Rodoviários e a União democrática Ruralista.<sup>599</sup> O agronegócio está bem calcado no quadro político nacional e sua estrutura financia tangencialmente o desenvolvimento de certas organizações.

O modelo econômico agroexportador, intrincado na histórica problemática social no campo oferece sua contribuição à expansão mafiosa no Brasil, no interior paulista o trabalhador volante precisa cumprir elevadas cotas

---

<sup>597</sup> Referências em *Caros Amigos* de Agosto de 2002, p. 38.

<sup>598</sup> Ver organização das máfias italianas, nigerianas, americanas, russas, cap. 5.

<sup>599</sup> *O Século do Crime*, p. 80.

diárias de corte de cana, que demanda grande esforço físico, impulsionando o consumo de certas substâncias para suportar o ritmo extenuante de trabalho, como descreveu Antunes.<sup>600</sup> Nesse contexto houve a proliferação do consumo de drogas sintéticas, como a obscura injeção amarelinha ou o tradicional crack, essa questão levou ao desenvolvimento da máfia da droga em Ribeirão Preto.

Considerando o movimento de organizações como o PCC e o CV em suas supostas ideologias identificadas com certas classes sociais em relação aos discursos de grupos como Scuderie e suas alianças, delinea-se no Brasil um caminho capcioso da estabilidade social, tendo como pano de fundo as articulações criminosas em rede além do território nacional, engendrando-se nas várias problemáticas regionais. O discurso de José de Jesus, membro do PCC, explica uma das causas da difusão da organização: “O PCC fascina os jovens da periferia e das favelas, porque eles se sentem respeitados e acolhidos numa sociedade em que a família o desrespeita, a polícia o agride, o juiz o humilha e a igreja não o quer. São jovens que cumprem missões como se tivessem sido treinados desde a infância para esse fim”.<sup>601</sup>

Os meios de comunicação construíram a imagem de intermediários entre a população e o poder, atributo cabível aos partidos políticos e a seus representantes. A sensação de abandono, derivada da falta de respostas das autoridades competentes e o deslocamento dos interesses da elite governante ajudaram a criar outro papel para a imprensa, o de polícia moralista, dando voz aos desamparados, delegando-lhes a falsa sensação de poder mediante um estilo sensacionalista de denúncia; tal prática rende ibope, angariando generosos anunciantes. Quando um indivíduo influente comete um crime, a imprensa não o chama de bandido, mas de uma pessoa acusada de alguma coisa, normalmente dando-lhe voz, com isso se procura enaltecer as circunstâncias que o impulsionaram ao crime, valorizando sua história de vida, a mesma conduta não é observada em relação às populações de baixa renda das periferias.<sup>602</sup>

---

<sup>600</sup> Ricardo Antunes em *O Avesso do Trabalho*, p. 48, cita os 9700 golpes de facão desfechados pelos bóias-frias, a fim de cumprirem as metas de 10 t/dia de cana cortada, por isso a necessidade de certas substâncias para aguentar o ritmo imposto e contornar a “Birola”, doença assim denominada pelos trabalhadores, caracterizada por convulsões, tremedeiras e suores, decorrente do esforço desmesurado.

<sup>601</sup> Publicado pela *Caros Amigos*, edição especial de maio de 2006.

<sup>602</sup> Ver *Geografia do crime: Interdisciplinaridade e Relevâncias* – Sueli Andruccioli Felix.

As possibilidades de desenvolvimento de negócios obscuros no Brasil são múltiplas, envolvendo as mais diferentes instâncias, oscilando das periferias abandonadas pelo Estado aos mais influentes quadros do governo. Projetos estratégicos como o SIVAM evidenciam seus limites na regulação das fronteiras quando analisamos a forma de gestão, a intenção seria contribuir no desmantelamento de possíveis violações de fronteira na Amazônia legal, logo coibição ao narcotráfico, contudo o projeto esteve envolto em corrupção, associada a privilégios no processo de licitação dos equipamentos.

A mídia não deu a devida visibilidade à dimensão da geopolítica estadunidense no norte da América do Sul, envolvendo a empresa *Raytheon* e o questionamento de viabilidade por parte do exército brasileiro, evidenciando um modelo reprodutor de ingerência num país incapaz de impor suas diretrizes, definindo uma prerrogativa sobre a máfia de *internacionalização fronteira*<sup>603</sup> da Amazônia articulada à complexa questão do *Lobby*, consolidando o Brasil como o principal ponto de trânsito de máfias internacionais.

A extensão das atitudes mafiosas articula diferentes esferas da economia no Brasil, cartelizando sensíveis setores através de sutis expedientes. Em setores como o farmacêutico, tais práticas não estão circunscritas apenas à dimensão mercadológica, mas envolve também *Dumping* contra os genéricos.<sup>604</sup> O cartel dos laboratórios conta com a conivência das drogarias em relação ao uso das gôndolas, pois as da altura dos olhos do freguês pagam um aluguel maior que as demais, a força financeira está com os grandes grupos para melhor posicionar seus produtos. O mesmo poder das corporações é capaz de cooptar os médicos, pagando-lhes viagens e hotéis em troca da difusão de suas marcas, o cerco é fechado quando alguns políticos insistem em não abordar a questão no Congresso, evidenciando os *lobbies* dos laboratórios, que envolvem recursos de campanhas e o silêncio da mídia de massa, neste último caso calcado no medo de perder um expressivo grupo de anunciantes.

---

<sup>603</sup> Aqui criada a expressão internacionalização fronteira, porque na prática muitas empresas estrangeiras atuam há tempo e com desenvoltura pelo território amazônico, como analisa Berta Becker em *Amazônia* ou Carlos Valter Porto Gonçalves em *Amazônia, Amazônias*. O SIVAM fere preceitos básicos estabelecidos na Lei de Segurança Nacional. Ver também *O Mapa da Corrupção do Governo FHC* de Larissa Bortoni e Ronaldo de Moura.

<sup>604</sup> A Abifarma promoveu uma reunião com representantes dos laboratórios onde foi discutida a estratégia para desacreditar os medicamentos genéricos. A organização lançaria uma campanha nacional contra eles - *Cadernos do Terceiro Mundo*, ed. 215, p. 18-19.

O Brasil apresenta múltiplas possibilidades para ações criminosas de espectro internacional e interregional, dentre elas, o turismo sexual, algo extremamente polêmico e constrangedor, mediante entrevistas com estrangeiros e pessoas ligadas à vinda deles para cá, descobri que o pacote turístico inclui a mulher ou criança como parte do “lazer”<sup>605</sup>, esses indivíduos usufruem de um grande problema nacional, a saber, a pobreza e a desesperança com o mínimo de subsistência digna. (Ver anexo 34) O agenciamento não é apenas externo, mas daqui muitas garotas são enviadas para países como Suíça, Áustria, Alemanha e Holanda<sup>606</sup>, por vezes a iniciação dos abusos decorre do agenciamento como domésticas em território brasileiro a partir da contratação de nordestinas por famílias do sudeste, o Maranhão merece destaque, estado no qual é comum garotas serem violentadas pelos patrões. Ganhar visibilidade depende da camada social afligida, a ausência de auditabilidade implica na cegueira diante do problema.<sup>607</sup> A conexão externa-interna e a interna-interna apontam para um importante elo com a rede mafiosa internacional especializada em prostituição, como a européia.<sup>608</sup>

O polissêmico *modus operandi* mafioso não teria fluidez espacial, caso a ablução de recursos não envolvesse diferentes mecanismos financeiros, líquidos por excelência, como a *SWIFT* e *Hawala*, ambos analisados nos capítulos anteriores. No Brasil, a versão desses veículos são as contas CC5 (Ver anexo 35), instrumentos essenciais no processo de lavagem de dinheiro, elas recebem esse nome porque foram criadas por uma carta circular nº5 do Banco Central durante o regime militar, cuja intencionalidade residia em viabilizar maior facilidade para a tramitação de capital do exterior para cá e vice-versa, a ideia seria facilitar a vida de embaixadores e diplomatas. A diretriz básica dessas contas é a possibilidade de enviar dinheiro em quantidades expressivas, partindo da premissa de que o indivíduo à frente do processo seja proprietário do montante e tenha pagado por ele os respectivos tributos. O

---

<sup>605</sup> Itália e EUA foram os casos levantados.

<sup>606</sup> Ver Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos em colaboração com a *Global Exchange*, p. 199 a 212 e trabalho de campo na Itália em julho de 2008.

<sup>607</sup> “A mulher na classe das denominadas prostitutas pertence à complexidade da trama das relações sociais, tanto diurnas como noturnas, tanto verticais como horizontais, aconselhando a moderação em qualquer tendência para juízos peremptórios, definitivos” - *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago.

<sup>608</sup> Ver capítulo 5.

Banco Central estendeu, sem limite, o valor remetido com o pretexto de facilitar a repatriação de dinheiro da Cidade do Leste (Paraguai) em Foz de Iguaçu, baseado no preceito de brasileiros atravessarem a ponte, comprarem em reais, deixando nosso dinheiro parado no país vizinho; para trazê-lo de volta surge o expediente CC5.

As contas CC5 em Foz de Iguaçu eram dos residentes do exterior, concomitantemente comerciantes e cambistas paraguaios, contudo o volume de movimentação nessas contas destoou em relação ao montante depositado. O atributo CC5 foi delegado a cinco bancos (Banco do Brasil, Araucária, Bemge, Banestado e Real), privilegiados com a concessão do próprio Banco Central, o Araucária possuía duas agências, uma em Foz e outra em Curitiba, a escolha de tal instituição inspirava investigação por não se tratar de um banco de grande expressividade a ponto de receber autorização especial, questão melhor compreendida quando identificado seu proprietário, o senador Bornhausen com sua poderosa influência na política nacional, explicando a necessária rede para a configuração desses negócios.

Um engenhoso processo de lavagem em Foz envolve o dinheiro vindo do Paraguai em carro-forte no limite de R\$ 1 milhão por veículo, porém investigações da PF detectaram a entrada de 50 carros num curto período, e num montante superior a 150 milhões de reais, levando à conclusão de que o dinheiro tramitava de outros lugares, utilizando-se dessa “porta aberta” para conectar os doleiros da região e os diretores dos bancos citados num esquema de “laranjas” (moradores de Foz ou funcionários das casas de câmbio), anteparos das *Offshore*, obscurecendo os depositantes.

O esquema consistia em trafegar em Foz de Iguaçu com o dinheiro em carro-forte, usando a cinta de identificação do Banco do Brasil, o veículo saía e voltava com o mesmo dinheiro ao banco da cidade, camuflando a lavagem; o procurador Celso Três foi o primeiro a investigar as contas CC-5 nessa trama mafiosa, ele identificou 35 mil delas em todo o Brasil, o Banestado era o principal foco da rede com 137 contas suspeitas na agência de Nova Iorque e muitas em Cayman, o desenvolvimento do processo esbarrou nas dificuldades impostas pelo paraíso fiscal.<sup>609</sup>

---

<sup>609</sup> Referências em *Caros Amigos*, nº 25 de setembro de 2005.

O funcionamento das CC-5 é simples de executar, mas difícil de descobrir, porque se oculta em meio a milhões de operações bancárias legais, o processo começa com a abertura de contas em nome de pessoas humildes, mediante pagamentos entre R\$500,00 e R\$1000,00. O Banco Rural foi ilustrativo à compreensão desse processo, a instituição realizava suas operações financeiras através de 3 agências distintas, uma do banco *Rural Uruguay* em Belo Horizonte e duas em Foz de Iguaçu, sendo uma do *Rural Uruguay* e outra do *Rural International Bank*, este último com sede em Bahamas, trabalhando com duas mesas de câmbio distintas, uma oficial e uma clandestina.

Pela mesa oficial, os laranjas destinavam o dinheiro para contas deles mesmos no exterior, entrando em cena a mesa clandestina, cuja função era desviar o dinheiro para contas de doleiros nos EUA. Outra modalidade adotada pelo Rural consistia na operação por meio de contas inativas de pessoas físicas e jurídicas, visando ocultar recursos criminosos e blindar patrimônios e caixa-dois de empresas. O banco acolheu cheques sem reconhecer que se destinavam a operações de crédito internacionais CC5, em apenas 3 dessas contas as transferências chegaram a 430 milhões de dólares.<sup>610</sup> Uma das justificativas governamentais para a falta de julgamento dessas questões residiria na falta de pessoal no judiciário, daí a prescrição de vários crimes contra o erário nacional

Em 2005, o Brasil contava com mais de 13,4 mil juízes, definindo uma média de mais de sete juízes para cada cem mil habitantes; segundo a ONU uma boa cifra, além disso, o quadro auxiliar conta com 246 mil pessoas, portanto esses dados contrariam algumas justificativas apontadas pelo judiciário nacional como responsáveis pela morosidade de nossa justiça. Outro fato importante é a conduta ideológica classista estabelecida dentro das universidades, segundo Grijalbo Coltinho, ex-presidente da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho, os cursos tendem a direitizar os estudantes através de uma conduta positivista estabelecida nas aulas, onde as leis jamais são questionadas em sua coerência social, consideradas apenas de forma pura e seca, isso assegura a reprodução do *status quo* e não coloca

---

<sup>610</sup> *Caros Amigos*, n° 25 de setembro de 2005.

em evidência as inúmeras distorções sociais nacionais, além de abrir precedente para as ações impessoais de vários magistrados.

A rede da impessoalidade social se completa em consonância com o Executivo, responsável pela escolha dos magistrados de alto escalão, portanto juizes de visão mais ampla e questionadores vão encontrar dificuldades para ascender na carreira, pois não passariam pelo crivo político do primeiro poder, não existe interesse em promover juizes independentes, tendo em vista questões como o *Lobby* e a força das corporações, parte do judiciário brasileiro está atrelada ao Banco Mundial e aos grandes conglomerados financeiros e industriais, portanto o julgamento de inúmeras questões de interesse da maioria da população ocorre em favor de minorias altamente influentes, denotando uma rede pulverizada de influências numa totalidade política.

Grijalbo cita o documento de número 319, responsável pelo estabelecimento das diretrizes impostas ao setor judiciário na América Latina e no Caribe, traduzindo a expectativa de interferência do capital internacional nos processos de reforma do Estado dos países da região e pregando o fim da independência dos juizes a partir da criação de mecanismos alternativos de subordinação, concentrando mais poder nas cúpulas políticas.<sup>611</sup>

Existe um paradoxo em relação às críticas apontadas pela ONU e pelo *The Economist* em relação ao funcionamento de aparatos mafiosos no Brasil, faltou-lhes uma perspectiva holística na análise, pois desconsideram a dimensão do grande capital como co-responsável pelas distorções presentes no judiciário brasileiro; a organização elitista é um problema nosso, porém exponenciada por uma estrutura neoliberal de pensamento único, na qual prevalecem totalitariamente as forças do mercado que conspiram contra a efetiva realização da justiça. Assim, um conservadorismo imanente ao poder nacional se torna mais consonante com as diretrizes internacionais e nacionais impulsionadoras da concentração de renda, envolvendo setores como o bancário, orientando práticas baseadas no discurso: “Quanto melhor para os bancos, melhor para o Brasil”, abrindo precedente para ações pouco lícitas como as praticadas em Foz de Iguaçu.

---

<sup>611</sup> *Caros Amigos*, edição de dezembro de 2005, p. 22.

A rede dos negócios no Brasil não estaria completa sem a exime participação da mídia de massa na condução das informações, esse aparato coibe a formação de opiniões mais abrangentes e lúcidas sobre questões de Lesa-Pátria quando envolve personagens de peso da vida política nacional, os veículos de comunicação de massa do país conectam grandes investidores intrinsecamente ligados ao meio urbano e a poderosa esfera ruralista na representatividade incontestada de seus interesses.

A Rede Globo, dentre os veículos brasileiros de imprensa, merece destaque especial em razão de seu histórico *sui generis*, o poder por ela auferido pode ser traduzido como o resultado de ações mafiosas, compreendidas por seus titeres como logística de mercado, a começar pela denominada vocação governista, bem traduzido no documentário produzido pela BBC e intitulado *Além do Cidadão Kane*. A emissora depende dos governos, alinha-se a eles prestando-lhes o serviço de informação bem conduzido, conforme a tônica das circunstâncias políticas.<sup>612</sup>

A Globo começou a funcionar um ano após o golpe militar de 1964 e alçou voo como principal rede de televisão do país em poucos anos, constituindo em si inúmeras redes a partir da concessão de retransmissão a diversos estados da Federação para políticos endógenos de expressiva envergadura regional. Muito foi dito a respeito do padrão Globo, como continuidade de um modelo acrítico de informação, alienante e obscurecedor da realidade nacional e internacional, basta ao telespectador possuir uma visão minimamente plural da rede de interesses por trás da leitura enviesada dos fatos para desmontar os discursos “informativos” ardilosos dessa empresa.

Com o aprimoramento dos seus métodos, a Globo inverteu sua “conduta governista”, desenvolvendo a capacidade de eleger candidatos e destruir outros, o próprio Golpe de 64 já refletia o caráter dela quando noticiou que a democracia estava salva, pois o agitador e antibrasileiro havia sido deposto. Che Guevara sempre foi abordado pela Globo como subversivo e nos últimos tempos como terrorista sanguinário, Hugo Chávez como populista e Evo Morales como ditador, os exemplos são inúmeros, formando indiscutivelmente

---

<sup>612</sup> A Globo se envolveu em casos muito intrigantes, como a defesa da “Revolução” (Ditadura Militar) e sua continuidade até no instante que os governos militares demonstravam sinais de esgotamento, obscurecendo manifestações do gênero “Diretas Já”, relatando a marcha de 500 mil pessoas no centro de São Paulo como uma reunião para a comemoração do aniversário da cidade.



uma opinião distorcida, residindo, nesse aspecto, o poder para dilapidar governos que não estejam de acordo com as diretrizes defendidas por ela; nesse contexto há um fundo de verdade na colocação do presidente Luís Inácio Lula da Silva: “Não faço as mudanças necessárias ao país, porque quinze dias de Jornal Nacional inviabilizariam o governo na esfera nacional e na internacional”, claro que existe um tom de conveniência na colocação do presidente brasileiro, porém existem claros aspectos psicossociológicos envolvidos na questão, capazes de justificar tal discurso.<sup>613</sup>

Juridicamente, essa emissora deveria ser cassada desde 1965, quando o americano Joseph Wallach veio trabalhar na empresa como acessor técnico, representando uma *joint-venture* entre a Globo e a *Time Life*, ferindo frontalmente o artigo 160 da Constituição Federal que impedia a entrada de capital estrangeiro em empresas brasileiras de comunicação. Estrategicamente, Golbery do Couto e Silva<sup>614</sup> entendeu como inexistentes as irregularidades no processo; desde àquela época a emissora se tornou o bastião do golpe, em 1969 a fusão foi desfeita, porque o grupo brasileiro de comunicação já havia acumulado poderes político e econômico suficientes para caminhar sozinho.

A multiplicação da fortuna da Globo aconteceu no final da Ditadura Militar no contexto da transição do poder para as mãos civis, quando Roberto Marinho propôs aliança com Tancredo Neves, desde que este apoiasse Antônio Carlos Magalhães como Ministro das Comunicações, o acordo com o finado Tancredo foi seguido por José Sarney. A intenção era intervir na empresa NEC, fornecedora de equipamentos de mídia ao governo brasileiro, estimada em 260 milhões de dólares; quando ACM assumiu o cargo, o contrato com o grupo estrangeiro foi desfeito, por isso o preço dele despencou para um milhão de dólares neste instante, o senhor Marinho adquiriu a empresa e na sequência os contratos com o Brasil foram refeitos, fomentando a revalorização, que atingiu novamente 260 milhões de dólares, tratou-se de uma ação mafiosa de alto calibre, cujo braço político ficou evidente na valorização das ações, envolvendo uma diretriz muito peculiar de criminalidade.<sup>615</sup>

---

<sup>613</sup> O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, sobre a rolagem da dívida da Globo, afirmou: “Quanto vale uma empresa que diz como o brasileiro pensa?”, assim a emissora vai assegurando seu papel nas questões políticas brasileiras, agindo na *mafiosamente legal*.

<sup>614</sup> Ver pensamento geopolítico de Golbery no início deste capítulo.

<sup>615</sup> Ver *Carta Capital* de Novembro de 2002.

Seguindo a lucidez de FHC a respeito do papel geopolítico da Globo, os políticos de todo o Brasil perceberam a importância em terem um braço na imprensa altamente influente, capaz de apoiá-los inclusive com a criação de álibis, e manipulando o conjunto da população, por isso, muitos deles se consolidaram como empresários da comunicação em seus respectivos estados, estabelecendo inúmeros tentáculos de retransmissão da Globo pelo território nacional, trata-se de um poder invisível aos olhos do cidadão mediado pelo senso comum, submetido à lógica do diversionismo acríptico cuja intencionalidade ideológica é sutil, a saber, enquanto vocês riem, nós viabilizamos nossos negócios, alguns explicitamente identificados como Lesa-Pátria, reforçando a dimensão concentracionista de renda e engendrando um ambiente global de multiplicação da ação mafiosa nacional.<sup>616</sup>

A imprensa é essencial no mundo mafioso, não se trata de uma particularidade nacional, tão pouco internacional. A análise sobre a rede Globo é um estudo de caso com potência para compreender inúmeros fenômenos correlatos em regiões com suas especificidades políticas e capazes de engendrar os quadros mafiosos na condução do olhar sobre o mundo. Segundo um ditado popular russo: “Existem coisas tão sérias que só podemos nos referir a elas em tom de brincadeira”, talvez a Rede Globo tenha tal consciência, por isso ela e seus pares transformaram o planeta e o Brasil em piada.

Pela pluralidade e complexidade encerradas na sociedade brasileira, a consolidação do país como pivô mafioso internacional é ponto passivo. Da problemática de índole regional aos quadros políticos das três instâncias do poder, os lugares mafiosos se multiplicam na socioespacialidade e na conectiva mundial baseada no período tecnocientífico. A intenção desse último capítulo foi aproximar a análise das possibilidades mafiosas encerradas na contemporaneidade de um país de importância planetária e com uma trajetória histórica peculiar, que cristalizou condutas e personagens, muitos dos quais atuais à discussão impressa neste trabalho, fundindo verbo e substantivo, a

---

<sup>616</sup> Sobre a dimensão psicanalista, Maria Rita Kehl é enfática: “A Globo conseguiu, melhor do que qualquer política repressiva de proibição e de censura, alterar a consciência do brasileiro sobre sua condição.”- Entrevista na *Carta Capital* de Novembro de 2002.

saber, *mafiosos* e *mafiar*, na produção de espirais concêntricas dos negócios escusos.

## CONCLUSÃO

Na perspectiva de exércitos, as organizações criminosas vão além da concepção militar na constituição das tropas, em sua ordenação e em seu movimento. No manejo das multidões, elas incorporam o conhecimento dos homens, das armas, das tensões e das circunstâncias, pois são esses itens reunidos que orientam seus movimentos; a análise da dimensão local do crime organizado implica na apreensão de uma rede muito mais complexa, envolvendo ampla diversidade de mercadorias, algumas delas de extremo valor na viabilização de suas ações, como as armas. O termo Tática dá a ideia da posição respectiva dos homens que compõem uma tropa, das diversas tropas que compõem o exército, de seus movimentos e ações e das relações que têm entre si.<sup>617</sup>

Karl Marx<sup>618</sup> utiliza uma analogia entre os problemas da divisão do trabalho e os da tática militar, a saber: “Da mesma forma que a força de ataque de um esquadrão de cavalaria ou a força de resistência de um regimento de cavalaria difere essencialmente da força das somas individuais, a soma das forças mecânicas de operários isolados difere da força mecânica que se desenvolve desde que eles atuem conjunta e simultaneamente numa só operação indivisa”, as máfias atuam nessa perspectiva na produção de seus lugares no espaço mundial.

O tema máfia guarda intrinsecamente a dinâmica em sua compreensão, devido à volatilidade e metamorfoseamento das ações dos grupos envolvidos nessas práticas. A pesquisa, por mais atualizada que busque ser, torna-se, a priori, defasada; uma vez constituída as bases ao entendimento do fenômeno, ele nos escapa em meio à liquefação social, porque o material disponível para interpretação se expande exponencialmente, basta olharmos atentamente e encontraremos uma dimensão mafiosa na pluralidade de opções que o mundo contemporâneo oferece, encerradas na profunda criatividade dos agentes ao lidar com oportunidades circunstanciais. A efemeridade ou perenidade das

---

<sup>617</sup> Ver *Las Guerras del Futuro* de Heidi Tofler.

<sup>618</sup> Em *O Capital*, v. 1, cap. XIII.

organizações dependerá de fatores fluidos nas perspectivas política e econômica da atualidade na constituição de tempos líquidos.<sup>619</sup>

As alianças mafiosas também refletem a eteridade das circunstâncias. Culiacán é o berço do narcotráfico no México e disputa territórios com o cartel de Sinaloa, porém os inimigos atuais foram aliados no passado, momento no qual os EUA descobriram a condição climática ideal para o cultivo de papoula, muito utilizada na produção de ópio fornecido aos combatentes da Segunda Guerra Mundial. Os tempos mudaram, o narcotráfico se tornou inimigo e os muros entre os dois países foram erguidos, mas os criminosos se adaptaram muito bem, vendo excelentes oportunidades de exploração dos *narcotúneis*, utilizados no envio de imigrantes clandestinos e drogas para o norte, trazendo das 3000 feiras de armas anuais da Califórnia e do Arizona os equipamentos necessários à viabilização de suas ações, atribuindo, assim, um “novo sentido” à rede de esgoto da região.<sup>620</sup>

Existe um profundo dinamismo no processo de incorporação de novas drogas ao mercado, outrora produzidas para o bom rendimento de soldados em guerras, hoje ícone do tráfico em razão do expressivo valor, nesse sentido, merece destaque a metanfetamina ou *Meth*. Mais de 12 milhões de americanos já experimentaram metanfetaminas e 1,5 milhão são usuários regulares, o *crystal meth* encampou a quase totalidade do território estadunidense, o estado do Missouri lidera a lista de produção, com mais de 8 mil laboratórios clandestinos (identificados). Pesquisas com autoridades de 45 dos 50 estados americanos mostrou que, para 58% deles, o *Meth* é a droga mais preocupante, seguida pela cocaína (19%), maconha (17%) e heroína (3%).<sup>621</sup> Na “geografia das drogas” impera certo determinismo espacial na classificação de zonas produtoras e áreas consumidoras de drogas, os dados apresentados neste trabalho corroboram no questionamento de tal preceito.

As máfias constituem um complexo fenômeno, resultado da conjugação de inúmeros fatores de ordem social, econômica e política, subterrâneos nos sistemas de produção, cuja potência de emersão depende de contextos

---

<sup>619</sup> Vale lembrar novamente do trabalho de Bauman Zigmunt - *Tempos Líquidos*.

<sup>620</sup> *Le Monde Diplomatique*, novembro de 2008.

<sup>621</sup> Pesquisa da *National Association of Counties*. O *Meth* é bem quisto por trabalhadores dos novos tigres asiáticos, eles encontram na droga todo o “vigor” necessário para rígidas jornadas de trabalho, como analisado ao longo desta pesquisa.

favoráveis. Como em outras organizações, um grupo mafioso está baseado em problemas de assimetria e volatilidade de informações no imperfeito monitoramento de suas atividades e no comportamento oportunista de seus membros diante das fissuras abertas em determinada sociedade, engendrando um ambiente capaz de proporcionar crises dantescas.<sup>622</sup> A pífia distribuição de renda no mundo contemporânea, associada à clássica crise do *Trabalho* na dimensão produtivista excludente do capital<sup>623</sup> constituem importantes pilares da rápida expansão dos grupos criminosos, pois as *irmandades* asseguram o *status* a um indivíduo representado como mero indicador nas estatísticas econômicas, além de lhe garantir a obtenção de dinheiro, mercadoria máxima, sem a qual a exclusão social é inevitável em grande proporção, portanto as máfias asseguram a muitos indivíduos uma inserção tangencial nos quadros de uma sociedade.

O mundo do trabalho não oferece perspectivas na lógica fetichizada da mercadoria na dimensão capitalista, isso implica não apenas uma revisão das modalidades de trabalho na vida contemporânea, mas dos ícones motivadores do trabalho realizado e pago, concomitantemente ao questionamento do trabalho realizado e não-pago, incorrendo daí um possível conceito de *dupla alienação*, quadro no qual a máfia se instala como mercadoria.<sup>624</sup> O submundo criminoso é o grande incorporador de mão-de-obra, reproduzindo o processo de forma potencializada.<sup>625</sup>

O pensamento ratzeliano interessou a esta pesquisa pela dimensão territorial vital e suas derivações aplicadas em diferentes contextos, longe dos ditames deterministas, o lugar pode colocar dificuldades de operação dos grupos mafiosos ou aumentar a extensão de suas operações; o número e a complexidade das ações e das disputas podem ser exponenciadas, fortalecendo a concepção de rede endêmica, em simbiose com a rede já consolidada da estrutura de funcionamento do capitalismo, por isso combater as máfias é questionar o sistema que lhe dá suporte, elucidando uma enorme

---

<sup>622</sup> *Problems and Dangers posed by Organized Transnational Crime in the various Regions of the World.* Documento base para a conferência mundial sobre crime organizado transnacional do Conselho Social e Econômico das Nações Unidas.

<sup>623</sup> Neste trabalho, uma das teses foi identificar as organizações mafiosas e seus lugares como uma importante referência para os desvalidos de um sistema sem limites de reprodução.

<sup>624</sup> Ver *Globalização e Mundo do Trabalho – Le Monde Diplomatique.*

<sup>625</sup> Casos como o japonês com o fim do feudalismo, o estadunidense na época da Lei Seca ou o russo na contemporaneidade preenchem tal leitura. Ver capítulo 3.

contradição, porque o modelo atual de funcionamento global sucumbiria sem o dinheiro das organizações criminosas, através de complexos expedientes como o *SWIFT*.<sup>626</sup> Enveredando-nos para a cruel realidade de um mundo prognosticado como mais violento, em si dando continuidade à própria dimensão histórica de reprodução do capitalismo; a tomada de consciência desse processo é eminentemente perigosa pela potencialidade de desencantamento diante da própria vida, pois um número expressivo de poderosos monopólios, mafiosos por excelência, controlam nossa existência.

Na Rússia, uma opção diante do desencantamento foi o ingresso de muitos militantes nas diversas organizações criminosas, configuradas pela pluralidade de situações que permitiram a ascensão delas. A imagem mais difundida da ex-URSS mafiosa é a de muitas gangues agindo em diversos segmentos, a fim de incorporar os espólios do país, enquanto o novo sistema catalisava o processo. Contudo, os grupos implementaram ações em uma rede espacial intrincada, tomando corporeidade e às vezes totalidade no conjunto do novos países formados, cada um deles é organizado hierarquicamente, muitos com exércitos próprios de legionários e um amplo mercado de mão-de-obra para recrutar “operários”, a fim de agirem sobre os novos empresários. Sarcasticamente, os arautos do Estado privatizado foram alvos de uma proteção igualmente privatizada em moldes mafiosos; no geral, houve uma espécie de espiral mafiosa, arrastando centripetamente as imediações, atribuindo, assim, uma nova acepção para as consequências da implementação do modelo neoliberal.<sup>627</sup>

O Afeganistão foi uma escola para os russos, o “Vietnã Soviético” deixou mais do que sequelas a uma superpotência, ali os soldados soviéticos usufruíam de um mercado amplo e diversificado para todo tipo de mercadoria, negócio impensável nos tempos do *politburô*, muitos ex-combatentes acumularam experiência para lidar com drogas e com armas no momento de degradingação da URSS. Internamente, a ocupação do país pelos russos e, posteriormente a derrota deles, reafirmou o já desempenhado papel dos Talebans frente ao tráfico de ópio, a guerra potencializou o processo, inclusive

---

<sup>626</sup> Trótsky se mantém atual, quando interpretamos sua estratégia de combate ao sistema à luz do fenômeno mafioso, a saber: “Se o capitalismo é global, as estratégias de combate a ele também deveriam ser.”

<sup>627</sup> Ver *Will the non-russian rebel? State, Ethnicity and Stability in the URSS* de Motyl Alexander.

utilizando os próprios ocupantes como consumidores efetivos de drogas, esse foi um fato importante no sentido de configurar o Afeganistão como parte expressiva do Crescente Dourado.<sup>628</sup> Desde 2003, os Talebans aparentemente perderam força, porém o dinamismo das ações geopolíticas americanas proporcionou a ascensão dos novos Talebans.<sup>629</sup> (Ver anexo 21)

No mundo *mafiocontemporâneo* e *globaliberal* as guerras têm a propriedade de impulsionar novas rotas para inúmeras mercadorias e criar outras oportunidades de investimento, principalmente em situações posteriores aos conflitos, quando a paz retira a fonte de dividendos de alguns grupos, outrora contextualizada no campo de batalha ou vinculada a ele. O caso das máfias vietnamita e cambojana se encaixam nesse paradigma, ambas associadas ao tráfico de ópio, atividade potenciada nos anos 80 com a retirada das tropas do Vietnã do Camboja, o tráfico se refinou e se conectou globalmente, configurando o Triângulo Dourado, parte integrante de uma rede ampla e bastante dinâmica em nível de fluxos subterrâneos no mundo contemporâneo.<sup>630</sup>

A desorganização na política, na economia e na sociedade em amplo sentido explica a ascensão de máfias contemporâneas, guardando importantes similaridades com organizações criminosas clássicas, a saber, as italianas. As organizações russas são emblemáticas, muitas delas revitalizadas pelas forças do capitalismo, agora explícitas no país. As máfias russas adquirem créditos em condições vantajosas, atuam na proteção contra outros competidores, e valem-se da organização cartelizada dos negócios.<sup>631</sup> As referências da população soviética sob a égide stalinista não eram das melhores, explicando um certo reconhecimento social às organizações criminosas, pois elas conseguem executar com sucesso algumas atividades que o Estado não conseguia/queria e continua não conseguindo/querendo, como a circulação de mercadorias. O russo paga pela proteção ou fica submetido às milícias, lutando

---

<sup>628</sup> Como foi analisado no capítulo 3.

<sup>629</sup> Ver *The Opium Economy in Afghanistan an International Problem* da United Nations Office on Drugs and Crime.

<sup>630</sup> Processo analisado no capítulo 2.

<sup>631</sup> Para o cidadão comum, o acesso ao consumo continua sendo um sonho distante. Entrevistas com imigrantes russos na Itália em julho de 2008.



freneticamente por emprego, visando a aquisição de algum dinheiro<sup>632</sup>, talvez os mafiosos da nova ex-URSS tenham conseguido enterrar definitivamente a Revolução Russa, outrora desgastada pelo stalinismo.

Os russos entenderam rapidamente o modelo global de funcionamento do capital, muitos “empresários” conectados em rede engendraram um sofisticado esquema de lavagem de narcodólares obtidos na Venezuela, processo concebido a partir do fornecimento de material de construção superfaturado e fabricado em Moscou e enviando o dinheiro para Aruba, esse exemplo pode denotar uma das inúmeras possibilidades que o comércio internacional em mãos criminosas pode encerrar na lavagem de dinheiro, basta analisar a dimensão econômica de cada país à luz de seu modelo político para os múltiplos processos de *mafiazização* ganharem visibilidade. As máfias contemporâneas são resultado do cruzamento de forças verticais e horizontais em constante metamorfoseamento.

Organizações anticriminais atuam continuamente na desestruturação de redes, o *FBI*, o *DEA* e a *Interpol*, através da operação Chimborazo, estouraram um megasquema de lavagem de dinheiro, envolvendo Hugo Gamboa do Cartel de Cali, caso notório de como uma rede mafiosa de lavagem se configura, conectando várias regiões do mundo, dentre elas, as ilhas virgens britânicas, a América Central e a América do Sul, tendo como elo uma rede de câmbio, desdobrada em inúmeros braços, denotando a complexidade do esquema e a engenhosidade desses “empresários” globais. (Ver anexo 36)

Os grupos mafiosos contemporâneos deram um novo significado ao sentido de conexão global pela lógica do capital, permitindo a elaboração de novas expressões como *Narcogeopolítica planetária*; nem países líderes do IDH planetário, como o Canadá, estão fora do alcance dos grupos mafiosos internacionais, os cartéis colombianos operam conjuntamente com as máfias italianas e russas<sup>633</sup>, enquanto as Triades chinesas se especializaram em lavar dinheiro na costa pacífica. Na Austrália, muitas propriedades foram incorporadas pelas máfias japonesas como forma de lavar dinheiro, exemplo seguido pelas máfias libanesas, a fim de purificar os recursos obtidos no tráfico

---

<sup>632</sup> Segundo Karl Marx, os elementos formadores da sociedade capitalista são também os elementos destruturantes dela: A fragmentação, a competição, a alienação e o individualismo.

<sup>633</sup> Toronto é citada por investigadores da ONU como base principal para inúmeros negócios mafiosos.

de haxixe e heroína; em Sydney, gangues vietnamitas controlam o tráfico em alguns distritos como Cabramatta. Os grupos mafiosos de longa maturação receberam enorme impulso com as rápidas transformações decorrentes do fim da Guerra Fria.<sup>634</sup>

A Holanda tem sido apontada como país escolhido pelos narcotraficantes para elaborarem as estratégias mundiais de investimento, em 1993 foram detectadas 98 gangues de lavagem de dinheiro bem estruturadas em Amsterdã.<sup>635</sup> No México, sessenta companhias foram acusadas de lavagem de dinheiro dos cartéis colombianos; o Uruguai é um paraíso fiscal já consolidado. A Bélgica é denominada de Terra Prometida dos mafiosos, que mantêm uma estrutura de lavagem cosmopolita de narcodólares, “investidores” da China, da Turquia<sup>636</sup>, do Marrocos, da Itália, da Rússia e até de uma região conhecida pelo seu povo, mas sem Estado estruturado, a máfia curda, apreciam as pedras preciosas do país baixo. Uma prática comum na Itália é a compra de propriedades por grupos chineses utilizando grandes somas de dinheiro vivo.<sup>637</sup>

De Brasil à China a implosão social abre as fissuras necessárias ao desenvolvimento dos grupos mafiosos. A impotência do Estado Brasileiro levou à multiplicação de milícias, caracterizadas como paramilitares e responsáveis pela proteção de favelas e circunvizinhança, cobrando pelos seus serviços à luz de uma sarcástica ironia, genuinamente mafiosa: “Você me paga para eu te proteger de mim mesmo”. O apodrecimento da malha social brasileira se explicita através da interpretação de múltiplos dados, em 2006, dos 177 países analisados, o Brasil estava em oitava pior posição, perdendo apenas para Suazilândia, República Centroafricana, Serra Leoa, Botsuana, Lesoto, Namíbia e Guatemala. Cabe realçar que alguns desses países enfrentam problemas clássicos de guerra civil.<sup>638</sup>

O fenômeno de convulsão social está em expansão na China, entre 2005 e 2007 o número de conflitos sociais naquele país subiu de 5.000 para

---

<sup>634</sup> Ver *A Grande Crise: A Nova (DES) Ordem Internacional dos anos 80 aos 90* de Paulo Vizentini.

<sup>635</sup> Ver *Le Monde Diplomatique* de Maio de 2009 sobre os impasses na cidade de Maastricht envolvendo a venda legal de drogas e as diretrizes da União Européia.

<sup>636</sup> A máfia turca especializou o mercado de heroína, produzindo uma droga de qualidade inferior, portanto mais barata, direcionada à parte oriental da Europa, trata-se do *Brown Sugar*.

<sup>637</sup> Observações em trabalho de campo pela Itália em julho de 2008.

<sup>638</sup> Em *Guerras do século XXI* de Ignácio Ramonet.

85.000 casos. A globalização capitalista permitiu uma enorme uniformização, a homogeneidade dada pela precarização, a busca de novas formas de sobrevivência é inevitável e o crime organizado é uma opção, particularmente para os jovens, muitos deles fora do mercado de trabalho formal, traduzindo o outro lado do fenômeno de crescimento capitalista chinês, à parte da espetacularização alardeada pela *mídia gorda*.

Agir mafiosamente corresponde à dimensão classificada de geopolítica por poderosos Estados contemporâneos, envolvendo uma lista bem extensa de medidas, como fraude eleitoral, deposição de líderes nacionalistas para incorporar recursos naturais fundamentais à reprodução da opulência consumista, bombardeio de civis para fragilizar a resistência nacional de um país invadido, imposição de políticas econômicas declaradamente excludentes e concentradoras de renda, instrumentalização de juros de dívidas, manipulação midiática deformando opiniões; essas e outras questões encerram a polissemia mafiosa assentada nos parâmetros administrativos contemporâneos.<sup>639</sup>

Sentimentos como o medo podem ser alvo de uma ação mafiosa, quando operado para garantir a aprovação de vastos orçamentos militares e violação de liberdades individuais, caso clássico do sistema *Echelon*, que conecta sensíveis equipamentos de escuta e dezenas de satélites, um produto da espionagem clássica estadunidense, hoje direcionada à fiscalização dos próprios americanos, no contexto da doutrina anti-terror. A *Raytheon* está por trás do *Echelon*, a mesma empresa encarregada do projeto SIVAM, expandindo novamente a tese relacionada à polissemia mafiosa, aqui contextualizada na atuação internacional na Amazônia, nesse caso, como álibi de combate à outras máfias, portanto como leitura derivativa do fenômeno mafioso, ou talvez *paramafioso*, um fenômeno espetacularmente produzido.<sup>640</sup>

No mundo mafioso, os lugares mafiosos intrincam atividades lícitas e ilícitas, colocando problemas de identidade da legalidade e da legitimidade na classificação de um ato como criminoso, porque isso implica em

---

<sup>639</sup> A lista poderia ser apreendida em *Confissões de um Sabotador Econômico* de John Perkins. Nesse livro podemos extrair o contexto e os detalhes de várias ações mencionadas no parágrafo e aqui classificadas como mafiosas.

<sup>640</sup> São ações de missionários americanos na Amazônia: Extração de sangue dos índios, contato com nações isoladas, biopirataria e propaganda anti-Funai - Carta Capital de julho de 2008, p. 34.

questionamentos de difícil definição de limites; a realização de testes de novos medicamentos em regiões pobres é imoral, como monopolizar a patente sobre remédios essenciais à sobrevivência de vastas parcelas da humanidade, cobrando por ela elevadas *royalties* ou impedir qualquer tratamento por falta de dinheiro. Destruir a vida de crianças por falta de acesso descente à educação, serviço compreendido como mercadoria extremamente lucrativa, não é apenas uma estratégia no mundo dos negócios sob a égide neoliberal no mundo coisificado, porque o futuro de muitos indivíduos é destruído, à semelhança de muitos usuários sistemáticos de drogas duras, contudo os “traficantes de educação” não figuram da lista das *mafiosidades*.<sup>641</sup>

Pensar como naturais inúmeros fenômenos sociais do cotidiano é dar combustível ao mundo controlado pelas máfias, permitindo a elas a expansão para outras atividades, exponenciando o caráter polissêmico dessas organizações em sua capacidade de transformar regiões em lugares mafiosos, fragmentando ainda mais o indivíduo, já pulverizado pela forte tendência à alienação, decorrente da premente necessidade de sobrevivência imposta por um modo de produção insensível com o sentido pleno de *Ser Humano*.

As drogas nesse mundo fracionado e sem referências consistentes podem se tornar uma justificativa para recomposição de uma unidade humana, perdida há tempo no processo múltiplo de alienação. O traficante não é um verdadeiro altruísta, ele age de forma estratégica, ocupando hiatos deixados por complexos processos de marginalização. Analisar a questão das drogas pressupõe mexer com paixões, comumente pouco genuínas, porque manipuladas por diversos aparatos de poder, inclusive o próprio narcotráfico.<sup>642</sup>

Cientificamente, uma droga é identificada como uma substância capaz de alterar a consciência de um indivíduo ou exponenciar seu estado emocional, logo há uma miríade de drogas absolutamente legais, composta por diversas bebidas alcoólicas um dia consideradas ilegais em certos países. Hoje, o governo estadunidense cumpre o papel moralizante de combate internacional ao uso da maconha, da cocaína e de outras drogas, enquanto o país produz excelentes uísques comercializados mundialmente. Certas drogas são eleitas

---

<sup>641</sup> Ver *Capitalismo e Reificação* de José Paulo Netto.

<sup>642</sup> Importante referência é a obra de Sterling Claire - *A Nova Ordem Mundial do Crime Organizado*.

contextualmente como malélicas, produzindo uma cegueira nas formas de combate, incorrendo em certas estereotípias.<sup>643</sup> (Ver anexo 11)

A folha de coca não é um estupefaciente, para obter a cocaína dela é preciso combinar 41 produtos químicos. No geral, a droga sintética representa menos de 1% dos quatorze alcalóides que podem ser extraídos da folha, as propriedades anestésicas e analgésicas fizeram da planta um medicamento útil em doenças respiratórias até 1923, quando o bioquímico alemão Richard Willstätter criou a molécula sintética. A interpretação equivocada sobre a folha de coca data dos anos 50 do século XX, quando uma comissão da ONU fez uma visita relâmpago ao Peru para “investigar” os efeitos da mastigação da planta, concluindo que isso provocava má-nutrição e efeitos indesejáveis de caráter intelectual e mental nas populações andinas.<sup>644</sup>

O *acculico* (ato de mascar a folha de coca) era tido como hábito, mas em 1952 o Comitê da OMS concluiu que essa atitude possuía todas as características da dependência e de vício, portanto definida como uma forma de cocainomania. Em 1961, sob pressão dos EUA, a folha de coca foi acrescentada ao grupo de plantas psicotrópicas, contudo outras espécies vegetais bem mais potentes não sofreram a mesma proscrição que a coca, como o kava-kava, a kraton e a efedra, esta última matéria-prima de um imenso mercado de anfetaminas. O processo é melhor compreendido quando identificamos os dois setores protegidos e que utilizam a folha de coca, a saber, a coca-cola e a indústria farmacêutica americana, qualificando, assim, o poder de monopólio de grandes corporações a partir de uma estereotípiia generalizadora.<sup>645</sup>

Nos anos 70, vários estudos<sup>646</sup> demonstraram a incapacidade de a folha de coca afetar o sistema nervoso, a cocaína presente na planta é hidrolisada no sistema digestivo. Na condição de alimento, a coca é comparada ao milho, ao trigo e ao amendoim, trata-se de uma planta abundante em sais minerais, fibras e vitaminas; a análise produzida pelo Centro de Pesquisa Científica e Técnica Ultra-mar (ORSTOM) da França evidenciou as propriedade de três alcalóides (cocaína, lisleinamilcocaína e translinalmilcocaína) no estímulo à

---

<sup>643</sup> Ver *Novas e Velhas Ordens Mundiais* de Noam Chomsky.

<sup>644</sup> *Le Monde Diplomatique*, maio de 2008.

<sup>645</sup> Em *La Souffrance à Distance. Morale Humanitaire, Medias et Politique* de Luc Boltanski.

<sup>646</sup> O realizado em Harvard em 1975 é o mais famoso deles. (Ver Anexo 12)

oxigenação, no retardamento da coagulação e na regulação do metabolismo da glucose nas elevadas altitudes.

Na década de 90, a OMS mudou de posição em relação à folha de coca após quatro anos de investigação, envolvendo 45 pesquisadores em 19 países; em 1995, na 48ª Assembléia Mundial da Saúde, realizada em Genebra, os dados favoráveis à planta irritaram os EUA. Neil Boyer, representante do país, ameaçou suspender o apoio financeiro de seu governo ao projeto, caso as conclusões apresentadas fossem oficialmente adotadas por aquela Assembléia, isso provocou o sepultamento do estudo sobre as propriedades benéficas da folha de coca.<sup>647</sup>

Três anos mais tarde, a Assembléia Geral da ONU articulou um discurso de endurecimento de luta contra as drogas, validou o “Plano Dignidade” de Washington, visando a erradicação forçada do plantio de coca na Bolívia. Tal iniciativa estadunidense valeu-se de novos herbicidas testados na região andina, implicando em capciosas consequências para a saúde humana e para o meio ambiente. Esse combate enviesado às drogas fomentou os investimentos e os lucros de setores industriais dos EUA bem articulados em *Lobby*, um sutil elo das estruturas mafiosas na dinâmica geopolítica contemporânea.

Como analisado no capítulo seis, o Brasil se consolidou como base de algumas máfias internacionais, dentre elas a nigeriana, considerada a máfia de maior crescimento planetário em consonância com a máfia russa no estabelecimento de novas redes, através dela a cocaína colombiana pode chegar ao extremo oriente, onde é trocada por heroína, com destino à África do Sul, partindo de lá para o território da ex-URSS, onde é trocada por armas convencionais e artefatos nucleares. O Brasil integra essa rede oferecendo inúmeras oportunidades de atuação, encerradas na complexa gestão das fronteiras e na enorme dificuldade em punir os arautos da corrupção, bem assentados politicamente pela súmula 394<sup>648</sup>, configurando uma dimensão

---

<sup>647</sup> *Le Monde Diplomatique*, maio de 2008.

<sup>648</sup> Existe uma pluralidade de negócios com potência para mascarar o tráfico, desde o tradicional jogo do bicho, passando por bingos, motéis, restaurantes, postos de combustível, compra de bilhetes premiados e tudo o mais que as mentes ardilosas possam atribuir funcionalidade, usufruindo dos nossos problemas de gestão político-econômico-territorial.

local do mundo *mafializado*, traduzindo o planeta como lugar mafioso a partir da síntese de regiões aparentemente sem conexão.

Uma das grandes dimensões mafiosas contemporâneas é a questão da lavagem de dinheiro no contexto da enorme complexidade tecnológica do mercado financeiro e da pluralidade de possibilidades de investimento na economia formal, configurando o maior paradoxo em relação ao combate ao crime organizado, pois os Estados precisam de capital para financiarem seus modelos econômicos, paralelamente à extrema dificuldade em rastrear o dinheiro sujo, misturado com as atividades consideradas lícitas nos territórios nacionais, denotando uma rede de ações bem articulada na lógica atual do grande capital transnacional.

Os mafiosos possuem poder econômico e político possibilitando-lhes dominar muitos Estados, fazendo jus à expressão *Mafiocracia*. Outro aspecto fundamental de combate à máfia envolve um tabu para o sistema capitalista, a saber, a distribuição de renda, porque a concentração é uma característica estrutural de reprodução do capital, impossibilitando a construção plena de uma cidadania capaz de produzir uma vida decente através de algum trabalho honesto; a melhor distribuição de renda dificultaria o recrutamento de novos membros pelas casas mafiosas. A oferta de “emprego” a legiões de desamparados assegura maior fortalecimento dos grupos criminosos, por isso a polissemia mafiosa internacional está contextualizada no funcionamento estrutural do modo de produção.

Em relação a tal crise de emprego no modelo capitalista, Huws e Meszáros analisam a amplitude do problema: “A experiência fraturada do espaço e do tempo se espelha nas fraturas das identidades ocupacionais. O futuro de nossas sociedades dependerá em grande parte de como reintegraremos personalidades fragmentadas, lugares fragmentados e vizinhanças fragmentadas” - Ursula Huws. “A matriz das aspirações de emancipação não pode em hipótese alguma estar no sistema do capital. Se estivermos seriamente interessados na realização completa do mandato emancipador, com suas dimensões formais e informais, teremos de imaginar uma ordem metabólica social da qual se removam todas as determinações e defeitos incorrigíveis do capital”- Istvan Meszáros. O desencanto com uma vida honesta é real, porque US\$ 1 trilhão das atividades mafiosas deriva da

corrupção, no geral, há uma visão míope a respeito das formas de combate ao que se denomina crime, a busca dos lugares-pivô das organizações criminais estatais ou paraestatais, tese deste trabalho, poderia ser um caminho.

As tiranias do dinheiro e da informação caminham lado a lado, os agentes midiáticos exploram a imagem da violência, estereotipando personagens ao eleger os carrascos e as vítimas, trata-se de um espetáculo para nossa indignação e compaixão acalmando nossa consciência, precisamos da imagem da violência e do mal para nos considerarmos sujeitos éticos. Marilena Chauí remete à questão da ética, tida erroneamente como funcionalidade administrativa, a pensadora define a existência de uma pluralidade de éticas, expressão contemporânea da alienação de uma sociedade fragmentada e dispersa, incapaz de estabelecer para si uma imagem de unidade, que daria apreensão à dispersão.<sup>649</sup>

A ética é concebida como retorno a um bom passado imaginário, conduta conservadora ao perder de vista a leitura ampla do presente, ou desprovida de qualquer universalidade ao ser entendida como competência peculiar de especialistas, daí expressões como “ética no futebol”, “ética na política”, “ética empresarial”, tal fracionamento carrega de ambiguidades a conduta de inúmeros indivíduos em suas atividades cotidianas, desde o político corrupto oficial, membro da comissão de ética, até o traficante de drogas e armas, bom altruísta e pai sempre presente, ambos reconhecidos na sociedade pelo seu “desempenho”.

Segundo Marilena Chauí, a ética como ideologia é perversa, porque toma o presente imediato como fatalidade e anula a marca essencial do sujeito ético e da ação ética, a saber, a liberdade como atividade que transcende o presente pela possibilidade do futuro como abertura do tempo humano. Oportunando-se dessa sociedade fragmentada, as organizações mafiosas incorporam o discurso ético, atribuindo a ele o significado mais conveniente para si, explorando ao máximo a confusão engendrada no seio de cada indivíduo, possibilitando, assim, a inversão de situações na criação de heróis e arregimentando novos membros para as corporações. O anacronismo dos discursos contemporâneos é pluralista, consonante à estrutura mafiosa do

---

<sup>649</sup> Sobre a esfera midiática há um trabalho interessante a respeito das formas sutis de indução de comportamentos: *Propaganda Subliminar Multimídia* de Flávio Calazans.



mundo atual em sua polissêmica interpretação, assim, os lugares se *metamafiazizam*.

## BIBLIOGRAFIA

- AGANBEEGYAN, ABEL. *The Economic Challenge of Perestroika*. Bloomington. EUA, Indiana University Press, 1988.
- ALI, TARIQ. *Confronto de Fundamentalismos*. São Paulo, Ed. Record, 2002.
- ANDREW, CHRISTOPHER. *KGB. La Historia interior de sus operaciones desde Lenin a Gorbachov*. Barcelona, Plaza & Janés, , 1991.
- ANTUNES, RICARDO. *A Dialética do Trabalho*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2004
- ANTUNES, RICARDO. *O Averso do Trabalho*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2004
- ARENDT, HANNAH. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo. Ed. Cia das Letras. 1997.
- ARLACCH, PINO. *Mafia Business: The Mafia Ethic and Spirit of Capitalism*. Londres, Ed. Oxford, 1986.
- ARBEX JR. JOSÉ. TOGNOLLI, C LAUDIO. *O Século do Crime*. São Paulo, Ed. Boitempo, 1996.
- ARRIETA, CARLOS G. *Narcotráfico en Colombia*. Bogotá, Ed. Tercero Mundo, 1991.
- ARNEDY, ALEJANDRO. *El Narcotráfico en America Latina*. Córdoba, Ed. Marcos Lemer, 1990.
- BADIE, BERTRAND. *Sociologie de L'État*. Paris, Ed. Grasset, 1982.
- BEHAN, TOM. *Enquête sur la Camorra. Naples et ses Réseaux Mafieux*. Paris, ed. Autrement, 2004.
- BENEDICT, RUTH. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1997.
- BERGREEN, LAURENCE. *Capone: The Man and the Era*. Nova Iorque, Ed. Simon & Schuster, 1994.
- BETANCOURT, DARIO e GARCIA, MARTHA. *Contrabandistas, Maremberos y Mafiosos: Historia Social de la Mafia Colombiana*. Bogotá, TM editores, 1994.
- BIONDI, ALOYSIO. *O Brasil Privatizado I*. São Paulo, Ed. Perseu Abramo, 2001.

- BIONDI, ALOYSIO. *O Brasil Privatizado II*. São Paulo, Ed. Perseu Abramo, 2001.
- BOBBIO, NORBERTO. *Estado, Governo e Sociedade*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1998.
- BOBBIO, NORBERTO. *Dicionário de Política*. Brasília, Ed. UnB, 1995.
- BOLTANSKI, LUC. *La Souffrance à Distance. Morale Humanitaire, Medias et Politique*. Paris, Ed. Metailie, 1993.
- BOOTH, MARTIN. *The Triads: The Growing Global threat from the Chinese Criminal Societies*. Nova Iorque, San Martin Press, 1991.
- BOOTH, MARTIN. *The Dragon Syndicates: The Global Phenomenon of the Triads*. Nova Iorque, Basic Books, 2001.
- BORTONI, LARISSA e MOURA, RONALDO. *O Mapa da Corrupção do Governo FHC*. São Paulo, Ed. Perseu Abramo, 2002.
- BOURDIEU, PIERRE. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo, EDUSP, 1996.
- BOURDIEU, PIERRE. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1998.
- CALAZANS, FLÁVIO. *Propaganda Subliminar Multimídia*. São Paulo, Ed. Summus, 1992.
- CALVI, MAURIZIO. *Figure di una Bataglia: Documenti e Refessioni sulla Mafia dopo l'assassinio di Falcone e Borsellino*, Bari, Ed. Dédalo, 1995.
- CAMPOS, ANDRELINO. *Do Quilombo à Favela*. São Paulo. Ed. Bertrand Brasil, 2005.
- CAPECI, JERRY. *The Complete idiot Guide to the Mafia*. Nova Iorque. Ed. Penguin, 2005.
- CARRÉRE D' ENCAUSSE, HÉLÈNE. *Le Grand Défi: Bolcheviks et Nations*. Paris, Ed. Flammarion, 1987.
- CARRERE D' ENCAUSSE, HELENE. *The End of the Empire: The Triumph of Nations*. Nova Iorque, Ed. Penguin, 1993.
- CASTELLS, MANUEL. *A sociedade em Rede*. São Paulo. Ed. Paz e Terra 2000.
- CASTELLS, MANUEL. *Fim de Milênio*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, MANUEL. *O Poder de Identidade*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999.

- CHAPARRO, CAMILO. *Historia del Cartel de Cali*. Colômbia, Ed. Intermédio, 2005.
- CHOMSKY, NOAM. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. São Paulo, Ed. Scritta, 1996.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. *Guerra e Globalização*. São Paulo. Ed. Expressão Popular, 2004.
- CHOUVY, Pierre Arnaud. *Les Territoires de l'opium. Conflits e Trafics du Triangle d'or et du Croissant d'or*. Gêneva, Ed. Olizane, 2002.
- CLANCY, TOM. *Equilíbrio de Poder*. Barcelona, Ed. Planeta, 2000.
- CLAIRE, STERLING. *A Nova Ordem Mundial do Crime Organizado*. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 1997
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis, EDUSC, 1999.
- COLOVIC, IVAN. *Políticas of Identity in Serbia: Essays in Political Anthropology*. N. Y., Ed. University Press, 2002.
- CORREA, ROBERTO & ROSENDAHL, ZENY (orgs). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.
- CORTEN. OLIVER. *Informe sobre el Conflicto y la Guerra de Kosovo*. Espanha, Ed. Del Oriente el Mediterráneo, 1999.
- COSTA, ROGÉRIO. HAESBAERT. *Territórios Alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo, Contexto, 2002.
- COSTA, ROGÉRIO. HAESBAERT. *O Mito da Desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.
- DEBORD, GUY. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 1997.
- DELEUZE, GILLES. *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- DESAI, PADMA. *The Soviet Economy*. Oxford, Ed. Blackwell, 1987.
- DICKIE, JOHN. *Cosa Nostra. Storia della Mafia Siciliana*. Itália, Ed. Laterza, 2007.
- DZHIRKVELOV, ILYA. *Agente Secreto: Minha Vida com a KGB e a Elite Soviética*. Barcelona, Ed. Planeta, 1988.
- EGUIAGARAY, FRANCISCO. *Europa del Este: La Revolución de la Libertad*. Barcelona, Ed. Del Drac, 1991.
- ENZENSBERG, HANS MAGNUS. *Perspectivas de Guerra Civil*. Ed. Anagrama, Barcelona, 1994.

- FEJTO, FRANÇOIS. *La Fin des Démocrates Populaires*. Paris, Ed. Sevil, 1992.
- FERON, BERNARD. *Iugoslávia: A Guerra do Final do Milênio*. Porto Alegre, Ed. L&PM e Le Monde, 1993.
- FOER, FRANKLIN. *Como o Futebol Explica o Mundo: Um olhar Inesperado sobre a Globalização*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2005.
- FRAGUAS, RAFAEL. *Os Serviços de Informação*. Barcelona, Ed. Difusora, 1992.
- FORGIONE, FRANCESCO. *Ndrangueta. Boss Luoghi e Affari della Máfia più Potente al Mondo*. Milão, Ed. S.P.A, 2008.
- FOUCAULT, MICHEL. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1999.
- FOUCAULT, MICHEL. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1977.
- FRATTINI, ERIC. *Cosa Nostra. Un Siècle d'histoire*. Paris, Ed. Flammarion, 2003.
- FRIEDMAN, ROBERT I. *Red Mafiya: How the Russian Mob has invaded America*. Nova Iorque, Ed. Berkley,, 2002.
- FROMM, ERICH. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. São Paulo, Ed. Zahar, 1983.
- GERMAIN, EDGARD. *Burocracia nos Estados Operários*. Portugal, Ed. Fronteira Amadora, 1971.
- GJELLOSHAJ, KOLE. *L'emergence de la Criminalité Organisée Alabanophone*. Paris, Ed. Cemoti, 2001.
- GLENNY, MISHA. *McMáfia*. São Paulo, Ed. Cia das Letras, 2008.
- GLOBAL EXCHANGE & REDE SOCIAL. *Direitos Humanos no Brasil 2003*. São Paulo, Ed. Book, 2004.
- GOOTEMBERG, PAUL. *Cocaine: Global Histories*. Nova Iorque, Ed. Routledge, 1999.
- GORZ, ANDRÉ. *Crítica da Divisão do Trabalho*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1980.
- GRUPO DE CIÊNCIA INDEPENDENTE. *Por um Mundo sustentável sem Transgênicos*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2004.
- HARRISON, SELIG. *Out of Afeganistan: The inside history of the soviet withdrawal*. Nova Iorque, Ed. Oxford University Press, 1995.
- HESS, HENNER. *Mafia & Mafiosi: Origin, Power and Mith*. Nova Iorque. Ed.

University Press, 1998.

- HOBBSAWN, ERIC J. *A Era Dos Extremos*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1997.
- HOFFMAN, DAVID. *Gazprom: Russia's State within a State*. Nova Iorque, International Herald Tribune, 1995.
- HOOSON, DAVID. *Geography and National Identity*. Londres, Oxford, 1994.
- IRUSTA MEDRANO, GERALDO. *Narcotráfico*. La Paz, Ed. Dedec, 1992.
- JAIME, VIDAL P. *La Región em la Organización Territorial del Estado*. Bogotá, Universidad del Rosario, 2001.
- JUDAH, TIM. *The Serbs: History, Myth & the Destruction of Yugoslavia*. Yale University Press, Londres, 2000.
- KALASHNIKOV, MIKHAIL. *Rajadas da História*. São Paulo, Ed. Zahar, 2005.
- KAPLAN, ROBERT. *Fantasmas Balcânicos*. Madrid, Ed. Acento, 1994.
- KISELYOVA, EMA E CASTELLS, MANUEL. *The Russian Federalism in Siberia and the far East*. Berkeley: University of California, Trabalho de Pesquisa, 1997.
- KLEBNIKOV, PAUL. *Godfather of the Kremlin. The Decline of Russia in the Age of Gangster Capitalism*. Inglaterra, Ed. Harcourt, 1999.
- KOZLOV, VIKTOR. *The Peoples of the Soviet Union*, Bloomington, Indiana University press, 1988.
- KOUTOUZIS, MICHEL. *Atlas Mondial des Drogues*. Paris, Presses Universitaires de France, 1997.
- KOUTOUZIS, MICHEL. *Géopolitique et Géostratégies des Drogues*. Paris, Ed. Econômica, 1996.
- KURZ, ROBERT. *O Colapso da Modernização*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1993.
- LABROUSSE, ALAIN. *Géopolitique des Drogues*. Paris, Presses Universitaires de France, 2004.
- LACOSTE, YVES. *Dictionnaire de Géopolitique*. Paris, Ed. Flammarion, 1993.
- LALLEMAND, ALAIN. *L'Organizatsiya. La Mafia Russe à l'assaut du Monde*. Paris, Ed. Calmann-Lévy, 1996.
- LASCOUMES, PIERRE. *L'illusoire Régulation des Places Offshore*. Paris, Ed. Découverte, 2004.

- LEFEBVRE, HENRI. *The Production of Space*. Inglaterra, Ed. Blackwell, 1995.
- LE MONDE DIPLOMATIQUE. *Globalização e Mundo do Trabalho*. São Paulo, Instituto Abaporu, set. 2000.
- LEGUINECHE, MANUEL. *La Primavera del Este: La Caída del Comunismo en la outra Europa*. Barcelona, Ed. Plaza & Janés, 1990.
- LENDVAI, PAUL. *Eagles in Cowbeds: Nationalism and Comunism in the Balkans*. Nova Iorque, Ed. Doubleday, 1969.
- LESPART, MICHEL. *Les Oustachis. Terroristes del L'ideal*. Paris, Ed. De la Pensée Moderne, 1976.
- LEWIN, MOSHE. *The Gorbachev Phenomenon*. Berkeley, University of California Press, 1988.
- LIBAL, MICHAEL. *Limits of Persuasion: Germany and the Yugoslav Crisis*. Londres, Ed. Connecticut, 1997.
- LUPO, SALVATORE. *História das Máfias*. São Paulo, Ed. da Unesp, 2002.
- MACKINDER, HALFORD JOHN. *Man-Power as a Measure of National and Imperial Strength*. Londres, National and English Review, 1905.
- MAIER, KARL. *This House has Fallen: Nigerian Crisis*. Londres, Ed. Public Affairs, 2000.
- MEDINA, FERRERO. *El Orden de la Guerra. Las FARC-EP*. Bogotá, Ed. Ceja, 2002.
- MENSHIKOV, STANISLAV e GALBRAITH, J. KENNETH. *Capitalismo, Comunismo e Coexistência*. Nova Iorque, Ed. Houghton Mifflin, 1988.
- MEZA, RICARDO V. *Narcotráfico, Guerra y Política anti-Drogas*. Colômbia, Ed. Acción Andina, 2005.
- MARSHALL, JOHATHAN. *Cocaine, Politics, Drugs, Armies and the CIA in Central America*. Los angeles, ed. Berkeley, 1991.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Portugal, Ed. Edições 70, 1989.
- MESZÁROS, ISTVAN. *Para Além do Capital*. São Paulo, Ed. Boitempo, 2005.
- MOTYL, ALEXANDER. *Will the non-russian rebel? State, Ethnicity and Stability in the URSS*. Nova Iorque, Ed. Cornell, 1987.

- NETTO, JOSÉ P. *Capitalismo e Reificação*. São Paulo. Ed. Livraria Ciência Humanas, 1981.
- OCAMPO LÓPEZ, JAVIER. *El Proceso Ideológico de la Emancipación en Colômbia*. Bogotá, Ed. Planeta, 1999.
- OBSERVATORIE GÉOPOLITIQUE DES DROGUES - OGD. *Les Drogues en Afrique subsaharienne*. Paris, Unesco-Karthala, 1998.
- O'KANE, JAMES. *The Crooked Ladder: Gangsters, Ethnicity and the American Dream*. Nova Iorque, Ed. Transaction, 1992.
- PAOLI, LETIZIA. *Illegal Drug Trade in Russia. A Research Project Commissioned by the UN Office for Drug Control and Crime Prevention*. Alemanha, Instituto Max Plank, 2001.
- PASQUINI, GABRIEL e DE MIGUEL, EDUARDO. *Blanca y Radiante: Mafias, Poder y Narcotráfico en la Argentina*. B. Aires, Planeta, 1995.
- PERRAULT, GILLES (org.). *O Livro Negro do Capitalismo*. São Paulo, Ed. Record, 1999.
- PERKINS, JOHN. *Confissões de um Sabotador Econômico*. São Paulo, ed. Cultrix, 2005
- PONS, PHILIPPE. *Misère et Crime au Japon du XVII siècle à nos Jour*. Paris, Ed. Gallimard, 1999
- RAMÓN, GRACIELA U. *El Orden de la Guerra. Las FARC: Entre la Organización y la Política*. Colômbia, Ed. Ceja, 2002.
- RAMONET, IGNACIO. *En el Imperio de la Imagem*, ed. Deriva, Barcelona, 1994.
- RAMONET, IGNACIO. *Guerras do século XXI*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2003.
- ROBIN, MARIE-MONIQUE. *Le Monde Selon Monsanto*. Ed. La Découverte, Paris, 2008.
- ROCCA, ROBERTO MOROZZO. *Kosovo-Albânia. La Guerra a Europa*. Barcelona, Ed. Icària, 2001.
- ROCKAWAY, ROBERT A. *But he was Good his Mother: The lives and crimes of Jewish Gangsters*. Nova Iorque, Ed. Gefen Publishing House, 2000.
- SANTOS, MILTON. *O Novo Mapa do Mundo: Fim de século e Globalização*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1993.
- SANTOS, MILTON. *Espaço e Método*. São Paulo, Ed. Nobel, 1985.



- SCHELM, DAVID E. *The Mafia Killed President Kennedy*. Londres, Ed. Alle, 1988.
- SCHNEIDER, FRIEDRICH. *The Shadow Economy: Na International Survey*. Londres, Ed. Cambridge University Press, 2003.
- SCOTT, D. PETER. *Cocaine Politics. Drugs, Armies and CIA in Central América*. Berkeley, Ed. University of California Press, 1991.
- SIDDQA, AYSHA. *Em Military Inc. Inside Pakistan's Military Economy*. Londres, Ed. Pluto, 2007.
- SIFAKIS, CARL. *Mafia Encyclopedia*. Ed. Checkmark, Itália, 2005.
- SILVA, GOLBERY C. *Geopolítica e Poder*. Rio de Janeiro, Ed. Universidade, 2003.
- SILVA, MOACIR NUNES. *Da Balcanização à "Balcanização"*. Porto Alegre, Ed. Zouk, 2008.
- SILVEIRA, MARIA. SANTOS, MILTON. SOUZA, MARIA ADÉLIA. *Território: Globalização e Fragmentação*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1994.
- SMITH, DAN. *Atlas dos Conflitos Mundiais*. São Paulo, Ed. Cia Nacional, 2007.
- SMITH, DAN. *Atlas da Situação Mundial*. São Paulo, Ed. Cia Nacional, 2007.
- SMITH, GORDON. *Soviet Politics*. Nova Iorque, San Martin Press, 1992.
- SINGH, TEJPAL. *The Soviet Federal State: Theory, formation and development*. N. Delhi, Sterling, 1982.
- TARASULO, ISAAV. *Gorbachev and Glasnost: Viewpoint from the Soviet Union*. Wilmington, Scholarly Resources Books, 1989.
- THOUMI, FRANCISCO. *Economía Política y Narcotráfico, Bogotá*, TM editores, 1994.
- TRANFAGLIA, NICOLA. *Mafia, Política e Affari*. Roma, Laterza, 1992.
- TISHKOV, VALERY. *Ethnicity, Nationalism and Conflit in and after the Soviet Union*. Londres, Sage Publications, 1997.
- THOM, RENÉ. *Modeles Mathématiques de la Morphogénèse*. Paris, Ed. Dieditions, 1974.
- TOFFLER, HEIDI. *Las Guerras del Futuro*. Barcelona. Ed. Plaza & Janés, 1994.
- UNITED NATIONS, ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL. *Problems and*

*Dangers posed by Organized Transnational Crime in the various Regions of the World.* Documento base para a conferência mundial sobre crime organizado transnacional. Nápoles, 21 a 23 de novembro de 1994.

- UNITED NATIONS OFFICE on DRUGS and CRIME (UNODC). *The Opium Economy in Afghanistan an International Problem.* Nova Iorque, 2003.
- VARESE, FEDERICO. *The Russian Mafia.* Nova Iorque, Ed. Oxford, , 2005.
- VEIGA, Francisco. *La Trampa Balcánica.* Espanha, Ed. Grijalbo, 2002.
- VENNÉR, DOMINIQUE. *Historie du Terrorisme.* França, Ed. Pygmalion, 2002.
- VERVEST, PETER. *Trouble in Triangule Opium and Conflit in Burma.* Tailândia, Ed. Silkworm, 2005.
- VIZENTINI, PAULO. *A Grande Crise: A Nova (DES) Ordem Internacional dos anos 80 aos 90.* Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1992.
- VOSLENSKY, MICHAEL. *La Nomenklatura. Los privilegiados en la URSS,* Ed. Argos-Vergara, Barcelona, 1982.
- WEBER, MAX. *Economia e Sociedade, v.1.* Brasília, Ed. UNB, 1991.
- WILHELM, BRUNO (ORG.). *Caminhos da Transparência.* São Paulo. Unicamp, 2002.
- WRIGHT, MARTIN. *Soviet Union: The Challenge of Change.* Harlow, Essex & Longman, 1989.
- ZIEGLER, JEAN. *A Suíça lava mais Branco.* Lisboa, Ed. Inquérito, 1990.
- ZIEGLER, JEAN. *A Suíça, o Ouro e os Mortos.* Rio de Janeiro, Ed. Record, 1999.
- ZIGMUNT BAUMAN. *Tempos Líquidos.* Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2007.
- ZION, SIDNEY. *Loyalty and Betryal: The Story of the American Mob.* São Francisco, Ed. Collins, 1994.

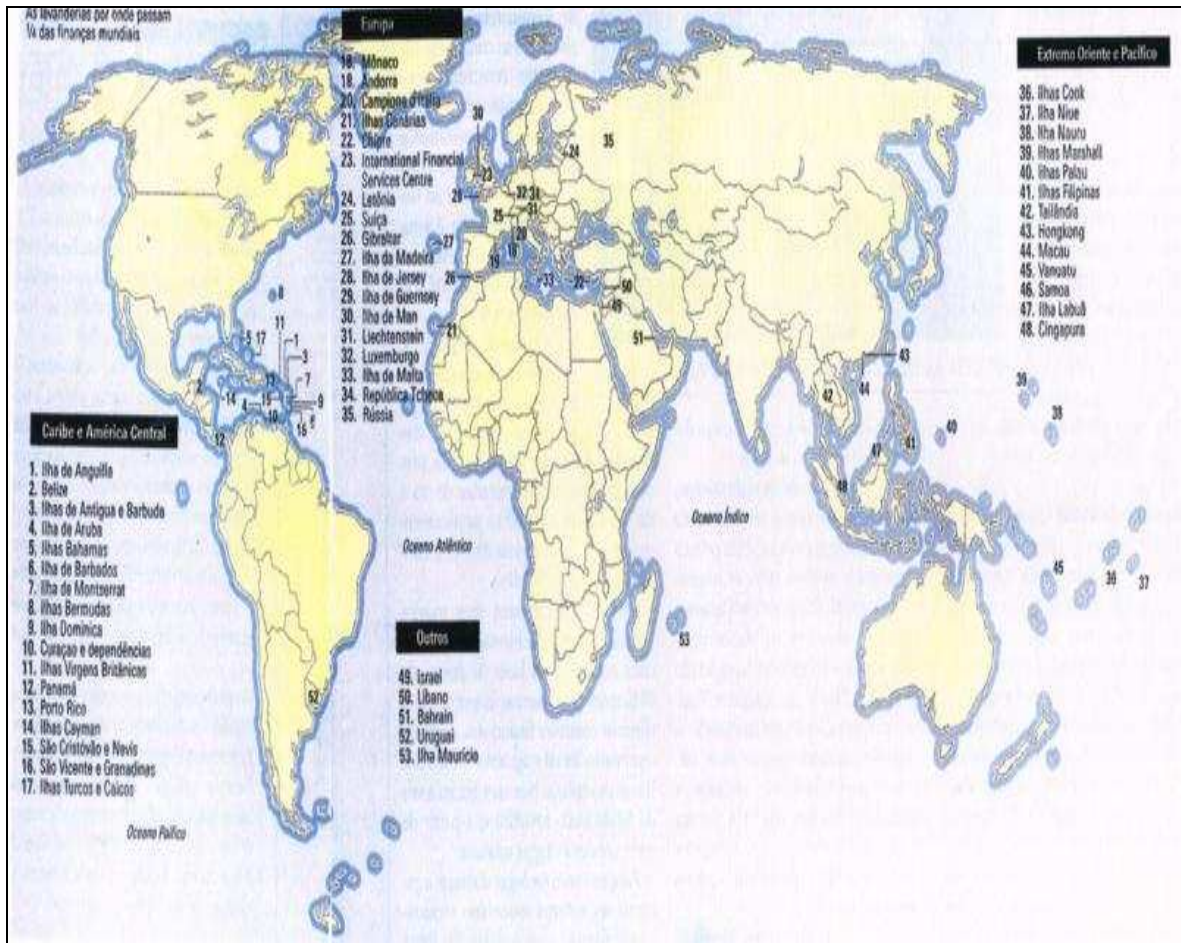
## PERIÓDICOS

- *Cadernos do Terceiro Mundo* – Várias edições.
- *Caros Amigos* – Várias edições.
- *Carta Capital* – Várias edições.
- *Financial Time*.
- *Folha de São Paulo*.
- *Le monde Diplomatique* Brasil – Várias edições.
- *The Economist* – Várias edições.

# ANEXOS

ANEXO 1

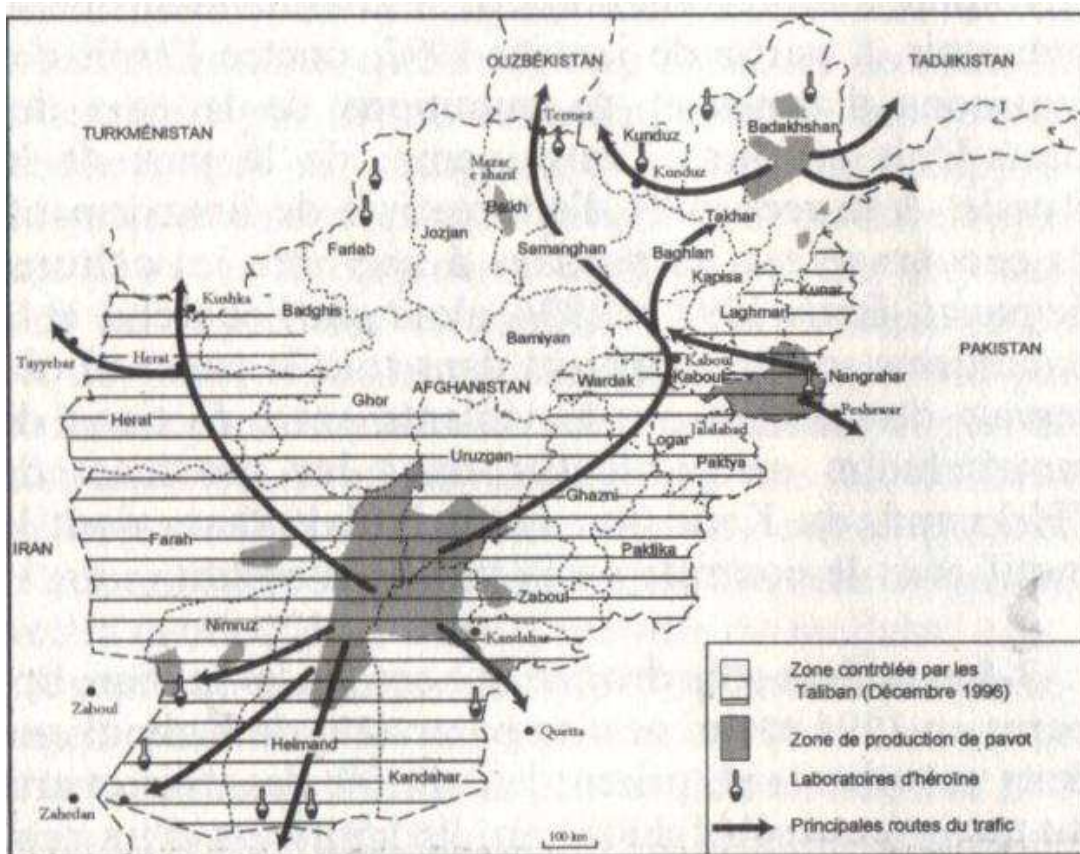
PARAÍÇOS FISCAIS



FONTE: CARTA CAPITAL DE 10-10-2001

## ANEXO 2

### ROTA DA HEROÍNA, CULTIVO DA PAPOULA E LABORATÓRIOS DE FABRICAÇÃO DA DROGA À ÉPOCA DOS TALEBANS



Culture du pavot, laboratoires d'héroïne et routes du trafic en Afghanistan sous les taliban

Source : PNUCID.

FONTE; *GÉOPOLITIQUE DES DROGUES* DE ALAIN LABROUSSE.

### ANEXO 3

#### A REGIONALIZAÇÃO DAS CULTURAS DE COCA NA COLÔMBIA E AS ZONAS CONTROLADAS PELAS FARC





Implantation des FARC et cultures de coca (2002)

Source : PNUCID, Jane. Cartographie : V. Brustlein.

FONTE: *GÉOPOLITIQUE DES DROGUES* DE ALAIN LABROUSSE

ANEXO 4

ESCALA DE PREÇO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA COCA: DO PREÇO PAGO AO CAMPONÊS À PASTA DE COCA E O RESULTADO FINAL EM ALGUNS MERCADOS

<b>L'escalade des profits</b>	
<b>sur la base de la vente de 1 kg de cocaïne colombienne en 2005</b>	
<b>Étapes de la production à la consommation</b>	
200 kg de feuilles payés au paysan	400
1 kg de pâte base payé au producteur	800
1 kg de base lavée payée à l'intermédiaire	1 000
1 kg de chlorhydrate à la sortie du laboratoire	1 700
1 kg de chlorhydrate payé par l'exportateur colombien	5 000
1 kg payé par l'importateur de gros (Miami)	10 000
Prix de gros à New York	15 000
Prix de gros à Paris	35 000
Prix de gros à Copenhague, Moscou, Ryad	150 000
Vente au détail (produit coupé)	de 150 000 à 500 000

FONTE: *GÉOPOLITIQUE DES DROGUES* DE ALAIN LABROUSSE



## A REGIONALIZAÇÃO COLOMBIANA

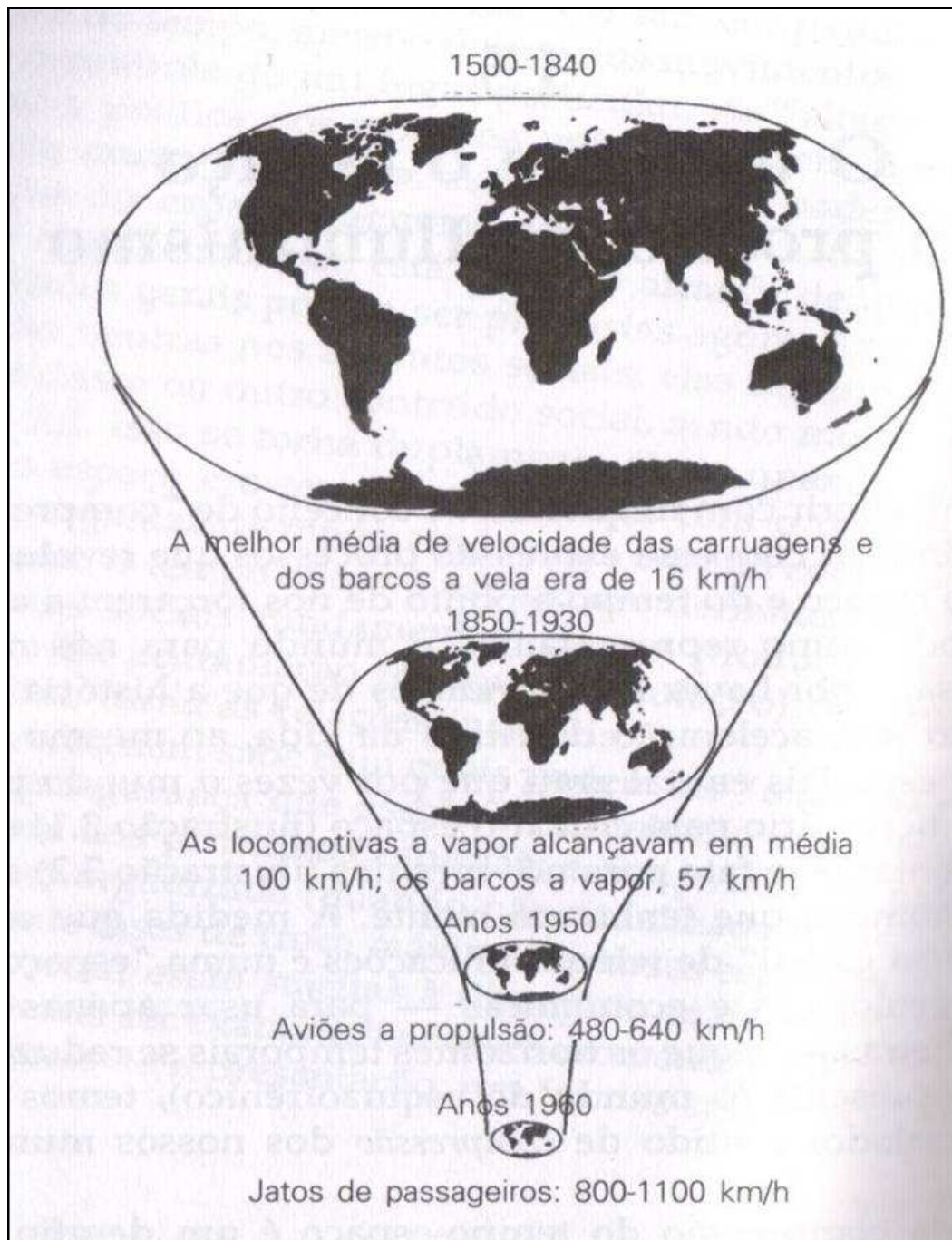
A Colômbia é dividida em 32 departamentos, mais o distrito capital de Bogotá.

- |                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| 1. Amazonas (Leticia)                | 17. Huila (Neiva)                         |
| 2. Antioquia (Medellín)              | 18. La Guajira (Riohacha)                 |
| 3. Arauca (Arauca)                   | 19. Magdalena (Santa Marta)               |
| 4. Atlántico (Barranquilla)          | 20. Meta (Villavicencio)                  |
| 5. Bolívar (Cartagena das Índias)    | 21. Nariño (Pasto)                        |
| 6. Boyacá (Tunja)                    | 22. Norte de Santander (Cúcuta)           |
| 7. Caldas (Manizales)                | 23. Putumayo (Mocoa)                      |
| 8. Caquetá (Florencia)               | 24. Quindío (Armenia)                     |
| 9. Casanare (Yopal)                  | 25. Risaralda (Pereira)                   |
| 10. Cauca (Popayán)                  | 26. San Andrés e Providencia (San Andrés) |
| 11. Cesar (Valledupar)               | 27. Santander (Bucaramanga)               |
| 12. Chocó (Quibdó)                   | 28. Sucre (Sincelejo)                     |
| 13. Córdoba (Montería)               | 29. Tolima (Ibagué)                       |
| 14. Cundinamarca (Bogotá)            | 30. Valle del Cauca (Cali)                |
| 15. Guainía (Puerto Inírida)         | 31. Vaupés (Mitú)                         |
| 16. Guaviare (San José del Guaviare) | 32. Vichada (Puerto Carreño)              |
- Distrito capital: Bogotá \*



FONTE: WIKPÉDIA – ADAPTADO PELO AUTOR

O MUNDO CONECTADO PARA OS NEGÓCIOS MAFIOSOS



FONTE: *A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA* DE DAVID HARVEY

## O "ESCRITÓRIO" DE KIA

Nesse prédio de uma elegante avenida londrina estaria instalado o escritório de Kia. Estaria. Por Cauê Llop

Kia Joorabchian é sócio-proprietário de nove empresas sediadas em Londres – de academias de artes marciais a uma revendedora de motores, além de outras cujas atividades não foi possível determinar. Com exceção das empresas de sua família – a Medway Auto Limited, revendedora de veículos com capital declarado de 250.000 libras esterlinas, e a Greens of Rainham Limited, distribuidora de combustíveis com capital de 150.000 libras –, todas, inclusive a Media Sport Investement Limited, têm capital social de 1.000 libras esterlinas e estão registradas no mesmo endereço: 71 Kingsway, 5º andar. O repórter Cauê Llop foi ao endereço e conta o que viu.

A Kingsway é uma avenida importante, fica em Holborn, no centro de Londres, constituída basicamente de prédios de escritórios, com lojas e cafés frequentados por empresários e empregados. O número 71 é um prédio de seis andares, luxuoso, com porta de vidro e corredor acarpetado que leva ao elevador. O porteiro não conhecia a MSI, mas, pelo interfone, confirmou que a empresa ficava no quinto andar e me acompanhou até lá. Cheguei num escritório simples, mas bem montado. Não me pareceu um lugar que receba visitas frequentemente, pela ausência de cadeiras ou coisa do gênero, mas isso é apenas um palpite.

A secretária, prestativa, explicou-me que eles são apenas os contadores das empresas do Kia, assim como de outras firmas. Tratam apenas de encaminhar tudo o que chega ali às respectivas empresas e não estão autorizados a dar nenhuma informação a respeito de cada uma delas. No máximo, anotam recados e encaminham,

um repórter de uma revista brasileira querendo entrar em contato com a MSI ou o Kia.

Portanto, o endereço das empresas de Kia em Londres é, na verdade, o de um escritório que presta assessoria financeira para empresas: a Wilson Wright & Co. Chartered Accountants. Todas as correspondências chegam nesse endereço, e eles encaminham para o devido "escritório", se é que ele existe.

A única das empresas de Kia registrada nesse endereço que pude visitar é a academia Karmaa, que fica do outro lado da cidade, dentro do Stables Market, em Camden Town, um bairro "alternativo" de Londres onde *punks* se misturam a turistas e madames com casacos caríssimos que frequentam lojas que vendem de antiguidades caras a roupas militares, ateliês de tatuagens e piercing, e muitas galerias.

É em um desses mercados que fica a academia, especializada em artes marciais orientais. Depois de muita insistência, Rafael Nieto, sócio



FONTE: *CAROS AMIGOS* – EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE A MÁFIA NO CORINTHIANS

ANEXO 8



ÍCONE DAS MÁFIAS IUGOSLAVAS: DE NACIONALIDADE SÉRVIA NOVA  
GERAÇÃO DE GANGSTERES



**40 Idol to a generation of young gangsters:  
Aleksandar Knežević or 'Knele' who died in  
Room 331 of Belgrade's Hyatt Hotel in  
March 1992.**

FONTE: *THE SERBS* DE TIM JUDAH

**ANEXO 9**

ARKAN E SEUS TIGRES



*Arkan, seus Tigres e o filhote Milica.*

FONTE: *MACMÁFIA* DE MISHA GLENNY

**ANEXO 10**



## CIBERCRIME



**FONTE: MACMÁFIA DE MISHA GLENNY**

**ANEXO 11**

***Existe uma guerra contra as plantas. A coca, a maconha e a papoula são declaradas inimigas pelo conjunto das Nações devido às suas características de serem matérias-primas de drogas potentes com uma demanda forte no mundo, principalmente nos países ricos. Entretanto, essas mesmas plantas têm uma rica história em usos medicinais e tradicionais milenares que continuam em vigência nos dias atuais.***

## ***Plantas Proibidas***

Os derivados concentrados e purificados da coca e da papoula, a cocaína e a heroína respectivamente, também são substâncias controladas mas, apesar de enfrentar uma guerra que já dura várias décadas, a sua produção e consumo se expandiram. A guerra contra as drogas tem um aspecto tão real quanto podemos imaginar, mas os soldados, seus aviões e armas de fogo lutam contra um inimigo invisível: as leis do livre mercado. O impacto dessa guerra é sentido em quase todo o mundo, mas com maior ênfase na região andina da América Latina. A erradicação dos cultivos de coca, papoula e maconha forma parte de uma política de redução da oferta que, há acerca de 20 anos conseguiu o consenso internacional materializado na convenção das Nações Unidas contra o tráfico ilícito de estupefacientes e substâncias psicotrópicas de 1988. Na Bolívia, Peru e Colômbia, as Forças Armadas e os corpos de elite da polícia envolveram-se num conflito sem solução para o qual recebem o apoio logístico e financeiro dos Estados Unidos.

O milionário negócio das drogas proibidas, dentre os mais lucrativos do mundo, brinda os camponeses de vários países do sul uma fonte substancial de renda para sobrevivência familiar, embora eles consigam aproveitar apenas 2% dos ganhos obtidos, enquanto 85% acabam nos países de maior consumo de drogas. O cultivo das plantas declaradas ilícitas coincide com uma profunda crise agrária que atingiu os povos rurais do mundo, agravada com a implementação de políticas de privatização e ajuste estrutural. A falta de opções no mercado formal para sobreviver as consequências dessa crise é a razão da inserção na economia das drogas.

### Folhas com História

A valorização da folha de coca e sua longa e rica história de usos múltiplos na cultura e na religião dos povos andinos está ameaçada por uma cruzada contra a oferta de drogas. A folha, de acordo com costumes ancestrais, não é apenas utilizada para expressar amizade ou retribuir serviços, mas também como fonte de sabedoria. Também foram descobertas suas virtudes como planta medicinal, tal histórico tende agora ao desprestígio. As pesquisas científicas que valorizam as qualidades curativas da planta não estão presentes no discurso atual sobre as drogas. Um bom exemplo dessa seletividade política pode ser encontrado no estudo desenvolvido pela Universidade de Harvard em 1975, no qual foi constatado que 100 gramas de coca suprem a necessidade humana de cálcio, ferro, fósforo e vitaminas A, B2 e E.

A cruzada contra a folha de coca começou com uma missão da OMS em 1949, que realizou um relatório baseado em metodologia bastante discutível, concluindo a necessidade de erradicar o hábito de mastigar coca. Desde então, os convênios internacionais referentes as substâncias controladas ratificaram essa intenção.

Do mesmo modo, existem aplicações tradicionais, culturais e religiosas da maconha e da papoula nos seus países de origem. Na América Latina, e em especial na região andina, é o palco da batalha travada pelos Estados Unidos para manterem sua influência. Essa situação implica em estereótipo sobre os países demarcados como produtores de drogas, anacronicamente os Estados Unidos são os maiores produtores de maconha do mundo.

Paulatinamente, dentro do marco do discurso antidrogas, os países da Amazônia estão se enchendo de bases, efetivos, equipes bélicas e radares militares. Desde a entrega do canal ao Panamá em 1999, Washington implementou um novo desenho para seu cenário militar, no qual os países amigos da América Latina foram destinados a desempenhar um papel de grande importância. Com o alibi de combate ao narcotráfico, os EUA mantêm um forte controle sobre manifestações sócias e descontentamento geral das classes ligada ao trabalho.

A violação dos direitos humanos tem sido uma prática corrente da política antidrogas, populações andinas são vítimas diárias de abusos e violência por parte das forças da ordem. Os promotores da luta antidrogas são responsáveis pela criação de instrumentos e procedimentos inconstitucionais. O custo para manter esse aparato de repressão e os resultados sociais são de difícil justificativa.

O complexo de problemas relacionados a produção, tráfico e consumo de drogas não circunscreve soluções simples. As políticas de tolerância zero e repressão não refletem um entendimento dos múltiplos fatores que estão inseridos nessa problemática, traduzindo-se como medidas autoritárias. Na Colômbia, a política indiscriminada da tolerância zero agravou as desordens socioeconômicas, expandindo os deslocamentos forçados e os danos ambientais.

A fumigação química e a criminalização dos produtores não condizem com as origens e natureza do problema das drogas. As consequências são a exclusão dos atores não armados e o afastamento das soluções pacíficas dos conflitos. Há enfoques cada vez mais significativos sobre uma abordagem não repressiva sobre o fenômeno, estratégias conhecidas como redução de danos, baseada numa visão de tolerância, resguardando a saúde pública, leva-se em consideração as circunstâncias sociais, culturais e econômicas dos atores envolvidos, expandindo a visão médica.

A visão de redução de danos é também aplicável aos outros níveis do circuito das drogas, começando pela produção dos cultivos de matéria-prima. Face à perigosa falta de realismo e à rigidez da tolerância zero, que conduz a um aprofundamento da problemática por trás das drogas, as políticas de redução de danos oferecem uma opção realista para o século XXI.

Fonte: *Acción Andina*

<b>Valor nutritivo da folha de coca ( em cada 100g )</b>	
Calorias	305 cal
Lipídios	3,3 g
Proteínas	18,9 g
Glucídios	46,2 g
Fibras	37,1 g
Cálcio	1,540 mg
Fósforo	911,8mg
Ferro	45,8mg
Vitamina A	11,000 U.I
Vitamina B1	0,58 mg
Vitamina B2	1,73 mg
Vitamina PP	3,7 mg
Vitamina C	14 mg
Vitamina E	44,1 mg

FONTE: UNIVERSIDADE DE HARVARD - 1975



A QUESTÃO SOCIAL DA FOLHA DE COCA

**Evo Morales: Em defesa dos cocaleros**

“O governo de Evo Morales sabe que, para reabilitar a folha de coca junto à opinião pública mundial, é preciso primeiro demonstrar que pode lutar eficazmente contra o narcotráfico”, analisa Jorge Alvarado, responsável pela missão diplomática boliviana na Venezuela. Encarregado de rever a campanha internacional de sensibilização à coca, ele conta com a ajuda do país vizinho para convencer o Comitê de especialistas em tóxico-dependência da OMS a solicitar uma revisão do estatuto do arbusto em sua próxima reunião.

“Nosso objetivo é simples: Queremos produzir o que consumimos tradicionalmente e também o que precisamos para a indústria, para a fabricação de alimentos e de medicamentos à base de coca”, explica. Contrariamente à política dos governos precedentes, cuja meta final fora reduzir a superfície de coca cultivada no país em até 12 mil ha, o governo de Morales lançou-se em um desafio maior: Fazer dessa cultura um meio de desenvolvimento econômico, visando os mercados local e internacional. Mesmo considerando excessivos os 27.500 ha cultivados hoje, o governo boliviano prevê manter a superfície legal de produção em 20 mil ha.

Outra mudança radical foi a estratégia da luta contra o narcotráfico: Não se trata mais de restringir os espaços cultivados, mas de buscar neutralizar a produção de cloridrato de cocaína. Assim, além dos 12 mil ha reservados ao consumo tradicional, deve-se destinar 8 mil ha para a transformação produtiva das folhas em infusões, farinhas, produtos cosméticos (dentífricos, xampus), biomedicamentos (xaropes, pomadas, mates), fertilizantes ou ainda em alimentos para a criação de animais. Mercadorias suscetíveis a abrir novas oportunidades econômicas aos produtores, desviando-os do narcotráfico.

Solidária à política boliviana, a Venezuela anunciou que seu país comprará todos os produtos industrializados a partir da coca, caso eles não sejam absorvidos pelo mercado nacional, garantindo assim seu escoamento. O governo boliviano conta também com a colaboração das organizações cocaleras para garantir a redução voluntária das superfícies agrícolas excedentes. A concertação da qual Evo Morales foi um dos principais artífices revelou-se um sucesso incontestável. Em um ano chegou-se à diminuição inédita de 8 mil hectares da superfície cultivada.

Para o governo, é no controle social exercido pelas organizações sindicais que reside a chave-mestra da luta contra o narcotráfico. Combinando os embargos da cocaína a uma intensificação do combate a entrada dos precursores químicos em território nacional, essa eliminação pacífica das culturas excedentes deveria contribuir para interromper e estancar as atividades ilícitas.

## ANEXO 14

### BREVE HISTÓRICO DO TERROR OFICIAL

Segue uma pequena relação das intervenções das Forças Armadas dos EUA e da CIA pelo mundo. Estão apenas relacionadas as mais conhecidas ações que envolveram ataques a populações e alvos civis (não se mencionam, por exemplo, a Guerra da Coreia, ou as intervenções em vários países africanos, como a Libéria, das quais pouco ou nada se sabe).

**Irã, 1953** – A CIA arma um golpe para depor o primeiro ministro iraniano Mohamed Mossadegh, que havia nacionalizado o complexo petrolífero anglo-americano. O xá Reza Pahlevi instaura uma ditadura.

**Guatemala, 1954** – A CIA arma um golpe para depor o presidente Jacobo Arbenz, por ter nacionalizado a empresa americana United Fruit, o que havia impulsionado um plano de reforma agrária.

**Cuba, 1961** – A CIA treina e arma cerca de 1500 exilados políticos cubanos que viviam em Miami para invadir a baía dos Porcos. Fiasco total.

**Brasil, 1964** – A CIA participa ativamente da conspiração que desembocou no golpe e na instauração da ditadura militar em 31 de março.

**República Dominicana, 1965** – Com a ajuda da ditadura brasileira, a CIA conduziu Joaquín Balaquer à presidência, consumando um golpe desferido em 1962, quando foi deposto o presidente eleito Juan Bosch.

**Indonésia, 1966** – Com apoio da CIA, o Gal. Suharto desfecha um golpe para depor o presidente Sukarno. Morrem 600 mil civis.

**Vietnã, 60-70** – Os EUA despejaram milhares de toneladas de bombas sobre populações civis, afetando grande parte da Indochina. Mais de 3 milhões de mortos.

**Bangladesh, 1971** – Usando armas fornecidas pelos EUA, o Gal. Yahia Khan chefou um golpe de Estado para derrubar um governo democraticamente eleito, massacrando 500 mil civis.

**Chile, 1973** – A CIA participou do golpe que depôs o presidente Salvador Allende, assassinou o Gal. Legalista René Schneider e o ministro das relações exteriores Orlando Letelier.

**Timor Leste, 1975** – Com a “benção” de Henry Kissinger, Suharto ocupou o país que havia conquistado sua independência de Portugal. Morreram 200 mil civis durante a ocupação.

**Argentina, 1976** – Um golpe militar desfechado pelo Gal. Jorge Rafael Videla, com apoio da CIA, instituiu uma ditadura que seria responsável, nos anos seguintes, pelo desaparecimento de 30 mil pessoas.

**Nicarágua, anos 80** – A CIA praticou sabotagem contra o governo sandinista, incluindo a instalação de minas em portos marítimos. Em 1986 explodiu o escândalo Irã-contras, que revelou o vínculo entre a CIA, narcotraficantes e o Irã.

**América Central, anos 80** – O Comando Sul do Exército dos EUA treinou soldados e “agentes” especializados em espionagem, técnicas de contrainsurreição e tortura para atuarem em El Salvador, Guatemala, Honduras e Granada.

**Líbano, 1982-1984** – Protegidos por bombardeios da Marinha contra a população civil, tropas de elite (*marines*) atacaram a OLP.

**Líbia, 1986** – Aviões estadunidenses bombardearam a residência do presidente Muammar Kadhafi, matando sua filha caçula.

**Panamá, 1989** – Exército estadunidense invadiu o país para depor o governo, matando 2000 soldados e civis.

**Iraque, 1991** – Mais de 130 mil civis foram assassinados na Guerra do Golfo.

**Sudão, 1998** – Aviões americanos atacaram indústria farmacêutica, matando milhares de civis.

**Iraque, 1998** – Aviões americanos bombardearam áreas industriais do país.

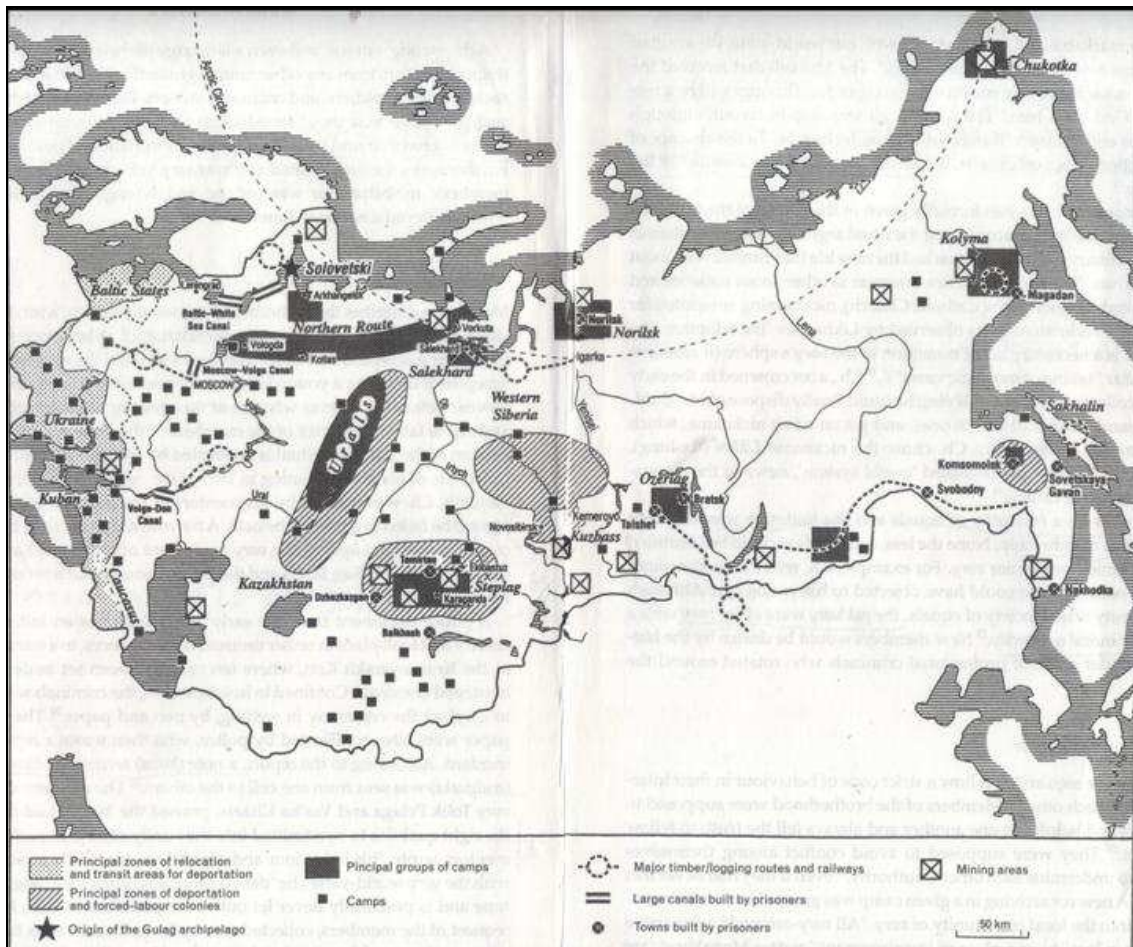
**Iugoslávia, 1999** – Aviões da OTAN bombardearam áreas urbanas. Estima-se que morreram mais civis sob as bombas da OTAN do que assassinados por Slobodan Milosevic.

**Colômbia, 2000** – Com a conivência do governo colombiano, *marines* e “assessores especiais” do Exército dos EUA iniciaram o Plano Colômbia, que vem utilizando o bombardeamento da floresta com um fungo transgênico (o gás verde).

FONTE: *CAROS AMIGOS* – EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE TERRORISMO

## ANEXO 15

### GULAG – PALCO INICIAL DO DESENVOLVIMENTO DO VORY



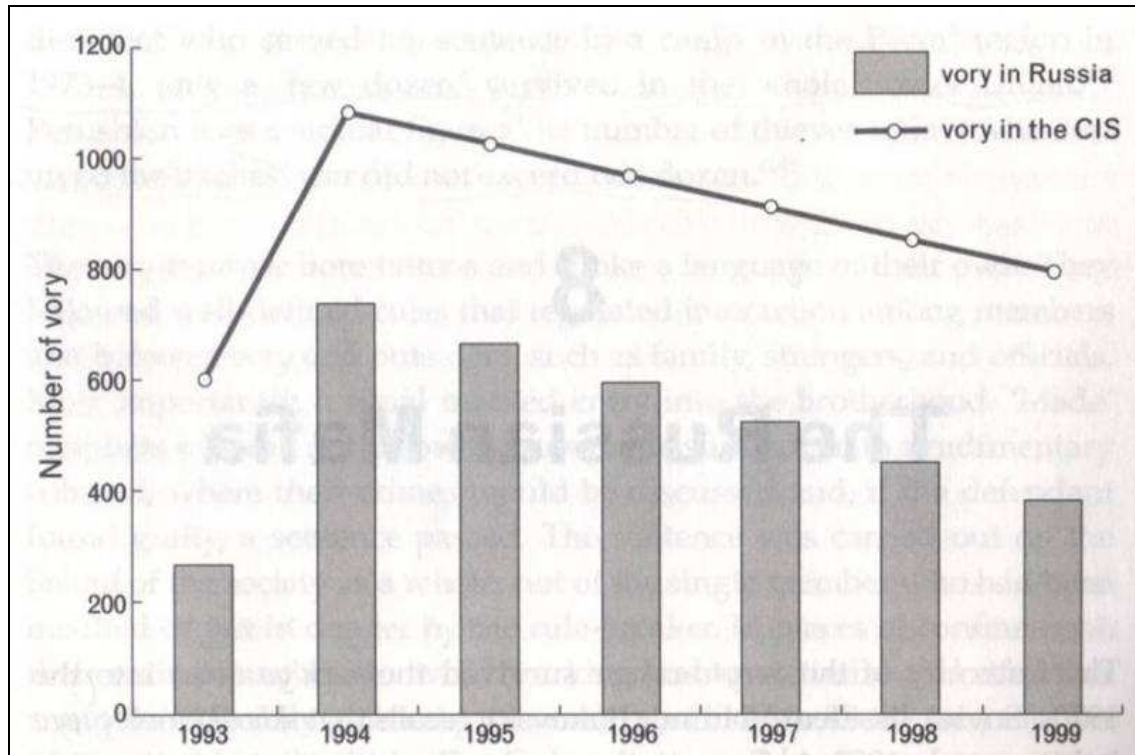
- LEGENDA** - DA ESQUERDA PARA A DIREITA E DE CIMA PARA BAIXO:
- PRINCIPAIS ZONAS DE RECOLOCAÇÃO E ÁREAS DE TRÂNSITO PARA DEPORTAÇÃO
  - PRINCIPAIS ZONAS DE DEPORTAÇÃO E COLÔNIAS DE TRABALHO FORÇADO
  - GÊNESE DO ARQUIPÉLAGO GULAG
  - PRINCIPAIS GRUPOS DE CAMPOS
  - CAMPOS
  - MAIORES MADEIREIRAS/ ROTAS DE TRANSPORTE DO PRODUTO E FERROVIAS
  - EXTENSOS CANAIS CONSTRUÍDOS POR PRISONEIROS
  - CIDADES CONSTRUÍDAS POR PRISONEIROS
  - ÁREAS DE MINERAÇÃO

FONTE: *THE RUSSIAN MAFIA* DE FEDERICO VARESE



ANEXO 17

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE LADRÕES TITULADOS (VORY)



FONTE: *THE RUSSIAN MAFIA* DE FEDERICO VARESE



O ESTILO DA MÁFIA BÚLGARA



*A nascente classe capitalista da Bulgária reunida em seu encontro anual.*



*Ilya Pavlov, dono da Multigroup, assassinado em 2003.*

FONTE: *MACMÁFIA* DE MISHA GLENNY

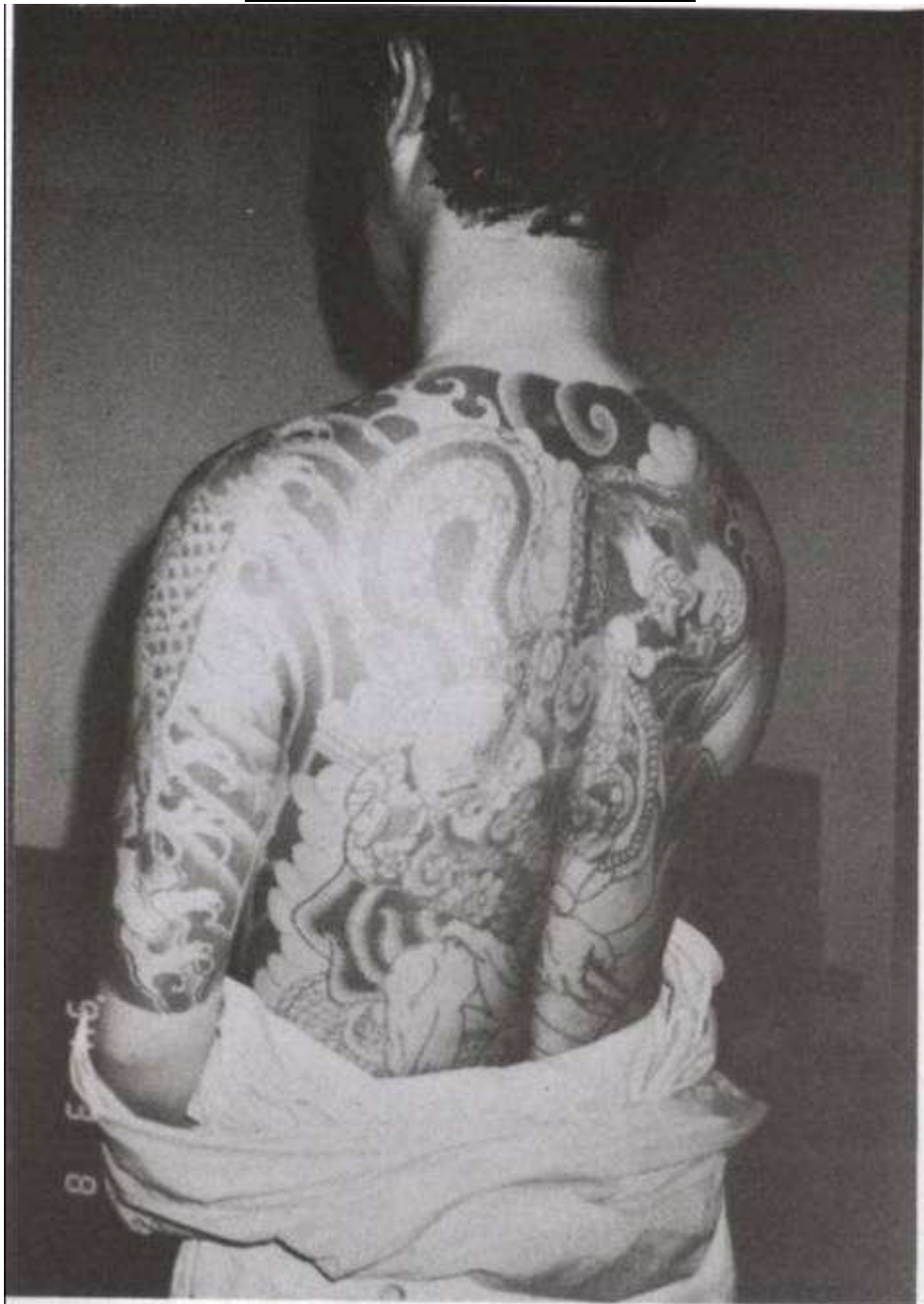
## ANEXO 19

### ESTATUTO DO PCC

1. Lealdade, respeito e solidariedade acima de tudo ao Partido.
2. A luta pela liberdade, justiça e paz.
3. A união da luta contra as injustiças e opressão dentro da prisão.
4. A contribuição daqueles que estão em liberdade com os irmãos que estão dentro da prisão, através de advogados, dinheiro, ajuda aos familiares e ação de resgate.
5. O respeito e a solidariedade a todos os membros do Partido, para que não haja conflitos internos, porque aquele que causar conflito dentro do Partido será excluído e repudiado.
6. Jamais usar o Partido para resolver conflitos pessoais contra pessoas de fora. O ideal do Partido está acima de conflitos pessoais, mas o Partido estará sempre leal e solidário a todos os seus integrantes para que não venham a sofrer nenhuma desigualdade ou injustiça em conflitos externos.
7. Aquele que estiver em liberdade “bem estruturado”, mas que esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia será condenado à morte sem perdão.
8. Os integrantes do Partido têm que dar bons exemplos a serem seguidos, por isso o Partido não admite que haja assalto, estupro ou extorsão dentro do sistema.
9. O Partido não admite mentiras, traição, inveja, cobiça, calúnia, egoísmo, interesse pessoal, mas sim a verdade, a fidelidade, a hombridade, a solidariedade e o interesse comum ao Bem de todos, porque somos um por todos e todos por um.
10. Todo integrante tem que respeitar a ordem e disciplina do Partido. Cada um vai receber de acordo com aquilo que fez por merecer. A opinião de todos será ouvida e respeitada, mas a decisão final será dos fundadores do Partido.
11. O PCC, fundado em 1993 numa luta descomunal e incansável contra a opressão e injustiças contra o campo de concentração “anexo” à casa de custódia de Taubaté, tem como tema absoluto: Liberdade, justiça e paz.
12. O Partido não admite rivalidades internas, disputa de poder na liderança do Comando, pois cada integrante sabe a função que lhe compete de acordo com a sua capacidade de exercê-la.
13. Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra novamente um massacre semelhante ou pior ao ocorrido na casa de detenção em 2 de outubro de 1992, onde 111 presos foram covardemente assassinados, massacre este que jamais será esquecido na consciência da sociedade brasileira, porque nós do Comando vamos sacudir o sistema e fazer as autoridades mudarem essa prática carcerária desumana e cheia de injustiça, opressão, tortura e massacres.
14. A prioridade do Comando no momento é pressionar o governo de São Paulo para desativar o campo de concentração “anexo” à casa de custódia de Taubaté, de onde surgiu a semente e as raízes do Comando, no meio de tantas lutas inglórias e tantos sofrimentos atroz.
15. Partido do Comando da Capital do QG do estado, as diretrizes de ações organizadas e simultâneas em todos os estabelecimentos penais do estado, numa guerra sem trégua, sem fronteiras até a vitória final.
16. O importante de tudo é que ninguém nos deterá nessa luta porque a semente do Comando se espalhou por todos os sistemas penitenciários do estado e conseguimos nos estruturar também do lado de fora, com muito sacrifício e muitas perdas irreparáveis, mas nos consolidamos a nível estadual e a médio e longo prazo nos consolidaremos a nível nacional. Em coligação como o Comando Vermelho iremos revolucionar o país dentro das prisões e o nosso braço armado será o “terror dos poderosos” opressores e tiranos que usam o anexo de Taubaté e o Bangu I do R.J. como instrumentos de vingança da sociedade na fabricação de monstros.  
Conhecemos a nossa força e a força de nossos inimigos. Poderosos, mas estamos preparados, unidos e um povo unido jamais será vencido.  
**LIBERDADE, JUSTIÇA E PAZ!!!**  
Extraído do Ministério Público de São Paulo

FONTE: *CAROS AMIGOS* - EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE O PCC

HITOSHI TANABE DA YAKUZA



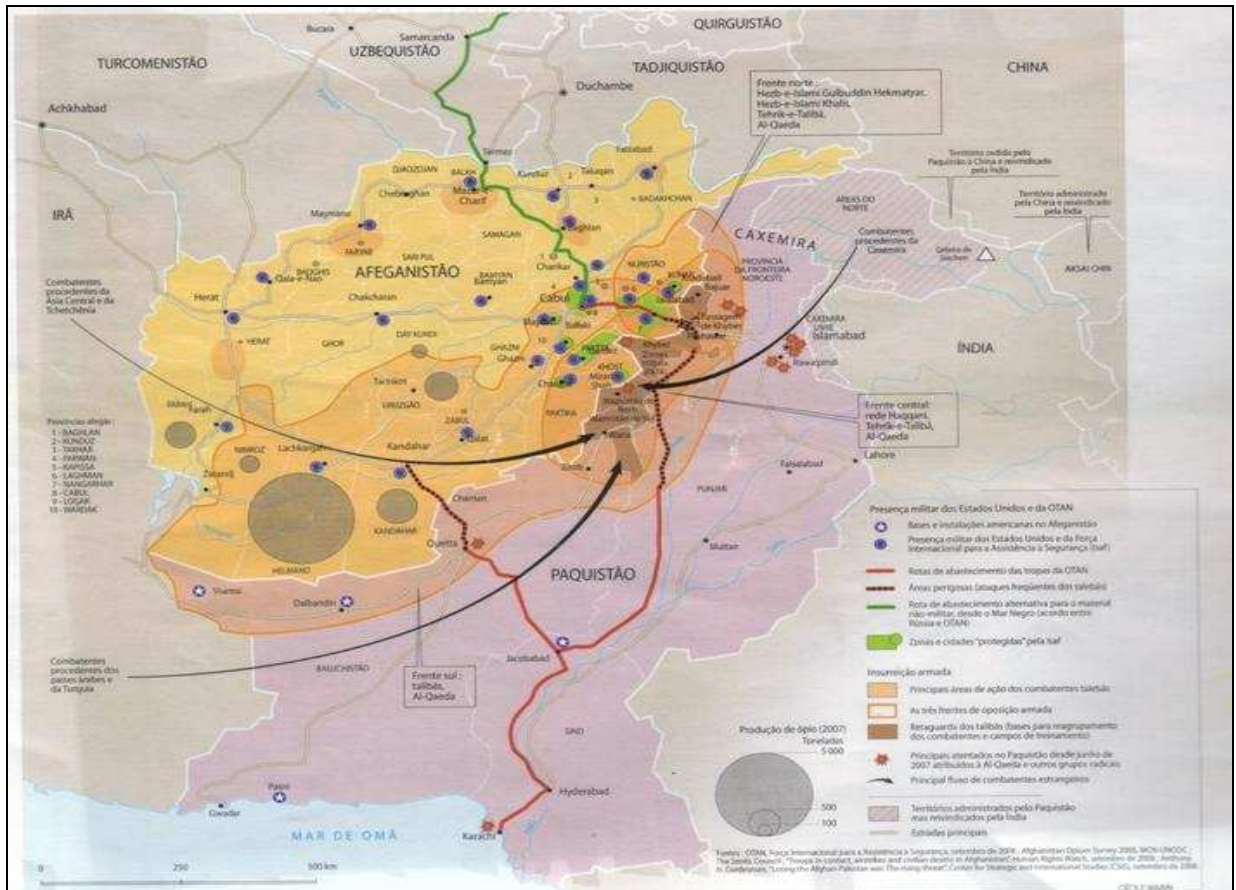
*O corpo tatuado de Hitoshi Tanabe, preso pela PF brasileira em março de 1994, é a marca inconfundível da Yakuza, a máfia japonesa. Tanabe, líder da facção Yamaguchi-Gumi da Yakuza, implantou no Brasil esquemas de extorsão, prostituição, tráfico de drogas e armas. Sua "base territorial" era o bairro da Liberdade (SP).*

FONTE: *O SÉCULO DO CRIME* DE J. ARBEX E J. TOGLIORI



## ANEXO 21

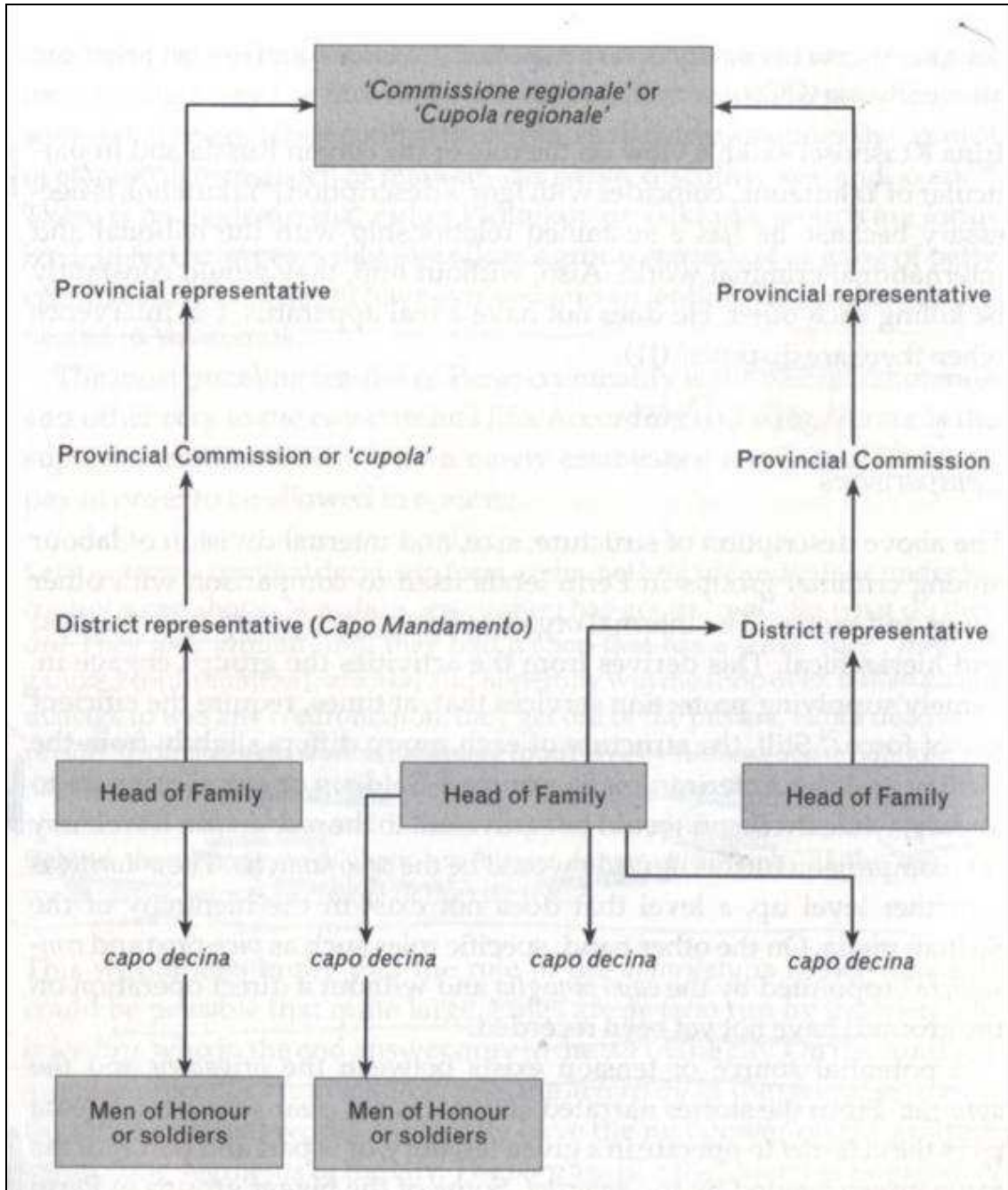
### O RECRUSDESCIMENTO DO CRESCENTE DOURADO – DINÂMICA DOS NEOTALEBANS



FONTE: *LE MOND* DIPLOMATIQUE DE OUTUBRO DE 2008

**ANEXO 22**

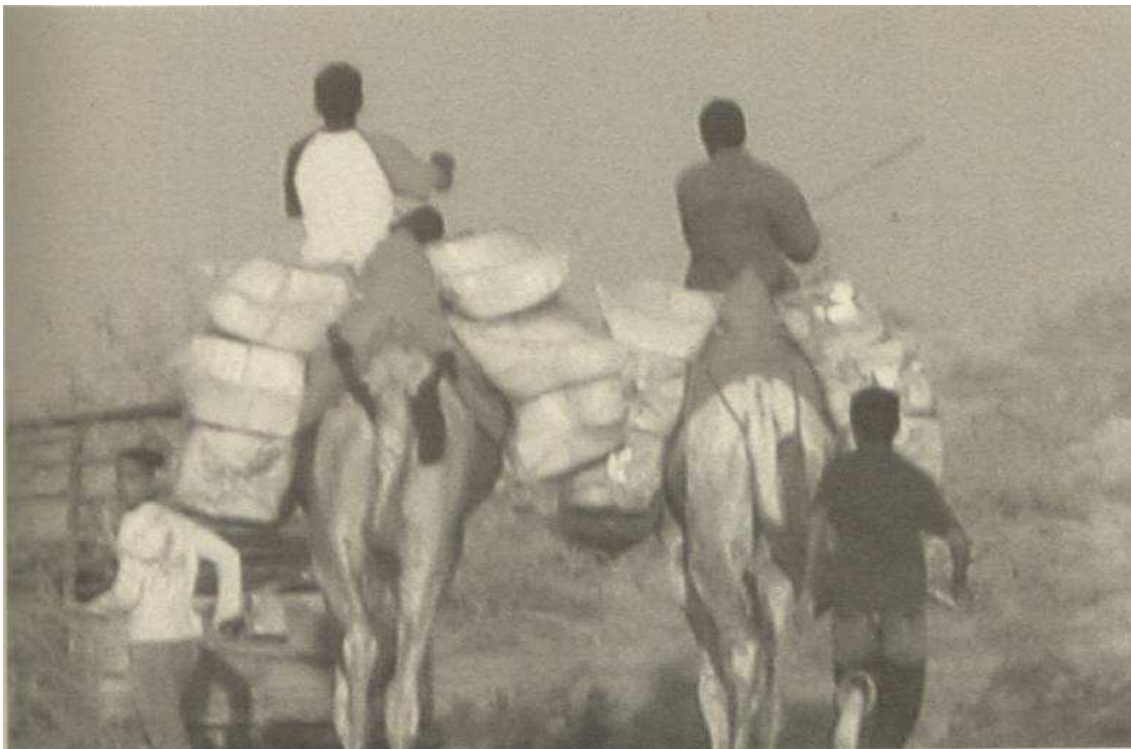
ESQUEMA DA COSA NOSTRA : DA COMISSÃO REGIONAL AOS HOMENS DE HONRA



FONTE: *THE RUSSIAN MAFIA* DE FEDERICO VARESE

**ANEXO 23**

Beduínos rumo a Israel

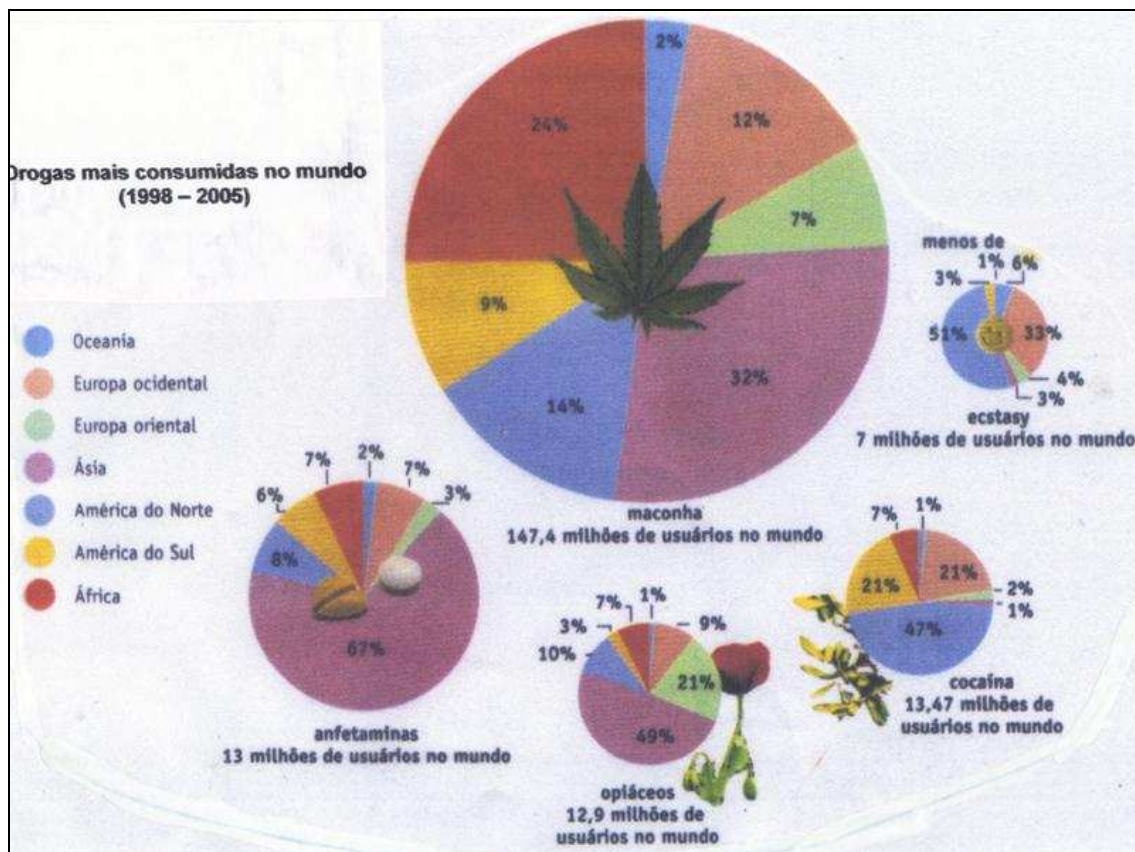


*Jovens beduínos carregados de contrabando cruzam a fronteira entre Israel e Egito no deserto do Neguev.*

**FONTE:** *Macmáfia* de Misha Glenny

ANEXO 24

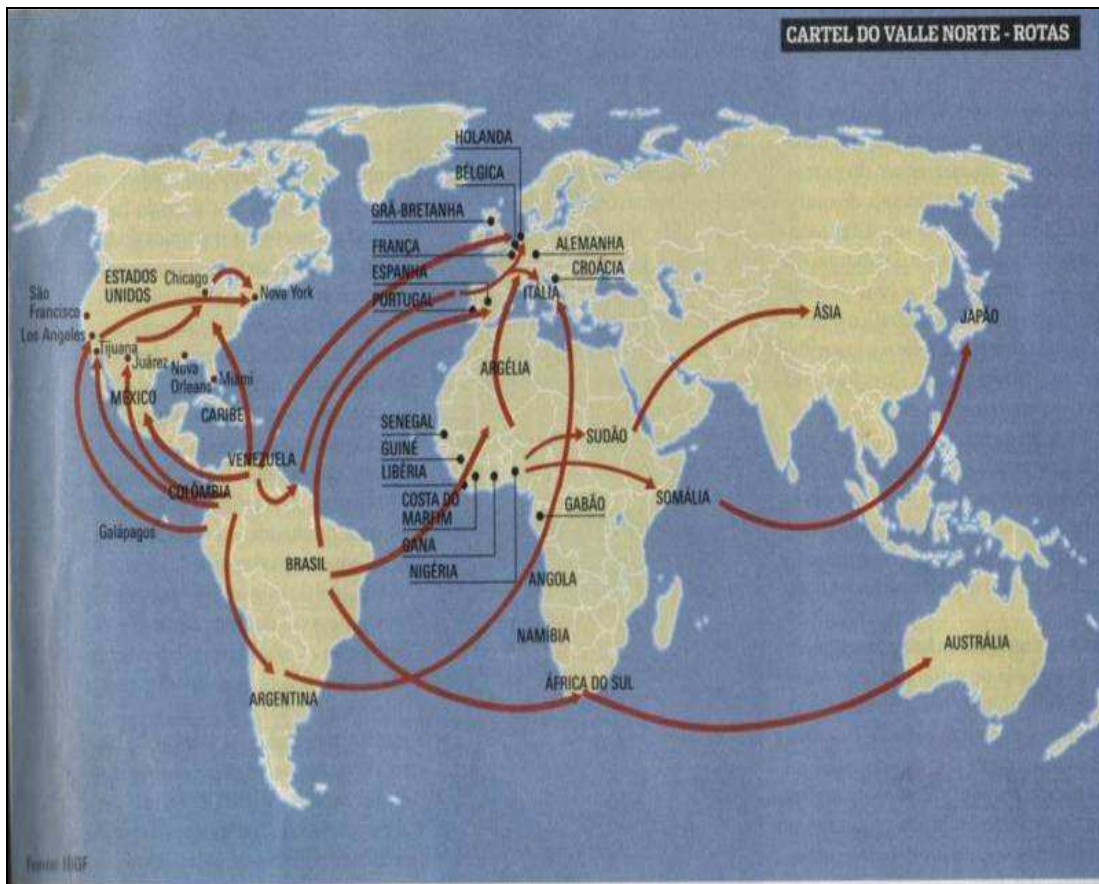
DROGAS MAIS CONSUMIDAS NO MUNDO (1998-2005)



FONTE; *ATLAS DOS CONFLITOS MUNDIAIS* DE DAN SMITH



## ANEXO 25



FONTE: *CARTA CAPITAL* DE 06-12-2002.

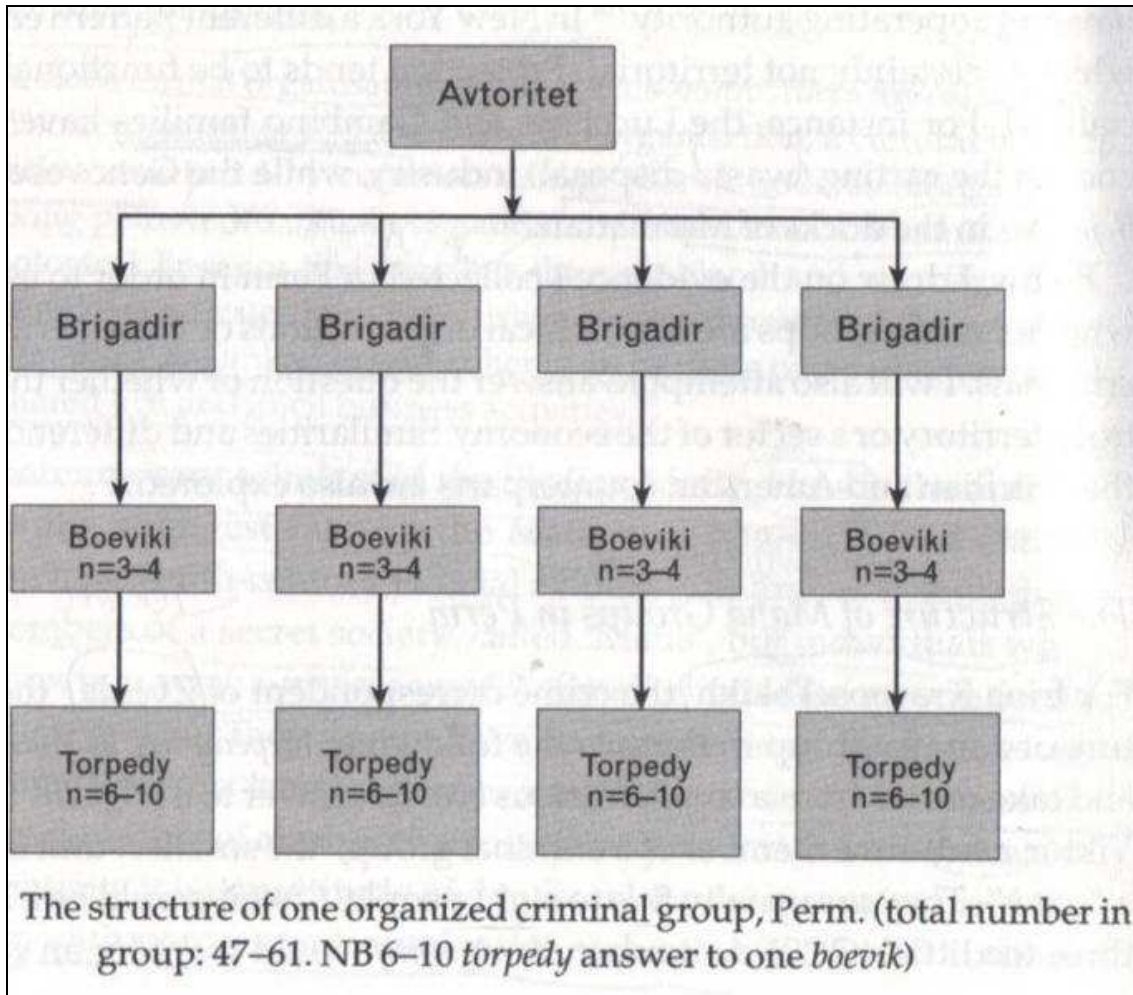
REGIONALIZAÇÃO DAS MÁFIAS ITALIANAS



FONTE: *DIÁRIO DO RIO NEGRO* - ARGENTINA

ANEXO 27

ESQUEMA DE UM GRUPO MAFIOSO ESTRUTURADO NA UCRÂNIA:  
DIFERENTES NÍVEIS HIERÁRQUICOS DA ORGANIZAÇÃO



FONTE: THE *RUSSIAN MAFIA* DE FEDERICO VARESE

ANEXO 28

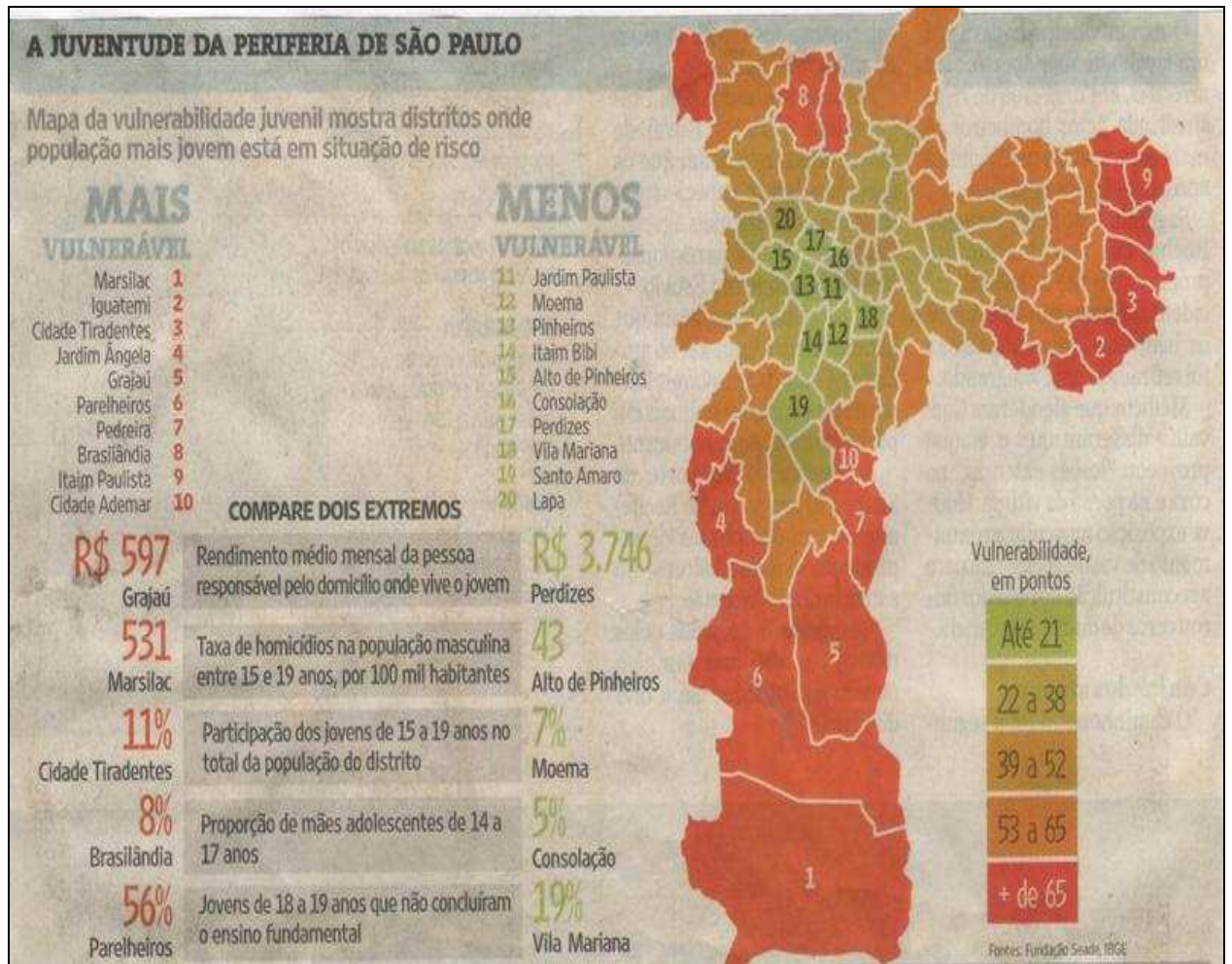
FRAGILIDADE DAS FRONTEIRAS BRASILEIRA



FONTE: CARTA CAPITAL DE 06-12-2002



## ANEXO 29



FONTE: FUNDAÇÃO SEADE DO IBGE, PUBLICADO PELA FOLHA DE SÃO PAULO EM 22-05-2006.

## ANEXO 30

### A VISÃO ANCRÔNICA DO FMI SOBRE A LAVAGEM DE DINHEIRO NO BRASIL

**O COMBATE À LAVAGEM DE DINHEIRO NO BRASIL**



**US\$ 100 mil**  
é o limite de transações com o exterior que não precisam ser comunicadas ao Banco Central

**17.842**  
transações foram registradas pelo BC da edição da regra (junho de 2003) a 29 de outubro de 2004

---

**FOZ DO IGUAÇU**  
"Levando em conta os tipos de financiamento de terrorismo, a Polícia Federal, em conjunto com autoridades de outros países, tem monitorado a área da tríplice fronteira. No entanto, nenhuma evidência de financiamento de terrorismo foi verificada"

---

**SIGILO BANCÁRIO**  
O sigilo bancário ainda limita a habilidade dos reguladores de seguros a supervisionar totalmente o setor e compartilhar totalmente as informações com parceiros estrangeiros

---

**"LARANJAS"**  
Apesar da exigência que instituições financeiras identifiquem seus clientes e os controladores das contas de entidades legais, recomenda-se uma obrigação mais direta para identificar o verdadeiro beneficiário dessas contas e de todos os pagamentos de sinistros de seguro

---

**LEIS E CONVENÇÃO**  
O Brasil precisa adotar medidas de combate ao financiamento de terrorismo mais compreensivas, adequadas especialmente para criminalizar o financiamento do terrorismo

---

**RESULTADOS**  
O Brasil precisa se adaptar para demonstrar a efetividade de seu sistema contra lavagem de dinheiro e combate ao financiamento de terrorismo, por meio de processos e condenações. A recente criação de varas regionais especializadas em processar lavagem de dinheiro e crimes financeiros é um passo positivo

---

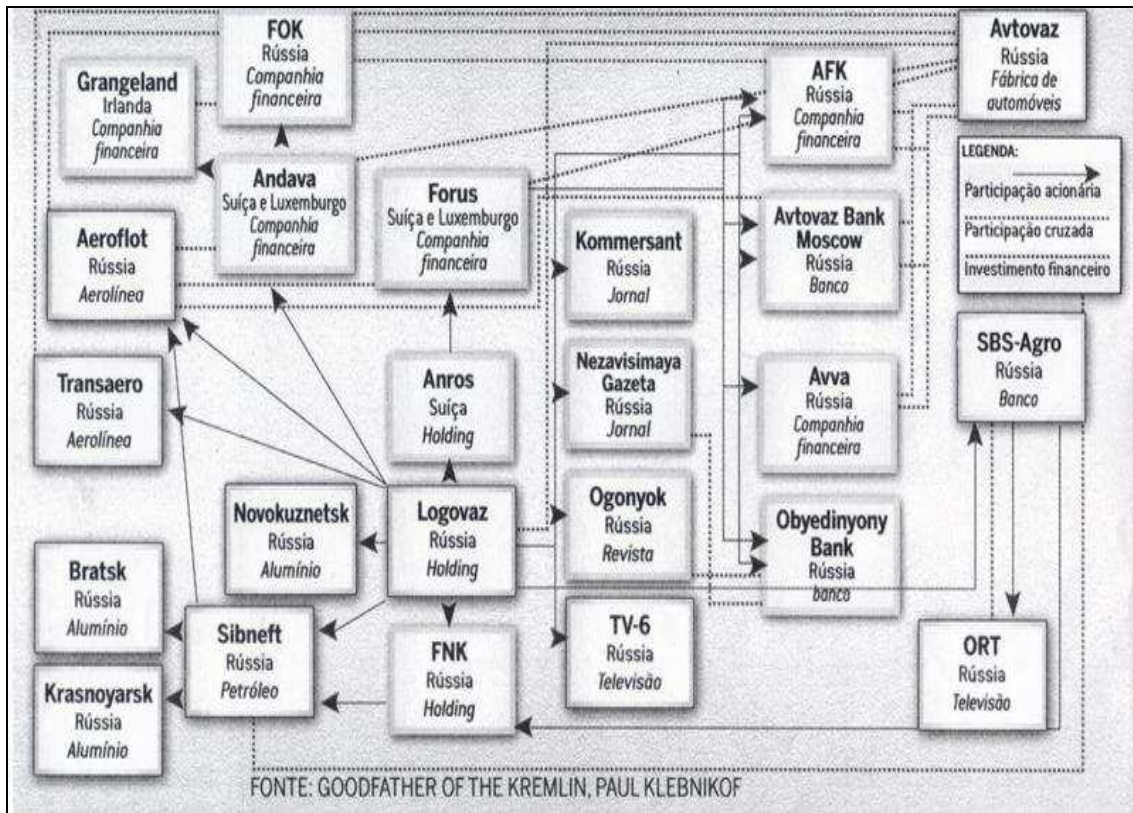
**INVESTIGAÇÃO DE CONTAS BRASILEIRAS POR OUTROS PAÍSES**  
A Justiça deve avaliar os méritos de um pedido e autorizar a quebra do sigilo bancário se concluir que as solicitações [internacionais] estão de acordo com as leis brasileiras. Entretanto, a base legal para esse tipo de assistência não está totalmente clara

FONTE: *RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO SOBRE O BRASIL DA FORÇA-TAREFA DE AÇÃO FINANCEIRA CONTRA LAVAGEM DE DINHEIRO DO FMI*. PUBLICADO PELA FOLHA DE SÃO DE SÃO PAULO DE 21-06-2005

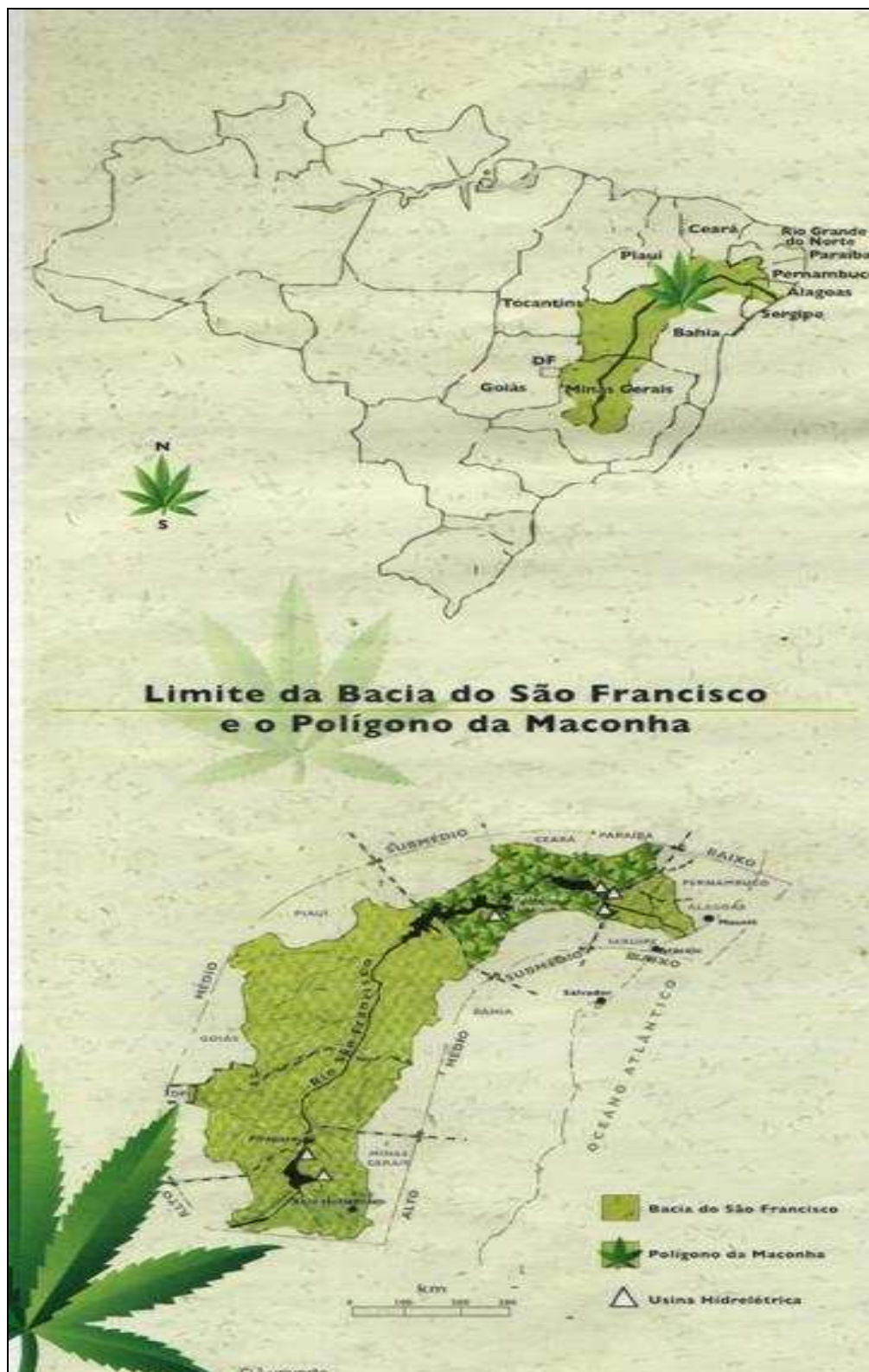


ANEXO 31

A REDE DE BEREZOVSKY



FONTE: CARTA CAPITAL DE 19-07-2007



FONTE: *LE MONDE DIPLOMATIQUE* DE JUNHO DE 2008

O SÍMBOLO DA SCUDERIE



FONTE: [CBRAYTON.WORDPRESS.COM](http://CBRAYTON.WORDPRESS.COM)



ANEXO 34

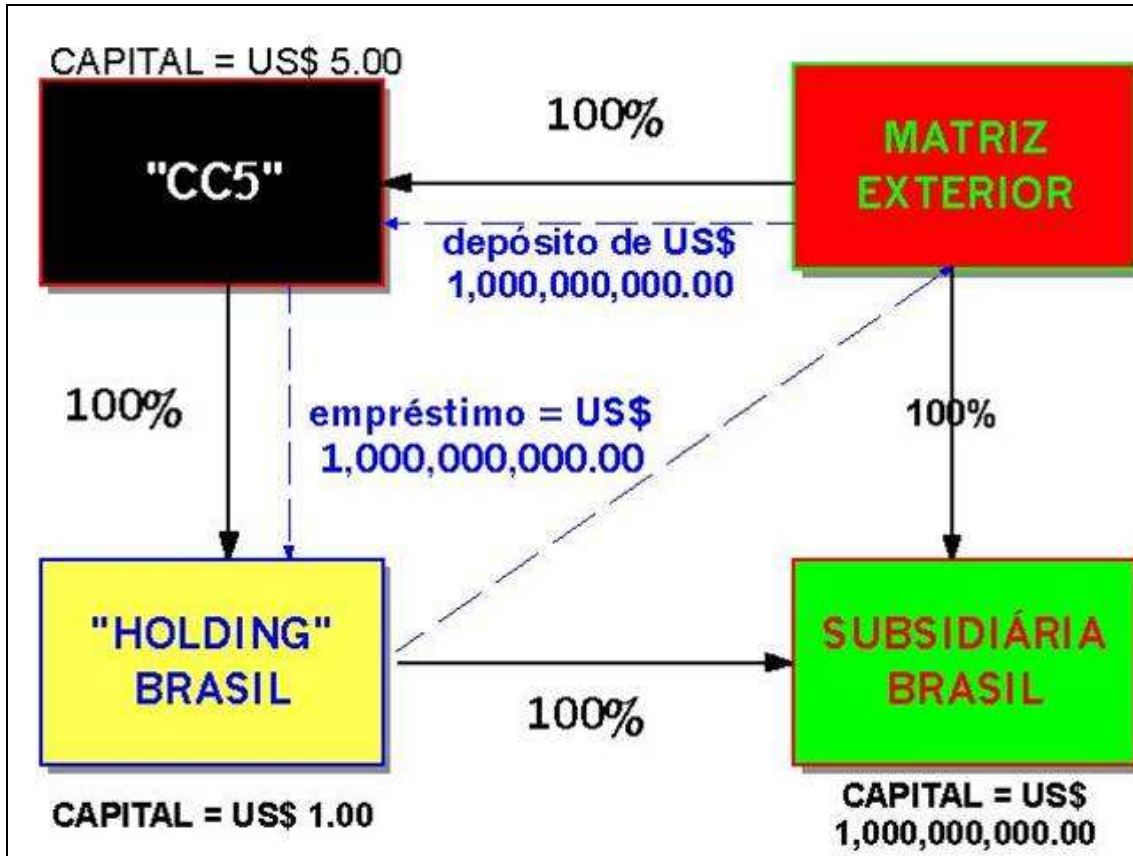
<b>ROTA DE TRÁFICO INTERNO DO ESTADO DO MARANHÃO</b>	
<b>ORIGEM</b>	<b>DESTINO</b>
<i>Pedreiras, Trizidela, Interior de Lima Campos</i>	<i>Lima Campos</i>
<i>São Luis</i>	<i>Timon</i>
<i>Imperatriz</i>	<i>São Luis</i>
<i>Caxias</i>	<i>São Luis</i>
<i>Caxias</i>	<i>Timon</i>
<i>Buritcupu</i>	<i>São Luis</i>
<i>São Luis</i>	<i>Bacabal</i>
<i>São Luis</i>	<i>Joselândia</i>
<i>Alta Alegre</i>	<i>Caxias</i>
<i>Caxias</i>	<i>Alto Alegre</i>
<i>Caxias</i>	<i>Gonçalves Dias</i>
<i>Timon</i>	<i>Caxias</i>
<i>Gonçalves Dias</i>	<i>Timon</i>
<i>Gonçalves Dias</i>	<i>Passagem Franca</i>

<b>QUADRO ROTA DE TRÁFICO ESTADO DO MARANHÃO E OUTROS ESTADOS</b>	
<b>ORIGEM</b>	<b>DESTINO</b>
Maranhão	Pará
Teresina	São Luís
São Luís	Mato Grosso (Cidade Alta Flores)
Timon	Teresina
Fortaleza	São Luís
Belém	São Luís
Belém	São Luís
Araguaína	São Luís
Maranhão	Piauí/São Paulo
Maranhão	Manaus
Santa Catarina	São Luís
Minas Gerais	São Luís
Pará	São Luís
Ceará	São Luís
Amazônia	São Luís
Norte/Nordeste	São Luís
Goiânia	São Luís
Rio Grande do Sul	São Luís
São Luís	Fortaleza
São Luís	Belém
Maranhão	Centro Sul do Brasil

FONTE: DIREITOS HUMANOS NO BRASIL – GLOBAL EXCHANGE, 2003.

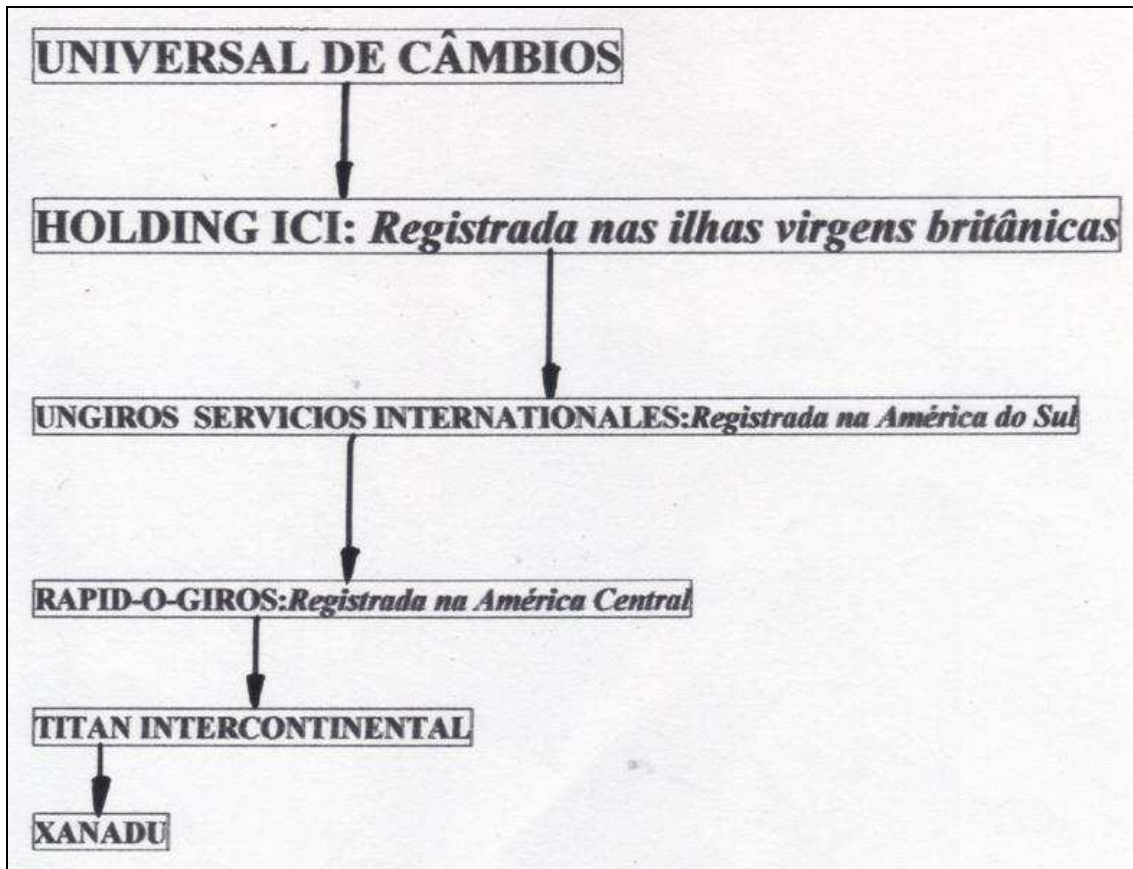
ESQUEMA DAS CC5



FONTE: *WWW.COSIF.COM.BR*

ANEXO 36

UM ESQUEMA DE LAVAGEM DE DINHEIRO



FONTE: ADAPTADO DE O SÉCULO DO CRIME DE J. ARBEX E C. TOGLIORI